

Daniela Magalhães da Silveira

FÁBRICA DE CONTOS:

As mulheres diante do cientificismo em contos de Machado de Assis

Campinas/2009

C1
R-717

Daniela Magalhães da Silveira

FÁBRICA DE CONTOS:

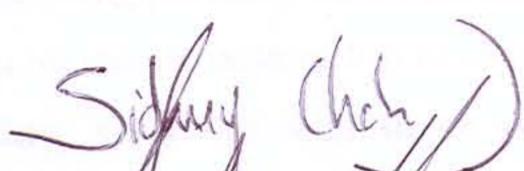
As mulheres diante do cientificismo em contos de Machado de Assis.

Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof. Dr. Sidney Chalhoub.

Este exemplar corresponde à redação final da tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 16/04/2009.

Banca:

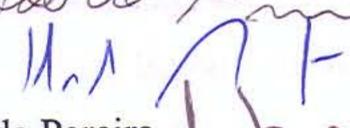
Prof. Dr. Sidney Chalhoub



Prof. Dr. Pedro Meira Monteiro



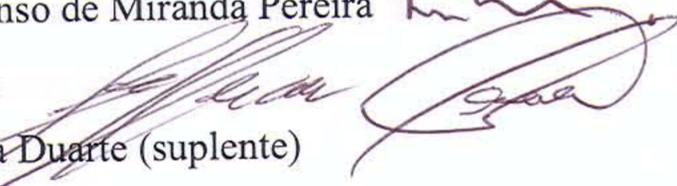
Prof. Dr. Hélio de Seixas Guimarães



Prof. Dr. Leonardo Affonso de Miranda Pereira



Prof. Dr. Jefferson Cano



Profa. Dra. Regina Horta Duarte (suplente)

Prof. Dr. Paulo Franchetti (suplente)

Prof. Dr. Robert Slenes (suplente)

Abril de 2009

200911933

Daniela Magalhães da Silveira

FÁBRICA DE CONTOS:

As mulheres diante do cientificismo em contos de Machado de Assis.

Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof. Dr. Sidney Chalhoub.

Este exemplar corresponde à redação final da tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 16/04/2009.

Banca:

Prof. Dr. Sidney Chalhoub

Prof. Dr. Pedro Meira Monteiro

Prof. Dr. Hélio de Seixas Guimarães

Prof. Dr. Leonardo Affonso de Miranda Pereira

Prof. Dr. Jefferson Cano

Profa. Dra. Regina Horta Duarte (suplente)

Prof. Dr. Paulo Franchetti (suplente)

Prof. Dr. Robert Slenes (suplente)

Abril de 2009

Resumo

O objetivo principal desta tese é discutir os projetos de elaboração das coletâneas de contos *Papéis avulsos* e *Histórias sem data*, de Machado de Assis, publicadas, respectivamente, em 1882 e 1884. Antes de conquistar esse suporte definitivo, todas as narrativas que compuseram ambos os livros tiveram primeiras versões escritas para algum jornal ou revista fluminense. Uma das preocupações de Machado, nesse momento, e que serviu como ligação entre os contos tanto de uma como da outra coletânea, girava em torno da recepção de idéias científicas, aplicadas de modo arbitrário, tanto na literatura quanto na política, por seus contemporâneos. Sendo assim, coloco em discussão questões sobre forma e retórica, justificadas pelo cientificismo, e também os recursos encontrados pelas personagens femininas desses contos para contornar os efeitos da ciência sobre a vida delas.

Abstract

The main goal of this dissertation is to discuss the creative process through which the short story compilations *Papéis avulsos* (1882) and *Histórias sem data* (1884), written by Machado de Assis, came to life. Before being published as books, all of these narratives were featured in newspapers or magazines in nineteenth-century Rio de Janeiro, Brazil. Underlying Machado's rationale for assembling these short stories in single volumes was the concern with the diffusion of scientificist ideas, which were being used arbitrarily in the literature and politics of the time. Thus, this dissertation examines literary formats and rhetoric styles as employed by scientificist authors, in addition to showing how Machado's female characters handle and contest the effects of science in their lives.

Para os meus pais:
José Augusto e
Maria Sônia

Agradecimentos

Nos últimos quatro anos, contei com o carinho e a atenção de diversas pessoas. Finalmente chegou o momento de escrever os agradecimentos. Agradeço primeiro ao CNPq, pela concessão de uma bolsa de doutorado, que possibilitou o desenvolvimento da pesquisa que originou nesta tese, as viagens para apresentação em simpósios e a compra de material bibliográfico. Sou grata também aos funcionários do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) e a todos aqueles que contribuem para o seu funcionamento, comprando e doando microfimes e máquinas modernas, fundamentais para a qualidade dos trabalhos de alunos da Unicamp e de alhures.

Ao professor Sidney Chalhoub, meu querido mestre, agradeço a confiança desconfiada, quando eu estava decidida a fazer um trabalho sobre todas as coletâneas de contos de Machado de Assis; o apóio necessário para me encorajar a virar a mesa e assumir um estágio docente; e por ser um leitor compulsório tão cuidadoso. Muito obrigada por toda sua paciência, bom humor e gentileza inestimáveis.

Nas salas de aula e no Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (Cecult), encontrei um ambiente ideal e pessoas preparadas que contribuíram muito com suas leituras generosas do projeto desta tese e com a discussão de vários textos. No Exame de Qualificação, recebi comentários e sugestões dos professores Robert Slenes e Leonardo Pereira. Graças ao trabalho deles a tese que tenho hoje, certamente, possui um formato muito mais leve e coerente. Agradeço ainda ao professor Jefferson Cano pelo interesse estimulante sobre a minha pesquisa e as suas sugestões de títulos para a tese.

Boa parte da leitura bibliográfica e de vários periódicos usados nesta tese foi discutida com meus queridos e primeiros alunos. Agradeço a paciência e atenção daqueles que freqüentaram as aulas do curso “História da Leitura e do Livro”, no segundo semestre de 2006, no IFCH/Unicamp; e do mini-curso “História e Imprensa”, no Encontro Regional da ANPUH-MG, na FAFICH/UFMG, em julho de 2008. Essa experiência foi fundamental para a minha própria compreensão de vários detalhes que antes passariam despercebidos.

Enquanto pesquisava e escrevia os capítulos desta tese, participei de alguns congressos e encontrei várias portas abertas. Sou grata a todos aqueles que comentaram os vários textos

apresentados nesses encontros e que hoje estão diluídos no corpo da tese. Agradeço também à hospedagem e carinho com que fui recebida por Juliana, no Rio de Janeiro; Uliana, em Brasília; Silvana, em São Paulo; Leric e Paulo, em Campinas. Preciso ressaltar o passeio memorável proporcionado pela Juliana, responsável por me apresentar à cidade de Machado de Assis.

Em Campinas contei com a amizade e a generosidade de várias pessoas. A Flávia e a Luciana ouviram minhas histórias no horário de almoço, enquanto fazia a pesquisa no arquivo, e continuam sendo boas amigas tanto para pedir socorro, como para os momentos mais descontraídos. Silvana e Leric são duas companheiras de trabalho e grandes amigas. A Silvana ajudou-me a conhecer novos horizontes e esteve ao meu lado em todos os momentos desta tese. A Leric ouviu as questões que mais me afligiram enquanto escrevia a tese, tanto aquelas teóricas, como as da vida prática. Em Belo Horizonte, continuei compartilhando da amizade da Joanna, responsável pelos momentos de distração, nos raros, mas fundamentais períodos longe do computador e da Universidade. De longe, muito longe, a Isadora mais uma vez socorreu-me na hora da confecção do abstract.

Os “meninos lá de casa” fizeram toda a diferença para manter a minha sanidade e bom humor. O Fernando com seu largo conhecimento bibliográfico não me deixou esquecer nenhuma referência importante. O Paulo é o professor de matemática mais interessado pelos meandros da História e contador das histórias mais divertidas. O Junior acompanhou quase todo o processo que originou nesta tese, dividiu comigo seu computador (o que não é pouca coisa!), e qualquer tentativa de agradecê-lo talvez seja insuficiente.

À minha grande família devo tudo. Vocês são o meu porto seguro e a certeza de que tudo vale à pena. Nossos almoços de domingo transformaram a fase da escrita e trouxeram-me a inspiração necessária, além do ambiente ideal para colocar o último ponto final na tese. Ao meu pai e à minha mãe dedico este trabalho.

Sumário

ADVERTÊNCIA-----	01
PARTE I – PAPÉIS AVULSOS-----	13
CAPÍTULO 1	
ILUSÕES PERDIDAS-----	15
1.1 – Nabuco e Machado: por uma literatura nacional-----	15
1.2 – Um “Pato Tonto” e tantos outros percalços-----	24
CAPÍTULO 2	
EMPRESAS JORNALÍSTICAS-----	37
2.1 – A primeira <i>Estação</i> de Machado (1879-1882)-----	37
2.2 – O folhetim de domingo da <i>Gazeta de Notícias</i> -----	46
CAPÍTULO 3	
CONTOS AVULSOS-----	53
3.1 – Da <i>Revista Brasileira</i> aos <i>Papéis avulsos</i> -----	53
3.2 – Os <i>Papéis avulsos</i> e seu projeto de escrita-----	58
CAPÍTULO 4	
AS “PESSOAS” DA MESMA FAMÍLIA-----	77
4.1 – “O alienista”-----	77
4.2 – A moda cientificista-----	86
CAPÍTULO 5	
JORNALISMO POLÍTICO-----	103
5.1 – Uma questão de fronteiras-----	103
5.2 – A fábula de Penélope-----	111
PARTE 2 – HISTÓRIAS SEM DATA-----	123
CAPÍTULO 6	
PASSAR O TEMPO E VIRAR OBRAS-PRIMAS-----	125
6.1 – Para ler na <i>Estação</i> -----	125

6.2 – Pela educação das “classes feminis”-----	129
CAPÍTULO 7	
CONTOS SEM DATA-----	141
7.1 – Dos <i>Papéis avulsos</i> às <i>Histórias sem data</i> -----	141
7.2 – A primeira história sem data e a organização da coletânea-----	146
CAPÍTULO 8	
AS SENHORAS DO LAR DAS <i>HISTÓRIAS SEM DATA</i> -----	165
8.1 – “Capítulo dos chapéus”-----	165
8.2 – As senhoras e seus senhores-----	171
CAPÍTULO 9	
AS SENHORAS SEM LAR DAS <i>HISTÓRIAS SEM DATA</i> -----	183
9.1 – “Singular ocorrência”-----	183
9.2 – Senhoras sem senhores-----	191
CAPÍTULO 10	
DUAS COLETÂNEAS E UM SÓ TEMA-----	199
10.1 – O amor em lições-----	199
10.2 – Literatura e ciência no “calor da hora”-----	207
FONTES-----	215
BIBLIOGRAFIA-----	219
ANEXOS-----	227

Advertência

Quase todos os livros de Machado de Assis possuem em sua página de abertura uma “advertência”. A utilização dessa fórmula teve início ainda com a publicação de *Ressurreição*, em 1872¹. Naquele momento, seu objetivo girava em torno da apresentação do seu primeiro romance à crítica e ao público em geral. Para tanto havia escolhido um lugar de defesa e ataque simultâneos, referindo-se à desconfiança despertada por prólogos modestos. Segundo suas palavras:

A crítica desconfia sempre da modéstia dos prólogos, e tem razão. Geralmente são arrebiques de dama elegante, que se vê ou se crê bonita, e quer assim realçar as graças naturais. Eu fujo e benzo-me três vezes quando encaro alguns desses prefácios contritos e singelos, que trazem os olhos no pó da sua humildade, e o coração nos píncaros da sua ambição. Quem só lhes vê os olhos, e lhes diz verdade que amargue, arrisca-se a descair no conceito do autor, sem embargo da humildade que ele mesmo confessou, e da justiça que pediu².

Por meio dessas palavras de abertura, Machado solicitava uma avaliação justa. Afinal de contas, embora percebesse a importância dos aplausos, devido ao reconhecimento merecido e à boa sensação provocada por palavras elogiosas, sentia necessidade de aprender. Por isso considerava as lições bem-vindas. No ano seguinte, com o lançamento de sua segunda coletânea de contos – *Histórias da meia-noite* –, dava continuidade à idéia de escrever advertências. Nesse segundo instante, aproveitava-se daquele espaço para agradecer a recepção oferecida por críticos e leitores aos seus livros anteriores e iniciava suas discussões acerca do gênero conto³. O significado desses textos introdutórios escritos por Machado de

¹ Dos romances de Machado de Assis, os que não possuem “Advertência” são *Iaiá Garcia* e *Dom Casmurro*. As *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*, embora não apresentem advertências, trazem o “Prólogo”, que cumpre a mesma função. Dentre as coletâneas de contos, *Contos fluminenses* não foi aberto com a “Advertência”, começando logo com o primeiro conto, e as *Páginas recolhidas* começou com um “Prefácio”. Todos os outros cinco livros de contos apareceram com a sua “Advertência”.

² ASSIS, Machado de. *Ressurreição*. In: *Obra Completa*. Organizada por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1997.

³ A escrita de advertências, prólogos e outros textos introdutórios parecia bastante recorrente entre os literatos nacionais e estrangeiros contemporâneos a Machado de Assis. A idéia em comum entre aqueles escritores relacionava-se à sedução de seu público, por meio da imaginação de características do perfil de leitores e da

Assis parece assim relacionado tanto a um momento de maior aproximação com seus leitores, como com os debates literários sobre forma. Quando se tratava de abrir suas coletâneas, Machado explicava, logo na primeira página, os motivos que o levaram a reunir tais histórias num mesmo volume, o título escolhido, bem como os sentidos da própria escrita de contos. Essa fórmula acompanhou-o em boa parte de sua carreira como escritor de literatura.

A Advertência desta tese segue os mesmos passos indicados pelo próprio Machado de Assis. Depois da celebração do centenário de sua morte, ocorrida ao longo do ano de 2008, com vários eventos e publicações sobre sua vida e obra, tenho que contar com a paciência dos leitores para mais uma vez voltar às páginas daquele que é considerado um de nossos literatos mais estudados. Preciso ainda tomar emprestadas algumas palavras dele e dizer que esta tese “vai despretensiosamente às mãos da crítica e do público, que a tratarão com a justiça que merecer”. No mais, também espero aprender com as lições da crítica, assim como o jovem Machadinho.

O título *Fábrica de contos* parece negar o aspecto artesanal embutido na criação dos contos dos *Papéis avulsos* e das *Histórias sem data* analisados nesta tese. Defendo-me com o dicionarista Moraes, que definiu o verbete “fábrica” como “artifício, trabalho, labor”, de modo que “artifício” recebeu o significado de “arte, indústria, trabalho do artista, feitiço, e obra de artifício por manufatura”, além de “obra feita com arte”⁴. A idéia é realçar um dos significados oitocentistas do vocábulo, em especial, aquele relacionado à arte e ao artifício. Por outro lado, não pretendo perder o sentido mais recorrente, no século XXI, de produção mecânica e em série. Explico-me. Boa parte dos contos e romances de Machado de Assis teve uma primeira versão publicada em algum jornal ou revista fluminense. A “Advertência” escrita para *A mão e a luva* servia para explicar os defeitos do livro. O autor defendeu-se recorrendo às urgências e outras características da imprensa diária, as quais haviam servido de empecilho para alcançar o ideal artístico. Essa, aliás, parecia ser justificativa comum entre os homens de letras seus contemporâneos. Muitos de nossos grandes escritores, não raras vezes, viram-se na posição de trabalhadores comuns, obrigados a manejar a letra de forma, escolhendo a melhor palavra para cada situação e folha diferente. Junto a isso, submeteram-se

recepção. Ver SALES, G. M. A. *Palavra e sedução – uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881)*. Tese de doutorado em Teoria Literária: Unicamp, 2003.

⁴ SILVA, A. de M. *Diccionario da língua portugueza*. Rio de Janeiro: Fluminense, 1922 (edição em fac-símile), 1813 (edição original).

aos preços pagos por suas páginas e colunas, além dos próprios prazos estabelecidos pelo jornalismo. Alguns deles, no entanto, tiveram a oportunidade de publicar seus livros e consolidar aquilo que consideravam como arte. Como o meu interesse é o de entender os dois momentos de escrita dos contos das terceira e quarta coletâneas organizadas por Machado, tanto quando suas histórias foram publicadas nos jornais, como depois sob o formato de livro, o título está assim explicado. De acordo com a “Advertência” das *Histórias sem data*, isso “é o pior que lhe pode acontecer, pois o melhor dos títulos é ainda aquele que não precisa de explicação”. Se para essa coletânea e para tantas outras, nosso literato foi obrigado a explicar a escolha de seu título, penso que estou perdoada por ele mesmo.

Depois de pedir a benevolência dos leitores e de explicar o título, ainda preciso apresentar e justificar a confecção do texto. A proposta desta tese parte do princípio de que a análise dos contos escritos por Machado de Assis e publicados nos jornais e revistas, levando-se em consideração esse primeiro suporte, pode nos revelar informações importantes não só sobre cada história, como a respeito do próprio autor e de sua obra como um todo. Em especial porque a carreira de Machado como escritor de literatura, em grande medida, confunde-se com o aprimoramento da imprensa brasileira no século XIX. Inúmeros de seus contos, publicados no *Jornal das Famílias*, na *Estação*, na *Gazeta de Notícias*, e em outros periódicos possuem aquele formato por causa das características narrativas criadas para atender as exigências desses suportes. Tal evidência pode ser observada quando levamos em consideração a estrutura de cada conto, seu trabalho minucioso na escolha da palavra mais adequada para situações diferentes, e também por meio da escrita e reescrita das advertências de seus livros. Em vários momentos, Machado fez o exercício de suspender a narrativa ficcional, com a intenção de questionar o vocabulário e o título escolhido – seja para o livro, seja para uma única história. Essa atitude orientou seus críticos póstumos a empreender leituras cheias de julgamentos valorativos a respeito de seus contos e romances, bem como na divisão de sua obra em duas fases.

Nesse sentido, quando Machado publicava nas páginas do *Jornal das Famílias* o conto “Encher tempo” e chegava ao seu último parágrafo sem motivação clara para ter atribuído tal título à narrativa, anunciava a seguinte explicação: “Mas que tem com esta história o título que lhe pus? Tudo; são umas vinte páginas para encher tempo. Em falta de cousa melhor, lê-se isto

e dorme-se”⁵. Nesse conto, aparecia boa parte das exigências da revista. Seus personagens foram caracterizados seguindo a solicitação de uma empresa preocupada em preparar a juventude casamenteira, barrar o desenvolvimento de algumas vaidades femininas e educar os futuros cidadãos do império. A escrita desse tipo de história talvez não fizesse mais sentido para Machado de Assis, que ainda deveria se sentir sobrecarregado com a simultaneidade de vários contos de formato idêntico. Avaliações feitas por Machado apareceram também nas segundas edições de alguns de seus romances, quando afirmava, em suas advertências, não fazer nenhuma mudança, embora já tivesse abandonado aquela forma de escrita. Na “Advertência” preparada para a segunda edição de *Helena*, apareceu a seguinte afirmação:

Esta nova edição de Helena sai com várias emendas de linguagem e outras, que não alteram a feição do livro. Ele é o mesmo da data em que o compus e imprimi, diverso do que o tempo me fez depois, correspondendo assim ao capítulo da história do meu espírito, naquele ano de 1876.

Não me culpeis pelo que achardes romanesco. Dos que então fiz, este me era particularmente prezado. Agora mesmo, que há tanto me fui a outras e diferentes páginas, ouço um eco remoto ao reler estas, eco de mocidade e fé ingênua. É claro que, em nenhum caso, lhes tiraria a feição passada; cada obra pertence ao seu tempo⁶.

Em sua atividade como escritor tanto de folhas voláteis como de livros preparados para ocupar as mais seletas estantes, Machado de Assis mostrava-se bastante preocupado em considerar seu desenvolvimento como escritor. Isso englobava também a correção ortográfica e de tipografia, conforme deixou explícito numa carta enviada para Lansac, gerente da casa Garnier, em 1903, enquanto preparava a segunda edição das *Várias Histórias* e encontrava diversos erros. Sua preocupação fundamentava-se no fato de ser o seu livro adotado pelas escolas⁷. Esse complicado exercício de verificação da qualidade de cada parágrafo escrito e da

⁵ *Jornal das Famílias*. Junho de 1876.

⁶ ASSIS, M. *Helena*. In: *Obra Completa*. Op. Cit.

⁷ No rascunho, em francês, da carta de Machado de Assis a Lansac, havia o seguinte trecho:

Toutes ces fautes, mon cher Monsieur Lansac, font naturellement du mal à l’ouvrage, surtout étant, comme il est, adopté pour les écoles. On m’en parle partout, et la *Notícia* d’hier soir en fait la critique.

Vous aurez envoyé certainement l’exemplaire à Paris. Je vous prie de transmettre ces considerations à Monsieur Garnier, qui en reconnaitra la justesse et fera corriger notre livre. Il faut lui rappeler que, quoique mes autres ouvrages aient aussi des fautes typographiques, aucun n’en est pas aussi plein que *Várias Histórias*.

sua percepção de que a literatura não poderia ser descolada da realidade vivida por seus leitores parece ter sido fundamental para a organização das duas coletâneas de contos estudadas nesta tese.

A divisão da obra de Machado de Assis em duas fases ganhou sustentação, em grande medida, devido às próprias observações feitas pelo escritor, com relação à qualidade de seus primeiros escritos. Baseando-se também na autocrítica machadiana, muitos dentre seus analistas enxergam uma ruptura entre a publicação de *Iaiá Garcia* e as *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Essa mesma idéia foi levada para a análise de seus contos, deixando a impressão de que o colaborador do *Jornal das Famílias* não era o mesmo das páginas escritas para *A Estação* ou para a *Gazeta de Notícias*. John Gledson sugere aos seus leitores, por exemplo, o exercício de comparação entre “Folha rota” e aqueles contos publicados a partir dos anos de 1880⁸. Como nesta tese analiso os contos de Machado publicados na imprensa entre 1875 e 1884, e depois organizados em livros, tornou-se impossível desviar a atenção desse problema. Apresento então algumas sugestões: uma delas aparece nos capítulos 1 e 2, da Parte I, a partir da análise da sua colaboração em alguns periódicos, bem como com o seu posicionamento diante das novidades apresentadas em narrativas orientadas pelo cientificismo. Participar de diferentes periódicos e se envolver em algumas polêmicas literárias foram fundamentais para a percepção de Machado a respeito de sua própria escrita e da necessidade de criar caminhos ainda não trilhados.

Por outro lado, os contos publicados no *Jornal das Famílias*, entre 1864 e 1878, não podem ser considerados como algo que, se “lidos em conjunto, dão uma impressão esquisita de marasmo, como se fossem totalmente destituídos de impulso criativo e produzidos apenas por dinheiro”⁹. Algumas análises tanto da participação de Machado nessa revista, como também das suas duas primeiras coletâneas, mostram o seu envolvimento com as principais questões discutidas naquelas páginas não apenas no que se refere às preferências femininas, como muitos de seus companheiros imaginavam, como também sobre o próprio

Un de ces jours je vous enverrai un exemplaire de *Memórias Posthumas de Braz Cubas* avec de corrections pour une autre édition que la maison aura à faire.

Ver *Exposição Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Ministério da educação e saúde, 1939, p. 204.

⁸ GLEDSON, J. “O machete e o violoncelo: introdução a uma antologia dos contos de Machado de Assis”. In: *Por um novo Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. P. 44.

⁹ GLEDSON, J & GRANJA, L. “Introdução”. In: ASSIS, M. *Notas semanais*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008. P. 17.

desenvolvimento literário do país¹⁰. No capítulo 6 e no segundo item do capítulo oitavo, da Parte II, os leitores poderão constatar como alguns contos escritos para essa revista feminina, de moda e literatura, tiveram suas estruturas e temáticas reaproveitadas nos anos de 1880. Boa parte das questões discutidas por Machado de Assis, nesse segundo momento, já o acompanhava como colaborador do *Jornal das Famílias*. A leitura em conjunto dos contos dessa revista – em especial quando considera a própria organização do periódico, seus colaboradores, perfil de leitores e seções – revela um escritor comprometido com a proposta de seu editor e dos outros companheiros de profissão¹¹. Essas histórias também trazem à tona as próprias diferenças de abordagem de temas tratados por assinaturas ou pseudônimos diversos. O nosso Machadinho pouco a pouco aprendia a usar ao seu favor o ritmo de publicação de histórias aos pedaços e em série e as vantagens de deixar a narrativa aberta por várias semanas ou meses seguidos.

Para completar essa argumentação, ainda precisamos observar o fato de que muitos dentre os contos publicados pela *Estação*, mesmo depois de “O alienista”, ainda mantiveram várias características daqueles escritos para o *Jornal das Famílias*. A maioria daqueles preparados para essa revista, mesmo depois dos anos de 1880, não entrou para nenhuma coletânea organizada por Machado. Antes de considerá-los insossos ou de tentar mostrar como aqueles outros publicados no mesmo mês, só que na *Gazeta de Notícias*, possuem melhor acabamento, precisamos observar a habilidade de Machado em adaptar suas histórias seguindo o suporte no qual as publicava e a escrita de séries independentes. Isso foi possível, em especial, devido à experiência adquirida trabalhando na imprensa, dividindo colunas com redatores diferentes entre si e com objetivos específicos. A formação do literato Machado de Assis aconteceu também dentro das redações de vários periódicos, os quais contribuíram

¹⁰ AZEVEDO, S. M. *A trajetória de Machado de Assis: do Jornal das Famílias aos contos e histórias em livros*. Tese de doutorado em Teoria Literária: USP, 1990; SILVEIRA, D. M. da. *Contos de Machado de Assis: leituras e leitoras do Jornal das Famílias*. Dissertação de Mestrado em História: Unicamp, 2005 e PINHEIRO, A. S. *Para além da amenidade: O Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção*. Tese de doutorado em Teoria Literária: Unicamp, 2007.

¹¹ O *Jornal das Famílias* começou a ser publicado em janeiro de 1863, como forma de substituir outra revista, intitulada *Revista Popular*, embora as duas possuam diferenças significativas. Ambas eram editadas por B. L. Garnier, sendo que Machado de Assis colaborou apenas com a segunda, a partir de junho de 1864, com o conto “Frei Simão”. Junto a esse escreveu um total de 86 contos para aquelas páginas, assinados com diversos pseudônimos. Além de suas assinaturas, apareceram nomes como Paulina Philadelphia e Victoria Colonna, além de Joaquim Manuel de Macedo e Augusto Emílio Zaluar, Caetano Filgueiras, entre outros.

sobremaneira para que, quando o próprio escritor olhasse para trás, visse o quanto havia mudado ao longo dos anos.

Todos os contos escritos para as duas coletâneas aqui analisadas tiveram, então, primeiras versões publicadas em algum periódico fluminense. Algumas dentre essas narrativas, para que ganhassem o formato de livro, precisaram de uma atenção especial da parte de seu autor. O exercício de reescrita foi analisado ao lado do projeto de cada um desses dois livros nos capítulos 3, sobre os *Papéis avulsos*, e 7, sobre as *Histórias sem data*. De qualquer forma, desde a primeira publicação dessas histórias, uma das intenções de Machado era contribuir para as discussões acerca do cientificismo e a recepção de autores como Darwin e outros. A inserção dessas questões em sua obra deve ter sido importante não apenas como meio de participação nos debates acontecidos nas folhas em que seus contos foram publicados, mas também para pensar, por exemplo, na situação de algumas mulheres diante da moda cientificista.

Do mesmo modo que Machado de Assis avaliava a sua escrita, vez ou outra também colocava em pauta as funções das folhas impressas¹². Se, por um lado, as colunas e discussões empreendidas pelos jornais e revistas para os quais colaborou serviram na confecção de suas narrativas, seus escritos também foram fundamentais para a formação e consolidação de um espaço aberto e de debate de várias questões. O entusiasmo do jovem escritor liberal dos anos de 1860 já foi reconhecido. São famosas suas palavras como defensor da superioridade do jornal sobre o livro¹³. Sendo assim, no *Espelho*, Machadinho afirmava que:

A primeira propriedade do jornal é a reprodução amiudada, é o derramamento fácil em todos os membros do corpo social. Assim, o operário que se retira do lar, fatigado pelo labor cotidiano, vai lá encontrar ao lado do pão do corpo, aquele pão do espírito, hóstia social da comunhão pública. A propaganda assim é fácil; a discussão do jornal reproduz-se também naquele espírito rude, com a diferença que vai lá achar o terreno preparado. A alma torturada da individualidade ínfima recebe, aceita, absorve sem labor, sem obstáculos aquelas impressões, aquela argumentação de princípios, aquela argüição de fatos. Depois uma reflexão,

¹² Sobre os primeiros anos da imprensa no Brasil, ver LUSTOSA, I. *Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na independência (1821-1823)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000 e LIMA, I. *Cores, marcas e falas: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

¹³ Machado de Assis. “O jornal e o livro”. In: *Correio Mercantil*. 10 e 12 de janeiro de 1859 e “A reforma pelo jornal”. In: *O Espelho*. 23 de outubro de 1859.

depois um braço que se ergue, um palácio que se invade, um sistema que cai, um princípio que se levanta, uma reforma que se coroa¹⁴.

Em uma das descrições que fez a respeito da imprensa, no conto “O segredo do Bonzo”, seu narrador mostrou como os habitantes do reino de Bungo consideravam importante saber as notícias locais em primeira mão e antes dos outros:

Usam neste reino de Bungo, e em outros destas remotas partes, um papel feito de casca de canela moída e goma, obra mui prima, que eles talham depois em pedaços de dois palmos de comprimento, e meio de largura, nos quais desenham com vivas e variadas cores, e pela língua do país, as notícias da semana, políticas, religiosas, mercantis e outras, as novas leis do reino, os nomes das fustas, lancharas, balões e toda a casta de barcos que navegam estes mares, ou em guerra, que a há freqüente, ou de veniaga. E digo as notícias da semana, porque as ditas folhas são feitas de oito em oito dias, em grande cópia, e distribuídas ao gentio da terra, a troco de uma espórtula, que cada um dá de bom grado para ter as notícias primeiro que os demais moradores¹⁵.

Alguns anos depois, quando escrevia os contos das *Histórias sem data*, Machado questionou como aquele espaço servia também para colocar em evidência idéias sem relevância. Fulano Beltrão, protagonista do conto “Fulano”, começou a se importar com a vida pública, depois de ver algumas palavras bonitas a seu respeito publicadas anonimamente no *Jornal do Commercio*. Fulano não tinha certeza sobre quem havia praticado tamanha gentileza, mas o efeito daquilo foi uma mudança radical em seu comportamento. Por isso, o narrador da história ofereceu-nos a seguinte reflexão:

Pode ser que me engane; mas estou que o espetáculo da justiça, a prova material de que as boas qualidades e ações não morrem no escuro, foi o que animou o meu amigo a dispersar-se, a aparecer, a divulgar-se, a dar à coletividade humana um pouco das virtudes com que nasceu. Considerou que milhares de pessoas estariam lendo o artigo, à mesma hora em que o lia também; imaginou que o comentavam, que interrogavam, que confirmavam, ouviu mesmo, por

¹⁴ Machado de Assis. “A reforma pelo jornal”. Op. Cit.

¹⁵ *Papéis avulsos*. P. 187.

um fenômeno de alucinação que a ciência há de explicar, e que não é raro, ouviu distintamente algumas vozes do público. Ouviu que lhe chamavam homem de bem, cavalheiro distinto, amigo dos amigos, laborioso, honesto, todos os qualificativos que ele vira empregados em outros, e que na vida de bicho do mato em que ia, nunca presumiu que lhe fossem – tipograficamente – aplicados¹⁶.

Levando-se em consideração as várias vezes que Machado refletiu sobre o papel da imprensa, podemos observar sua consciência de que, embora aquela fosse uma grande invenção, conforme acreditava a esposa de Fulano e ele mesmo em sua juventude, seus contemporâneos atribuíam-lhe diversos usos. Ora espaço privilegiado de debate e fermento para uma revolução, ora lugar para promoção de medalhões. Sentidos contrários que se desenvolveram ao mesmo tempo, enquanto o próprio Machado publicava seus contos e refletia sobre o papel da sua literatura e daquelas folhas.

Esta tese aborda, portanto, o processo de escrita dos contos reunidos nos *Papéis avulsos* e nas *Histórias sem data*, por Machado de Assis. Pertencem aos *Papéis avulsos* 12 contos: “O alienista”, “Teoria do Medalhão”, “A chinela turca”, “Na arca”, “D. Benedita”, “O segredo do Bonzo”, “O anel de Polícrates”, “O empréstimo”, “A sereníssima República”, “O espelho”, “Uma visita de Alcibíades” e “Verba testamentária”. Por sua vez, nas *Histórias sem data* apareceram 18 contos: “A igreja do Diabo”, “O lapso”, “Último capítulo”, “Cantiga de esponsais”, “Singular ocorrência”, “Galeria póstuma”, “Capítulo dos chapéus”, “Conto alexandrino”, “Primas de Sapucaia!”, “Uma senhora”, “Anedota pecuniária”, “Fulano”, “A segunda vida”, “Noite de almirante”, “Manuscrito de um sacristão”, “Ex-cátedra”, “A senhora do Galvão” e “As academias de Sião”. Essas histórias foram trabalhadas nesta tese levando-se em consideração suas primeiras versões e a redação corrigida e publicada sob o formato de livro¹⁷. Para cada uma das coletâneas, dediquei uma parte específica. Na Parte I, coloco em discussão o percurso seguido por Machado de Assis, desde o início de publicação, nos periódicos, dos contos dos *Papéis avulsos* até a sua conclusão com o lançamento do livro. O objetivo é o de mostrar o quanto o meio jornalístico foi de suma importância para esse livro e

¹⁶ *Histórias sem data*. Pp. 180-181.

¹⁷ Para esta tese usei a publicação dos contos nos jornais e revistas e também as primeiras edições. Quando a referência foi o livro segui o que apareceu em ASSIS, M. de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Tipografia e litografia a vapor. Encadernação e livraria Lombaerts & C. 1882 e ASSIS, M. de. *Histórias sem data*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier – Livreiro-editor, 1884. Para as citações presentes nesta tese, a ortografia foi atualizada.

para sua obra de modo mais abrangente. Mesmo porque as principais questões tratadas naquela coletânea haviam aparecido em diversas colunas daqueles jornais e revistas. Sendo assim, a Parte I foi dividida em 5 capítulos. No capítulo 1, “Ilusões perdidas”, e no capítulo 2, “Empresas jornalísticas”, o leitor encontrará informações sobre os periódicos *A Epocha*, *O Cruzeiro*, *A Estação* e a *Gazeta de Notícias*. Entre 1875 e 1882, a estabilidade de Machado de Assis no mundo das letras, vez ou outra, foi colocada em estado de suspensão, o que interferiu no andamento da escrita dos contos dessa coletânea. Por outro lado, aquelas mesmas páginas ofereceram-lhe material suficiente para desenvolver séries distintas de contos, com sentidos e temas próprios, além de terem ajudado no seu desenvolvimento como escritor de literatura. Nos capítulos 3, 4 e 5, tenho como centro a discussão do livro pronto e acabado. Os *Papéis avulsos* foram organizados a partir de um projeto de escrita que considerava os principais debates científicos e filosóficos da segunda metade do século XIX. Para escrever os contos dessa coletânea, Machado explorou o arcabouço que estruturava a fala dos principais homens envolvidos em pensar o futuro do país naquele momento. A linguagem científica servia para justificar medidas políticas e invalidar qualquer outra opinião que não coubesse naquele padrão de pensamento.

Na Parte II, a discussão gira em torno da elaboração da quarta coletânea de contos de Machado de Assis, *Histórias sem data*. O objetivo é mostrar as estratégias usadas, quando Machado escrevia para e sobre as mulheres. Nessa coletânea, houve o alargamento de idéias levantadas em *Papéis avulsos*, tendo em vista as conseqüências do avanço do cientificismo no controle do lar e na definição do papel feminino para a construção da nação. A imprensa foi fundamental na disseminação do cientificismo dentro das famílias brasileiras. Nesse sentido, é importante considerar tanto que a maior parte daqueles redatores era composta por homens e médicos, mas também que as novidades do mundo impresso permitiam aos seus consumidores e consumidoras o papel de acolher ou não determinada seção e colaborador. No capítulo 6, “Passar o tempo e virar obras-primas”, analiso as motivações de Machado de Assis ao escrever para o público feminino. Os capítulos 7, 8 e 9 serviram para acompanhar o desenvolvimento do projeto das *Histórias sem data* e a elaboração de seus contos, levando-se em consideração a construção das personagens femininas e masculinas. No último capítulo, “Duas coletâneas e um só tema”, mostro como as idéias científicas ganharam o terreno das famílias e como *Papéis avulsos* e *Histórias sem data* foram marcadas por discussões idênticas.

Resta uma última observação sobre a escrita deste texto. Suas duas partes foram divididas entre os contos das terceira e quarta coletâneas organizadas por Machado de Assis. Em vários momentos, o leitor encontrará citações e resumos desses contos. Esse recurso ajudará na compreensão do meu argumento, no entanto, fica aqui um convite para a leitura ou releitura de ambas as coletâneas. Ao contrário dos romances, os contos de Machado são menos conhecidos e ainda carecem de estudos mais meticolosos. Voltar ou ir àquelas páginas pela primeira vez, além do enorme prazer, pode ser também fonte de conhecimento de algumas estruturas sociais que orientaram medidas políticas importantes àquela época.

Parte I
Papéis avulsos

ADVERTÊNCIA

Este título de *Papéis avulsos* parece negar ao livro uma certa unidade; faz crer que o autor coligiu vários escritos de ordem diversa para o fim de os não perder. A verdade é essa, sem ser bem essa. Avulsos são eles, mas não vieram para aqui como passageiros, que acertam de entrar na mesma hospedaria. São pessoas de uma só família, que a obrigação do pai fez sentar a mesma mesa.

Quanto ao gênero deles, não sei que diga que não seja inútil. O livro está nas mãos do leitor. Direi somente, que se há aqui páginas que parecem meros contos, outras que não são, defendo-me das segundas com dizer que os leitores das outras podem achar nelas algum interesse, e das primeiras defendo-me com S. João e Diderot. O evangelista, descrevendo a famosa besta apocalíptica, acrescentava (XVII, 9): “E aqui há sentido, que tem sabedoria”. Menos a sabedoria, cubro-me com aquela palavra. Quanto a Diderot, ninguém ignora que ele, não só escrevia contos, e alguns deliciosos, mas até aconselhava a um amigo que os escrevesse também. E eis a razão do enciclopedista: é que quando se faz um conto, o espírito fica alegre, o tempo escoá-se, e o conto da vida acaba sem a gente dar por isso.

Deste modo, venha donde vier o reproche, espero que daí mesmo virá a absolvição.

Machado de Assis¹

¹ *Papéis avulsos*. Pp. 1-2.

Capítulo 1

Ilusões perdidas

1.1 – Nabuco e Machado: por uma literatura nacional

O conto “A chinela turca” teve primeira publicação em periódico intitulado *A Epocha – Revista da Quinzena – Fantasias, Romances, Letras, Teatros, Belas-artes*. Apresentava-se como revista ambiciosa que almejava cobrir vários temas diferentes. Neste aspecto não diferia muito de outros empreendimentos de meados do século XIX. Cada vez mais, ampliava-se a idéia de juntar interesses variados para assim tentar conquistar leitores. Por isso essa publicação mantinha colunas de literatura, com fantasias e crônicas, e de “letras, ciências e artes”. A reunião de questões relacionadas às novidades científicas e o encaminhamento da literatura nacional aos poucos começava também a ganhar mais credibilidade naquelas folhas. A história dos *Papéis avulsos* foi, portanto, escrita para páginas que tinham como seus objetivos principais tratar de literatura e ciência.

Mesmo recorrendo a alguns modelos daquela imprensa, essa publicação não alcançou muito sucesso. Com apenas quatro números², deve ter causado frustração a seu editor e colaboradores. Foram poucas as informações sobre esse periódico que não se perderam ao longo do tempo. No entanto, o próprio Machado fez questão de recordá-lo, quando retirou de suas páginas o referido conto para a composição da coletânea:

Este conto (“A chinela turca”) foi publicado, pela primeira vez, na *Epocha*, n. 1, de 14 de novembro de 1875. Trazia o pseudônimo de *Manasses*, com que assinei outros artigos daquela folha efêmera. O redator principal era um espírito eminente, que a política viu tomar às letras: Joaquim Nabuco. Posso dizê-lo sem indiscrição. Éramos poucos e amigos. O programa era não ter programa, como declarou o artigo inicial, ficando a cada redator plena liberdade de opinião, pela qual respondia exclusivamente. O tom (feita a natural reserva da parte de um colaborador) era elegante, literário, ático. A folha durou quatro números³.

² Na coleção dessa revista, microfilmada pela Biblioteca Nacional (disponível também no Arquivo Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/Unicamp), encontram-se apenas 3 números (14/11/1875, 01/12/1875 e 18/12/1875).

³ *Papéis avulsos*. Idem. P. 294

Para escrever essas linhas, o nosso literato deveria estar ao menos com o primeiro número em suas mãos, devido às coincidências entre suas afirmações e o que havia sido dito no “programa”. Além das informações lembradas por Machado, naquela introdução da revista, ainda encontramos a idéia de que a publicação destinava-se “a apresentar, sob uma forma ligeira, uma opinião refletida sobre as diversas questões artísticas, literárias e políticas, que mais interessam ao nosso tempo, e a servir de órgão àquela parte de nossa população, que se chama em um sentido restrito – a sociedade brasileira”⁴. Em resumo, o periódico que abrigou “A chinela turca” durou desse primeiro número até o início de 1876. Fora idealizado e dirigido por Joaquim Nabuco, que contava com alguns amigos, entre os quais o próprio Machado de Assis.

Aquele foi um momento de acirradas polêmicas veiculadas pela imprensa. Pouco antes de começar a circulação da *Epocha*, José de Alencar e Joaquim Nabuco protagonizaram interessante debate no folhetim do *Globo*⁵. O drama “O Jesuíta”, de Alencar, representava-se no Teatro São Luís, mas não contava com público suficiente para encher as salas. Nabuco recorreu, então, ao jornal e enumerou os problemas da peça. Alencar, em defesa própria, culpava a falta de preparo do público fluminense, que preferia espetáculos estrangeiros, ou com ao menos uma pitada de escândalo. Como o objetivo do dramaturgo era dar vivas ao nacional, a rejeição havia sido instantânea e avassaladora. Ao longo da série de artigos, Alencar declarou cansaço não só de sua parte, como também do público leitor do jornal. Esse, aliás, como ele próprio afirmava, poderia ser reduzido a apenas dois leitores: “Ele (Joaquim Nabuco), por devoção; eu (José de Alencar), por obrigação”⁶.

Quando assinou esses folhetins, Nabuco havia acabado de retornar de sua primeira viagem pela Europa. Seu maior interesse voltava-se para o meio literário e a seqüência de suas

⁴ *A Epocha*. 14 de novembro de 1875. P. 3.

⁵ Toda a polêmica entre Joaquim Nabuco e José de Alencar encontra-se reunida em, COUTINHO, A. (org.) *A polêmica Alencar-Nabuco*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965. Para uma análise da questão da escravidão nessa polêmica, ver VENTURA, R. *Estilo Tropical: História cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. Pp. 44-47 e também SILVA, S. C. M. de S. *Idéias encenadas: uma interpretação de “O demônio familiar”, de José de Alencar*. Dissertação de Mestrado em História: Unicamp, 1996.

⁶ COUTINHO, A. (org.) *A polêmica Alencar-Nabuco*. Op. Cit. P. 165.

idéias aconteceu com a edição da revista *A Epocha*⁷. No entanto, assim que essa deixou de existir não usou justificativa muito diferente daquela outrora oferecida por Alencar. Alegou também que sua revista não era apropriada para o Brasil⁸. Como não poderia deixar de ser, a questão do público diminuto preocupava todos aqueles que se aventuravam pela imprensa brasileira de meados do século XIX. De um lado estavam as expectativas daqueles homens de letras, algumas vezes muito bem intencionados, mas com poucas artimanhas para conquistar os leitores, sem os quais, aliás, era impossível ter prosperidade. Do outro estavam os próprios leitores que cada vez mais podiam escolher entre uma gama variada de possibilidades o que preferiam assinar e ler. Parecia complicada a situação dos literatos por aqueles tempos.

Embora tenha se constituído num projeto falido, as propostas de Joaquim Nabuco para seu periódico merecem alguma atenção. Principalmente porque nos oferecem pistas sobre um dos contos de *Papéis avulsos*. “A chinela turca”, quando foi lida por aqueles que receberam *A Epocha*, tinha significados os quais foram perdidos com sua transposição para o livro. Essa primeira leitura é importante para esta tese, pois nos oferece informações sobre as intenções do literato mediadas pelo ambiente de escrita, por causa da periodicidade da revista, perfil de seus leitores e organização daquelas páginas.

Já sabemos que *A Epocha* publicava-se de quinze em quinze dias, com o primeiro número datado de 14 de novembro de 1875. Este foi enviado aos possíveis leitores, convidados a fazer assinatura na Redação, localizada à Rua da Quitanda, nº47. A assinatura anual para a Corte custava 12\$000 e o número avulso 800 réis⁹. Os números publicados tinham 16 páginas cada um. Logo na capa, além do título e informações para os assinantes, vinham também os “Anúncios”, da Livraria Garnier, de obras francesas. Nenhum dentre seus colaboradores usou nome próprio. O recurso utilizado foi a assinatura por meio de pseudônimos. Dentre esses apenas dois autores foram identificados: Joaquim Nabuco assinava como *Ninguém* e *Todo o Mundo*, e Machado de Assis como *Manasses*. Além desses, ainda

⁷ A primeira participação de Joaquim Nabuco na imprensa foi como organizador do jornal *Tribuna Liberal*, em 1867. Depois disso, em julho de 1875, estreou como crítico literário de *O Globo*. Ver ALONSO, A. *Joaquim Nabuco: os salões e as ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. pp. 39-60.

⁸ Em carta trocada entre Joaquim Nabuco e Salvador de Mendonça, o editor da *Epocha* afirmava a necessidade de acabar logo com a revista, para que essa tivesse ao menos um fim decente. Ver, NABUCO, J. *Cartas a amigos*. In: *Obras Completas de Joaquim Nabuco*. XIII. Coligidas e anotadas por Carolina Nabuco. São Paulo: Instituto progresso editorial S. A. V. 1. P. 15.

⁹ A assinatura também poderia ser feita para o semestre, por 7\$000 ou o trimestre, por 4\$000. Para fora da corte, deveriam ser acrescentados 500 réis por trimestre.

apareceram *Fanfulla, Pierrot, D. Raymundo, Giroflé-Giroflá, Swift, A. Cadmus, M. M., D...* e *Sicambro*. A relação entre os dois autores reconhecidos havia começado anos antes, quando Machado de Assis usou sua crônica, no *Diário do Rio de Janeiro*, para encorajar o jovem Nabuco na carreira literária¹⁰. Pouco depois disso, aquele que se tornaria editor da *Epocha* seguiu em viagem para a Europa. Foi dessa viagem que tirou inspiração para criar a revista. Segundo o próprio editor, *A Epocha* seguia o mesmo gênero da revista francesa, *Vie Parisienne*¹¹. O ano passado na Europa exerceu influência significativa em suas escolhas literárias.

Ao menos os pseudônimos criados por Nabuco e Machado parecem não terem sido escolhidos ao acaso. *Ninguém* pode ser vislumbrada como assinatura bastante irreverente para quem havia retornado ao país de origem, cheio de idéias novas prontas para aplicá-las em seu meio literário. Ainda mais se levamos em consideração que a coluna assinada relacionava-se àquelas outras sobre política imediata e que também figuravam na revista. Era a seção “Correspondência da Epocha”. Machado de Assis, por sua vez, havia escolhido assinatura de origem bíblica. *Manasses*, de acordo com as pesquisas de Magalhães Junior, era o chefe de uma tribo israelita, filho mais velho de José do Egito, que, em hebraico, significa “o que faz esquecer” ou “votado ao esquecimento”¹². Apareceu nos dois primeiros números, com as histórias “A chinela turca” e “O sainete”¹³. Esse mesmo pseudônimo foi usado por Machado em suas séries de crônicas, publicadas na *Ilustração Brasileira*.

Antes de entramos de fato na análise das histórias de *Manasses* precisamos ainda conhecer bem a organização desse periódico. Vamos às colunas então. A “Crônica da quinzena”, assinada por *Fanfulla*, apareceu nos três primeiros números. A crônica de inauguração tinha como personagem central o barão de Cotegipe, àquela época Ministro do Império, e como assuntos a eleição direta, a viagem do Imperador à Europa e o

¹⁰ As palavras escritas por Machado de Assis na crônica foram agradecidas por Joaquim Nabuco por meio de carta, datada de 1º de fevereiro de 1865. ARANHA, G. (organização, introdução e notas). *Machado de Assis e Joaquim Nabuco. Correspondência*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. Pp. 89-90.

¹¹ NABUCO, J. *Minha formação*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. P. 80.

¹² MAGALHÃES JUNIOR, R. de. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. V. 2. P. 184.

¹³ O pseudônimo Manasses foi também usado na *Ilustração Brasileira*, fundada em 15 de março de 1875, por Carlos e Henrique Fleiuss. A assinatura apareceu na série de crônicas, *Histórias de quinze dias* e *Histórias de trinta dias*, a partir de 1º de julho de 1876.

recenseamento¹⁴. Interessava mostrar, com certo tom de ironia, o dia a dia de cada ministério, sem deixar de passar por uma das questões que mais discussão rendia. Ou seja, as tentativas de melhorar o processo eleitoral. Decorridos quinze dias, na crônica do número seguinte, os ministérios não estavam mais tão calmos. A carestia dos gêneros alimentícios ameaçava e levava à crise. No entanto, o ministro não chegou a cair e *Fanfulla* encerrou suas observações, com declaração bastante direta. Afirmava que, “uma política que nada faz, não pode ser uma ruim política”¹⁵. Em sua terceira crônica, as ações dos ministérios continuavam destacadas, embora a maior ênfase tenha sido dada para a família imperial, por causa das comemorações dos cinquenta anos de D. Pedro II¹⁶. Os escritos desse colaborador, ao tratar de questões que incidiam sobre as últimas decisões do governo, ganhavam caráter de intervenção e crítica direta. O cronista aproveitava-se do “calor da hora” e construía narrador indignado por causa da inércia política. Coluna com essa caracterização preenchia o espaço seguinte ao ocupado pelos contos de *Manasses*.

A “Correspondência da Epocha” em todos os números analisados levantou os mesmos temas das crônicas de *Fanfulla*. A diferença estava no formato e, em especial, na assinatura. Essa era a seção assinada pelo editor da revista. A primeira correspondência destinava-se ao Ministro do Império, barão de Cotegipe, acusado de se calar diante do desenrolar dos principais debates políticos¹⁷. O mais interessante nessa correspondência é o fato de não ter ficado sem resposta. No número seguinte, o suposto “confessor, oficial de gabinete e capelão ordinário” do próprio Cotegipe apareceu para dizer que o Ministro sofria de uma doença, embora houvesse dúvida, se era um verdadeiro surdo-mudo, ou se algumas vezes perdia a faculdade da linguagem¹⁸. A carta foi transcrita pela redação da *Epocha*, reforçando a idéia de que se tratava de anedota construída pela própria revista, que não media esforços para criticar as atitudes ou falta de ação do ministério. A última correspondência dirigia-se ao Imperador, e foi assinada pelo pseudônimo *Todo o Mundo*. Nessa desviava a responsabilidade dos males do país para a falta de representatividade¹⁹.

¹⁴ Fanfulla. “Crônica da quinzena”. In: *A Epocha*, 14 de novembro de 1875. Pp. 7-8.

¹⁵ Fanfulla. “Crônica da quinzena”. In: *A Epocha*, 1º de dezembro de 1875. P. 6.

¹⁶ Fanfulla. “Crônica da quinzena”. In: *A Epocha*, 18 de dezembro de 1875. Pp. 7-8.

¹⁷ Ninguém. “Correspondência da Epocha”. In: *A Epocha*, 14 de novembro de 1875, Pp. 12-13.

¹⁸ Ninguém. “Correspondência da Epocha”. In: *A Epocha*, 1º de dezembro de 1875. Pp. 10-13.

¹⁹ Todo o Mundo. “Correspondência da Epocha”. In: *A Epocha*, 18 de dezembro de 1875. Pp. 11-13.

A “Crônica da quinzena” e a “Correspondência da Epocha” demonstravam certa coesão nas idéias levantadas. Davam voz a dois colaboradores insatisfeitos por causa da ineficácia das propostas apresentadas por alguns sujeitos políticos. Dirigiam-se a leitores específicos. Imaginavam que seriam lidos por esses ministros e secretários de governo. Contrapondo-se a essas colunas, o “Correio do Rio” e a “Crônica fluminense” buscavam leitores bastante diversos. A “Crônica fluminense” destinava-se a levar as impressões de duas senhoras sobre os divertimentos da Corte. Relatava as festas, a vida elegante, o vestuário, enfim, temas associados aos interesses femininos da alta sociedade. *Giroflé-Giroflá* cuidava de noticiar os passatempos sem deixar de pedir proteção às suas possíveis leitoras. O “Correio do Rio”, de *D. Raymundo*, ficava entre o tom sério das crônicas políticas e as notícias do mundo elegante. Entre outros temas, comentava as exposições, pinturas e as artes de modo geral.

As duas histórias assinadas por *Manasses* pertenceram a esse espaço de acirradas críticas à política imperial vigente, mas com abertura para noticiar os últimos acontecimentos literários ou aqueles voltados para o mundo elegante. No ano de 1875, Machado de Assis trabalhava também no *Jornal das Famílias* e na *Semana Illustrada*, e mesmo assim optou por publicá-las na revista de Joaquim Nabuco. Talvez acreditasse que aquelas histórias estavam mais de acordo com o estilo adotado por *Manasses* naquelas páginas e com o programa e perfil da *Epocha*. É possível imaginar que algumas passagens foram adaptadas para criar diálogo com as outras seções da revista escolhida e com os seus colaboradores. Algumas pistas foram deixadas nos próprios contos. Em “O sainete”, *Manasses* estabeleceu algumas diferenças de perspicácia entre seus leitores²⁰. Sobre as questões do coração não havia dúvida de que as leitoras eram mais sabidas e curiosas. O recurso utilizado para fazer essa distinção já o acompanhava desde meados de 1860, quando assumiu o papel de principal colaborador do *Jornal das Famílias*²¹. À primeira vista, o conto poderia ter sido publicado tanto numa, como na outra. Esse é um conto que carrega várias semelhanças com aqueles publicados nesse periódico de moda e literatura. No entanto, foi usado em revista que se propunha a discutir questões “artísticas, literárias e políticas”. Mas que, por outro lado, não havia fechado suas páginas para o público feminino, conforme já vimos. Se levarmos em consideração que uma

²⁰ Manasses. “O sainete”. In: *A Epocha*. 1º de dezembro de 1875. Pp. 3-6.

²¹ Sobre os leitores do *Jornal das Famílias*, especialmente, sobre a criação de personagens leitores e as diferenças entre leitoras e leitores, ver SILVEIRA, D. M. da. *Contos de Machado de Assis: leitoras e leitores do Jornal das Famílias*. Dissertação de Mestrado em História: Unicamp, 2005. Pp. 153-166.

das questões que mais afligia os literatos era a escassez de público, de fato, deveria ser importante tentar conquistar a simpatia feminina. Aos olhos de Machado de Assis, essa deve ter sido apenas mais uma história, de temática repetida, tão semelhante àquelas que se acostumara a escrever para as leitoras. Talvez por isso não tenha figurado em nenhuma coletânea.

Bastante distinta dessa havia sido aquela escrita para o número de abertura do periódico. “A chinela turca” aproxima-se da literatura fantástica, de Hoffman e Edgar Allan Poe²². Deve ter sido a partir de inspiração nas obras desses autores que buscou elementos para questionar, de modo mais amplo, a literatura produzida no Brasil. Ao fazer isso, inseria sua narrativa em uma das linhas da revista que pensava os caminhos e descaminhos da literatura nacional. A estratégia escolhida foi a de construir personagem autor de drama bastante aborrecido. Segundo a narrativa, a leitura de sua peça foi tão chata para o bacharel Duarte que o levou ao sono e depois ao sonho. Com poucas qualidades literárias, os escritos de Lopo Alves deveriam assemelhar-se às tentativas de incursão pelo mundo das letras comuns naquela emergente imprensa. Mais valia dormir e sonhar do que ser obrigado a ler/ouvir certas obras. *Manasses* abre mão de recontar a narrativa de Lopo Alves para contar o sonho do bacharel Duarte. Esse sim estava cheio de peripécias e grandes emoções. O sonho ainda aparecia mesclado de referências à cultura oriental. A chinela turca roubada, a otomana que servia de assento, indícios de questão que ardia nas folhas da Corte, quando se tratava de discutir os conflitos do oriente.

A proposta de Joaquim Nabuco e dos colaboradores de sua revista, ao pensar a literatura nacional, oferecia elementos para debate, que em meados de 1870, conquistou vários adeptos. O que deveria conter um texto literário para ser reconhecido no panteão das letras? A polêmica em torno da peça de José de Alencar, num certo sentido, foi mediada por essas questões. Afinal de contas, o que era preciso para conquistar o público, quase sempre tão escorregadio, e atender aos princípios estéticos, ou filiar-se a determinado estilo literário? Dessa briga ninguém parecia escapar. Esses debates saíam das discussões nas livrarias e ruas para ganhar espaço nas páginas dos jornais e revistas. Por isso, quase todo periódico tinha sua

²² MAGALHÃES JUNIOR, R. de. “Introdução”. In: *Contos fantásticos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Bloch, 1973.

coluna dedicada às novidades no mundo das letras. Ou então usava de outros subterfúgios para discutir a mesma questão, como fizeram os colaboradores dessa revista.

Refletir sobre “A chinela turca” dentro da *Epocha* leva-nos ainda à coluna “Letras, Ciências e Artes”. Com artigos sem assinatura, tal seção trazia detalhes sobre os últimos livros e espetáculos, lançados no Brasil e no exterior. Informava aos leitores a respeito de artigos publicados na *Revue des deux mondes*, e sobre a imagem do nosso país em suas páginas²³. Além disso, unia, debaixo da mesma rubrica, os temas “ciência” e “letras”. A junção desses motes, aos poucos, tomava conta da maior parte dos periódicos literários. Na verdade, o que acabou acontecendo, não só nas páginas da *Epocha*, mas na imprensa de modo geral, foi aumento de espaço para discussão do movimento político, com reformas ministeriais, eleitorais e tantas outras questões que agitavam os debates parlamentares, bem como para as questões científicas então na moda e o papel da literatura.

A compreensão da participação de Machado de Assis nesse periódico e da escrita de “A chinela turca” exige atenção também para as preocupações desse literato desde o começo daqueles anos de 1870. Em 1872, Machado escreveu para o *Jornal das Famílias* o conto intitulado “A parasita azul”, que, mais tarde, serviria de abertura para sua segunda coletânea, *Histórias da meia-noite*. John Gledson mostrou como, com essa narrativa, Machado começou a desenvolver, de modo mais regular, a estrutura baseada num triângulo amoroso, envolvendo uma mulher traiçoeira, um forasteiro e um tolo local²⁴. Essa forma narrativa tinha suas raízes na estrutura familiar brasileira do período e contribuía para a construção da literatura nacional. Além disso, de acordo com o crítico, Machado teria usado, para escrever “A parasita azul”, referências encontradas em *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo. Isso por causa da popularidade dessa obra entre os leitores contemporâneos e como forma de enfrentar o problema de produzir uma literatura em nossas terras. Acreditando na correção dessa análise, talvez possamos alargá-la para outros escritos do mesmo período.

No ano seguinte, Machado retomaria esse tema de modo talvez até mais acintoso. No artigo encomendado pelo periódico *Novo Mundo*, “Notícia da atual literatura brasileira –

²³ A *Revue des deux mondes* influenciou fortemente alguns dos periódicos no Brasil do século XIX. Sua leitura era sinal de distinção, conforme fica evidenciado na caracterização da personagem Sofia, de *Quincas Borba*. Ver, CAMARGO, K. A. F. de. *A revue des deux mondes: intermediária entre dois mundos*. Natal, RN: Editora da EDUFRN, 2007.

²⁴ GLEDSON, J. “1872: ‘A parasita azul’ – Ficção, nacionalismo e paródia”. In: *Cadernos de Literatura Brasileira*. Instituto Moreira Salles. Números 23 e 24 – julho de 2008. Pp. 163-218.

Instinto de nacionalidade”, havia esforço no sentido de traçar o desenvolvimento literário no país²⁵. Quais recursos aqueles homens de letras deveriam utilizar para a criação e formação da literatura brasileira? Essa parecia ser preocupação geral e presente na pauta de boa parte dos periódicos e textos assinados por Machado naquele momento. Por isso a necessidade de inserção das discussões levantadas na *Epocha* e, mais especificamente, na “Chinela turca”. No artigo de 1873, o literato chamava atenção para o fato de o romance ser a forma mais cultivada e desenvolvida por aqui, enquanto o teatro poderia ser resumido a “uma linha de reticência”. Nesse sentido, o drama apresentado por Lopo Alves ao bacharel Duarte pode ser compreendido como parte dessa crítica. Conforme vimos algumas páginas antes, quase nada sabemos sobre esse drama, porque o narrador optou por contar o sonho do bacharel. No entanto, antes de entrar nesse domínio, somos informados de que o drama dividia-se em sete quadros, com 180 páginas, sendo que nessas não havia nada de novo, exceto a letra do autor:

O mais eram os lances, os caracteres, as *ficeles* e até o estilo dos mais acabados tipos do romantismo desgrenhado. Lopo Alves cuidava pôr por obra uma invenção, quando não fazia mais do que alinhavar as suas reminiscências. Noutra ocasião, a obra seria um bom passatempo²⁶.

Essa crítica dirigia-se à determinada forma de escrita que ainda iria render outras polêmicas, conforme veremos no item seguinte. Por enquanto, vale ressaltar mais uma vez a necessidade de compreensão desse momento antecedente à organização dos *Papéis avulsos*. Isso porque, a partir das discussões travadas entre aqueles literatos, Machado de Assis encontrou material não só para compor os contos dessa coletânea, como para desenvolver seu modo de escrita. Sua participação em periódicos diferentes parece ter sido fundamental nesse sentido.

²⁵ ASSIS, M. de. “Notícia da atual literatura brasileira”. In: *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. V. 3. Pp. 801-809.

²⁶ *Papéis avulsos*. P. 111.

1.2 – Um “Pato Tonto” e tantos outros percalços

Com o término da *Epocha*, Machado de Assis continuou como colaborador do *Jornal das Famílias* até o final de 1878, assumiu o cargo de cronista da *Ilustração Brasileira*, com as séries *História de Quinze Dias* (01/07/1876 a 01/01/1878) e depois *História de Trinta Dias* (fev. a abril de 1878), ainda publicou, no espaço de folhetins do jornal *O Globo*, seu romance *Helena*, entre 6 de agosto e 11 de setembro de 1876²⁷. O início de 1878 marca sua entrada para o recém fundado *O Cruzeiro*. O primeiro número desse jornal recebeu, no folhetim de sua página de abertura, o capítulo inicial de *Iaiá Garcia* que se prolongou até 02 de março daquele ano. Esse jornal tinha a sua frente Henrique Correa Moreira, conhecido como “Pato Tonto”, e ainda, conforme informava em seu cabeçalho, era propriedade de uma sociedade comanditária, sob a razão social de G. Vianna & C. As assinaturas, para a Corte e Niterói, custavam 20\$000 o ano e 6\$000 por três meses²⁸. O escritório da Redação localizava-se na Rua dos Ourives, 51. A participação de Machado em seu espaço de folhetim durou do primeiro número do jornal, com a publicação do romance *Iaiá Garcia*, até 1º de setembro de 1878, com a última crônica da série *Notas Semanais*. Finalizado esse romance, Machado passou a se responsabilizar pelos folhetins das terças-feiras, assinados com o pseudônimo de origem bíblica, *Eleazar*²⁹. Todos esses folhetins possuem, entre outros objetivos, a intenção de questionar a escrita literária, sua retórica e protocolos. Foi nesse espaço que apareceu sua conhecida crítica ao *Primo Basílio*, o conto “Na arca”, e outras histórias de difícil definição sobre qual gênero pertencem. Talvez essa dificuldade tenha sido calculada pelo próprio Machado, com a intenção de questionar a definição estanque de alguns gêneros literários. Os possíveis desdobramentos dessa série, no entanto, foram interrompidos para permitir que o seu escritor se dedicasse com exclusividade ao folhetim dos domingos daquele mesmo jornal, debaixo do título *Notas semanais*.

²⁷ SOUSA, J. G. de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1955.

²⁸ As assinaturas do *Cruzeiro* poderiam ser feitas também por 9 ou 6 meses, pelo valor de 16\$000 e 11\$000 respectivamente. Para as províncias, custavam 24\$000, por 1 ano, 19\$000, por 9 meses, 13\$000, por 6 meses e 7\$000, por 3 meses. Não havia informação sobre a venda avulsa.

²⁹ De acordo com Magalhães Junior, Eleazar é de origem hebraica e significava “a quem Deus ajuda” ou o “protegido de Deus”. MAGALHÃES JUNIOR, R. de. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. V. 2. P. 223.

Analisarei, em especial, o segundo momento de participação de Machado de Assis nesses folhetins, porque esse pode ser entendido como continuação das discussões levantadas nas páginas da *Epocha*³⁰. A principal inquietação que rondava o meio literário continuava sendo a produção de uma literatura nacional. A primeira participação de *Eleazar* foi com a história “O bote de rapé”, em seguida apareceu “A sonâmbula”, “Um cão de lata ao rabo” e “O califa de platina”. Essas narrativas foram escritas num curto período entre 26 de março e 2 de abril de 1878. Nelas a discussão literária passava por questões relacionadas à originalidade. Na terceira história publicada, um cão de lata ao rabo foi a temática escolhida pelo professor de Chapéu d’Uvas para torneio entre seus alunos. Era um “torneio de composição e de estilo”, com o intuito de “desafiar as mais diversas ambições literárias”. De acordo com aquele professor, o tema do concurso era “simples, aparentemente vulgar, mas profundamente filosófico”. Dos sete escritos submetidos a júri três foram selecionados. Um deles por causa do “arrojo do pensamento e a novidade do estilo”, o outro “a pureza da linguagem e a solenidade acadêmica” e, no último “a erudição rebuscada e técnica”. Tudo novidade em Chapéu d’Uvas. Com certeza, a simplicidade temática só existia na cabeça daquele professor. Por isso, quase nenhuma informação é deixada – e de forma proposital – sobre o que significava um cão de lata ao rabo. Os concorrentes que compreenderam a solicitação tiveram seus trabalhos classificados da seguinte forma, segundo a ordem de mérito e estilo:

1º Estilo antético e asmático.

2º Estilo *ab ovo*.

3º Estilo largo e clássico³¹.

Depois dessa classificação, “o leitor fluminense” poderia julgar as obras, formulando suas próprias opiniões, porque o narrador teve o trabalho de fazer a transcrição de cada uma. No primeiro, entre expressões antitéticas, havia o homem diante do duelo entre cão e furacão.

³⁰ A lista de todos os títulos assinados por Eleazar, nas terças-feiras, no jornal *O Cruzeiro*, encontra-se no Anexo 1 desta tese. Devido aos problemas sobre a classificação daquelas histórias, optei por colocá-las e também analisá-las em conjunto com outros contos publicados no mesmo período. John Gledson e Lúcia Granja afirmam que essa produção de Machado é “inclassificável no que se refere a gênero”, enquanto Galante de Souza a classifica como “fantasia”. Ver, GLEDSON, J. & GRANJA, L. “Introdução”. In: ASSIS, M. de. *Notas semanais*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008. Pp. 14-16.

³¹ Eleazar. “Um cão de lata ao rabo”. In: *O Cruzeiro*. 2 de abril de 1878.

Com a vitória do cão, sobrou apenas, entre esse e o vencido, a lata. A narrativa estruturava-se tendo como base antíteses e cenas que beiravam ao absurdo. No segundo, a idéia era buscar, na Bíblia e em clássicos da literatura e da filosofia, explicação para a origem do cão, do barbante e da lata. Quando o autor começaria a examinar o tema, seu tempo acabou e a história ficou sem conclusão. No último, a narrativa desenvolvia-se por meio de linguagem rebuscada e mostrava que atar uma lata ao rabo de um cão poderia ser costume entre crianças. Um mancebo compadecido daquela dor libertou o cão da lata e transformou-o em seu acompanhante. Livrou o cão de uma prisão para colocá-lo em outra. O que Machado de Assis, por meio de seu *Eleazar*, parecia querer discutir era algumas formas literárias que ganhavam espaço entre seus contemporâneos. Mostrava como o modo de contar poderia dar visibilidades diferentes para o mesmo tema. Conforme temos acompanhado, os anos de 1870 foram fundamentais para essa discussão, quando entravam em pauta as acirradas polêmicas em torno do romantismo e do realismo. Aliás, essa história e aquela publicada na semana seguinte, naquele mesmo espaço, serviram para isso.

“O califa de Platina” além de trazer embutida em sua narrativa essas discussões literárias, ainda pode ser lido como alegoria ao segundo Reinado. Usava como ponto de partida referências orientais, mas que, por outro lado, faziam lembrar situações vividas no Brasil. O califa Schacabac era apresentado como governante muito apreciado por seus súditos. Tinha como méritos o início e fundação da “política de conciliação”, e ainda, “animava as artes e as letras, protegia a indústria e o comércio”. O único desafio, imposto em sonho por um anão amarelo, que o ameaçava com a morte, era a originalidade. Depois de consultar os oficiais do conselho, recebeu idéias, como a de cortar os narizes de todos os súditos, rejeitada porque poderia causar prejuízo à indústria dos lenços. Outro conselheiro sugeriu que o pagamento dos impostos passasse a ser “voluntário, clandestino e anônimo”. Entre essas e outras propostas, o vizir ofereceu a seguinte idéia:

Mandai trancar as portas de Platina a todas as caravanas que vierem de Brasilina; que nenhum camelo, se ali recebeu mercadoria ou somente bebeu água, que nenhum camelo, digo eu, possa penetrar as portas da nossa cidade³².

Fazer isso sem qualquer motivo já seria uma grande originalidade, segundo suas explicações. Mas outros dados ainda foram incorporados:

Logo que a notícia de semelhante medida chegar a Brasilina, haverá grande reboiço e estupefação. Os mercadores ficarão pesarosos com o ato, porque são os que mais perdem. Nenhuma caravana, nem ainda as que vêm de Meca, quererá mais parar naquela cidade maldita, a qual (permita-me o conselho uma figura de retórica) ficará bloqueada pelo vácuo. Que acontece? Condenados os mercadores a não mercar para cá, serão obrigados a fechar as portas, ao menos aos domingos. Ora, como há em Brasilina uma classe caixeiral, que suspira pelo fechamento das portas aos domingos, para ir fazer suas orações nas mesquitas, acontecerá isto: o fechamento das portas de cá produzirá o fechamento das portas de lá, e Vossa Grandeza terá assim a glória de inaugurar o calembour nas relações internacionais.

A medida logo estava na boca do povo e posta em prática. O problema foi que passado o tempo não surtiu o menor efeito. No dia esperado, o anão retornou e livrou o califa da morte, por ter achado a idéia original, mesmo que sem eficácia. Nesse ponto, vale a pena parar e fazer algumas reflexões. Para tratar a questão que mais parecia afligir *Eleazar* naquele momento outros pontos importantes, e que nos ajudam a entender um pouco de suas idéias, foram levantados. Em primeiro lugar, semelhanças entre Schacabac e o próprio D. Pedro II não nos parecem mera coincidência. John Gledson, em seu artigo “A história do Brasil em *Papéis Avulsos*, de Machado de Assis”, mostrou como nosso autor, muitas vezes, buscava elementos na História do Brasil para compor alguns de seus enredos³³. Com poucas exceções, essa relação entre ficção e história não apareceu de forma clara e aberta, seja nos contos ou romances. Mesmo quando isso aconteceu, o quadro histórico composto apresentava tantos

³² “O califa de Platina” saiu no folhetim do *Cruzeiro*, do dia 9 de abril de 1878. Como o número desse jornal, no microfilme do AEL, encontra-se muito mutilado, especialmente na parte do folhetim, usarei como referência a edição *Páginas Recolhidas*, de W. M. Jackson, 1937, pp. 171-182.

³³ GLEDSON, J. “A História do Brasil em *Papéis Avulsos*, de Machado de Assis”. In: *Por um novo Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

elementos díspares, que os leitores devem ter se perdido, como acontece ainda hoje. Tomando como referência a história que acabei de contar, vemos um califa, título de soberano muçulmano, que recebe a idéia de induzir o “fechamento das portas” de Brasilina. Ora, mesmo passando por cima do fato de Brasilina e Brasil constituir nomes semelhantes, chegaríamos numa questão que desde aquele momento já havia começado a fermentar e que ainda iria causar muitas reviravoltas. Foi isso que mostrou Fabiane Popinigis, ao acompanhar as discussões que pediam o fechamento de algumas casas de comércio aos domingos e nos dias santos³⁴. Embora essa polêmica houvesse tempo já estivesse na pauta política, foi mesmo no final de 1879 que tomou forma mais agressiva. Os jornais foram usados de modo intensivo por todos os lados. Aliás, conforme mostra essa pesquisadora, vários literatos ao longo do século XIX usaram a situação dos caixeiros em suas narrativas. O que quero ressaltar aqui, portanto, é a intrínseca relação entre as histórias contadas por Machado de Assis e as questões levantadas em diferentes colunas dos jornais àquela época. Em boa parte de seus contos, falar de História do Brasil significou buscar, nos próprios jornais, elementos para compor a narrativa. Como vemos, nesse conto, o foco poderia inclusive ser levado para mais de um lado, e ainda assim continuaria dialogando com seu suporte inicial. Seja tratando de História do Brasil e política imediata, seja de História do Oriente e política internacional, teria como referência aquelas páginas.

A partir dessa reflexão podemos chegar a um primeiro ponto. Machado de Assis usava os jornais nos quais colaborava não apenas como suporte de suas histórias, mas também como fonte de diálogo e inspiração. O segundo ponto é sobre as discussões entre os literatos daquele momento. “Um cão de lata ao rabo” e “O califa de Platina” foram publicados nas semanas antecedentes aos artigos – também assinados por *Eleazar* naquele mesmo espaço de folhetim – sobre *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós³⁵. A chegada desse livro no Brasil rendeu boa polêmica, protagonizada por importantes homens de letras, com a finalidade de discutir o realismo e, por conseqüência, a literatura brasileira³⁶. No primeiro desses folhetins assinado

³⁴ POPINIGIS, F. *Trabalhadores e patuscos: os caixeiros e o movimento pelo fechamento das portas no Rio de Janeiro (1850-1912)*. Dissertação de Mestrado em História: Unicamp, 1998.

³⁵ Eleazar. “Literatura realista” In: *O Cruzeiro*, 16 e 30 de abril de 1878.

³⁶ Sobre essa polêmica, ver “*O Primo Basílio* e a batalha do realismo no Brasil”, In: FRANCHETTI, P. *Estudos de literatura brasileira e portuguesa*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007; BERRINI, B. & AZEVEDO, M. S. “A polêmica da Recepção de Eça de Queiroz no Brasil – Considerações em Torno da Acolhida feita por Machado de Assis e Outros”. In: MARIANO, A. S. & OLIVEIRA, M. R. D. de. *Recortes machadianos*. São Paulo, Edusp,

por *Eleazar*, havia observações severas ao estilo literário escolhido pelo escritor português e, em especial, à motivação dos personagens ao longo da trama. Como seu escrito pareceu não agradar muito ao meio literário, ou por não ter sido entendido, conforme acreditava, *Eleazar* lançou mão de mais um folhetim, para dissertar sobre o mesmo livro. Nesses escritos, vinha à tona sua rejeição a determinado modo de conceber a literatura. Se tomarmos a seqüência desses textos, fica clara a intenção desse literato de empreender discussão sobre forma literária não apenas em um folhetim específico, mas em toda aquela série escrita para *O Cruzeiro*. Esses anos de 1870, talvez desde a publicação de “A parasita azul”, no *Jornal das Famílias*, até a série de folhetins publicados nesse jornal, serviram para que Machado de Assis pensasse e discutisse questões relacionadas à produção literária, bem como a sua própria escrita. Muito provavelmente também por causa disso, a partir desse momento, começaram a aparecer algumas alterações em seu estilo. A divisão de sua obra em duas fases deve levar em consideração a importância das discussões entre literatos desse período.

As duas histórias que sucederam à crítica ao *Primo Basílio*, “Filosofia de um par de botas” e “Antes da missa”, aparentemente deveriam tomar outro rumo. No entanto, continuaram servindo como elementos para sátira contra Machado de Assis, por causa das suas críticas ao romance português³⁷. Antes de entrar no conteúdo desses contos, retomemos o histórico de participação do literato na folha em questão. A estréia de *Eleazar* no *Cruzeiro* foi com as peças “O bote de rapé” e “A sonâmbula”. A primeira tinha como objetivo comentar certa futilidade frequentemente associada às mulheres e o interesse delas por compras. A trama girava em torno de personagem feminina que vai às compras e traz mil coisas desnecessárias e se esquece do único pedido do marido. Personagens como essas voltariam a fazer parte de suas histórias nesse periódico, como em “Antes da missa”. Esta narrativa, escrita em forma de diálogo, mostra a conversa entre duas mulheres, dona Laura e dona Beatriz. Depois de noticiar a vida de suas conhecidas, as duas chegam num ponto bastante delicado, a respeito do casamento de suposta amiga de ambas:

D. Beatriz – O Mesquita

2008 e NASCIMENTO, J. L. do. *O Primo Basílio na imprensa brasileira do século XIX. Estética e História*. São Paulo: UNESP, 2007.

³⁷ FRANCHETTI, P. Op. Cit. Pp. 176-180.

Brigou com a mulher?

D. Laura – Dizem que se desquita.

D. Beatriz – Sim?

D. Laura – Parece que sim.

D. Beatriz – Por que razão?

D. Laura – Jesus!

(vendo o relógio)

Um quarto para as onze! Adeus! Vou para a Cruz. *(Vai a sair e pára)*

Cuido que ela queria ir à Europa; ele disse

Que antes de um ano mais, ou dois, era tolice.

Teimaram, e parece *(ouviu-o ao Nicolau)*

Que o Mesquita passou da língua para o pau.

E lhe fez um discurso hiperbólico e cheio

De imagens. A verdade é que ela tem no seio

Um sinal roxo; enfim vão desquitar-se.

D. Beatriz – Vão

Desquitar-se!

D. Laura – Parece até que a petição

Foi levada a júizo. Há de ser despachada

Amanhã; disse-o hoje à Luisinha Almada,

Que eu, por mim, nada sei. Ah! Feliz, tu, feliz,

Como os anjos do céu! Tu sim, minha Beatriz,

Brigas por um vestido azul; mas chega o urso

Do teu tio, desfaz o mal com um discurso,

E restaura o amor com dois goles de chá!

Analisando esse mesmo conto, Paulo Franchetti afirma que a conversa entre as duas senhoras “apenas ao fim e muito indiretamente” trata o tema da insatisfação com o casamento³⁸. Em primeiro lugar, precisamos levar em consideração que num folhetim de sete colunas, o diálogo acima transcrito ocupou bastante espaço. Mais de meia coluna, para ser mais exata. Além disso, sua continuação, que levou ao último ponto final da história,

³⁸ FRANCHETTI, P. Op. Cit. P. 179.

preencheu mais uma coluna. Em termos materiais, a questão parece ter sido central. Outro detalhe ainda precisa ser esclarecido, pois, tomando por base os contos escritos por Machado naquele período, parecia corrente o fato de se valorizar bastante o final do enredo. Esse era o momento das lições, muitas delas moralizantes. Essa é uma característica do gênero conto, de modo geral, e que foi de modo recorrente trabalhada por Machado de Assis. Finalmente, inserindo o trecho nas discussões sobre o romance de Eça de Queirós, parece que *Eleazar* quis passar aqui seu modo de tratar alguns assuntos de forma literária. Os conflitos que cercam o relacionamento matrimonial são vislumbrados sem a utilização de recursos, como “o espetáculo dos ardores, exigências e perversões físicas”, condenados na crítica ao autor português seu contemporâneo. Sua idéia é a de oferecer voz às personagens femininas – são elas que contam em tom de boato ou fofoca o que sabem – para discutir seus problemas conjugais. Para isso, não deixa de falar sobre intolerância masculina e até mesmo agressão física no casamento. Levantar essas questões naquele momento, talvez, já fosse exercício árduo em demasia. Corria o risco, como de fato aconteceu, de oferecer mais elementos, que poderiam ser usados por seus críticos. *Eleazar* buscava, nos conflitos do cotidiano, material para seus escritos. Tentava fazer isso de forma a questionar alguns pressupostos ou debater a política local.

Como já afirmei, “Filosofia de um par de botas” também serviu de elemento para as sátiras contra Machado de Assis, por causa da crítica ao *Primo Basílio*. Nesse conto, de modo um pouco mais disfarçado, o autor trabalhou, entre outras questões, com os relacionamentos conjugais. A conversa entre o par de botas deixava escapar histórias de pisadelas em botinas de certa viúva e de passos suaves durante altas horas da noite para não acordar a esposa. Por meio de *Eleazar*, Machado tentava mostrar como aqueles temas mais ásperos poderiam ser tratados, e a crítica parecia decidida a não deixar escapar nada, acusando-o de beato, talvez por causa do perfil do próprio periódico. Mesmo envolvido em debate literário tão acirrado, sua participação como folhetinista das terças-feiras do *Cruzeiro* não foi desviada ou interrompida. Nas semanas seguintes, apareceu aquele que mais tarde seria reescrito para os *Papéis avulsos*, “Na arca – três capítulos (inéditos) do Gênesis”, e ainda “O caso Ferrari” e “Elogio da Vaidade”. Permanecia convicto de suas opiniões e sugeria que cada escritor/periódico que se alinhasse de acordo com aquilo que acreditava.

De fato, era corrente a associação entre as idéias dos colaboradores e o posicionamento político do periódico no qual publicava. Talvez por isso, entre seus contemporâneos, a existência de *Eleazar* foi quase sempre relacionada ao perfil do *Cruzeiro*. Um dos principais opositores dessa folha foi *O Besouro – folha ilustrada, humorística e satírica*, com charges assinadas por Rafael Bordalo Pinheiro e lista de redatores e colaboradores, com vários nomes como Henrique Chaves, José do Patrocínio, Dermeval da Fonseca, Arthur Azevedo, Filinto de Almeida, Lúcio de Mendonça, entre outros. Logo em seu primeiro número, do dia 6 de abril de 1878, *O Besouro* já mostrava interesse em comentar a nova obra de Eça de Queirós. No entanto, as contendas em torno do livro tornaram-se mais acirradas somente depois da publicação do primeiro comentário de *Eleazar* ao romance³⁹. Para o periódico humorístico, *O Cruzeiro* poderia ser igualado ao *Jornal do Commercio*. As duas folhas eram desqualificadas, por seus artigos de fundo, além do suposto caráter enfadonho e governista. Nos “Zumbidos”, do dia 4 de maio, *D. Filho* fez um balanço da guerra entre alguns jornais e seus escritores:

Do *Cruzeiro*, Sic e Amém atiram as mais aguçadas setas contra os seus colegas da *Gazeta*: nesta apresenta-se um substituto do Tralgadabas a dirigir o seu fino sorriso de mofa contra o escritor dos *Sem malícia* e o descobridor do maior defeito do *Primo Basílio*; o *Besouro* ataca o *Cruzeiro* e propõe-se a consertar o par de botas rotas – sem par – do ilustre Eleazar; a *Revista* vai ao pelo do *Diário do Rio*, este mostra que ainda o tem..., e assim vai tudo em uma balburdia, uma confusão, como jamais se viu aqui, nesta cidade de S. Sebastião, a sede do governo e da sociedade do Elogio Mútuo do Império.

Quando se dirigia ao *Cruzeiro*, o principal alvo do *Besouro* era *Eleazar*. Logo que esse pseudônimo usado por Machado de Assis deixou de assinar folhetins para aquele jornal, apareceu, na folha humorística, artigo dedicado a discutir de quem poderia ser a nova assinatura do folhetim dominical, *Notas semanais*⁴⁰. O primeiro substituto de *Eleazar* foi *Rigoletto*, seguido por *A. Z.* e *Beppo*. A explicação do próprio jornal, para o afastamento de

³⁹ No número de 27 de abril de 1878, *O Besouro* publicou os artigos “Ao L. da ‘Gazeta’ – As botas de Eleazar”, “Qual é o maior defeito do ‘Primo Basílio?’”, “Uma pergunta inocente (*estilo mofina*)”, “Aos entusiastas do ‘Primo Basílio’”, “Aos maldizentes do ‘Primo Basílio’” e a charge, acompanhada do título “Literalogia – casamento do comendador Mota Coqueiro e de Iaiá Garcia”.

⁴⁰ Sobre a última crônica da série *Notas semanais*, ver GLEDSON, J. & GRANJA, L. “Introdução”. In: ASSIS, M. de. *Notas semanais*. Op. Cit.

Eleazar, alegava ser por motivos de saúde⁴¹. No ano seguinte, no entanto, em seu número de 20 de setembro de 1879, a *Revista Illustrada* trouxe mais elementos não só para a saída de Machado de Assis, como de outros redatores daquele jornal. A *Revista Illustrada* começava mostrando seu rompimento com *O Cruzeiro*. Mais adiante, vinha charge com a lista de ex-colaboradores do jornal. Além do próprio Machado de Assis, estavam os nomes de Carlos de Laet, Dantas Junior, dentre outros. Finalmente, o seguinte diálogo trazia indícios sobre o que havia proporcionado tal dissensão:

Tony a Junio: sabes a razão *Cruzeiro* defende colonização chinesa e elogia discursos Moreira de Barros?

Junio a Tony: Se sei! *Cruzeiro* adula ministro estrangeiros porque pensa ser ele o *seu* ministro...

Tony a Junio: Não, tolo: *Cruzeiro* sabe ministro d'ele é o padre que vai encomendá-lo fim do mês, quando morrer!

Junio a Tony: Então é esperança de enganar chim bobo e fazê-lo ler *Cruzeiro*...

Tony a Junio: Tapado! Chim lê chim, não lê cassange! Olha, *Cruzeiro* quer chim venha Brasil, porque galinhas desaparecem e patos sobem de preço, mesmo tontos.

Junio a Tony: Tu freqüentador conferências da Glória!

Conforme os originais,
D. Fifio.

Dantas Junior já havia recorrido à própria *Revista Illustrada*, alguns números antes, para comentar seu desligamento daquelas páginas. Por meio de estilo humorístico, o jornalista afirmava ter sido “convidado” a se demitir porque não havia elogiado aqueles relacionados à folha⁴². Os ânimos na redação do *Cruzeiro* pareciam bastante alterados. Na verdade, a gota d'água que marcou toda essa confusão e, em especial, a saída de vários de seus colaboradores

⁴¹ “Revista da imprensa”. In: *Gazeta de Notícias*. 23 de setembro de 1878.

⁴² Segundo enumerou Dantas Junior, a sua demissão havia sido motivada, pelas seguintes razões: “1º Porque eu não gostei da ópera *Eurico*. 2º Porque disse nesta folha que não gostava de bacalhau e: ‘o Sr. sabe, disse-me o Sr. Alves de Araújo, a casa única que recebe bacalhau no Rio de Janeiro é a dos Srs. Zenha, Hime e Silveira; ora o Sr. Zenha é o presidente do conselho fiscal do *Cruzeiro*... 3º Porque não se elogiou na *Revista* os folhetins assinados – Saphir, que são do Sr. Eduardo de Lemos, um dos acionistas do *Cruzeiro*. Enfim, porque a *Revista Illustrada* tinha estranhado que *Cruzeiro* fizesse um convite para o enterro de um homem já enterrado, sendo a notícia escrita pelo próprio Alves de Araújo”. *Revista Illustrada*. 18 de janeiro de 1879.

foi a união entre o “Pato Tonto” (Henrique Correa Moreira) e Martinho Campos, grande escravocrata daquela época. Com essa aliança, o jornal passaria a posicionar-se, por meio de editoriais e em outras colunas, de acordo com as idéias do político mineiro. Machado de Assis, mesmo depois de restabelecido, não quis mais ter seu *Eleazar* associado a empreendimento como esse. Acabou tomando a mesma atitude de outros companheiros de Redação⁴³.

Os anos de 1870 foram extremamente relevantes para a carreira literária de Machado de Assis. Sua experiência ao lado de Joaquim Nabuco foi marcada pela suposta incompreensão do público de leitores diante daquele novo projeto. Ali estava sua primeira frustração. Afinal de contas, por mais que outros periódicos, que também receberam sua participação, tenham deixado de existir, por causa do número restrito de leitores/assinantes, nenhum outro havia sido rejeitado de forma tão acintosa. Em seguida, com sua tomada de posição acerca do realismo à moda de Eça de Queirós, as desavenças surgiram por causa de insatisfações entre seus próprios pares. Naquele momento, nosso literato foi colocado diante de uma linha de artilheiros que tinham como alvo suas críticas e obras publicadas no jornal *O Cruzeiro*. Outro fator decisivo e que veio à tona em 1876 foi a divulgação do resultado do recenseamento feito em 1872. Este mostrava o elevado número de analfabetos que o império brasileiro abrigava e poderia ter seus números relacionados com a quantidade de leitores que Machado provavelmente possuía⁴⁴. Para completar o período marcado pelo mau tempo literário, o diretor do jornal que recebia suas colaborações – o “Pato Tonto” – unia-se a Martinho Campos e às suas idéias que tão pouco agradava àqueles homens de letras. Essa fase foi coroada pela conhecida doença nos olhos que acometeu Machado de Assis e, certamente, com a perda de muitas ilusões juvenis. Em alguns momentos nosso escritor deve ter se encontrado na mesma situação que Lucien, personagem de *Ilusões perdidas*, romance de Balzac⁴⁵. Este autor francês mostrou como funcionava o comércio livreiro, as reclamações de editores por causa de livros encalhados, como no mundo das letras e da arte tudo poderia ser

⁴³ Magalhães Junior afirma que Machado de Assis retirou-se do *Cruzeiro* para não compartilhar a aliança feita entre Henrique Correa Moreira, o Pato Tonto, e Martinho Campos, “escravocrata da gema”. Ver, MAGALHÃES JUNIOR, R. de. *Vida e obra de Machado de Assis*. Op. Cit. V. 2. P. 251.

⁴⁴ Ver, GUIMARÃES, H. de S. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e público de literatura do século 19*. São Paulo: Edusp, 2004.

⁴⁵ Constan, na biblioteca de Machado de Assis, as obras completas de Balzac. Ver, JOBIM, J. L. (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

resolvido com dinheiro e não com talento, e jornalistas que eram, na verdade, comerciantes de frases:

(...) Todo jornal é, como disse Blondet, uma loja onde se vendem ao público palavras com as cores que ele deseja. Se existisse um jornal dos corcundas, dia e noite provaria a beleza, a bondade, a necessidade dos corcundas. Um jornal não é mais feito para esclarecer, mas para adular as opiniões. Assim, todos os jornais serão em um dado tempo covardes, hipócritas, infames, mentirosos, assassinos; matarão as idéias, os sistemas, os homens, e por isso mesmo florescerão⁴⁶.

Ter essa mesma realidade vez ou outra batendo em sua porta fez com que Machado de Assis adotasse nos seus *Papéis avulsos* posicionamento e estilo narrativo diversos daquele que até então vinha acontecendo. A escrita regular dos contos dessa coletânea começou no período posterior aos anos de 1870 e com sua entrada para novas empresas jornalísticas, como *A Estação* e a *Gazeta de Notícias*. Todas essas disputas literárias serviram para o desenvolvimento de seus novos contos, conforme veremos nos capítulos seguintes da primeira parte desta tese.

⁴⁶ BALZAC, H. *Ilusões perdidas*. São Paulo: Estação Liberdade, 2007. P. 355.

Capítulo 2

Empresas jornalísticas

2.1 – A primeira *Estação* de Machado (1879-1882)

Depois de ter passado por essas experiências frustradas, no final dos anos de 1870, Machado de Assis começou a colaborar na revista de moda e literatura, *A Estação – Jornal Ilustrado para a Família*. Naquelas páginas, a quantidade de novas possibilidades de experimentação literária aumentou bastante. Quando ali publicou sua primeira história, Machado já conhecia bem aquele perfil de revista e de leitores ou, para ser mais exata, leitoras. Isso porque emendou a saída do *Jornal das Famílias*, motivada pelo encerramento dessa revista, com a entrada naquele novo empreendimento⁴⁷. Sua colaboração, na *Estação*, iniciou-se no número de 30 de julho de 1879, com “Um para o outro”, e terminou com a publicação de “Relógio parado” – história que, na coletânea *Relíquias de casa velha*, teve seu título modificado para “Maria Cora” – em 31 de março de 1898. Nesse período foram 38 histórias, geralmente publicadas aos pedaços e assinadas com seu próprio nome.

A Estação não foi organizada a partir da união entre amigos com intenção de cobrir lacuna da imprensa brasileira, como alguns dos periódicos do período apresentavam-se. Ao contrário, conforme indicação encontrada em suas próprias páginas, fazia parte de grande empreendimento. Até 1879, intitulava-se *La Saison* e contava com publicação da Livraria Lombaerts. Com o título em português, continuou saindo pela mesma livraria, mas, na verdade, fazia parte de empresa alemã, com filiais em vários países da Europa, além dos Estados Unidos e do Brasil. Assim explicava:

(...) o tronco da organização de que *A Estação* é um dos ramos está na verdade plantado em Berlim. Aí publica-se *Die Modenwelt*, jornal de modas que hoje, só sob esse título, tem edição maior do que todos os jornais de moda publicados em Paris reunidos. Aí é redigida, aí são

⁴⁷ A participação de Machado de Assis, no *Jornal das Famílias*, como contista, iniciou-se em junho de 1864, com “Frei Simão”, e durou até dezembro de 1878, com “Divida extinta”. Totalizaram 86 narrativas escritas ao longo desses anos, sob diversos pseudônimos.

gravados os seus desenhos, aí é impressa e traduzida em 14 idiomas para dar à luz vinte publicações diferentes cujo elemento artístico é o mesmo⁴⁸.

Essa empresa parece ter conquistado os leitores brasileiros. Afinal de contas, *A Estação* foi publicada, com esse título, entre janeiro de 1879 e dezembro de 1904. Suas páginas dividiam-se entre as novidades da moda e do meio literário. Enquanto o caderno de moldes era produzido tendo em vista a moda francesa, como se tornava comum à época⁴⁹, o “Suplemento Literário” destacava a produção nacional. Isso fica expresso quando os editores anunciam a possibilidade de seus leitores colecionarem aquelas páginas. Nesse sentido, no número de 31 de março de 1879, junto com informações sobre algumas mudanças, como a ilustração, divulgava que “reunidos no fim do ano” aquelas páginas formariam “um álbum recreativo, que a par de lindas gravuras, constituirá uma escolha de artigos, sobre o nosso mundo elegante, obras literárias dos nossos mais festejados escritores, conselhos econômicos, artigos humorísticos, etc”. Ainda sobre essas alterações, um mês depois, os leitores foram informados sobre a sua continuidade, por causa da boa recepção. Aliás, segundo os editores, todos os números, publicados desde janeiro, já estavam esgotados. O investimento dessa revista em estratégias para ampliar a quantidade de assinaturas marcou todo o seu período de existência.

A direção científica e literária do suplemento ficava sob a batuta do Dr. Carlos Costa, responsável por outra revista feminina, também da Livraria Lombaerts, chamada *A mãe de Família*. Por causa do extenso período de produção da *Estação*, suas colunas variaram bastante. Debaixo da rubrica “Literatura” apareceram, com certa regularidade, narrativas divididas em vários números, sob o formato de folhetim, e também poesias e algumas séries de crônicas sobre os teatros. Ao lado de Machado de Assis, outro colaborador bastante regular foi Arthur Azevedo. Esses dois tiveram seus nomes em contos, poesias, crônicas e também na seção de “Bibliografia”, quando alguma de suas obras vinha à luz.

Para a elaboração dos *Papéis avulsos*, a participação de Machado como colaborador da *Estação* parece ter sido fundamental, conforme logo veremos. Em seu suplemento literário, nosso literato encontrou abertura para ampliar as discussões outrora levantadas na *Epocha* e

⁴⁸ “Aos nossos leitores”. In: *A Estação*. 15 de janeiro de 1885.

⁴⁹ Segundo a pesquisa de Ana Cláudia S. da Silva, o caderno de moda dessa revista, embora partisse da mesma matriz européia, era impresso na Tipografia Lombaerts. Ver, SILVA, A. C. S. da. *Quincas Borba: folhetim e livro*. Tese de doutorado: Universidade de Oxford, 2007.

no *Cruzeiro*. Ainda tinha a vantagem de publicar num periódico com larga distribuição e manter relação estável com a firma Lombaerts. A partir desse momento – desde o final de 1879 até meados de 1881 – as mesmas discussões propostas naquelas outras folhas foram transferidas para *A Estação*. No final de 1881 e depois da publicação do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Machado começaria de fato a desenvolver o projeto que originaria sua terceira coletânea de contos, nas páginas dessa revista. Temos, portanto, que prestar atenção nesses dois momentos: no primeiro, buscando compreender como foi a adaptação das questões discutidas ao longo dos anos de 1870 para uma revista de moda e literatura; e, no segundo, com a publicação de “O alienista”, como as colunas do periódico influenciaram na escrita daquela coletânea.

Começaremos então com a entrada de Machado naquele novo empreendimento e com a configuração do periódico, sua organização e direcionamento. No ano de 1880, destacaram-se além de “Literatura”, as seções de “Variedades”, “Bibliografia”, “Teatros e concertos”, “Mundo elegante”, “Livrinho de família”, “Saraus familiares” e “Poesia”. Essas seções tinham como objetivo o entretenimento, a informação e a preparação da mulher, responsáveis pela casa e pelos filhos. As bibliografias apareciam sem assinatura e eram espécies de resenhas dos livros mais recentes. A partir da leitura dessas linhas, ficamos sabendo sobre os autores mais recomendados, cabendo às versões de peças, assinadas por Arthur Azevedo, muitas e boas referências⁵⁰. Além disso, mesmo que essa não tenha sido a principal intenção do autor daquelas linhas, somos informados sobre algumas preferências do público. De acordo com a “Bibliografia”, sobre o livro de José do Patrocínio, intitulado *Os retirantes*, para tristeza do resenhista, o público continuava preferindo o romance de estréia *Motta Coqueiro*⁵¹. Essa rubrica serviu também para que possível assinante tecesse alguns elogios aos editores Lombaerts. Com jeito de peça publicitária, o textinho, assinado por certa “Julia C. (professora) assinante da Estação”, contava sobre o *Tratado completo de trabalhos de agulha*, e ressaltava as qualidades da revista feminina⁵². A outra seção que acompanhou quase todos os números daquele ano foi a dedicada aos teatros. Essa ora apareceu sem assinatura, ora assinada por

⁵⁰ Foram resenhadas as versões de *Nhô-nhô*, comédia em três atos. Versão livre de Arthur Azevedo (15 de janeiro); *Amor por anexins*, entre-ato cômico, original de Arthur Azevedo (30 de janeiro) e *A princesa dos cajueiros*, original de Arthur Azevedo (15 de abril).

⁵¹ *A Estação*. 31 de março de 1880.

⁵² *A Estação*. 30 de abril de 1880.

Cosimo, um dos pseudônimos usados por Arthur Azevedo. A coluna era espécie de guia aos leitores, para que esses pudessem escolher com certa segurança a peça que iriam assistir. Servia também como espaço de crítica aos dramaturgos, atores e falta de infra-estrutura da Corte. O “Mundo elegante” e os “Saraus familiares” seguiram o mesmo estilo de informar sobre as principais recepções, seus anfitriões e convidados. Detalhavam as festas, contando sobre o serviço de mesa, as músicas e danças. Levava um pouco do ambiente das classes abastadas para os leitores. Tanto para aqueles que pertenciam a esse mundo, como para os que apenas sonhavam em participar ou desejavam imitar. Por fim, a revista prestava ajuda no sentido de oferecer dicas para o dia-a-dia das mães e donas de casa, com a seção “Livrinho de família”, assinada pelo Dr. Ox.

A Estação começava a apresentar características de uma imprensa fundamentada em princípios empresariais e seus colaboradores precisavam, cada vez mais, prestar atenção em quais eram as preferências dos assinantes. Isso muitas vezes representou um problema para aqueles homens de letras. De acordo com a crítica que se formava, naquele momento, o melhor livro de José do Patrocínio era *Os retirantes* e não *Motta Coqueiro*, como os leitores queriam. Por causa disso, muitos dentre aqueles literatos usaram o recurso de maquiagem várias passagens de suas obras para criar correlações entre o texto e o seu suporte. Machado de Assis além de usar dessa estratégia ainda fez de seus contos espaço de discussão sobre forma literária e os caminhos e descaminhos da literatura nacional, conforme temos acompanhando. Neste sentido, continuava seguindo a mesma linha de tentar compreender o que havia motivado o sucesso do romancista Joaquim Manuel de Macedo, especialmente, com a sua *Moreninha*; além de questionar a forma rebuscada usada pelo Romantismo e a adoção de muitos novos literatos ao Realismo, de Eça de Queirós. No segundo conto, escrito para *A Estação*, “A chave”, usou os recursos encontrados naquelas páginas e construiu crítica ao modelo do Romantismo. Publicado em 5 números, entre 15 de dezembro de 1879 e 15 de fevereiro de 1880, esse conto ajudou a formatar o caderno de literatura, explorando temas que mais tarde ganhariam seções e séries especiais. Ao colocar as letras nacionais em pauta, problematizava um dos princípios daquela parte do periódico, destinado a oferecer espaço para a literatura produzida em nossas plagas.

O início dessa narrativa tinha como cenário a praia do Flamengo. Os banhos de mar àquela época eram indicados por médicos higienistas, para manutenção da saúde do corpo.

Provavelmente cumprindo receituário médico, o Major Caldas levava sua filha, Marcelina, para tomar banho de mar. Foi isso o que havia feito no dia 7 de outubro de 1861, logo no princípio da história. Essa prática foi recomendada também pela série “Higiene”, entre os números de 31 de agosto e 15 de setembro de 1883. Ali ficavam explicadas as vantagens dos banhos frios e quentes, rápidos e demorados, bem como do banho de mar, que reunia todos os benefícios dos banhos frios. Outra questão explorada por Machado de Assis, ainda na praia, era o vestuário dos banhistas. Marcelina trajava “a roupa usual das banhistas, roupa que só dá elegância a quem já a tiver em subido grau”, enquanto Luis Bastinhos, que irá cortejar a moça ao longo da história, depois de salvá-la de afogamento, não usava nada que pudesse ser visto, já que estava dentro da água. Era possível ver apenas a “boa musculatura, pele alva, mal coberta de alguma penugem”. Havia descrição de corpo perfeito, em pleno desenvolvimento físico. A história, ao lado da série “Higiene”, ajudava os leitores a se adaptar a essa nova prática. A pena de Machado ainda deixava subentender que as marcas encontradas naqueles corpos, assim como seus novos hábitos e trajes, eram sinais tanto de saúde, quanto de distinção social.

As partes seguintes do conto foram ambientadas na casa do Major Caldas. Os saraus oferecidos naquele novo cenário também iam ao encontro de mais uma das grandes preocupações da revista. Para comemorar o aniversário do Major, Marcelina caprichou. Mandou fazer vestido novo e nada nos impede de imaginar que esse fora inspirado naqueles oferecidos pela própria *Estação* ou ao menos em alguma revista de perfil parecido. Aliás, de acordo com a narrativa, em meio a esses preparativos, a menina sonhava dançar a primeira quadrilha com húngaro, “vestido à moda nacional”, assim como a “cópia de uma gravura da *Ilustração Francesa*, que ela vira de manhã”.

Em conjunto com essas relações, preparadas para que aquele conto atendesse aos interesses da revista, Machado ainda recuperava discussões sobre forma e estilo, parecidas com as empreendidas por ele mesmo em outras folhas. Nesse sentido, já abriu sua história de modo provocativo, afirmando que:

Não sei se lhes diga simplesmente que era de madrugada, ou se comece num tom mais poético: a aurora, com seus róseos dedos... A maneira simples é o que melhor me conviria a mim, ao leitor, aos banhistas que estão agora na Praia do Flamengo – agora, isto é, no dia 7 de outubro

de 1861, que é quando tem princípio este caso que lhes vou contar. Convinha-nos isso; mas há lá um certo velho, que me não leria, se eu me limitasse a dizer que vinha nascendo a madrugada, um velho que... Digamos quem era o velho.

O velho era o major Caldas, pai da protagonista. Um leitor que, ao contrário das leitoras que tinham pressa, exigia um estilo rebuscado, diferente daquele que poderia ser encontrado em “qualquer preta”. Machado pontuava dois tipos diferentes de leitores: aqueles nascidos com o século XIX e as novas leitoras da *Estação*. O major Caldas possuía várias características em comum com o dramaturgo Lopo Alves, de “A chinela turca”:

(...) O major Caldas cultivou as letras, desde 1821 até 1840 com um ardor verdadeiramente deplorável. Era poeta; compunha versos com presteza, retumbantes, cheios de adjetivos, cada qual mais calvo do que ele tinha de ficar em 1861. A primeira poesia foi dedicada a não sei que outro poeta, e continha em germe todas as odes e glosas que ele havia de produzir. Não compreendeu nunca o major Caldas que se pudesse fazer outra coisa que não glosas e odes de toda a casta, pindáricas ou horacianas, e também idílios piscatóricos, obras perfeitamente legítimas na aurora literária do major. Nunca para ele houve poesia que pudesse competir com a de um Dinis ou Pimentel Maldonado; era a sua cabeleireira do espírito.

Ao longo desse conto, Machado irá brincar com as preferências de seus leitores e leitoras, construindo questionamentos à literatura nacional e ao modo de narrar de cada período. Nessa chave de escrita, o literato conduzia sua narrativa de modo a colocar em xeque as letras produzidas à época de seu major Caldas. Desse modo, tanto num periódico organizado e dirigido por amigos, quanto numa empresa mais articulada a questão central nos escritos do nosso literato parecia ser a mesma, ao menos no período antecedente ao início da escrita regular dos *Papéis avulsos*. Por outro lado, um periódico como *A Estação* oferecia-lhe também a abertura necessária para prosseguir seu raciocínio, por meio da organização de contos escritos para perfil bem delimitado de leitoras. Nos contos seguintes aquele em que apareceu o major Caldas, essas discussões continuavam lá. Ora apareciam um pouco mais dissolvidas, com personagens construídas à moda do Romantismo, destacadas por suas peles alvas, descoloridas e pálidas. Ora como o protagonista de “A mulher pálida”. Neste o herdeiro

Máximo compunha poesias intituladas “um *Devaneio*, um *Suspiro ao luar*, *Teus olhos*, *Ela*, *Minha vida por um olhar*, e outros pecados de igual peso, que o leitor pode comprar hoje por seiscentos réis, em brochura, na rua de S. José nº..., ou por trezentos réis, sem o frontispício”. Para recitá-las, ainda preparava ritual bem acabado, “com certas inflexões langorosas, umas quedas da voz e uns olhos cheios de morte e de vida”.

Sua tentativa de relacionar o conto ao seu suporte também persistia. “O caso da viúva” e “A mulher pálida” trazem indícios da importância da moda e das festas nas casas dos personagens. Nas recepções oferecidas na casa de Maria Luísa, personagem do primeiro conto, os diálogos entre as damas e os rapazes versavam sobre “vestidos e rendas”. A casa de Eulália, do segundo conto, era cenário de reuniões, onde Máximo recitava suas poesias. Ana Cláudia Suriani da Silva mostra, com relação ao romance *Quincas Borba*, também publicado na *Estação*, como Machado de Assis preocupava-se em alinhar sua narrativa de acordo com o caderno de modas. A intenção do escritor seria a de aproximar-se do seu público-alvo. Por isso, as leitoras dessa revista, segundo a pesquisadora, podem ser imaginadas como mulheres parecidas com Sofia, preocupadas em se vestir de acordo com a alta-costura, para mesclar-se às classes abastadas⁵³. Não resta dúvida de que essa é interpretação bastante plausível para esse romance e pode ser estendida para alguns contos. No entanto, é preciso ter em vista como as discussões literárias envolviam também as leitoras daquelas páginas e que a moda não foi trabalhada apenas como estratégia de aproximação, mas também com o objetivo de construir críticas a algumas instituições, conforme ainda veremos.

Esse finalzinho da década de 1870 e o ano de 1880 foram marcados pela adaptação de Machado de Assis aquela nova revista. Houve tentativa de transferir alguns dos principais debates literários, lançados por outras folhas, também para aquelas páginas. Para isso, certo malabarismo com sua própria escrita e eleição de temas tornava-se necessário. Esse momento antecedeu e consolidou a preparação do projeto de escrita seriada de contos para uma terceira coletânea – os *Papéis avulsos*. As idéias e debates entre aqueles literatos serviu como uma das portas de entrada para planejamento e execução daquele livro. Assim, aproveitando-se do

⁵³ SILVA, A. C. S. da. *Quincas Borba: folhetim e livro*. Op. Cit. P. 80. A pesquisadora ainda observa que, pelo fato de o romance ter sido publicado em meio a moldes de vestidos, isso o liberava de fazer descrições detalhadas do vestuário das personagens, o que seria bastante repetitivo. Pp. 81-88. Sobre as leitoras da *Estação*, John Gledson faz a mesma relação que Ana Cláudia S. da Silva. Segundo o crítico literário, “A maioria das mulheres dos contos são como as leitoras do *Jornal das Famílias* e da *Estação*: ricas ou pelo menos de classe média, casadas ou no mercado matrimonial”. GLEDSON, J. *Por um novo Machado de Assis*. Op. Cit. P. 45.

calor de tais discussões, teve início a publicação regular dos contos de sua nova coletânea. Em alguns momentos, parecia que Machado pretendia mudar de rumo, deixando de lado as exigências de poetas como o major Caldas, e passava a aproveitar melhor a chance de participar de alguns empreendimentos daquela jovem imprensa. No entanto, para o livro, aquilo tudo deveria ser tão fundamental que não ficou de fora.

No final de 1881, Machado começou então a publicar na *Estação* um de seus contos mais conhecidos – “O alienista”. Com a escrita dessa história, ainda usou o suporte como fonte de inspiração para criar D. Evarista e também para gerar dúvidas com relação a algumas instituições que ganhavam força naquele momento. Vejamos então como Machado tentou mudar de assunto, sem mudar de assunto. D. Evarista, foi apresentada aos leitores desde o primeiro capítulo. Era viúva de um juiz de fora, tinha vinte e cinco anos, “não era bonita nem simpática” e fora escolhida pelo Dr. Bacamarte para esposa. Interessante foi o motivo que levou o médico a decidir-se por aquela mulher:

D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso e excelente vista: estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte⁵⁴.

A melhor esposa, de acordo com esses ideais, precisava gerar filhos saudáveis. Isso ficava exposto nas páginas da *Estação*, por meio de conselhos às leitoras, sobre como preparar seus corpos para a reprodução e como cuidar melhor de seus filhos, em todas as fases da infância. Aparentemente, Machado de Assis estava apenas buscando elementos do periódico para compor seus enredos, como fazia algumas vezes. No entanto, logo no começo do conto, somos informados de que, mesmo com tantas qualidades fisiológicas, D. Evarista não conseguiu ser mãe. Esse é um elemento complicador interessante, o qual discutirei em seguida. No quesito moda, quando a personagem recebeu a notícia da revolta dos Canjicas, experimentava um dos trinta e sete vestidos de seda, trazidos do Rio de Janeiro. O diálogo

⁵⁴ Machado de Assis. “O alienista”. In: *A Estação*. 15 de outubro de 1881.

entre a mulher e a mucama que marcava a barra era digno das melhores dicas do caderno de modas. As riscas do tecido deveriam ficar muito bem encontradas. Somando a isso, as explicações do Dr. Bacamarte para recolher sua própria esposa na Casa Verde versavam sobre as novas preocupações da mulher, ao retornar da Corte. Enquanto antes D. Evarista primava pela modéstia, depois da viagem oferecia atenção em demasia para as “sedas, veludos, rendas e pedras preciosas”. Segundo contava ao padre, deveria ser internada, porque:

Suas conversas eram todas sobre esses objetos; se eu lhe falava das antigas cortes, inquiria logo da forma dos vestidos, das damas; se uma senhora a visita, na minha ausência, antes de me dizer o objeto da visita, descrevia-me o traje, aprovando umas cousas e censurando outras. Um dia, creio que Vossa Reverendíssima há de lembrar-se, propôs-se a fazer anualmente um vestido para a imagem de Nossa Senhora da matriz.

A demência completa fora constatada, quando o médico viu com quantas dúvidas a mulher havia ficado para escolher entre dois colares. Os elementos usados para construir essa personagem nos levam a acreditar que as intenções do escritor não se restringiam a apenas continuar seguindo indicações das seções de higiene e das conferências médicas, bem como do caderno de modas. Um dos caminhos para compreender sua formatação, com relação às expectativas e ao perfil das leitoras da *Estação*, pode ser imaginar que o conto foi escrito com o intuito de colocar em xeque alguns pressupostos científicos dirigidos às mulheres. Ou seja, a maternidade não estava apenas relacionada a condições fisiológicas ou à saúde do corpo, conforme alardeava a ciência médica. Junto a isso, seguir a risca as instáveis regras da moda, com vestuários e modos de comportamento distintos para cada ocasião, poderia não ser tão simples como queria o próprio periódico. Portanto, a elaboração de D. Evarista, desde a apresentação de sua formação física até o desenrolar de seu casamento, estava repleta de alfinetadas dirigidas às instituições que queriam moldar a conduta feminina. *A Estação* como divulgadora dessas ideologias não escapou. A partir disso, podemos ampliar a perspectiva de que as personagens femininas criadas por Machado de Assis tinham a função de aproximação com as leitoras. Algumas dentre elas poderiam se ver naquela personagem, mas ao executar tal exercício seriam questionadas. Outras mais incomodadas com médicos, jornalistas e tantos

profissionais dizendo como deveriam ou não agir, talvez encontrassem argumentação para contestar tudo o que consideravam como invasor ou repressor.

Depois da entrada de Machado de Assis para a lista de colaboradores da *Estação* e, em seguida, também para a de folhetinista da *Gazeta de Notícias*, aqueles poetas preocupados com suspiros e devaneios ganharam certa trégua. Esse novo posicionamento foi potencializado, por causa da percepção de que boa parte da retórica utilizada naquelas novas colunas servia também aos discursos e propostas daqueles que pretendiam solucionar os problemas sociais do período. Revistas como *A Estação* continham seções destinadas às suas leitoras, assinadas por médicos que objetivavam impor regras comportamentais e de etiqueta, além de ensiná-las o ofício da maternidade. Isso era feito por meio de linguagem considerada científica à época. Recursos idênticos àqueles encontrados em colunas assinadas por esses “homens de ciência”, em outros jornais de grande circulação, tornavam-se cada vez mais freqüentes. A “geração de 1870” também utilizava certo palavreado, buscado nas ciências biológicas, para construir suas obras e interpretações para o país. Nesses casos muitas vezes a construção narrativa parecia se sobrepor à realidade vivida. Por causa disso, Machado passará a usar de vários recursos encontrados nas colunas dos periódicos para os quais colaborava – *A Estação* e a *Gazeta de Notícias* – e imaginar situações em que o modo de enunciar parecia mais importante do que o enunciado. Seu trabalho em periódicos abertos a posicionamentos diversos pode ser considerado como elemento fundamental para elaboração e expansão dessas idéias.

2.2 – O folhetim de domingo da *Gazeta de Notícias*

A *Gazeta de Notícias* começou a circular no Rio de Janeiro no dia 2 de agosto de 1875⁵⁵. No ano seguinte, foi feito o primeiro convite para Machado de Assis integrar seu

⁵⁵ É consenso entre a bibliografia afirmações sobre as inovações apresentadas por essa folha, bem como seu caráter literário. Sobre a *Gazeta de Notícias*, ver PEREIRA, L. A. de M. *O carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2004; BARBOSA, M. *Os donos do Rio: imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000; RAMOS, A. F. C. *Política e Humor nos últimos anos da monarquia: a série “Balas de Estalo” (1883-1884)*. Dissertação de Mestrado em História: Unicamp, 2005. Esta última autora afirma haver necessidade de verificar quais foram realmente as

grupo de folhetinistas⁵⁶. Por causa dos compromissos já assumidos no *Jornal das Famílias* e na *Ilustração Brasileira*, sua resposta fora negativa. Sua estréia aconteceu apenas no dia 18 de dezembro de 1881, com o conto “Teoria do medalhão”. Depois disso, passou a dividir o espaço de folhetim, ao longo do ano de 1882, com outros colaboradores. Com exceção de apenas uma história, foi no jornal do domingo que apareceram aquelas que mais tarde comporiam os *Papéis avulsos*, sinal de prestígio tanto dentro da folha, quanto com seus leitores⁵⁷. Além de seu nome, aqueles folhetins ainda foram assinados por Valentim Magalhães, Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Raul Pompéia, entre outros. Até outubro de 1882, os números em que apareceram os folhetins desses autores foram acompanhados por romances-folhetins, como *O selo da morte*, de Leite Bastos, *A mulher do finado*, de Aléxis Bouvier, *A cruz de sangue*, de Mathey e *O crime de Regina*, de Odysse Barat.

Escrever naquele concorrido espaço não representava nenhuma novidade para Machado que já havia sido folhetinista de vários outros jornais, como *O Globo* e *O Cruzeiro*. Os folhetinistas do século XIX trabalhavam considerando a expectativa de aumentar o número de leitores. A parte de baixo das folhas cumpria a função de levar amenidades e histórias carregadas de suspense, com recursos diversos daqueles apresentados em outras colunas⁵⁸. O grupo de redatores do qual fazia parte o nosso literato, na *Gazeta de Notícias*, atentava para algumas das características rotineiramente apontadas como folhetinescas. No entanto, talvez, a idéia central daqueles escritores fosse traduzir em linguagem mais acessível as principais notícias dos jornais, sejam aquelas referentes aos últimos acontecimentos políticos, como aquelas relacionadas ao mundo das artes e das letras. Por isso, a presença de Machado ali é indício de sua participação em torno das principais discussões então levantadas por aquela folha. Junto a isso ainda precisamos levar em consideração que a associação do seu nome a esse novo empreendimento deve ter servido como fermento para seus projetos. A *Gazeta de*

transformações no jornalismo, depois do início da *Gazeta*, e “em que medida a bibliografia não foi totalmente influenciada pelos discursos daqueles que participavam ativamente da confecção daquele jornal”. P. 6.

⁵⁶ MAGALHÃES JUNIOR, R. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. V. 2. P. 198. Elogios à obra de Machado já apareciam naquele jornal desde a publicação de *Americanas*, em “Crônica bibliográfica”, de Ferreira de Araújo, quando contava apenas com cinco meses de existência. P. 172.

⁵⁷ Segundo uma crônica de Valentim Magalhães, durante a semana, a *Gazeta de Notícias* tinha tiragem de 21 mil exemplares, enquanto aos domingos eram 26 mil exemplares. “Notas à margem”. V. *Gazeta de Notícias*. 19 de abril de 1884.

⁵⁸ Sobre o folhetim no Brasil, ver: MEYER, M. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 e CANO, J. “Justiniano, José da Rocha, cronista do desengano”. In: CHALHOUB, S; NEVES, M. De S. & PEREIRA, L. A. de M. (orgs.) *História em cousas miúdas*. Campinas, SP: Ed. Da Unicamp, 2005.

Notícias representava possibilidade de ter número de leitores ainda mais alto e de perfil bastante diversificado. Se até aquele momento, ao relacionar suas histórias com o corpo do periódico, suas colunas e interesses dos leitores, deveria voltar-se ao público feminino, abordando temas como a moda, agora não precisava mais adotar esse procedimento. Diferente de um periódico de moda e literatura, a *Gazeta* tinha a função de relatar os últimos acontecimentos, com colunas sobre política interna e externa, abrir espaços para divulgar assuntos de interesses múltiplos e manter colunas pagas, como os anúncios e “a pedidos”, por exemplo. Os contos de Machado de Assis propunham discussões encontradas nessas colunas e fazia leitura particular do corpo do jornal.

No primeiro ano de participação de Machado de Assis na *Gazeta de Notícias*, além de “Teoria do medalhão”, saiu a segunda versão de “Uma visita de Alcibiades”, já publicada no *Jornal das Famílias*. Na revista feminina a história continha elementos necessários para chamar atenção das leitoras. O personagem narrador dirigia-se às “moças”, que, numa noite de natal, pediam uma anedota. Antes de começar, dava certo tom de veracidade, afirmando não contar uma “anedota mentirosa, dessas que os redatores de folhinhas aumentam ou remendam para regalo dos fregueses”. Contaria um fato acontecido com ele. Isso tinha a função de fazer com que as leitoras se vissem nas meninas para quem contava a história. Usava estratégia de aproximação que permitia explicações didáticas. Ao referir-se a Plutarco, esclarecia:

Sábado passado, logo depois do jantar, estirei-me no divã e abri uma página de Plutarco. Estas meninas talvez não saibam que Plutarco é um autor grego. Pois fiquem sabendo. É autor profano e pagão. Sem embargo disso, tem muitos merecimentos⁵⁹.

Na *Gazeta de Notícias*, tendo em vista que seu público leitor não se restringia às moças leitoras do *Jornal das Famílias*, a história foi contada por meio de carta do desembargador X ao chefe de polícia da Corte. Sobre Plutarco, as explicações eram muito mais vagas e menos didáticas:

Hoje, à tardinha, acabado o jantar, enquanto esperava a hora do Cassino, estirei-me no sofá e abri um tomo de Plutarco. V. Ex., que foi meu companheiro de estudos, há de lembrar-se que

⁵⁹ Victor de Paula. In: *Jornal das Famílias*. Outubro de 1876.

eu, desde rapaz, padeci esta devoção do grego; devoção ou mania, que era o nome que V. Ex. lhe dava, e tão intensa que me ia fazendo reprovar em outras disciplinas⁶⁰.

As preocupações de Machado não eram mais as mesmas e passavam a ter novas portas de entrada. As informações eram idênticas, mas ao reescrever o conto além de ter consciência de que poderia melhorar o estilo, não deixou de considerar o perfil e interesses dos leitores. “Uma visita de Alcibíades” e os outros contos publicados naquele ano deveriam visar, em especial, os leitores do folhetim da *Gazeta de Notícias*. Aquele público estava acostumado, por exemplo, com as séries de “Cartas portuguesas”, de Ramalho Ortigão, e também com as crônicas dominicais. Ao mesmo tempo em que os colaboradores daquele espaço mantinham certa independência com relação a cada série publicada, discutiam assuntos em comum. De “Teoria do medalhão” a “Verba testamentária”, Machado de Assis tratou de várias formas daquilo que a imprensa, de modo geral, definia por “ciência”⁶¹. Este foi tema constante no período em questão, inclusive no espaço de folhetim daquele jornal.

Duas semanas depois da publicação de “Uma visita de Alcibíades”, estreou, no folhetim dominical, em alternância com os contos de Machado, a série sem assinatura e intitulada “Crônica (Palestra Científica)”. De modo geral, as crônicas publicadas nos jornais aos domingos tinham a função de relatar os acontecimentos da semana passada⁶². A nova série propunha-se a isso ajudada pela ciência. A necessidade de sua criação justificava-se por causa da ignorância dos “cidadãos do beco dos Aflitos, políticos da Cidade Nova, velha beata e crianças pândegas” que não conseguiam explicar de modo correto a queda de um aerólito⁶³. Depois daquela série, essas pessoas não seriam mais enganadas e também não enganariam a mais ninguém por meio de explicações fantasiosas. A ciência estava ali para socorrê-los. Essas

⁶⁰ Machado de Assis. In: *Gazeta de Notícias*. 1º de janeiro de 1882.

⁶¹ Os contos publicados nesse período foram: “Teoria do Medalhão” (18/12/1881), “Uma visita de Alcibíades” (01/01/1882), “Um capítulo inédito de Fernão Mendes Pinto” (30/04/1882), “O anel de Policrates” (02/07/1882), “O empréstimo – anedota filosófica” (30/07/1882), “A sereníssima República – conferência do cônego Vargas” (20/08/1882), “O espelho – esboço de uma nova teoria da alma humana” (08/09/1882), “Verba testamentária – caso patológico dedicado à escola de medicina” (08/10/1882).

⁶² Em “Introdução” à série *A semana*, de Machado de Assis, John Gledson afirma “sempre” ter existido na *Gazeta de Notícias* “uma (assim chamada) ‘Crônica da Semana’, escrita, ao que parece, por Dermeval da Fonseca, com o pseudônimo significativo de ‘Cantumirim’”. GLEDSON, John. “Introdução”. In: *A Semana*. São Paulo: Hucitec, 1990. P. 13. No ano de 1882, foram as séries “Crônica” e “Crônica (Palestra Científica)” que cumpriram a função de crônicas semanais. Ambas apareceram sem assinatura alguma.

⁶³ “Crônica (Palestra Científica)”. In: *Gazeta de Notícias*. 15 de janeiro de 1882.

crônicas apareceram, com algumas interrupções até outubro daquele ano. Foi substituída ora pelos contos de Machado de Assis ora pela “Crônica”. Sua estrutura narrativa em geral aparecia da seguinte forma: apresentação de um fenômeno científico, seguida por sua explicação, através de exemplos retirados da política diária. Um dos principais alvos foi Martinho Campos⁶⁴. Na crônica de 5 de fevereiro de 1882, entre outras questões, tratava das recepções que tiveram na Câmara, o Ministro da Justiça e, no Senado, o Ministro da Fazenda. A relação entre fato e a ciência é colocada em dúvida por suposto leitor:

- Mas o que tem isso com a ciência? Pergunta o leitor.

- Muito. E se lhes repugna prestar crédito à *Palestra*, aí vai a explicação, sempre pronta e engatilhada para todos os fatos científico-políticos da semana.

O Sr. Mafra, na câmara dos deputados, e o Sr. Martinho Campos, na dos senadores foram recebidos... como *fósforos!*

Fósforos, sim!

Como fósforos que não estalam; que não provocam barulho; desse que os rapazes usam para entrar em casa a horas mortas, sem que o papá dê por isso.

Na linguagem eleitoral, segundo Francisco Belizário de Souza, os fósforos representavam papel muito importante, porque eram pessoas que votavam mais de uma vez. Responsabilizavam-se por fazer barulho e incitar confusões⁶⁵. Os fósforos lembrados pela crônica pertenciam à outra espécie. Por isso o cronista teve que explicar muito bem as diferenças. Por meio de conhecimentos científicos, expôs a reação que cada elemento químico poderia ter em contato com o oxigênio. Sua conclusão foi de que ambos – Mafra e Martinho Campos – eram feitos de nitrato de potássio, para não “explodir” e para se portar “com discrição”. Outras explicações científicas como, o princípio da alavanca, os movimentos de rotação e translação realizados pela terra, foram explorados pelo cronista, com o intuito de passar pelos acontecimentos políticos relacionados a essa figura, naqueles primeiros meses de 1882. Interessa-nos perceber, com essa série, a importância que explicações como essa

⁶⁴ Martinho Álvares da Silva Campos era político mineiro, nascido em Pitangui. Foi nomeado presidente da província do Rio de Janeiro, em 1881. No ano seguinte, assumiu a presidência do Conselho e a pasta da Fazenda. Esse político também protagonizou um dos escritos de Valentim Magalhães, naquele mesmo espaço. Ver MAGALHÃES, Valentim. “A Canoa do tio Martinho”. In: *Gazeta de Notícias*. 02 de fevereiro de 1882.

⁶⁵ SOUZA, F. B. S. de. *O Sistema Eleitoral no Império*. Brasília: Senado Federal, 1979. P. 29.

ganhava naquele momento. O “palestrante” ao narrar os fatos da semana, usava aquela dita linguagem científica e ainda satirizava aqueles que pretendiam explicar tudo por meio da ciência. Essa estratégia coincidia em vários pontos com aquela usada por Machado de Assis, naquele mesmo espaço. Aliás, embora seus contos compusessem série diferente, possuíam relação direta com as “Palestras científicas”. Apareciam para substituí-las, sem aviso aos leitores que esperavam pelo balanço da semana. O contista, que era também leitor do jornal e dos folhetins dominicais, aproveitava-se dessa expectativa de seu público.

Uma das principais discussões propostas por Machado de Assis em seus contos pareciam alinhadas não só com o espaço no qual apareciam, mas também com todo o jornal. Isso não significa dizer que havia concordância. A intenção era oferecer mais elementos para um debate que a cada dia ganhava mais polemistas. Em “Verba testamentária – caso patológico dedicado à escola de medicina”, os objetivos do literato ficam ainda mais perceptíveis, quando o relacionamos com os outros escritos da folha. Seu alvo já vinha indicado desde o subtítulo. Aos professores e estudantes da escola de medicina era apresentada a doença de Nicolau. Quando criança, a moléstia havia se manifestado, por meio da destruição dos brinquedos e das roupas dos outros meninos. Depois de crescido, o personagem passou a perseguir os escravos e cães com pontapés. Com a morte dos pais, sobrou-lhe apenas a irmã, casada com médico holandês. Segundo a opinião do cunhado,

(...) a moléstia do Nicolau estava descoberta; era um verme do baço, que se nutria da dor do paciente, isto é, de uma secreção especial, produzida pela vista de alguns fatos, situações ou pessoas. A questão era matar o verme; mas, não conhecendo nenhuma substância química própria a destruí-lo, restava o recurso de obstar à secreção, cuja ausência daria igual resultado⁶⁶.

Não nos parece absurdo afirmar que os leitores da *Gazeta de Notícias* acompanharam essa história como mais uma discussão em torno das práticas médicas. No entanto, ao jogar ainda mais lenha nessa fogueira, Machado de Assis chegava a assumir alguma posição? Ao contrário daquilo que fez em outros jornais, sua participação como contista da *Gazeta* foi

⁶⁶ Machado de Assis. “Verba testamentária – caso patológico dedicado à escola de medicina”. In: *Gazeta de Notícias*. 8 de outubro de 1882.

sempre assinada com seu próprio nome. “Verba testamentária” é muito bem marcada por datas, eventos e personagens históricos. Isso resulta em mais de uma historicidade ao conto. O literato propõe, portanto, questão candente naquele momento, e para isso retoma período que compreendia os últimos anos do século XVIII e o ano da morte de Nicolau, ocorrida em 1855. A História é usada com objetivo de descrever as reações do personagem e conseqüente desenvolvimento da moléstia. As tentativas de cura são vistas pelo narrador como tolas, inúteis. O primeiro a tentar alguma coisa fora o próprio pai, por meio de castigos e “admoestações”. Os resultados, no entanto, não foram muito duradouros. Depois veio o professor e seu recurso da palmatória. Isso nem livrou os garotos mais inteligentes de serem perseguidos, nem curou Nicolau. A irmã sugeriu alguma ocupação e o casamento. O que também não deu resultado positivo. O médico e cunhado chegou ao suposto diagnóstico, mas, por falta de remédio, propôs solução absurda e também inútil. A idéia de que a medicina poderia resolver tudo era colocada em suspensão, oferecendo a Machado característica de questionador daquela ciência.

Se ao longo dos anos de 1870 Machado de Assis enfrentou situações adversas e que contribuíram para uma reavaliação de sua carreira como redator de jornais e literato, com a entrada da década seguinte, novos ventos pareciam soprar. O papel proeminente reservado às suas idéias na *Estação* e na *Gazeta de Notícias* deve ter contribuído para sua insistência em continuar usando a imprensa como principal meio de divulgação de suas histórias. Além disso, o grosso de seu público leitor não era formado por aqueles que tinham acesso aos seus livros. Mas pelos “leitores de empréstimo” e assinantes das folhas de moda e dos diários. Por outro lado, como homem de letras reconhecido, precisava também publicar livros para que suas histórias não se perdessem com o tempo.

Capítulo 3

Contos avulsos

3.1 – Da *Revista Brasileira* aos *Papéis avulsos*

Antes de analisarmos a confecção do livro *Papéis avulsos*, precisamos voltar um pouco no tempo. Isso por causa da importância da *Revista Brasileira* e das discussões propostas em suas páginas, inclusive por Machado de Assis. Depois da publicação de “Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de nacionalidade”, nosso literato voltaria àquele tema justamente em artigo publicado nessa revista⁶⁷. No entanto, nesse segundo momento, parece ter havido deslocamento de algumas das principais discussões outrora levantadas. A preocupação de Machado com avaliações da geração de poetas, como aqueles satirizados em vários de seus contos, parecia bem menor. Sua atenção, conforme começamos a ver com sua entrada para *A Estação*, agora girava em torno daqueles que trabalhavam seus escritos a partir de leituras da literatura científica então na moda. As idéias calorosamente debatidas entre os componentes desse periódico exerceram influência significativa para elaboração dos contos de *Papéis avulsos*. Aliás, essa coletânea de contos e as *Memórias póstumas de Brás Cubas* – obra que teve sua primeira versão publicada nas páginas da *Revista Brasileira* – estavam no centro daquele turbilhão.

As *Memórias póstumas de Brás Cubas* foram publicadas entre os números de 15 de março e 15 de dezembro de 1880. Meses que antecederam a escrita regular dos contos de *Papéis avulsos*. Naquele período, Machado de Assis não escrevera contos, apenas poesias para a *Revista Brasileira* e algumas participações esparsas em outros jornais e revistas⁶⁸. Saber um pouco sobre esse periódico ajuda-nos a entender melhor o momento literário pelo qual passava o país, com suas principais discussões e preocupações, além dos interlocutores de Machado. Essa era publicação de N. Midosi e seu escritório localizava-se na Rua Gonçalves Dias, 47, conforme vinha anunciado na capa. Assim como era costume, em sua primeira página, do

⁶⁷ ASSIS, M. de. “A nova geração”. In: *Revista Brasileira*. 1º de dezembro de 1879. A crítica pode ser lida também na *Obra Completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Op. Cit. v. 3. Pp. 809-836.

⁶⁸ SOUZA, J. G. de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1955.

número de lançamento da revista, as propostas de editor e colaboradores foram apresentadas aos leitores. Afirmava que o Brasil ainda não estava preparado para consumir livros:

Faltam-lhe as condições de gosto, instrução, meios, saudável direção de espírito, sem as quais não se pode cumprir a livre obrigação que equipara o artesão ao capitalista, o operário ao literato, o pobre ao milionário – a de comprar, ler e entender verdades ou idéias coligidas em volume, cuja leitura demanda largo fôlego e cujo estudo requer tempo de que o povo em geral não dispõe⁶⁹.

Por causa disso, colocava-se como “transição racional do *jornal* para o *livro* ou antes laço que prende estes dois gêneros de publicação”. Pretendia servir de instrumento para elevar o “povo” a um lugar na civilização. Suas intenções não se voltavam, portanto, para recreação, como a maioria dos periódicos que contaram com o nome de Machado de Assis. Dentre seus colaboradores, além de Machado, apareceram, com alguma regularidade, Franklin Távora, Carlos de Laet, A. H. de Souza Bandeira Filho, Sylvio Romero e muitos outros. Os artigos versavam sobre a vida literária e as principais inovações científicas. O recurso do texto dividido em mais de um número foi corrente. Carlos de Laet ficou responsável, nos primeiros números, pela “Crônica literária”. No entanto, já começava reclamando da dificuldade de se escrever sobre livros num país tão escasso deles⁷⁰. Outro que também estava bastante insatisfeito era A. H. de Souza Bandeira Filho. Seu artigo, “Uma renovação literária entre nós” tinha como objetivo resenhar *A filosofia no Brasil*, de Sylvio Romero. O artigo foi dividido em dois números e começou apontando os problemas pelos quais passava o Brasil. No entanto, de modo diferente daqueles que pretendiam “interpretar” o país, recordava a necessidade de buscar soluções e não apenas mostrar os seus problemas, como acontecia com freqüência. Essa alfinetada dirigia-se a Sylvio Romero, sobre quem passaria a escrever. Depois de oferecer alguns dados biográficos e de expor a estrutura da obra, o resenhista anotou uma série de críticas. A principal delas era a de que Romero não via outro sábio no Brasil além de Tobias Barreto. Depois disso, ainda mostrou como as leituras que Romero fazia de alguns autores, como Cousin, por exemplo, podiam ser problemáticas. Afirmava que,

⁶⁹ *Revista Brasileira*. Junho de 1879.

⁷⁰ Carlos de Laet. “Crônica literária”. *Revista Brasileira*. T. 1. Pp. 135-141.

Não basta ler Haeckel para ter o direito de ser arrogante, essa qualidade assenta mal em um homem de letras; e julgamos que o Sr. Romero faria um serviço relevante à sua pátria se corrigisse a impetuosidade da sua linguagem⁷¹.

Foi nesse mesmo período que Machado de Assis, também na *Revista Brasileira*, publicou o artigo “A nova geração”, para discutir as propostas e inovações no campo literário⁷². O percurso foi levantar os principais nomes e avaliar suas obras. Começou por Carvalho Júnior e passou, entre outros, por Valentim Magalhães, Lúcio de Mendonça, Arthur Azevedo e, como não poderia deixar de constar, Sylvio Romero. Entre críticas severas – como a falta de estilo desse autor –, e elogios, encerrou com o seguinte conselho geral:

A nova geração freqüenta os escritores da ciência; não há aí poeta digno desse nome, que não converse um pouco, ao menos, com os naturalistas e filósofos modernos. Devem, todavia, acautelar-se de um mal: o pedantismo. Geralmente, a mocidade, sobretudo a mocidade de um tempo de renovação científica e literária, não tem outra preocupação mais do que mostrar às outras gentes que há uma porção de cousas que estas ignoram; e daí vem que os nomes inda frescos na memória, a terminologia apanhada pela rama, são logo transferidos ao papel, e quanto mais crespos forem os nomes e as palavras, tanto melhor. Digo aos moços que a verdadeira ciência não é a que se incrusta para ornato, mas a que se assimila para nutrição; e que o modo eficaz de mostrar que se possui um processo científico, não é proclamá-lo a todos os instantes, mas aplicá-lo oportunamente. Nisto o melhor exemplo são os luminares da ciência: releiam os moços o seu Spencer e o seu Darwin. Fugam também a outro perigo, o espírito de seita, mais próprio das gerações feitas e das instituições petrificadas⁷³.

Machado parecia querer deixar claro que suas críticas, quando se referia ao cientificismo, não englobavam todo e qualquer posicionamento. O problema estava no modo pelo qual aquela chamada “nova geração” incorporava os textos de produção e divulgação científica do período. Nosso autor, conforme ainda veremos com os contos de *Papéis avulsos*,

⁷¹ A. H. de Souza Bandeira Filho. “Uma renovação literária entre nós”. *Revista Brasileira*. T. 1. P. 179.

⁷² Machado de Assis. “A nova geração”. Op. Cit. Pp. 373-413.

⁷³ Idem. Pp. 412-3.

parecia mais empenhado em mostrar a arbitrariedade de certos tipos de discursos científicos do que de duvidar de qualquer ciência. Em alguns pontos, A. H. de Souza Bandeira Filho e Machado de Assis estavam de acordo. Esse artigo é apontado como estopim para as posteriores críticas formuladas por Romero contra a obra de Machado⁷⁴. Interessa-nos observar que os dois dividiram os mesmos espaços de publicação para expor suas idéias. Sylvio Romero, desde o primeiro número da *Revista Brasileira*, começara suas observações, em série intitulada “A poesia popular no Brasil”. Posicionava-se como crítico da obra de José de Alencar e não perdeu a oportunidade para formular algumas respostas ao próprio Machado:

A preocupação da *forma* traz obcecados a estes e outros autores, que aliás escrevem muito mal. O seu *estilo* é frouxo e manco, *lantejoulado* apenas com uma ou outra palavrinha para *efeito!*⁷⁵

Logo depois que essa contenda foi iniciada, Machado de Assis não voltou mais ao espaço da crítica literária. Suas respostas apareceram por meio dos personagens e diálogos criados para os seus romances, contos e crônicas. Nesse sentido, não deixou de recorrer à própria “forma” ou estilo narrativo, conforme temos acompanhando. Aquilo que, para seu crítico, era ornamento frouxo, na verdade, carregava o tom de crítica e dúvida diante da escrita literária orientada pelos princípios do cientificismo em voga. Especialmente porque o modo de narrar adotado por esses literatos, envolvidos com o conhecimento científico, tinha o poder de desconsiderar diferenças sociais, anular seus interlocutores e fortalecer a formação de grupos predispostos a controlar outras formas de pensamento. Essas questões foram desenvolvidas por Machado na maior parte dos contos de *Papéis avulsos*. Mas antes disso, a *Revista Brasileira* continuava servindo de palco para divulgação de opiniões as mais controversas possíveis. Mesmo porque, ao lado e em conjunto com as discussões sobre a formação da literatura no Brasil, o tema mais comum relacionava-se às questões sobre o conhecimento científico, bem como alguns autores, como Spencer, Comte e Darwin. Por isso também a escrita das *Memórias póstumas* além de ter sido coeva a essas discussões, foi fortemente

⁷⁴ Ver, VENTURA, R. *Estilo tropical: história cultural e polemicas literárias no Brasil, 1870-1914*. Op. Cit. P. 94 & SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. P. 40.

⁷⁵ Sylvio Romero. “A poesia popular no Brasil”. *Revista Brasileira*. 1º de março de 1880. P. 339.

influenciada pelo debate ocorrido entre os colaboradores desse periódico. A presença das teorias científicas e filosóficas nessas páginas foi identificada por Roberto Schwarz e Sidney Chalhoub. A análise de Schwarz concentra-se em demonstrar, primeiro, como a “filosofia da ponta do nariz” e seu possível significado de fazer cegar o praticante representam a forma de pensar das elites escravistas do Brasil do século XIX. O Humanitismo, “a mais célebre das filosofias machadianas”, satiriza a profusão de “ismos” surgidos àquela época. Relaciona-os diretamente às novas idéias científicas, com certo intuito de ridicularização⁷⁶. Chalhoub mostra-nos como nesse romance o objetivo de Machado, com o Humanitismo, era satírico, sem intenção de distinguir qualquer teoria. Além disso, ainda identifica discussões em torno da ciência racial, por meio da caracterização de narizes⁷⁷. Essas duas análises ajudam-nos a perceber como se deu a entrada dos debates, envolvendo discussões científicas, na obra de Machado de Assis, a partir das *Memórias póstumas*. Aquele momento e a publicação da *Revista Brasileira*, com a reunião de colaboradores discordantes entre si, propiciaram abordagem de temas outrora deixados num segundo plano. Esse romance pode ser entendido como continuação das discussões começadas no artigo “A nova geração”. Quando o romance apareceu nas páginas do periódico, Machado de Assis, inclusive, inseriu epígrafe retirada da obra de Shakespeare, que afirmava o seguinte: “Não é meu intento criticar nenhum fôlego vivo, mas a mim somente, em quem descubro muitos senões”⁷⁸.

Assim que Machado terminou de publicar as *Memórias póstumas*, na *Revista Brasileira*, retomou a escrita de contos para *A Estação* e, por conseguinte, o projeto da coletânea *Papéis avulsos*. Diferença fundamental, nesse segundo momento, foi ter escolhido periódicos de grande circulação para publicar as novas narrativas. Agindo assim, colocava ao alcance de um número maior de leitores temas tratados em revista mais restrita. Aproveitava-se das discussões encontradas também nesses outros periódicos e dava continuidade ao debate. Portanto, essa coletânea pode ser lida como tentativa de ampliar a crítica ao modo pelos quais alguns “sábios”, que se autodenominavam portadores do conhecimento científico, entendiam e divulgavam aquelas idéias. Isso principalmente ao tomarmos a primeira publicação daquelas

⁷⁶ Ver o capítulo “O papel das idéias”. In: SCHWARZ, R. *Um mestre na periferia do capitalismo – Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

⁷⁷ Ver o capítulo “Ciência e ideologia nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*”. In: CHALHOUB, S. Machado de Assis, historiador. Op. Cit.

⁷⁸ ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. In: *Revista Brasileira*. 15 de março de 1880.

histórias na imprensa. Por outro lado, quando pensadas como parte de um mesmo projeto que mais tarde originaria o livro, outras intenções do escritor ainda podem ser percebidas.

3.2 – Os *Papéis avulsos* e seu projeto de escrita

Em outubro de 1882, Machado de Assis escreveu a “Advertência” de seus *Papéis avulsos*. Essa foi, provavelmente, uma das últimas laudas preparadas para aquele livro. É interessante observar que naquele mesmo mês, ainda foi publicado, na *Gazeta de Notícias*, “Verba testamentária – caso patológico dedicado à escola de medicina”. Como o primeiro comentário ao livro, assinado por Araripe Junior, apareceu em 28 de outubro de 1882⁷⁹ e, no dia seguinte, Carlos de Laet, no folhetim do *Jornal do Commercio*, também expressou suas opiniões, nota-se que a circulação do livro foi quase simultânea à publicação do último conto no jornal. O exercício de leitura e reescrita, realizado para a edição da coletânea, não parece ter sido algo moroso. O conto publicado em data mais distante fora aquele escrito para a revista *A Epocha*. No entanto, em carta para seu editor e amigo, Joaquim Nabuco, Machado explicava que aquele livro não era “uma reunião de escritos esparsos, porque tudo o que ali está (exceto justamente a *Chinela turca*) foi escrito com o fim especial de fazer parte de um livro”⁸⁰. Ao ter conhecimento dessa informação, generosamente deixada por Machado, poderíamos chegar à conclusão de que a idéia de organização do livro acompanhava-o desde 1878, quando escreveu “Na arca – três capítulos (inéditos) do gênesis”, para o *Cruzeiro*. Precisamos, no entanto, levar em consideração que, talvez para proporcionar ou aumentar o tom de intimidade característico entre missivistas, o autor da carta tenha deixado de mencionar de propósito que a história do *Cruzeiro* também não pertencia à idéia original da coletânea. Principalmente se levarmos em consideração que a seqüência de escrita das histórias dos *Papéis avulsos* só aconteceu, de fato, a partir da publicação de “O alienista”, em 1881, na *Estação*. Por outro lado, independente da exatidão da data que originou o projeto do livro, as idéias desenvolvidas em suas páginas faziam parte do rol de interesses de Machado desde sua

⁷⁹ MAGALHÃES JUNIOR, R. de. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1881. V. 3. P. 32.

⁸⁰ ARANHA, Graça (organização, introdução e notas). *Machado de Assis e Joaquim Nabuco. Correspondência*. Rio de Janeiro: Topbooks. 2003. P. 95.

colaboração para a revista de Joaquim Nabuco. O que ajudou a adiar a concepção do livro deve ter sido suas transferências entre periódicos. Primeiro Machado deixou o *Jornal das Famílias* e o *Cruzeiro*. Em seguida entrou para *A Estação* e para a *Gazeta de Notícias*. Essas mudanças significavam tentativa de aproximação e adaptações de suas histórias, seguindo o com o perfil de cada periódico.

O caminho percorrido por Machado de Assis até a finalização do projeto dos *Papéis avulsos* foi disponibilizar todos aqueles contos para leitura e apreciação do grande público – leitores de jornais e revistas –, depois disso fazer algumas correções e modificações necessárias para editar o livro, escrever a “Advertência” e as “Notas” para conferir sentido e unidade e, finalmente, escolher algum título para sua nova obra. O primeiro parágrafo da “Advertência” foi escrito com o objetivo de explicar o título. Nas coletâneas de Machado, como veremos também com relação às *Histórias sem data*, esse esforço explicativo, na verdade, além de pouco esclarecedor, ainda carregava a função de confundir mais o leitor. Observemos por um instante o parágrafo:

Este título de *Papéis avulsos* parece negar ao livro uma certa unidade; faz crer que o autor coligiu vários escritos de ordem diversa para o fim de os não perder. A verdade é essa, sem ser bem essa. Avulsos são eles, mas não vieram para aqui como passageiros, que acertam de entrar na mesma hospedaria. São pessoas de uma só família, que a obrigação do pai fez sentar a mesma mesa⁸¹.

Papéis avulsos podem ser entendidos como escritos que foram apartados de sua coleção original. O que de fato aconteceu, quando nos lembramos que tais histórias tiveram primeiras versões publicadas em jornais e revistas, sem nenhuma ligação aparente. Enquanto pertenceram à imprensa, não passaram de papéis avulsos, sem correlação um com o outro, apenas com o próprio periódico. No entanto, depois de retornar ao suposto lugar de origem, ou seja, ao livro, deixaram de ser avulsos, porque pertenciam à mesma família e ao mesmo projeto de escrita. Mas ainda fica uma pergunta: por que Machado teria escolhido um título que remetia aos contos antes da formação da coletânea? Talvez para desviar a atenção dos leitores da certeza de que estavam diante de obra com temática fechada. Um dos principais

⁸¹ *Papéis avulsos*. Sem página.

objetivos de Machado, por meio daquele livro, girava em torno de relativizar algumas das principais certezas de seus leitores surgidas enquanto preparava a obra. Esta hipótese não resolve por completo o problema da titulação da coletânea. Mesmo porque Machado parecia não querer que os títulos de seus livros de contos tivessem sentidos claros e unívocos. Acompanhado da inclusão daquela “Advertência” e também das “Notas”, o objetivo do autor parece ter sido o de explicar (alguma vezes complicando ainda mais) o gênero conto e as influências absorvidas de outras obras. Assim, podemos observar também a visão de Machado de Assis em retrospectiva de um momento bastante importante de sua carreira como literato. Reunidos em livro em 1882, esses contos traziam discussões presentes basicamente nos anos de 1870, conforme já vimos.

A publicação inicial nos periódicos exigia esforço posterior para que impedisse o desaparecimento e dificuldade de leitura, como aconteceu com muitos de seus contos. Mas essa não foi a única ou principal motivação ao reuni-los em livro. Basta salientar que o projeto da coletânea antecipou à primeira escrita de quase todas aquelas histórias. O que não significou ausência de modificações ao longo do caminho. Afinal de contas, projetos de execução lenta demandam adaptações, mudanças de rumo não imaginadas e necessidade de trabalhar com o inesperado. Ao longo do processo de criação dos *Papéis avulsos*, Machado de Assis retomou e reformulou idéias antigas, iniciadas ainda no *Jornal das Famílias*, e trabalhou com aquilo que os próprios jornais ofereciam-lhe. Seja naquilo que se refere aos espaços físicos determinados por cada folha, seja ao próprio andamento das discussões centrais em seu livro. Precisamos ainda entender a unidade dessa coletânea e o que teria motivado a elaboração daquele projeto. Levando-se em consideração que todos os contos são “pessoas de uma só família”, temos que ter em mente que irmãos possuem traços e características em comum, mas também algumas singularidades. Passarei agora a identificar algumas dessas semelhanças e dessemelhanças.

O primeiro ponto de junção entre essas histórias refere-se à paternidade. Foram todas escritas pelo mesmo autor, assinadas por dois pseudônimos e pelo seu nome próprio: Machado de Assis. O segundo ponto é temático. Todas discutem – algumas de forma mais direta e transparente, outras usando um ou outro subterfúgio – questões relacionadas à recepção de determinadas teorias científicas. Quanto às diferenças, o estilo narrativo adotado em cada uma serviu para delinear as feições individuais dos filhos, por assim dizer, e também para

questionar a forma estilística que parte da literatura orientada por princípios científicos havia tomado.

A “Chinela turca” é contada a partir de sonho. Machado já havia experimentado estrutura narrativa bastante semelhante àquela no *Jornal das Famílias*, no ano de 1870, com “O capitão Mendonça”⁸². Amaral, protagonista desse outro conto, foi ao teatro São Pedro, onde se encenava drama ultra-romântico. Terminado o primeiro ato, a personagem não resistiu e acabou dormindo. Sem informar aos leitores que passaria a contar as peripécias acontecidas no sonho, o narrador insere outros personagens e adota tom fantástico, ao estilo de Hoffmann⁸³. Antes de dormir, Amaral dizia que a peça,

(...) começava por um homicídio e acabava por um juramento. Havia uma menina, que não conhecia pai nem mãe, e era arrebatada por um embaçado que eu suspeitei ser a mãe ou o pai da menina. Falava-se vagamente de um marquês incógnito, e aparecia a orelha de um segundo e próximo assassinato na pessoa de uma condessa velha⁸⁴.

“A chinela turca” também é protagonizada por personagem que dorme, e o narrador conta as aventuras acontecidas no sonho. O sono, nesse caso, fora motivado pela leitura do drama de Lopo Alves, que mostrava:

Logo no primeiro quadro, espécie de prólogo, uma criança roubada à família, um envenenamento, dois embaçados, a ponta de um punhal. No segundo quadro dava-se conta da morte de um dos embaçados, que devia ressuscitar no terceiro, para ser preso no quinto, e matar o tirano no sétimo. Além da morte aparente do embaçado, havia no segundo quadro o rapto da menina, já então moça de dezessete anos, um monólogo que parecia durar igual prazo, e o roubo de um testamento⁸⁵.

⁸² ASSIS, Machado de. “O capitão Mendonça”. In: CAVALCANTE, Djalma (org.). *Contos completos de Machado de Assis*. Juiz de Fora, MG: Editora da UFJF, 2003. V. 1. T. 2.

⁸³ Hoffman é considerado um dos principais autores do conto fantástico. Na França, serviu de influência a escritores como Charles Nodier, Balzac e Théophile Gautier. Edgar Alan Poe é considerado pela crítica literária como seu sucessor. Em linhas gerais, o conto fantástico tem como tema central a relação entre a realidade do mundo em que vivemos e a “realidade do mundo do pensamento”. Ver, CALVINO, I. “Introdução”. In: *Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano*. Organização de Ítalo Calvino. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

⁸⁴ ASSIS, M. de. “O capitão Mendonça”. Op. Cit. P. 730.

⁸⁵ ASSIS, Machado de. “A chinela turca”. In: *Papéis avulsos*. Op. Cit. Pp. 111-2.

Machado de Assis buscava em história escrita havia apenas alguns anos a base da estrutura narrativa de seu novo conto. Fica a impressão de que, ao escrever “A chinela turca”, o autor tinha o *Jornal das Famílias* ou o rascunho da outra história em mãos. Somado a isso, as referências a Hoffmann em seus contos também vinham de longe⁸⁶. A criação dessa história passou tanto por alusões à literatura estrangeira, quanto por experimentações realizadas em sua própria obra. Esses elementos serviram para dar continuidade à crítica ao modelo Romântico de narrativa.

“Na arca – três capítulos inéditos do Gênesis” também recebeu estilo narrativo próprio. Apareceu como capítulo da Bíblia. No entanto, explicações detalhadas sobre a localização exata do texto restringiram-se à versão publicada no periódico. Segundo *Eleazar*, a história fazia parte de manuscrito, enviado a ele por um capuchinho de Jerusalém. Era nada mais nada menos que “três capítulos inéditos do Gênesis”. Na verdade, como somos informados a partir da leitura daquela versão do conto, houve discussão para tentar entender o lugar dos escritos na Bíblia. Embora *Eleazar* assumisse a idéia de que eram capítulos do Livro Sagrado, o frade defendia ser apenas interpolação. A discussão com o frade parecia ir longe, já que o autor do folhetim referia-se a trabalho de 600 páginas, preparadas para demonstrar que estava certo. Mais uma vez Machado satirizava boa parte dos homens de letras daquela época, por causa de seus estilos narrativos. Tornava-se comum a publicação de longos estudos para provar teorias muitas vezes absurdas.

“O alienista” foi contado a partir de crônicas encontradas pelo narrador. As lacunas do texto foram justificadas por falta de informações e por dubiedade das próprias fontes. Na versão final dessa história, não é dada certeza sobre a morte do médico, por causa da dificuldade de definição entre fatos reais e boatos tendenciosos. O narrador de Machado de Assis agia como historiador. A forma narrativa escolhida, nesse caso, servia como estratégia ora para conferir autoridade à história contada, ora para confundir seus leitores. Em alguns trechos o narrador aparecia para reafirmar aos leitores que estavam diante de “uma das laudas

⁸⁶ No próprio “O capitão Mendonça”, Machado afirma haver semelhanças entre sua história e conto daquele autor. Ver também “Um esqueleto”, publicado entre outubro e novembro de 1875, no *Jornal das Famílias*, passagem em que o narrador alerta estar “em pleno Hoffmann”.

mais puras desta sombria história”⁸⁷. Ao mesmo tempo em que frases desse naipe serviam para mostrar que aquelas peripécias não eram pura invenção, mostravam que algumas “lacunas” haviam sido preenchidas, seguindo as necessidades encontradas pelo contador.

Embora não usasse explicitamente a estrutura narrativa dessa história, Machado retomou a questão de estilo e linguagem. Dessa vez, fez isso, quando a Casa Verde ganhou seus primeiros internos. Dentre os casos que o padre da história não conseguia entender, estava o de “um rapaz bronco e vilão, que todos os dias, depois do almoço, fazia regularmente um discurso acadêmico, ornado de tropos, de antíteses, de apóstrofes, com seus recamos de grego e latim, e suas borlas de Cícero, Apuleo e Tertuliano”⁸⁸. Levando-se em consideração a atitude tomada pelo Dr. Bacamarte de internar esse rapaz, podemos supor que destino semelhante receberia, por exemplo, o major Lopo Alves, de “A chinela turca”, se este vivesse em Itaguaí. A partir de “O alienista”, veremos como o cientificismo passará a justificar muitas medidas autoritárias e, em especial, como a forma de organização narrativa, adotada por tantos “homens de ciência”, tomará o centro dos debates empreendidos por Machado.

O diálogo foi uma das formas mais recorridas pelos narradores criados para os *Papéis avulsos*. A variação ficava por conta do tipo de posicionamento adotado pelos personagens envolvidos em cada trama. Em “Teoria do medalhão”, a conversa passava-se entre pai e filho. A idéia do pai era aproveitar o aniversário do filho para aconselhá-lo, de modo que suas falas ao final pudessem ser comparadas a uma espécie de tratado ou ao *Príncipe*, de Maquiavel⁸⁹. O estilo narrativo desse conto, aliás, havia sido idêntico àquele escolhido pelo próprio autor italiano. Segundo Newton Bignotto, tal estratégia narrativa era bastante comum desde o final da Idade Média, e tinha como objetivo dirigir-se aos governantes aconselhando-os, para que esses alcançassem sucesso⁹⁰. Ao recorrer a essa tradição de escrita, Machado de Assis encontrava abertura para inserir discussões diretas relacionadas à formação da classe política sua contemporânea.

“O espelho – esboço de uma nova teoria da alma humana” também foi todo estruturado a partir do suposto debate entre um grupo de amigos. Nesse conto Machado de Assis ofereceu-

⁸⁷ *Papéis avulsos*. P. 40.

⁸⁸ *Idem*. Pp. 8-9.

⁸⁹ Consta na biblioteca de Machado de Assis a edição de 1867 de *O Príncipe*. Ver, JOBIM, J. L. *A biblioteca de Machado de Assis*. Op. Cit.

⁹⁰ BIGNOTTO, N. *Maquiavel*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. P. 17.

nos alguns elementos interessantes para pensarmos um pouco sobre o desenvolvimento e a participação de seus personagens ao longo dos diálogos construídos para tais narrativas. É interessante observar, nessas histórias, que, embora tenham sido escritas a partir de diálogos, um dos interlocutores, todo o tempo, tenta anular a fala do outro. Em “O espelho”, Jacobina chegou a afirmar sua aversão por discussões. Para contar seu “caso”, exigia silêncio da parte de seus companheiros. O silêncio conservado pela platéia e quebrado apenas com uma ou outra frase monossilábica assemelhava-se bastante ao posicionamento do filho que recebia conselhos do pai, em “Teoria do medalhão”. Com a anulação do outro, tais diálogos aproximam-se em grande medida de outra fórmula narrativa explorada por Machado de Assis, em *Papéis avulsos* e cara aos doutos da ciência: a conferência.

Em “A sereníssima República – conferência do cônego Vargas”, encontramos religioso que se dirigia à platéia para expor suas últimas descobertas. Machado explorava o protocolo desse tipo de comunicação, na qual as pessoas ouvem em silêncio, sem que, nem ao menos depois de concluída a fala, haja algum tipo de interferência. As manifestações só são permitidas no momento de aplaudir o expositor. Conforme ainda veremos ao longo deste capítulo, as conferências estavam na moda por aqueles tempos. Em especial quando se tratava de expor as ditas novidades científicas. Mais uma vez Machado de Assis mostrava personagem detentor de todo o conhecimento diante de interlocutores que tinham como única função a de ouvir e se calar.

Outro conto no qual Machado recorreu ao diálogo foi em “O anel de Polícrates”. A conversa passava-se entre A e Z, dois amigos que haviam se encontrado na rua. A criação de personagens nomeados por letras do alfabeto assemelha-se a estratégia usada por Diderot, no seu “Suplemento a viagem de Bougainville”⁹¹. Esta obra foi escrita no ano seguinte ao aparecimento da *Viagem em torno do mundo*, na qual Bougainville relatava a viagem que o levou ao Taiti⁹². A narrativa tinha início com a conversa entre A e B⁹³. Nesta B explicava para

⁹¹ DIDEROT, D. “Suplemento a viagem de Bougainville”. In: GUINSBURG, J. (org.) *Obras II – Estética, poética e contos*. Editora São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

⁹² De acordo com nota de J. Guinsburg, Bougainville era matemático, advogado e militar. Entre 1766 e 1769, realizou a viagem que o levou ao Taiti e originou o relato *Viagem em torno do mundo*. Ver DIDEROT, D. Op. Cit. P. 267.

⁹³ A e B foram os personagens usados por Machado de Assis, posteriormente, em sua série de crônicas *A + B*, publicada na *Gazeta de Notícias*, entre setembro e outubro de 1886. Ver, CHALHOUB, S. “A arte de alinhar histórias: a série ‘A + B’ de Machado de Assis”. In: CHALHOUB et all. (org.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

A suas impressões ao ler o relato de viagem. A voz oferecida a B era bastante didática e tendia a orientar o outro personagem, a quem cabia as funções de ouvinte e questionador. O recurso utilizado por Diderot talvez tenha servido de inspiração para Machado de Assis não somente na construção de seus diálogos e nomeação dos personagens, como também pelo fato de que o enciclopedista transformou o texto dele em parte de outra obra já existente. Foi isso o que Machado fez tanto em “Na arca – três capítulos inéditos do Gênesis”, quanto em “O segredo de Bonzo”. Conforme já vimos, o primeiro conto poderia ser encaixado em determinado capítulo da Bíblia. O outro, de forma idêntica, de acordo com nota escrita pelo próprio autor, era capítulo do livro *Peregrinações*, de Fernão Mendes Pinto. Nesse sentido, na nota C, escrita para a coletânea, Machado afirmava não ser aquele conto “um simples pastiche”. Em seguida, esclarecia sua localização como “capítulo intercalado nas *Peregrinações*”. O conto estava entre os capítulos CCXIII e CCXIV. Segundo explicava, esse recurso havia sido utilizado com a finalidade de “tornar a narração sincera”. Interessante observar que o autor da obra referida, pouco depois de sua publicação, foi considerado charlatão. Houve mesmo criação do trocadilho: “Fernão, mentes? Minto!” A partir disso, o desejo de sinceridade pode ser contestado. Por outro lado, analistas da *Peregrinação* têm levantado qualidades literárias daquela obra, bem como a necessidade de encobrir críticas diretas ao período, por causa das perseguições empreendidas pela inquisição⁹⁴. Essa vertente, a mistura entre fato e fantasia e o modelo proposto por Diderot devem ter servido como inspiração para Machado.

Continuando a reflexão sobre Diderot, devemos ainda levar em consideração que os dois tomos das obras completas desse autor, constantes na biblioteca de Machado de Assis, são datados de 1880, antecedendo em poucos anos a finalização do projeto de *Papéis avulsos*. Esse autor provavelmente deve ter orientado bastante a formação de Machado como contista. Aliás, foi isso que ficou explícito na “Advertência” dessa coletânea. Com o intuito de defender-se de possíveis acusações de que nem todas aquelas histórias poderiam ser incluídas dentro do gênero conto, Machado recorria a São João e, é claro, ao próprio Diderot. Em sua obra, o evangelista usava linguagem figurada, para descrever “a besta apocalíptica”, mas indicava que naquilo tudo havia sentido e sabedoria. O enciclopedista, por sua vez, além de

⁹⁴ *Peregrinação*, embora seja livro autobiográfico, guarda várias dificuldades na identificação de sinais básicos sobre a vida de seu autor. Sabe-se que foi escrito entre 1569 e 1578, mas só foi publicado em 1614, trinta anos depois da morte de Fernão Mendes Pinto. No entanto, os manuscritos circularam muito antes disso. Ver, CATZ, Rebecca. *A sátira social de Fernão Mendes Pinto*. Lisboa, Portugal: Prelo, 1978.

escrever contos, explicava sobre sua escrita. Uma de suas observações contemplava a participação dos leitores. Nesse sentido afirmava:

Quando se conta um conto, é para alguém que escuta; e por pouco que o conto dure, é raro que o contador não seja interrompido algumas vezes por seu ouvinte. Eis por que introduzi no relato que se vai ler, e que não é um conto ou que é um mau conto, se vós duvidais disso, uma personagem que faça mais ou menos o papel do leitor: e eu começo⁹⁵.

Machado ressaltava ainda uma das razões oferecidas por Diderot, para a escrita de contos, lembrando que “quando se faz um conto, o espírito fica alegre, o tempo escoá-se e o conto da vida acaba sem a gente dar por isso”. É interessante notar, portanto, o quanto esse autor foi fundamental para ajudar a delinear algumas das formas narrativas usadas por Machado, seja quando recorria ao diálogo ou ao optar pela complementação de alguma obra preexistente e, até mesmo, na compreensão geral do conto como gênero literário.

Os outros contos, talvez mais distantes daqueles até aqui analisados, ainda assim apresentam alguns pontos de contato. A versão de “Uma visita de Alcibiades” aproveitada para a coletânea foi aquela publicada na *Gazeta de Notícias*. Esta apareceu sob o formato de carta ao chefe de polícia da Corte. A idéia era relatar a segunda morte de Alcibiades, causada por suas surpresas diante das transformações nos hábitos e no modo de se vestir usual no século XIX. Por causa da excentricidade do caso relatado, o narrador começava, justificando “o tremido da letra” e o “desgrenhado do estilo”. Isso servia, no entanto, apenas como intróito para demonstração detalhada de fenômeno crescente e que parecia perturbar bastante Machado: o espiritismo. Essa forma narrativa continha o mesmo objetivo daquela usada em “Verba testamentária”. Em ambos havia esforço de relatar os absurdos e contradições no interior da medicina científica e suas vertentes. A idéia para isso girava em torno de contar detalhadamente o desenvolvimento da doença e as tentativas de cura.

Para completar, “D. Benedita – um retrato” e “O empréstimo”, que em sua primeira versão continha o subtítulo “anedota filosófica”, traziam, logo de entrada, o procedimento narrativo adotado em cada um. Enquanto no primeiro o esforço do narrador centrava-se em

⁹⁵ DIDEROT. “Isto não é um conto”. In: GUINSBURG, J. (org.) *Obras II – Estética, poética e contos*. Op. Cit. P. 307.

caracterizar fielmente a protagonista, com toda a inconstância que regia suas decisões; no outro, desde o começo, a intenção voltava-se para o riso ou o absurdo. Todas essas escolhas de Machado de Assis, com histórias contadas a partir de crônicas, diálogos, capítulos de livros, carta, anedota, caso clínico, esboço de teoria e retrato, podem soar como opções díspares que levavam a unicidade de cada história. Por outro lado, conforme viemos acompanhando, podem ser vistas também como estratégia para mostrar como as novas idéias científicas e filosóficas usavam seus discursos para invalidar as outras formas de pensamento. Em suma, nos seus *Papéis avulsos*, Machado de Assis fez do modo de narrar suas histórias parte de sua crítica à insurgente literatura orientada pelo cientificismo. Por isso deu preferência para diálogos que podem ser vistos também como conferências e a montagem de excertos de livros pertencentes à reconhecida tradição literária.

Além dos próprios contos, a coletânea ainda trazia uma “Advertência”, usada na abertura, e as “Notas” que encerravam o mesmo livro. As “Notas” trazem várias explicações sobre a unidade e também sobre alguns contos específicos. De A a F, começam por esclarecer o vocábulo “reproche”, usado no “Alienista”. Essa primeira nota aparecia como explicação a duas cartas anônimas. Afirmava que “reproche” não era galicismo, e para isso recorria ao dicionário de Moraes. Depois passava para a questão da eufonia. Segundo acreditava, a palavra não soava mal, tinha apenas a desvantagem do desuso. Poderia ser substituída por “exprobração”, mas achava-a “insuportável”⁹⁶. Por isso, mesmo depois de revisto o conto, a palavra continuou lá. Mais do que adequação de vocabulário, temos aqui um dos raros momentos de preocupação explícita em responder aos leitores. Além disso, ainda ficamos sabendo da existência de correspondência, questionando a correção de seus textos. Parecia haver, de fato, circuito que ligava autor a leitores.

A nota seguinte informava sobre a procedência de “A chinela turca” e oferecia informações a respeito da *Epocha*. Por causa da falta de sucesso desse periódico junto ao público, talvez fosse importante lembrá-lo e aproveitar para agradecer mais uma vez a Joaquim Nabuco. Na nota C, Machado esclarecia a localização de “O segredo do Bonzo”,

⁹⁶ Magalhães Junior apontou que a palavra “reproche”, em substituição à “exprobração”, havia entrado para o vocabulário de Machado de Assis não fazia muito tempo. Afinal, “exprobração” aparecera em seis contos publicados no *Jornal das Famílias*. No entanto, antes de aparecer no conto em questão, Machado já havia usado “reproche”, nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Esse autor afirma também que a nota A é indicação dos estudos lingüísticos que Machado vinha fazendo. Ver, MAGALHÃES JUNIOR, R. *Vida e obra de Machado de Assis*. Op. Cit. Pp. 30-31.

conforme já vimos. Na nota D, mostrava que os *Papéis avulsos* também foram usados como forma de prestar homenagem a amigo. Foi esse o objetivo ao escrever o conto “O anel de Polícrates”. Arthur de Oliveira era o personagem Xavier⁹⁷. As homenagens feitas por Machado, depois da morte desse seu amigo, começaram com publicação de artigo na *Estação*. Este foi todo transcrito na nota da coletânea. Os dois amigos deveriam compartilhar muitas idéias. Mesmo porque foi ao organizador da coletânea que couberam alguns livros da biblioteca de Arthur de Oliveira, doados por sua viúva⁹⁸.

Na “Nota E”, Machado fez revelação bastante interessante a respeito de “A sereníssima República” e dos sentidos daqueles contos de modo geral:

Este escrito, publicado primeiro na *Gazeta de Notícias*, como outros do livro, é o único em que há um sentido restrito: - as nossas alternativas eleitorais. Creio que terão entendido isso mesmo, através da forma alegórica⁹⁹.

Essa informação é muito importante, na medida em que mostra a consciência do escritor das várias possibilidades de leitura que aquelas histórias abririam aos seus leitores contemporâneos. Pode ser entendida também como tentativa de orientação ao leitor e de retornar à questão da unicidade da coletânea. De fato, como tenho tentado demonstrar, havia uma questão que orientava a obra para formar seu conjunto. Por outro lado, quase todos aqueles contos possuíam outros sentidos para além daquele fio condutor que servia de junção. Ao analisar cada conto dessa coletânea, esses vários sentidos possíveis devem ser

⁹⁷ Apareceu no *Besouro* perfil de Arthur de Oliveira como literato muito viajado, com o acréscimo de que a reputação dele fora conquistada mais com a língua do que com a pena. Tinha vários projetos de publicações periódicas que não chegaram a aparecer. Ver, *O besouro*. 8 de agosto de 1878.

⁹⁸ Os livros doados pela viúva de Arthur de Oliveira para Machado de Assis foram classificados por Jean-Michel Massa como pertencentes ao “domínio oriental”. São eles BURNOUF, F. Introduction à l’histoire du Bouddhisme indien par (...). Deuxième édition rigoureusement conforme à l’édition originale et précédée d’une notice de M. Barthélémy Saint-Hilaire sur le travaux de M. Eugène Burnouf. Paris, Maisonneuve et Cie, 1876. Esta obra traz a seguinte frase escrita por Machado: “Foi-me doado pela viúva de Arthur de Oliveira, como lembrança deste meu bom amigo. M. de A”. CHANTS POPULAIRES DU SUD DE L’INDE. Traduction et notices par E. Lamairesse. Paris, Librairie Internationale, 1868. RIG-VEDA. Bibliothèque Orientale. Chefs-d’oeuvres de la Perse, de l’Égypte et de la Chine. Tome premier. (...) ou le livre des Hymnes, traduit du sanscrit par A. Langlois. Deuxième édition revue, corrigée et augmentée d’un index analytique par Ph. Ed. Foucaux. Paris, Maisonneuve et Cie, 1872. (Garnier). Essa obra também contém a frase indicativa de que foi doado pela viúva de Arthur de Oliveira. STERNE INEDIT. Le Koran oeuvres posthumes complètes traduit par Alfred Hédouin. Édition accompagnée de notes et ornée du portrait de Sterne. Paris, Librairie nouvelle, 1853. Ver, JOBIM, J. L. (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001. Pp.42-43.

⁹⁹ *Papéis avulsos*. P. 300.

considerados. Por fim, a “Nota F”, sobre “Uma visita de Alcibíades”, além de indicar que aquela história consistia em reformulação, faz referência à sua primeira recepção. Como já indiquei, esse conto foi escrito inicialmente para o *Jornal das Famílias*, na fase final de publicação daquele periódico.

O modo como os contos de *Papéis avulsos* foram organizados não remete à cronologia de publicação nos periódicos. A coletânea é aberta por “O alienista” talvez devido à sua proposta narrativa, que aborda praticamente tudo aquilo que será levantado no livro como um todo. Os outros contos tendem a retomar e ampliar assuntos iniciados nessa história. Além disso, sua publicação, mesmo na *Estação*, marcou o momento no qual o projeto da coletânea começou a ser desenvolvido com regularidade. Sendo assim, o livro é aberto com a “Advertência” e fechado com as “Notas”, escritas para a versão nesse formato. O primeiro conto é “O alienista”, seguido por “Teoria do medalhão”. Depois apareceram “A chinela turca” e “Na arca”, que provavelmente não faziam parte do projeto, quando foram escritos, em seguida estava “D. Benedita”. Todas essas narrativas tiveram uma primeira versão publicada em periódicos diferentes. Finalmente veio o grupo daqueles pertencentes à *Gazeta de Notícias*. Tirando “Uma visita de Alcibíades”, que é a penúltima história, todas as outras seguiram a ordem de publicação no jornal. Com o livro em mãos, o leitor poderia escolher qual conto ler primeiro ou seguir a organização do literato. Não estava mais preso à periodicidade dos jornais e revistas.

Ao preparar aqueles contos para posterior publicação da coletânea, podemos acompanhar Machado de Assis como leitor de si mesmo. Como escritor atento às regras gramaticais, tentou melhorar o estilo. Fez várias correções pontuais em cada conto e naqueles que interferiu de forma mais incisiva reservou as alterações para a introdução e/ou para o epílogo. Nesse sentido, fez muito mais cortes do que acréscimos. Ana Cláudia Suriani da Silva mostrou o trabalho de escrita do conto “Linha reta e linha curva”, realizado também por Machado de Assis¹⁰⁰. A primeira versão dessa história intitulava-se “As forcas caudinas” e foi escrita como peça de teatro, provavelmente, em 1863. Dois anos depois, foi reescrita e transformada em folhetim para o *Jornal das Famílias*, sob o título de “Linha reta e linha curva”. Finalmente ganhou versão final e acabada na coletânea *Contos fluminenses*, de 1870.

¹⁰⁰ SILVA, A. C. S. da. *Linha reta e linha curva: Edição crítica e genética de um conto de Machado de Assis*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

O literato passou e repassou a mesma história, adaptando-a de acordo com o suporte, corrigindo, cortando e inserindo passagens ao longo de quase uma década. São raríssimas as possibilidades de acompanhar o processo de criação, seja de romances ou contos de Machado. Meu objetivo, a partir de agora, não será o de elaborar edição crítica e genética dos contos de *Papéis avulsos*. Pretendo mostrar as adaptações feitas em cada história para que pudessem integrar o corpo da coletânea. Levantarei aquilo que Machado considerava importante manter de uma versão para a outra e qual leitura fazia de seus contos, depois de esses já terem sido publicados uma vez.

A principal alteração feita em “O alienista” foi no último capítulo “Plus ultra!”. Este foi quase todo reescrito. Várias expressões foram substituídas e alguns indícios sobre datação eliminados. O parágrafo final da versão da *Estação* apareceu da seguinte forma:

(...) Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada. Não foi por falta de livros; folheava-os dia e noite, uns in-4º, outros in-folio, em muitas línguas. Morreu, enfim, de uma erisipela no ventre. Alguns cronistas chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco, além dele, em Itaguaí; mas esta opinião, fundada em um boato que correu desde que o alienista expirou, não tem outra prova, senão o boato; o boato duvidoso, pois é atribuído ao padre Lopes, que com tanto fogo realçara as qualidades do grande homem. Seja como for, efetuou-se o enterro com muita pompa e rara solenidade. O cadáver foi sepultado na capela da Casa Verde, infelizmente sem epitáfio. Em 1817, desapareceram os ossos, e segundo as mais prováveis induções, foram roubados e transportados para Santiago do Chile, cuja academia supõe que são os restos de um cozinheiro do ilustre Pizarro. *Alas! Poor Iorick! – Sic transit gloria mundi*¹⁰¹.

Esse mesmo parágrafo na versão da coletânea foi transformado para:

(...) Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada. Alguns chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco, além dele, em Itaguaí; mas esta opinião, fundada em um boato que correu desde que o alienista expirou, não tem outra prova, senão o boato; e boato duvidoso, pois é atribuído

¹⁰¹ *A Estação*. 15 de março de 1882.

ao padre Lopes, que com tanto fogo realçara as qualidades do grande homem. Seja como for, efetuou-se o enterro com muita pompa e rara solenidade¹⁰².

A idéia do literato, para a versão final, foi “enxugar” o texto. Por causa disso, cortou a causa da morte do alienista, que não parecia relacionada à narrativa. Ainda contribuiu para que pistas diretas, sobre o momento no qual viveu o ilustre personagem, fossem eliminadas. O que restou no conto, quanto à datação de sua narrativa, foram referências à Revolução Francesa e ao envio de tropas do Rio de Janeiro, eventos situados no século XVIII. John Gledson localiza a história do conto no período colonial, e depois da queda da Bastilha, em 1789¹⁰³. No entanto, observa que “a revolta dos canjicas lembra as revoltas ocorridas durante a Regência, como a Balaiada, no Maranhão (1839-40)”. A explicação desse crítico para isso seria uma suposta intenção de Machado de situar sua narrativa “num mundo que é *ao mesmo tempo* colonial e moderno”. Tomando como referência o que foi escrito na *Estação*, parece que o Dr. Bacamarte viveu antes de o Brasil tornar-se independente de Portugal, já que seus ossos desapareceram em 1817. Ao mesmo tempo em que essa questão parecia resolvida na versão da revista, era complicada com a inserção de Pizarro, conquistador do Império Inca. A imprecisão de datas aliada às fontes do narrador funcionam no sentido de retirar toda credibilidade à história. De acordo com o que temos acompanhado, o narrador de “O alienista” tinha como base as crônicas de Itaguaí, muitas vezes falhas e lacunares. Os estudos feitos pela academia de Santiago do Chile também não parecem dignos de muita confiança. Sendo assim, o leitor poderia concluir sua leitura e não acreditar em nada do que acabara de ler. Ao fazer esses cortes, Machado de Assis não mexeu na estrutura do conto.

Mesmo não tendo sido escrita com finalidade de compor os *Papéis avulsos*, o trabalho do escritor em “A chinela turca” não foi mais extenso e laborioso. Restringiu-se mais ao primeiro e ao último parágrafo. Entretanto, se no começo o que foi feito não passou de rearranjo de palavras, para terminar, os cortes e inserções foram mais profundos. Vejamos o parágrafo segundo apareceu na revista:

¹⁰² *Papéis avulsos*. P. 90.

¹⁰³ GLEDSON, J. “O machete e o violoncelo”. In: *Por um novo Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Pp. 49-50.

Livre do pesadelo, Duarte despediu-se do major jurando a si próprio nunca mais assistir à leitura de melodramas, sejam ou não obras de major. É a moralidade do conto¹⁰⁴.

A redação era simples e sem floreios. Seguiu orientação do gênero, que exigia epílogo moralizante, conforme se acostumara a fazer, desde suas primeiras colaborações, em revistas de moda e literatura. Depois de revisto, esse mesmo parágrafo ganhou alguma complexidade:

Duarte acompanhou o major até a porta, respirou ainda uma vez, apalpou-se, foi até a janela. Ignora-se o que pensou durante os primeiros minutos; mas, ao cabo de um quarto de hora, eis o que ele dizia consigo: - Ninfa, doce amiga, fantasia inquieta e fértil, tu me salvaste de uma ruim peça com um sonho original, substituíste-me o tédio por um pesadelo: foi um bom negócio. Um bom negócio e uma grave lição: provaste-me que muitas vezes o melhor drama está no espectador e não no palco¹⁰⁵.

A “lição” continuava lá. A diferença estava no modo de passá-la aos leitores. Depois de reformulado, a atenção foi centrada na recepção. Deixava claro que quem dá sentido à obra é o espectador/leitor. Essa modificação não parece ter sido feita com o puro objetivo de aperfeiçoar o estilo, nem, muito menos, de tornar o texto mais simples. Em linhas gerais, a história do conto começa contando sobre a intenção do bacharel Duarte de ir a um baile. Tal ato foi interrompido, por causa da chegada do major Lopo Alves, que estava decidido a ler sua nova obra para o bacharel. À primeira vista, devido a pouca qualidade do drama lido, Duarte dormiu e sonhou com história muito mais interessante e movimentada. A análise de Paul Dixon sobre esse conto aponta a possibilidade de o personagem não ter dormido. O sonho seria a recepção do personagem e, por isso, guardava vínculos com a realidade¹⁰⁶. Essa interpretação só é plausível depois da reescrita. Observando os escritos em ambos os suportes, podemos concluir que a intenção de Machado de Assis foi deixar claro aos seus leitores o quanto de liberdade havia no ato da leitura. Mesmo em textos de pouca qualidade literária, existia a possibilidade de aproveitar alguma coisa, desde que o leitor estivesse pronto para

¹⁰⁴ MANASSES. “A chinela turca”. In: *A Epoque*. 14 de novembro de 1875.

¹⁰⁵ *Papéis avulsos*. P. 125.

¹⁰⁶ DIXON, Paul. “A lei do livro falho: ‘A chinela turca’”. In: *Os contos de Machado de Assis: mais do que sonha a filosofia*. Porto Alegre, RS: Movimento, 1992. P. 102.

isso. Talvez essa percepção tenha sido motivada pela recepção de suas obras, ou pelo modo como ele agia quando lia algum texto.

“Na arca – três capítulos inéditos do Gênesis” foi outro conto que também sofreu interferências importantes de uma versão para outra. No jornal *O Cruzeiro*, a narrativa começava com explicação, que ocupava uma coluna e meia, localizando o texto na Bíblia. Toda essa introdução foi deixada de lado, para sua publicação nos *Papéis avulsos*. O excerto era o seguinte:

Um capuchinho de Jerusalém remeteu-me pelo último pacote um preciosíssimo manuscrito, nada menos que três capítulos inéditos do *Gênesis*. O capuchinho, que esteve aqui há anos, conserva grata lembrança do nosso país. Da carta com que me mandou o seu maravilhoso achado, extraiu estas duas linhas: “Com que saudades me lembro do seu Brasil! Creia que se alguma vez deixar a terra santa, é lá que irei acabar os meus dias”.

O manuscrito foi achado nos alicerces da casa de Caiphaz. Está muito amarelo e roído em partes, mas felizmente só três ou quatro letras desapareceram de todo e ainda assim supreas o sentido. O capuchinho é bom hebraísta; mas, sabedor da curiosidade com que me entrego a tais estudos, quis dar-me a primazia da tradução, pedindo-me que lhe enviasse inédita. Não pude resistir a tentação de a publicar, e o faço sem remorso, porque um achado desta ordem não tolera larga obscuridade.

Disse que eram três capítulos inéditos do *Gênesis*, apesar do frade acreditar que se trata antes de uma interpolação e conseqüentemente que o texto canônico é também o texto integral. A razão que ele tem para afirmar que os três capítulos não são mais do que, uma interpolação é a tal ou qual corrupção da língua, não obstante alguns arcaísmos, com que o autor (diz o capucho) quis dar ao escrito um verniz de antiguidade. Discordo, e fico trabalhando numa memória de 600 páginas para demonstrar que o fragmento agora achado é o complemento do livro, uma simples restituição da primitiva Escritura.

Para a boa compreensão do que se vai ler, convém notar que estes três capítulos entram no capítulo VIII do Gênesis, depois do vers. 17, isto é, antes da saída de Noé da arca, saída que é contada nos vers. 18 e 19. Temos pois que o capítulo VIII é dividido em dois, indo o primeiro até o vers. 17, seguem-se os caps. A, B e C; e logo depois a 2ª parte daquele que constitui um capítulo separado.

A tradução é a mais fiel que me foi possível fazer. Lutei com dificuldades grandes. Em dois lugares fui obrigado a dar uma forma excessivamente moderna, para corresponder à idéia

aproximada do original. Mas, em toda a tradução, conservei a simplicidade bíblica. Se acrescentar que fiz todo o trabalho em trinta e cinco minutos, ajudado apenas de um dicionário roto, terei dado idéia do esforço e ardor com que meti ombros a uma empresa literária, que considero (vaidade a parte), a maior destes últimos cinqüenta anos. Oxalá me compreendam os leitores!¹⁰⁷

No periódico, essa passagem tinha função de ajudar na caracterização do narrador *Eleazar*. Ao preparar suas histórias para edição no formato de coletânea, Machado de Assis esforçou-se no sentido de eliminar indícios que as ligassem ao seu suporte inicial. A idéia era conferir maior liberdade de leitura. Fazer com que fosse entendido, independente do arcabouço do periódico, ao qual pertencera. Nesse sentido, as observações feitas pelo narrador eram dispensáveis. Aliás, o próprio *Eleazar* foi eliminado, passando para os capítulos e a narração bíblica. De modo geral, os cortes nas narrativas cumpriam, talvez, a necessidade de comprimir a coletânea, para que coubesse em determinado número de páginas. Não tenho essa referência, com relação aos *Papéis avulsos*, mas na “Advertência” escrita para as *Várias Histórias*, Machado revelava que poderia ter incluído outros contos, se não tivesse que “limitar o livro às suas trezentas páginas”¹⁰⁸. Incluindo a “Advertência” e as “Notas”, a primeira edição de *Papéis avulsos* ocupou essas trezentas páginas.

O conto mais trabalhado por Machado de Assis foi “Uma visita de Alcibíades”. Isso aconteceu por causa de sua publicação original nas páginas do *Jornal das Famílias*. Essa narrativa passou por duas revisões. Depois de ter sido publicado na revista de moda e literatura, teve segunda versão na *Gazeta de Notícias*, e, em seguida, ganhou seu formato final, na coletânea. O exercício do escritor aqui também foi com a intenção de adaptar a obra ao suporte. A versão utilizada para a coletânea foi aquela publicada na *Gazeta de Notícias*. Desta para o livro, foram feitos apenas alguns reparos na redação.

Machado de Assis parecia preocupado com os títulos de cada conto. Três deles sofreram alguma modificação. “O segredo do Bonzo – capítulo inédito de Fernão Mendes Pinto”, na *Gazeta de Notícias* havia aparecido apenas como “Um capítulo inédito de Fernão Mendes Pinto”. No jornal, “O empréstimo” e “Verba testamentária” vieram acompanhados de

¹⁰⁷ ELEAZAR. “Na arca – três capítulos (inéditos) do Gênesis”. In: *O Cruzeiro*. 14 de maio de 1878.

¹⁰⁸ ASSIS, M. *Obra Completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Op. Cit. P. 476.

subtítulos. No primeiro aparecia também “Anedota filosófica” e, no segundo, “Caso patológico dedicado à escola de medicina”. Ambos foram cortados para a versão em livro. Para este último, John Gledson levanta a hipótese de que essa omissão fora motivada por causa do “respeito” que Machado de Assis tinha pelo imperador¹⁰⁹. Os títulos ajudam a orientar a primeira impressão do leitor e também a delimitar o tema tratado.

Papéis avulsos foi livro preparado para caber em 300 páginas. Impresso na Tipografia e Litografia a Vapor de Lombaerts & Cia, trazia, na página de abertura, além dessa informação, nome do autor, título do livro e dos contos e ano de publicação. Em página separada, apareciam as outras obras do autor e, no final do livro, uma “errata”, contendo apenas quatro correções. Milena Ribeiro Martins, em sua tese sobre Monteiro Lobato, mostra o quanto, algumas vezes, poderia ser tensa a relação entre escritor e editor¹¹⁰. Enquanto o primeiro era o incompreendido, o outro era o avaro (isto sempre do ponto de vista do escritor). Nesse sentido, basta lembrar a imagem de B. L. Garnier – ou o Bom Ladrão Garnier, como ficou conhecido ainda entre seus contemporâneos – de alguém que explorava os escritores e não dava oportunidade para autores inexperientes. Machado de Assis parecia ser escritor bastante cuidadoso do processo de edição de seus livros. Participava não apenas do trabalho de revisão e organização, como também cuidava para que a edição fosse da melhor qualidade. Foi isso o que deixou claro, nas correspondências endereçadas a Hipólito Garnier e também, enquanto preparava a segunda edição das *Várias Histórias*.¹¹¹ A revisão do texto ficava por conta dele, que se metia, inclusive, no formato e número de páginas, questões que acreditava poder interferir na vendagem. Partindo dessas informações, podemos afirmar que os *Papéis avulsos* tiveram aquela organização e formato, por causa das prováveis negociações entre autor e editor.

¹⁰⁹ GLEDSON, J. “A História do Brasil em *Papéis avulsos* de Machado de Assis”. In: CHALHOUB, S. & PEREIRA, L. *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Op. Cit. P. 19. Lilia Schwarcz mostra o interesse de D. Pedro II pela medicina, que fazia isso, inclusive, por meio de financiamento de estudos de médicos brasileiros. SCHWARCZ, L. M. *As barbas do imperador – D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P. 152. Sobre o mesmo tema, ver também CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. P. 97-100.

¹¹⁰ MARTINS, M. R. *Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos*. Tese de doutorado em Teoria Literária: Unicamp, 2003.

¹¹¹ *Exposição Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Ministério da educação e saúde, 1939. P. 200 e 204

Capítulo 4

As “pessoas” da mesma família

4.1 – “O alienista”

Para contar a história de “O alienista”, Machado de Assis gastou treze capítulos, desenvolvidos em noventa páginas das trezentas do livro completo. Sua amplitude abria a possibilidade de introduzir os leitores, pouco a pouco, nos principais temas abordados nas outras narrativas. Essa extensão, bem como a profusão de personagens e o largo recorte temporal, permitindo a discussão de várias questões, fez com que a crítica póstuma fosse bastante maleável na delimitação daquilo que constituiria o centro da novela. Para Alfredo Bosi, “não basta dizer que (Machado de Assis) faz a sátira do cientificismo aplicado ao estudo da loucura”¹¹². José Maurício G. de Almeida rejeita a idéia de que o tema desenvolvido por Machado ali tenha sido a ciência¹¹³. Ambos indicam que houve o tratamento das famosas discussões científicas e filosóficas, no entanto, apenas como porta de entrada para outros enfoques. Essa mesma tendência tem sido seguida por trabalhos mais recentes, como no ensaio de Ivan Teixeira, que vê na disputa pelo poder o centro da novela¹¹⁴. A análise proposta nesta tese tanto para essa primeira história, quanto para as outras que compõem os *Papéis avulsos* levará em consideração aquilo que proporcionou a reunião deles em livro. Ou seja, as discussões sobre forma narrativa e o avanço e inserção do discurso cientificista. Essa chave de leitura não tem a intenção de se sobrepôr às outras levantadas por tantos críticos. No entanto, considero importante compreender esse livro de Machado como um todo, com narrativas que tratam de questões idênticas, e não apenas suas histórias apartadas do conjunto, conforme em grande medida tem acontecido.

¹¹² BOSI, A. “A máscara e a fenda”. In: *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 4ª edição. P. 88.

¹¹³ ALMEIDA, J. M. G. de. “Da comédia humana ou no teatro de Itaguaí”. In: *Machado de Assis: uma revisão*. Rio de Janeiro: In-fólio. P. 170.

¹¹⁴ TEIXEIRA, I. “Irônica invenção do mundo: uma leitura de ‘O alienista’”. In: GUINDIN, M. L. Et all. (orgs.). *Machado de Assis: ensaios da crítica contemporânea*. São Paulo: Editora Unesp, 2008. P. 111.

Vamos à história, então. A primeira informação oferecida pelo narrador tinha como objetivo apresentar seu protagonista – Dr. Bacamarte – e, como consequência, D. Evarista, esposa desse personagem. O Dr. Simão Bacamarte era:

(...) filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia¹¹⁵.

Sua formação seguia tendência dos membros da elite política brasileira. Até a chegada da corte, em 1808, os filhos da “nobreza da terra” estudavam em Coimbra. Provavelmente, o nosso alienista realizou seus estudos, nessa instituição, concomitante à expulsão dos jesuítas e às reformas empreendidas pelo reitor brasileiro Francisco de Lemos, em 1772¹¹⁶. Ou seja, pertencia ao momento no qual houve maior favorecimento para as ciências naturais e pequeno declínio dos estudos jurídicos. Por meio daquela tradição, Machado de Assis inseria o Dr. Bacamarte entre outros, como José Bonifácio, Manuel Ferreira da Câmara e o bispo Azeredo Coutinho. Todos pertenceram ao período posterior às reformas de Pombal e influenciaram de modo decisivo a organização política brasileira¹¹⁷.

O Dr. Bacamarte fez-se então médico, com total dedicação à ciência. Outra boa indicação para sabermos mais sobre o personagem é oferecida pelos livros que formavam sua biblioteca. Por ser grande estudioso, esse detalhe torna-se imprescindível. Além do mais, Machado fazia questão de vez ou outra colocá-lo entre livros. Em Itaguaí, antes de se casar, alternava o atendimento aos doentes com leituras. Seus livros de cabeceira pertenciam ao domínio oriental. Para tentar curar a infertilidade de D. Evarista, “releu todos os escritores árabes”. Especializou-se na língua árabe e retirou do Alcorão a idéia, que deveria ser gravada no frontispício da Casa Verde, de que os doidos são veneráveis, porque “Alá lhes tira o juízo para que não pequem”. Por medo da inquisição – mesmo porque vários de seus possíveis

¹¹⁵ *Papéis avulsos*. P. 1.

¹¹⁶ Sobre a formação da elite política brasileira, ver CARVALHO, J. M. de. “A elite política nacional – definições”. In: *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 3ª edição.

¹¹⁷ Idem. P. 68.

antigos colegas, naquele mesmo momento, eram perseguidos na Europa – atribuiu o pensamento a Benedito VIII. Para completar, quando sua esposa foi alertá-lo, por causa da rebelião contra as intenações arbitrárias,

(D. Evarista) correu à sala interior onde o marido estudava. Quando ela ali entrou, precipitada, o ilustre médico escrutava um texto de Averróes; os olhos dele, empanados pela cogitação, subiam do livro ao teto e baixavam do teto ao livro, cegos para a realidade exterior, videntes para os profundos trabalhos mentais¹¹⁸.

Os estudos sobre a composição das bibliotecas européias no mesmo século em que viveu o nosso personagem apontam a presença de livros “sediciosos”. No Brasil, segundo Márcia Abreu, a entrada de livros superava à registrada para as outras colônias, e até mesmo aquela entre as cidades portuguesas¹¹⁹. A partir dos anos de 1870 algumas alterações foram notadas, devido ao crescente interesse em autores como Spencer e Carlyle, por exemplo. A biblioteca típica de um médico compunha-se por obras de interesse profissional, além de títulos de belas-letas e história¹²⁰. Conferindo os livros mais consultados pela personagem em questão, observamos que seus estudos orientavam-se por leituras nada convencionais¹²¹. Bacamarte sentia-se até mesmo obrigado a dissimular a origem de suas citações. De qualquer modo, foram esses livros que o ajudaram a criar a Casa Verde e a formular conceitos. Aliás, a novela estava impregnada de exercícios em torno da questão do significado de ciência.

Desde que deixou Coimbra em direção a Itaguaí, Simão pretendia aplicar seus conhecimentos, transformando aquela pequena cidade em laboratório e seus habitantes em objetos de pesquisa. O primeiro caso estudado pelo médico e relatado na história foi a esterilidade de D. Evarista. Antes de tudo, é bom lembrar que a maior motivação para se casar com aquela mulher relacionava-se à reprodução. Por isso escolheu alguém que, segundo acreditava, era perfeita para essa finalidade. As exigências do médico voltavam-se todas para o

¹¹⁸ *Papéis avulsos*. P. 46.

¹¹⁹ Com a transferência da Família Real para o Brasil houve aumento significativo de variedade e disponibilidade de títulos. Ver, ABREU, M. *Os caminhos dos livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

¹²⁰ BESSONE, T. M. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999. P. 57.

¹²¹ Nesse sentido, é interessante observar que algumas daquelas obras pertenciam também à biblioteca de Machado de Assis. Eram leituras compartilhadas com Arthur de Oliveira e que ajudavam na composição da personagem.

condicionamento físico da futura esposa. Não havia necessidade de que fosse bonita. Mesmo porque essa qualidade poderia desviá-lo de seus propósitos. Essa escolha, no entanto, apontava o primeiro erro do médico. Pois a mulher não lhe deu “filhos robustos nem mofinos”. Não foi por falta de dedicação e estudos dele. Depois de consultar os livros de autores árabes e de pedir socorro às universidades européias, receitou tratamento baseado num regime alimentício, no qual a mulher deveria comer apenas a “bela carne de porco de Itaguaí”. Não obteve resultados positivos. Claro que acreditava ser por culpa da esposa, que não cumpriu como deveria suas prescrições. Temos assim introdução a tema que ganhava grandes proporções por aquela época. A finalidade do casamento e por conseqüência o principal papel da mulher relacionava-se à geração de filhos saudáveis. Essa foi a porta de entrada para disseminação de teorias baseadas em possíveis diferenças raciais e sexuais, defendidas por muitos médicos. Do mesmo modo que cientistas estudavam os cérebros para traçar linhas de evolução, procuravam no corpo feminino justificativas para atribuição de inferioridade. A maternidade aparecia então como fonte de regeneração para corpos dominados pelo desejo sexual¹²². Quando o Dr. Bacamarte tentava curar D. Evarista, ainda não eram comuns os estudos ginecológicos e obstétricos no Brasil. Esses conhecimentos circulavam entre as próprias mulheres. Com o avançar do século XIX – momento no qual a novela fora escrita por Machado de Assis –, essa categoria de profissionais ganhava destaque, por causa da definição do papel político para a maternidade. Foi enorme o esforço no sentido de ensinar às novas mães como deveriam cuidar de seus filhos. Afinal de contas, segundo acreditavam, esses formariam o futuro do país. Exigia-se para isso não só educação mínima, como também corpos saudáveis e preparados para a concepção. Um dos objetivos do primeiro capítulo da novela, e a apresentação do casal, baseava-se na contestação a essas idéias, já que as boas condições físicas da personagem não foram suficientes para reprodução.

Dr. Bacamarte tornou-se alienista para curar a tristeza de não ter filhos. A opção por essa especialização foi motivada ainda por causa da ausência de “autoridade em semelhante matéria”, tanto no Brasil quanto em Portugal. Até então, aos furiosos reservava-se a clausura doméstica, enquanto não faleciam, e aos mansos permitia-se que vagassem pelas ruas. Foi isso, aliás, o que constatou Magali G. Engel, tendo em vista que a criação do primeiro hospício

¹²² MARTINS. A. P. V. *Visões do feminino: a medicina da mulher no século XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

na Corte datava de 1852¹²³. A intensificação dos estudos sobre a loucura iniciou-se quando da implementação da cadeira de clínica psiquiátrica nos cursos de Medicina das faculdades do Rio de Janeiro e da Bahia. A personagem pretendia, de fato, adentrar terreno ainda não explorado. A escrita dessa história foi contemporânea a acirradas discussões sobre a medicalização da loucura¹²⁴. A novela apresentava como outro objetivo questionar os métodos utilizados por aqueles homens de ciência para identificar alienados. Assim cumpria papel de avaliar o cientificismo e suas verdades absolutas. Nesse sentido, o médico mostrava suas intenções ao boticário:

O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhes os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade¹²⁵.

Aparentemente muito bem intencionado, o médico deu início à sua obra. No entanto, desde o princípio havia desconfiança de que o alienista era alienado. Essa idéia veio à tona, primeiro, quando apresentou sua proposta de “meter os loucos na mesma casa”. Depois enquanto articulavam a revolta dos Canjicas. Por último, foi o próprio médico que se auto-identificou como tal. Tudo isso fazia parte da oposição ao Dr. Bacamarte, marcada também pelas disputas entre médicos científicos e aqueles classificados como charlatões. Foi um representante destes últimos que formulou a idéia de que a Casa Verde poderia ser identificada a um “cárcere privado”. Mesmo como portador do conhecimento científico, o Dr. Bacamarte não estava livre de oposição. Ao contrário disso, quase todas as suas medidas foram contestadas, de alguma forma. Por acreditar ser portador de verdades científicas, incompreensíveis ao restante da população, insistia nos seus métodos. À época em que exercia sua profissão, além das desconfianças dos pacientes, resistentes aos tratamentos, havia enormes discordâncias entre os próprios médicos. Por causa disso foi crescente o esforço da

¹²³ ENGEL, M. G. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

¹²⁴ ENGEL, M. G. “A loucura, o hospício e a psiquiatria em Lima Barreto: críticas e cumplicidades”. In: CHALHOUB, S. Et al. *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas, SP, Ed. da Unicamp, 2003.

¹²⁵ *Papéis avulsos*. P. 8.

medicina dita científica em desqualificar outros tipos de conhecimento sobre doença e cura¹²⁶. O Dr. Bacamarte teve que enfrentar dúvidas, revoltas e ver seus estudos, volta e meia, colocados em descrédito. Machado de Assis piorava ainda mais a situação da personagem ao mostrar o quanto eram frágeis as suas conclusões. Afinal de contas, se num determinado momento algumas características eram identificadas como sintomas de loucura, em seguida, o contrário transformava-se em insanidade.

A loucura poderia ser diagnosticada por meio de marcas corporais, comportamentos que fugissem a padrões pré-estabelecidos e até pela vestimenta. Não demorou muito para que a Casa Verde ganhasse seus primeiros internos. Nem todos os casos, no entanto, foram facilmente compreendidos pela população de Itaguaí. Mesmo porque aquelas pessoas conviviam pacificamente, embora tivessem hábitos que poderiam chamar atenção pela excentricidade. Um dos maiores contestadores das medidas do Dr. Bacamarte foi o padre Lopes. Essa posição pode ser justificada, por causa da constante ameaça aos dogmas da Igreja, representados pela ciência defendida pelo outro personagem. A vontade do médico, segundo um de seus trocadilhos, era de que sua instituição tivesse o “governo temporal” e o “governo *espiritual*”. Dentre os casos classificados pelo médico e contestados pelo padre, estava o do “rapaz bronco e vilão” que fazia discursos acadêmicos. O primeiro acreditava haver explicação científica para aquilo, enquanto o outro justificava com as Escrituras. Interessante observar a relação entre esses dois personagens. O alienista, conforme já vimos, usava o Alcorão e, para se proteger, afirmava que aquelas idéias haviam sido retiradas da Bíblia, sem que o vigário percebesse. A estratégia do padre Lopes fora, a princípio, de aproximação e discordância velada. Revelou-se apenas no último parágrafo, quando o narrador contou a origem dos boatos de nunca ter existido outro louco em Itaguaí, além do próprio médico. A suposta amizade entre esses dois não poderia ser diferente, já que Machado tinha como objetivo demonstrar os contrastes e disputas entre religião e ciência. Dois campos que se repeliam muito mais do que se atraíam.

O restante da população, mesmo considerando a maioria das internações como absurdas e abusos de poder, não reagia abertamente. O terror instalou-se em Itaguaí apenas

¹²⁶ Sobre as disputas entre os próprios médicos ao longo século XIX ver, SAMPAIO, G. dos R. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

depois de implementadas as novas idéias do médico. Antes disso, o Dr. Bacamarte explicava ao amigo e boticário, Crispim Soares:

Trata-se de cousa mais alta, trata-se de uma experiência científica. Digo experiência, porque não me atrevo a assegurar desde já a minha idéia; nem a ciência é outra cousa, Sr. Soares, se não uma investigação constante. Trata-se, pois, de uma experiência que vai mudar a face da terra. A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente¹²⁷.

Depois de colocar em prática essa “experiência científica”, boa parte da cidade foi internada na Casa Verde. Isso atiçou a fúria de alguns e o desejo de derrubar o médico e tomar o poder. Os capítulos que tratam das novas internações realizadas pelo Dr. Bacamarte e da conseqüente revolta dos Canjicas ocupam parte central da novela. Relatam caso a caso como cada personagem fora identificada como louca; as esperanças da população renovadas com o retorno de D. Evarista, depois de viagem feita ao Rio de Janeiro; e a tentativa do barbeiro Porfírio de tomar o poder. Com esse exercício narrativo, vemos como, ao discutir questões científicas, Machado de Assis abordava outros temas. Problemas que não se sobrepunham ao mote central do livro, mas que apareciam na formação de seu conjunto. O debate em torno de práticas políticas degeneradas não foi restrito à revolta dos Canjicas. Desde as discussões em torno da criação da Casa Verde já estava lá. Como nos conta o narrador da novela, tudo em Itaguaí já era tributado. Mesmo assim e depois de muito estudo, foi possível arranjar mais um imposto, que rendeu bastante dinheiro à obra do Dr. Bacamarte. A solução não poderia ter sido algo menos bizarra do que cobrar pelo uso de penachos, em cavalos que acompanhassem enterros. Depois, com a rebelião, o que estava em jogo não eram os métodos usados pelo médico ou a sua concepção de ciência. O barbeiro Porfírio, líder da manifestação popular, parecia empenhado em causas pessoais. Assim explicava o narrador, usando como fonte uma de suas laudas mais confiáveis:

(...) note-se que o Porfírio, desde que a Casa Verde começara a povoar-se tão extraordinariamente, viu crescerem-lhe os lucros pela aplicação assídua de sanguessugas que

¹²⁷ *Papéis avulsos*. Pp. 19-20.

dali lhe pediam: mas o interesse particular, dizia ele, deve ceder ao interesse público. E acrescentava: - é preciso derrubar o tirano! Note-se mais que ele soltou esse grito justamente no dia em (que) Simão Bacamarte fizera recolher à Casa Verde um homem que trazia com ele uma demanda, o Coelho¹²⁸.

Esse Coelho não parecia nada honesto. Seus negócios com o barbeiro eram os mais obscuros. Foi justamente o barbeiro Porfírio quem insuflou e liderou a revolta dos Canjicas. Movimento cheio de comparações com a Revolução Francesa. A Casa Verde fora transformada na Bastilha e Paris comparada a Itaguaí. O maior problema dessas correlações parecia ser o próprio líder, que, no final de tudo, ainda achou mais conveniente aliar-se ao médico. Não poderíamos esperar algo muito diferente de personagem com aquele perfil. Para o alienista, no entanto, as atitudes de Porfírio não passavam de sinais de loucura. Haja vista sua internação, depois de acalmada a revolta. O andamento dessa revolta mostra como alguns sujeitos políticos usavam o poder em benefício próprio, mesmo querendo passar o contrário disso. Essa mesma idéia é retomada em outros contos da coletânea, tendo como ponto de partida discussões científicas, conforme veremos no próximo item deste capítulo.

Dentre as poucas personagens femininas de “O alienista”, a de maior destaque é a esposa do médico, D. Evarista. Além dela, apareceram apenas a esposa do boticário Crispim e a prima do Costa. Esta última fora internada após tentar defender o primo e mostrar toda a sua superstição. A outra foi parar no hospício depois da reformulação das teorias de Bacamarte. No diagnóstico dela havia o fato de ser portadora de “beleza moral” a qual contrastava com a “astúcia e velhacaria” do marido. A trajetória de D. Evarista, ao contrário dessas outras, foi mostrada desde o começo, quando fora escolhida para esposa, conforme já vimos. Embora não tenha consigo gerar descendentes, cumpria seu papel de esposa, recebendo muito bem em sua casa e acompanhando o marido em todas as obras dele. Logo que a Casa Verde foi inaugurada, não foi diferente:

D. Evarista, contentíssima com a glória do marido, vestira-se luxuosamente, cobriu-se de jóias, flores e sedas. Ela foi uma verdadeira rainha naqueles dias memoráveis; ninguém deixou de ir visitá-la duas e três vezes, apesar dos costumes caseiros e recatados do século, e não só a

¹²⁸ *Papéis avulsos*. P. 40.

cortejavam como a louvavam; porquanto, - e este fato é um documento altamente honroso para a sociedade do tempo, - porquanto viam nela a feliz esposa de um alto espírito, de um varão ilustre, e, se lhe tinham inveja, era a santa e nobre inveja dos admiradores¹²⁹.

A personagem tinha como função na história definir o papel das mulheres, seguindo o solicitado pela ciência. Ao longo desse exercício, Machado de Assis apontava alguns problemas. O primeiro foi a maternidade, depois a vida em sociedade e, finalmente, a própria relação com o marido. Dentro de casa, D. Evarista obtivera sucesso, ao menos, levando-se em consideração a opinião da “sociedade do tempo”. No entanto, essa suposta realização não ultrapassava os dias de festa. Passados esses momentos, era preterida pelos livros e novas experiências, retomando a solidão. A solução encontrada pelo médico fora mandar a esposa para o Rio de Janeiro. Livrava-se das cobranças dela e podia dedicar-se com mais afinco à sua profissão. Nesse momento, o narrador mostra as estratégias de D. Evarista para conseguir o que queria, deixando que o “sábio” alienista acreditasse que a concessão fora dele. A relação entre marido e mulher é exposta por meio de diálogos sinuosos, nos quais ambos passam a impressão de domínio sobre as reações do outro.

Em “O alienista”, Machado mostrava como o discurso científico perpassava vários setores da vida social. Não estava apenas na boca do médico, quando esse preparava sua argumentação para internar mais um na Casa Verde. Servia aos governantes para angariar verbas e tomar o poder, como também nos relacionamentos matrimoniais. Nesse sentido, havia tentativa de clarificar as artimanhas daquele modo de organizar idéias, que servia tanto para as acirradas disputas entre médicos, quanto para outras autoridades com intenções pouco lisonjeiras. A realização dessa análise na entrada dos anos de 1880 parece bastante significativa. Afinal de contas, tão calorosos quanto os debates entre literatos sobre qual a melhor forma narrativa para expressão da nacionalidade eram os esforços de parcelas daquela sociedade para compor seu povo. Para isso e por meio de discursos fundamentados em princípios cientificistas, políticas de expulsão de moradores das regiões centrais, bem como de destruição de cortiços foram implementadas¹³⁰. Esses projetos, elaborados por higienistas,

¹²⁹ *Papéis avulsos*. Pp. 6-7.

¹³⁰ CHALHOUB, S. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

tinham como metas melhorar as condições sanitárias da Corte e impedir o alastramento de algumas doenças. No entanto, usavam o vocabulário dito científico para justificar decisões administrativas pautadas por forte caracterização racista de dominação e exclusão social. A linguagem usada por esses doutos, bem como o modo pelo qual suas idéias organizavam-se, serviam de impedimento a qualquer tipo de contestação, por causa dos princípios científicos que diziam carregar. Machado de Assis mostrou isso muito bem, quando os revoltosos de Itaguaí armaram sua rebelião. O Dr. Bacamarte e seu típico sorriso estampado no rosto, afirmava:

Meus senhores, a ciência é cousa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a administração da Casa Verde, estou pronto a ouvir-vos; mas se exigis que me negue a mim mesmo, não ganhareis nada. Poderia convidar alguns de vós, em comissão dos outros, a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos, nem a rebeldes¹³¹.

Os atos baseados na ciência não poderiam ser contestados a não ser por seus pares. No primeiro conto dessa coletânea, as medidas arbitrárias desse médico afetaram a vida de todos os moradores de Itaguaí. Retórica e ciência pareciam então caminhar juntas tanto naquela cidadezinha, quanto na Corte entre os anos de 1870 e 1880. O ofício de escritor de folhetins e organizador de livros permitia a Machado de Assis a elaboração de narrativas que discutiam o fazer literário e, por conseguinte, as políticas de dominação social que elegiam no discurso científico seus subsídios. Foram esses os elementos que retornaram nos contos seguintes daqueles *Papéis avulsos*.

4.2 – A moda científicista

A literatura produzida por Machado e seus contemporâneos não tinha apenas como finalidade o entretenimento. Mesmo quando buscava divertir, fazia isso de modo a construir

¹³¹ *Papéis avulsos*. Pp. 48-9.

críticas sociais amplas. Em *Papéis avulsos*, conforme venho argumentando, houve esforço no sentido de revelar como o discurso produzido pela ciência, tão na moda por aqueles tempos, em especial quando se tratava de produzir justificativas para algumas medidas políticas arbitrárias, caminhava de mãos dadas com mudanças no modo de dominação, em curso no período de escrita e publicação ainda nos periódicos daqueles contos. Para isso, seu organizador criou narrativas que se remetiam ao período compreendido entre os anos de 1850 e 1870. Das 12 histórias do livro, apenas 3 não apresentam datação precisa. São “O alienista”, “O empréstimo” e “O espelho”. Ainda assim já levantamos alguns indícios que situam a história de “O alienista” entre o final do século XVIII e o começo do XIX. Os narradores de “O empréstimo” e de “O espelho”, provavelmente, contaram suas histórias no mesmo momento em que Machado de Assis as escreveu. Sobre o segundo, sabemos a origem do espelho, comprado de fidalga vinda em 1808. Em alguns outros contos, o narrador fez questão de destacar o local, a data e, em outros, até a hora em que aconteceram os fatos contados. Em “A chinela turca”, o bacharel Duarte acertava seu laço de gravata no ano de 1850. Nicolau, personagem de “Verba testamentária”, faleceu em 1855. Nesta história ainda houve retorno no tempo, com finalidade de contar a vida da personagem. Tudo muito bem marcado. “Teoria do medalhão” mostrava diálogo entre pai e filho. A conversa começara às 11 horas da noite e havia sido motivada por causa do aniversário do filho. Este nascera no dia 5 de agosto de 1854. Como o personagem entrava para a maioridade naquele momento, o diálogo transcorria no ano de 1875. Ainda nas comemorações natalícias, em “D. Benedita”, a personagem que emprestava nome ao conto festejava seu aniversário em 19 de setembro de 1869. Parte da história começou a ser narrada às seis horas da tarde. “O anel de Polícrates” traz referências ao Gabinete Paraná e também a casos acontecidos em 1869-1870. A carta do desembargador X... ao chefe de polícia da Corte, de “Uma visita de Alcibíades”, datava de 20 de setembro de 1875. A descoberta do cônego Vargas, de “A sereníssima República”, é de 1876.

Esse cuidado de Machado de Assis ao escolher cada uma dessas datas, fechando suas discussões num período restrito, ajuda-nos a delinear as duas historicidades do livro: aquela referente à datação narrativa e ao momento de escrita. Embora a difusão das correntes científicas tenha ganhado força somente a partir dos anos de 1870, desde 1844 já haviam começado a aparecer menções à obra de Augusto Comte, por exemplo, em tese apresentada na

Faculdade de Medicina na Bahia¹³². Foi também na década de 1870 que o posicionamento dos brasileiros com relação ao darwinismo começou a ser definido¹³³. Ao lado dessas questões, precisamos ter em vista o quanto foi importante esse mesmo período na elaboração de leis e no crescimento de movimentos interessados no lento e gradual processo de libertação dos escravos no país. Tudo isso serviu de material para a construção narrativa dos contos organizados nos *Papéis avulsos*, por Machado de Assis.

Na divulgação das idéias científicas, a imprensa exerceu papel fundamental. Machado de Assis parece ter sido não apenas colaborador daquelas páginas, como leitor assíduo das novidades ali expostas. Como já vimos, havia esforço da sua parte em relacionar cada história com o seu lugar de publicação. Essa estratégia ajudou-o na congregação de vários elementos presentes naquelas folhas. O conjunto formado entre as colunas precedidas pela rubrica *sciencia* e as histórias escritas por ele ajudou a formar espaço apropriado para a divulgação de idéias e críticas em torno do cientificismo. Isso facilitou a circulação de problemas e discussões outrora restritos a poucos intelectuais. Um dos grandes expoentes dessas novidades foi *O Globo*. A organização desse jornal, desde sua fundação em 1874, contou com coluna intitulada *Seção Científica*. Esta durou até julho de 1875, quando a formatação de suas páginas passou por algumas alterações. A partir desse momento, as notícias antes ali agrupadas foram alocadas em *Sciencia*, *Seção bibliográfica*, *Seção literária*, ou espalhadas em artigos sobre assuntos diversos. Vejamos quais temas e autores foram mais recorrentes. Nos dias 27 de janeiro e 04 de fevereiro de 1875, em *Seção bibliográfica*, foi publicada resenha, assinada por Edmundo Villetard, sobre a obra *Introdução à ciência social*, de Herbert Spencer. Eram bastante comuns artigos com esse propósito de analisar as novas publicações. Os comentários dirigidos ao livro não foram os mais elogiosos. Segundo indicação do resenhista, a obra valia a pena por causa de suas questões secundárias, já que o propósito principal era provar a impossibilidade de constituição da ciência social. Observando a biblioteca de Machado de Assis, constatamos a existência da edição de 1878 desse livro de

¹³² DANTES, M. A. M. “Os positivistas brasileiros e as ciências no final do século XIX”. In: HAMBURGER, A. I. Et alli. (org.). *A ciência nas relações Brasil-França. (1850-1950)*. São Paulo: Edusp, 1996.

¹³³ DOMINGUES, H. M. B & SÁ, M. R. “Controvérsias evolucionistas no Brasil do século XIX”. In: DOMINGUES, H. M. B. (org.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

Spencer, juntamente com outras obras do mesmo autor¹³⁴. Aliás, é importante recordar que o artigo “A nova geração”, publicado no final de 1879, havia sugestão para que os novos literatos relesem a obra de Spencer entre outros.

As páginas de *O Globo* receberam também, nesse mesmo período, mais uma polêmica, envolvendo Sylvio Romero. O jornal anunciava com entusiasmo, na *Seção Científica*, a publicação de artigos desse autor e de Couto de Magalhães:

Abrimos hoje espaço nesta seção ao primeiro dos artigos com que o ilustrado Sr. Dr. Couto de Magalhães pensa acompanhar os do Sr. Silvio Romero, que ontem começamos a publicar e relativos à obra intitulada *Regiões e raças selvagens do Brasil* pelo mesmo Sr. Dr. Couto de Magalhães publicada há algum tempo.

Os amadores dos estudos etnográficos, que tão grande importância devem merecer às nações americanas, aplaudirão sem dúvida o debate que se vai travar no terreno neutral da ciência e da investigação histórica¹³⁵.

Polêmicas desse teor eram usadas pelos jornais com finalidade de atizar a curiosidade do público leitor. Criavam espaço de discussão aberto às várias vertentes de pensamento sobre o mesmo tema. Mostravam acusações trocadas entre os debatedores de não terem lido da maneira correta uma ou outra obra. Jogavam por terra qualquer tentativa de criação de uniformidade dentro do movimento. Fora das colunas especializadas do jornal a dissensão era também contínua. Joaquim Nabuco, no espaço de folhetim do *Globo*, assinou artigo intitulado “Um darwinista alemão”¹³⁶. Tinha como objetivo lançar algumas observações a respeito da obra de Haeckel. Com tom carregado de sarcasmo, expunha as dificuldades de conciliar religião e ciência. Não foram poucas as tentativas de aproximação entre esses dois campos aparentemente tão distantes. Segundo o folhetinista, a literatura, a arte e mesmo a civilização viam-se ameaçadas pelo “progresso do ateísmo científicista”. Por causa disso, contestava a validade e necessidade daquela ciência.

¹³⁴ As obras de Spencer constantes na biblioteca de Machado de Assis são: *Introduction a la science sociale*, 3ª edição, de 1878; *L'individu contre l'état*, de 1888; *Principes de sociologie*, volume 1 de 1878 e volume 2 de 1879; *Principes de biologie*, 2 volumes de 1877. Ver, JOBIM, J. L. (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Op. Cit.

¹³⁵ *O Globo*. 04 de junho de 1875.

¹³⁶ *O Globo*. 15 de agosto 1875.

É muito provável que esses escritos tenham feito parte do rol de leituras de Machado de Assis. Principalmente se levarmos em consideração que, quando tudo isso foi publicado nas páginas de *O Globo*, o espaço de folhetim desse jornal contava com os romances *A mão e a luva* (setembro a novembro de 1874) e, em seguida, com *Helena* (agosto a setembro de 1876). Não nos parece absurdo supor que Machado fosse leitor do jornal escolhido para publicação de sua obra. Somando-se a essa evidência, o cônego Vargas – narrador de “A sereníssima República” – alertava para o seguinte:

Minha descoberta não é recente; data do fim de 1876. Não a divulguei então, - e, a não ser o *Globo*, interessante diário desta capital, não a divulgaria ainda agora, - por uma razão que achará fácil entrada no vosso espírito. Esta obra de que venho falar-vos, carece de retoques últimos, de verificações e experiências complementares. Mas o *Globo* noticiou que um sábio inglês descobriu a linguagem fônica dos insetos, e cita o estudo feito com as moscas¹³⁷.

Esse jornal tinha suas páginas abertas para toda e qualquer novidade dita científica. Apesar das várias notícias sobre fisiologia, higienismo, espiritismo e tantas questões acerca da medicina e das inovações no terreno da “filosofia e a história na Alemanha”¹³⁸, nada foi encontrado sobre a descoberta do “sábio inglês”. Por causa da estrutura e orientação de *O Globo*, Machado de Assis sentia-se à vontade para lançar mão de um chiste no seu conto. Garantiria reconhecimento da parte do seu público, que não desconfiaria da brincadeira. Os jornais da Corte tornavam-se assim os melhores e mais concorridos espaços de divulgação e discussão científica. Pois abriam suas páginas até mesmo para experiências inconclusas. Qualquer leitor tinha ao seu alcance notícias sobre as polêmicas mais acirradas. Mesmo porque esse tema aos poucos passava a não se restringir apenas às colunas especializadas. Estava espalhado por todo o corpo do jornal. Mostravam desde médicos lutando pelo reconhecimento popular de suas práticas até jovens intelectuais entusiasmados com as novidades chegadas da Europa.

Associado à imprensa, o espaço reservado às conferências também garantiram o alastramento das discussões científicas. José Murilo de Carvalho, no artigo “As conferências

¹³⁷ *Papéis avulsos*. Pp. 225-6.

¹³⁸ “A filosofia e a história na Alemanha” foi série publicada ao longo de vários números de *O Globo*, no ano de 1875. Aparecia nas colunas “Seção literária” e “Seção científica”.

radicais do Rio de Janeiro: novo espaço de debate”, mostrou a importância da imprensa e do parlamento como espaços de discussão política¹³⁹. A superioridade da primeira é atribuída ao alcance do público e por causa do funcionamento constante. As conferências constituíram-se em lugares privilegiados para discussão de temas variados e de interesse público¹⁴⁰. Os conferencistas e organizadores daqueles eventos usavam a imprensa para atrair platéia e como forma de divulgação de suas idéias. Por isso, muitos daqueles eventos mantiveram seus próprios jornais. As Conferências Radicais tiveram dois momentos: o primeiro em 1849 e depois nos anos de 1860. Contaram com público considerável, constituído de “gente com nível educacional bem acima da média e gente jovem, sobretudo estudantes das escolas superiores”¹⁴¹. Outro espaço similar a esse, embora com algumas diferenças, foi o das Conferências Populares da Glória¹⁴². Estas aconteceram com bastante regularidade, desde sua inauguração no dia 23 de novembro de 1873. Realizadas nas manhãs de domingo, na escola pública da Glória, e organizadas pelo conselheiro Manoel Francisco Correia, tiveram os resumos das falas dos conferencistas publicados nos jornais. Para suprir necessidade de divulgação completa daqueles textos, foi lançado, em 1876, o periódico *Conferências Populares*, impresso pela *Typ. Imp e Const. de J. de Villeneuve & C.*, de janeiro a outubro de 1876, com sede na Rua do Ouvidor, 65. Logo na “Introdução”, assinada por J. M. de Almeida e H. Chaves, pediam proteção do público e afirmavam que, se a publicação não obtivesse sucesso, ao menos teriam cumprido com o dever de lutar pela civilização do Brasil.

Naquelas concorridas conferências, problemas relacionados à instrução pública apareceram com destaque ao lado da importância de oferecer educação de qualidade para as mulheres. Ainda foram tratadas questões literárias e, como não poderiam faltar, as novidades filosóficas e científicas. Alguns dos grandes nomes da jovem intelectualidade brasileira preenchiem não só os bancos da platéia, como ajudaram a compor o grupo de expositores. O

¹³⁹ CARVALHO, J. M. de. “As conferências radicais do Rio de Janeiro: novo espaço de debate”. In: CARVALHO, J. M. (org.). *Nação e cidadania no império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

¹⁴⁰ Ângela Alonso mostrou como o Centro Positivista adotou estratégia de propaganda, incluindo a organização de conferências públicas. Além disso, ainda escolheu lugares chave de atuação, como São Paulo e Recife. Ver, ALONSO, A. *Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. P. 131.

¹⁴¹ Idem. P. 29.

¹⁴² José Murilo de Carvalho aponta como diferenças entre as conferências radicais e as da Glória o fato de as primeiras não terem se constituído como “fórum de debates livres”. P. 31.

elevado número de analfabetos identificados pelo recenseamento preocupava, porque aqueles intelectuais consideravam que a única forma de fazer com que a nação prosperasse era oferecendo ao povo o mínimo de instrução¹⁴³. Além disso, consideravam o cultivo da inteligência como meio para reduzir a criminalidade. Não defendiam qualquer ensino, mas aquele que levasse princípios morais. Seguiu tendência geral da época, agindo no sentido de tentar configurar um lugar para as classes pobres. A discussão restringia-se àqueles que se consideravam sábios em busca de soluções para o país. Assim acontecia também com assuntos relacionados à educação das mulheres. Ainda mais acrescido de outros elementos, com função de fermento, por considerarem que a importância da mulher estava na maternidade. Responsáveis pelos futuros cidadãos do país, havia necessidade de oferecer às mães a melhor educação possível¹⁴⁴.

Essas preleções foram todas construídas com base em conhecimentos científicos que os expositores diziam possuir. A maioria daqueles que subiu na tribuna era formada ou em medicina ou em direito¹⁴⁵. Esse dado conferia prestígio e respeitabilidade aos conferencistas diante de público seletivo, constituído até mesmo pelos membros da família real. Mas não os isentava de tentar divulgar suas idéias para o grande público. Para isso, contavam com ajuda dos jornais de grande circulação. Foi com muito barulho que a conferência “Da moda em relação com a higiene” foi recebida¹⁴⁶. Proferida pelo médico Dr. Antônio Felício dos Santos, em 16 de abril de 1876, chamava atenção para os incômodos e doenças que determinadas roupas e adereços poderiam causar. Além disso, ainda tentava mostrar como a moda influenciava também “as artes, as ciências, os costumes, a política e até a religião”. A fala dirigia-se tanto aos senhores, quanto às senhoras. Havia idéia de atribuir à moda responsabilidade por corromper não só os costumes mais banais, como também os rumos da própria ciência. Abordadas direta ou indiretamente, as discussões científicas rendiam bastante, em espaços como aqueles reservados pela imprensa e pelas conferências. Tinham a intenção de difusão e também de esclarecimento ao público leigo. Parecia o melhor lugar para tratar de

¹⁴³ Sobre a questão da instrução pública, ver as conferências proferidas pelo conselheiro Manoel Francisco Correia, dos dias 22 e 29 de agosto, 03 de outubro e 21 de novembro de 1875.

¹⁴⁴ Ver as conferências dos dias 18 e 25 de janeiro, 15 de fevereiro e 22 de março de 1874 e 4 de junho de 1876.

¹⁴⁵ CARULA, K. *As Conferências Populares da Glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880)*. Dissertação de Mestrado em História: Unicamp, IFCH, 2007. P. 55.

¹⁴⁶ Recomendações sobre essa conferência foram publicadas na *Gazeta de Notícias*, dos dias 17 e 30 de abril e 9 de maio de 1876.

questões sobre o darwinismo, o espiritismo ou o positivismo. Algumas vezes, esses assuntos mesclavam-se a outros e apareciam de forma indireta, em outras, ganhavam destaque e continuavam recebendo aplausos.

Uma das preleções mais lembradas, e que abordava diretamente o darwinismo, foi proferida por Miranda Azevedo¹⁴⁷. Logo de começo, o conferencista afirmava tratar de tema pouco conhecido entre os brasileiros. Sentia-se estimulado, porque acreditava “contribuir para o aperfeiçoamento dos estudos e da instrução popular no Brasil”. Aquela não havia sido a primeira vez que esse médico usara o espaço da escola da Glória para falar. Independente da questão que abordasse, a preocupação desse médico voltava-se para manifestar suas opiniões políticas¹⁴⁸. Aliás, esse foi posicionamento constante entre os conferencistas da Glória. Tratar de questões científicas significava pensar sobre os destinos do país. Ou seja, a organização da língua pátria, a geografia, seu ensino e discussões em torno de qual raça deveria ser estimulada para que imigrasse e melhorasse a população¹⁴⁹. O formato e a popularidade dessas conferências contribuíram com a escrita dos contos de *Papéis avulsos*. Não só porque questões científicas apareciam ali como centrais, mas também por causa da organização, com escolha de supostos especialistas para falar. Em sua “A sereníssima República”, Machado faz questão de frisar o amor pela ciência reivindicado pelo cônego Vargas, bem como suas supostas leituras de Darwin e Büchner. Em “O alienista”, o Dr. Bacamarte, mesmo sendo médico, usava suas leituras como forma de validar suas experiências diante da população de Itaguaí.

Imerso nessas discussões Machado de Assis pode ser compreendido como escritor que usou sua literatura com o objetivo de se posicionar diante das “novidades científicas”. Sejam aquelas divulgadas pela imprensa, ou pelas conferências populares. Especialmente porque o andamento daqueles debates poderia ajudar em definições de fundamental importância política para o país. O que estava em jogo era a questão do trabalho, com inquietações sobre o destino a ser dado aos ex-escravos e a inserção de imigrantes. Da mesma forma, havia o problema sobre quais espaços sociais conceder às mulheres, o aperfeiçoamento do sistema eleitoral, entre tantas outras questões. Para resolver tudo isso, o cientificismo aparecia com várias

¹⁴⁷ Ver, COLLICHIO, T. A. F. *Miranda Azevedo e o darwinismo no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. A conferência de Miranda Azevedo foi proferida no dia 11 de abril de 1875 e publicada no primeiro número de *Conferências Populares*.

¹⁴⁸ Idem. P. 29.

¹⁴⁹ Ver a conferência proferida pelo Dr. Nuno de Andrade, intitulada “Aclimatação dos europeus nos países quentes”. In: *Conferências Populares*. Março de 1876. Pp. 79-92.

justificativas e medidas, orientadas pelo evolucionismo e pelas noções de diferenças raciais e sexuais. Enquanto escrevia os contos dessa coletânea, Machado explorava questões desse naipe. Em “O alienista”, vários pontos foram abertos. Algumas certezas científicas foram colocadas em xeque, em especial, aquelas propostas por meio do exercício da medicina. O Dr. Bacamarte, grande estudioso e apaixonado confesso pela ciência, não apareceu sozinho naquele livro. Vejamos, então, como os seus pares foram construídos e quais as preocupações de cada um deles.

O Dr. Bacamarte, nos *Papéis avulsos*, tinha como companheiros de profissão Diogo Meirelles, de “O segredo do Bonzo”, e o cunhado de Nicolau, de “Verba testamentária”. Como já sabemos, o primeiro conto pertencia à obra de Fernão Mendes Pinto e por isso começava referindo-se ao que supostamente havia terminado de contar ainda naquele livro, para depois passar a contar as peripécias de seu narrador e personagens. O narrador participava diretamente da história e, enquanto passeava com Diogo Meirelles, viam e discutiam algumas experiências realizadas na cidade de Fucheo, em 1552. A primeira experiência presenciada pelos dois tinha como centro um “homem da terra”. Este cientista falava sobre a origem dos grilos, utilizando para tanto gestos e voz, com o objetivo de impressionar os ouvintes. Assim como o Dr. Bacamarte que alegava discutir suas intenações apenas com outros médicos, esse personagem dizia que sua descoberta era “impossível a quem não fosse, como ele, matemático, físico e filósofo”. Além do estudioso dos grilos, outros cientistas ainda foram vistos no caminho de Diogo Meirelles. Todos divulgavam as suas descobertas e afirmavam ter como intenção “dar glória ao reino de Bungo”. Na verdade, a aparente coincidência de encontrar esses homens de ciência revelava a prática da doutrina do bonzo Pomada. Essa doutrina foi explicada da seguinte forma:

Haveis de entender, começou ele, que a virtude e o saber, tem suas existências paralelas, uma no sujeito que as possui, outra no espírito dos que o ouvem ou contemplam. Se puserdes as mais sublimes virtudes e os mais profundos conhecimentos em um sujeito solitário, remoto de todo contato com outros homens, é como se eles não existissem. Os frutos de uma laranjeira, se ninguém os gostar, valem tanto como as urzes e plantas bravias, e, se ninguém os vir, não valem nada; ou, por outras palavras mais enérgicas, não há espetáculo sem espectador¹⁵⁰.

¹⁵⁰ *Papéis avulsos*. Pp. 183-4.

O principal dessa doutrina parecia estar na divulgação ampla e irrestrita de toda e qualquer descoberta científica, adornada por certo gestual e acompanhada por aplausos e aceitação pública. Machado delineava então o princípio básico das conferências e de outros espetáculos destinados à divulgação científica caros aos seus contemporâneos. Em especial quando as falas dos supostos homens de ciência não fossem embasadas em pesquisas sérias, e tivessem como única finalidade alcançar sucesso e reconhecimento. Conhecedores da doutrina, o médico, o narrador e mais outro acompanhante decidiram experimentá-la. O terceiro teve a idéia de criar um jornal e divulgar suas alpacas como as primeiras do mundo. Isso fez com que tais alpacas começassem a ser “buscadas com muita curiosidade e ardor”. A experiência do narrador do conto não foi por ele relatada num acesso de modéstia. Preferia guardar espaço para contar o que havia feito o médico Diogo Meirelles. Mesmo assim, sobre a recepção de sua experiência, deixou registrado que alcançou sucesso sem usar nada mais do que os seguintes recursos:

(...) da graça de arquear os braços para tomar a charamela, que me foi trazida em uma bandeja de prata, da rigidez do busto, da unção com que alcei os olhos ao ar, e do desdém e ufanía com que os baixei a mesma assembléia, a qual neste ponto rompeu em um tal concerto de vozes e exclamações de entusiasmo, que quase me persuadiu do meu merecimento.

Isso servia para confirmar mais uma vez como o gestual e também a retórica, de acordo com aquela utilização, sobrepunham-se ao conteúdo do que era dito. Com a descrição do experimento de Diogo Meirelles, Machado mostrou como aquela técnica poderia ser usada em aspectos contundentes da vida das pessoas. Para além de definições sobre a origem dos grilos ou o princípio da vida futura, a ciência, quando praticada daquela forma, poderia sugerir a cura de doenças e até mesmo a eliminação de características, consideradas como pertencentes a raças inferiores. Aliás, foi justamente essa a proposta do médico Diogo Meirelles. Os habitantes de Fucheo foram acometidos por moléstia, que tinha como principal sintoma inchar os narizes. Os “físicos da terra” já haviam proposto a extração do órgão afetado. Os doentes, no entanto, resistiam ao tratamento e preferiam à morte. O trabalho do médico consistiu em encontrar um modo de convencer à população a se submeter a tal cirurgia. Para isso, usou os

ensinamentos do bonzo Pomada. Fez com que se reunissem “físicos, filósofos, bonzos, autoridades e povo”, em grande espetáculo. Ali explicou sua idéia de substituir “o nariz achacado por um nariz são, mas de pura natureza metafísica”. Nessa empreitada, contou com apóio de alguns filósofos presentes, que “um tanto envergonhados do saber de Diogo Meirelles, não quiseram ficar-lhe atrás, e declararam que havia bons fundamentos para uma tal invenção, visto não ser o homem todo outra coisa mais do que um produto da idealidade transcendental; donde resultava que podia trazer, com toda a verossimilhança, um nariz metafísico, e juravam ao povo que o efeito era o mesmo”¹⁵¹.

As experiências “científicas” mostradas pelo narrador de “O segredo de Bonzo” seguem uma linha crescente de importância e influência direta na sociedade. Quanto mais a narrativa avança, mais fortes tornam-se os efeitos naqueles que acreditam e colocam em prática as idéias daqueles homens de ciência. Parece que o objetivo de Machado era justamente mostrar o risco, por causa da continuidade da atividade de supostos bonzos de sua época. Se quando esses começaram a aplicar aquela doutrina produziam discursos autorizados sobre a origem e o futuro de alguma espécie, em seguida passariam a divulgar critérios de exclusão racial. Tanto esse conto quanto “O alienista”, de certo modo, caminhavam no mesmo sentido. Ambos evidenciavam o respaldo obtido por médicos estrangeiros entre seus pares locais. Por isso o boticário tornou-se o maior aliado do Dr. Bacamarte. Quando este percebeu que era o único louco de Itaguaí, convocou “conselho de amigos” para compartilhar suas dúvidas. Diogo Meirelles teve maior aceitação, por causa das declarações dos filósofos da terra. Talvez a maior preocupação de Machado de Assis com esses contos fosse por causa da suposta neutralidade carregada pelos discursos científicos em sua época. Muitos daqueles homens de ciência escondiam-se por detrás da imagem de cientistas e usavam a crença da sociedade de que haviam obtidos certos resultados por meio de estudos sérios. Devido a isso então medidas políticas baseadas em conhecimentos científicos ganhavam legitimidade especial. Machado tinha como idéia central mostrar o desenvolvimento e as possíveis conseqüências de tais discursos.

Nosso literato insistiu bastante na construção de médicos. Um terceiro ainda apareceu em “Verba testamentária”, com o cunhado de Nicolau. O caso que esse tinha em mãos talvez

¹⁵¹ *Papéis avulsos*. Pp. 191-2.

fosse um dos mais difíceis e o diagnóstico tão instável quanto aqueles obtidos pelo Dr. Bacamarte. Vejamos detalhadamente como se manifestava a doença. Nicolau nasceu em 1787 e faleceu aos 68 anos, em 1855. Quando criança, quebrava os brinquedos dos outros meninos, escolhendo sempre os superiores ou mais ricos do que os seus. Para completar, consolava a vítima com “dois ou três pontapés”. De nada adiantavam os castigos aplicados pelo pai. Além dos brinquedos, o menino perseguia também as roupas das outras crianças e, depois, passou às caras, “quebradas, arranhadas, conspurcadas”. Na escola, escolhia os mais adiantados nos estudos para espancá-los e rasgar os livros deles. Depois da morte do pai e da mãe, e do casamento da irmã, Nicolau passou a morar sozinho. Em casa, os escravos eram vítimas certas, assim como os cães. Ambos colocados no mesmo patamar, aliás. As sugestões de tratamento para tal moléstia não foram poucas. O médico da família, um holandês esposo de sua irmã, primeiro indicou um emprego na diplomacia. Acreditava que uma mudança de clima seria suficiente para o restabelecimento do paciente. Como não resolveu, veio outro diagnóstico: dizia ser um “verme no baço, que se nutria da dor do paciente, isto é, de uma secreção especial, produzida pela vista de alguns fatos, situações ou pessoas”. Apresentou também a suposta cura. Bastava matar o verme e para isso necessitava, por causa da falta de alguma substância química, encontrar outra maneira de “obstar a secreção”. Isso seria feito de forma bastante original. Primeiro foi arranjado casamento com “moça bonita e prendada”. Depois cuidaram da transferência do casal para lugar recluso, onde receberia jornal forjado com as notícias mais agradáveis, com finalidade de massagear o ego do nosso personagem. Embora muito bem executado, o plano naufragou. Logo estava enfasiado por causa dos mil elogios dirigidos à esposa, com a finalidade de agradá-lo. A separação só não aconteceu porque ficou viúvo. Com o tempo, os sintomas pareciam ainda mais acentuados. Para o médico/cunhado, “a secreção do baço tornou-se perene, e o verme reproduziu-se aos milhões”.

A importância oferecida por Machado na elaboração de tantos médicos, com caracterização semelhante, indica o quanto esses profissionais, embora pouco coesos e heterogêneos, encontravam respaldo da mesma forma, por usarem como escudo seus ditos conhecimentos científicos. Sua crítica, no entanto, não se dirigia a qualquer profissional da saúde. Mas àqueles que praticavam a doutrina do bonzo Pomada, pretendendo poupar anos de estudo e obter sucesso a qualquer preço. Além do mais, boa parte das políticas higiênicas de restauração da cidade e de controle de doenças usava as sugestões desenvolvidas na escola de

medicina. Esses estudos serviam para oferecer características científicas a muitos preconceitos, em especial, aos de raça e gênero tão presentes entre os contemporâneos à escrita dos *Papéis avulsos*.

O mesmo recurso de divulgação de idéias e de pessoas despreparadas não valia apenas, quando se tratava da ciência médica. Tomava conta de outros cenários ocupados por medalhões. Assim como o bonzo Pomada ensinou aos seus discípulos como agir, o pai de Janjão, em “Teoria do medalhão” apresentou-lhe roteiro que, se seguido à risca, poderia promover a pessoa aos mais altos cargos, recebendo, além disso, o reconhecimento de todos. O principal esforço exigido, a partir dos conselhos oferecidos pelo pai, era cuidar para que nenhuma idéia nova fosse lançada. Para alcançar tal objetivo, indicava como exercícios “ler compêndios de retórica, ouvir certos discursos”, jogar voltarete, dominó, whist e bilhar. Aprovava os passeios desde que acompanhados. As livrarias, apesar “da atmosfera do lugar”, deveriam ser freqüentadas, se esse fato fosse público. O vocabulário utilizado deveria ser escolhido com cuidado e dava preferência às fórmulas consagradas pelo tempo. Nesse ponto, e diante de questionamento do filho, o pai tentava esclarecer:

- Vejo por ai que vosmecê condena toda e qualquer aplicação de processos modernos.

- Entendamo-nos. Condeno a aplicação, louvo a denominação. O mesmo direi de toda a recente terminologia científica; debes decorá-la. Conquanto o rasgo peculiar do medalhão seja uma certa atitude de deus Término, e as ciências sejam obra do movimento humano, como tens de ser medalhão mais tarde, convém tomar as armas do teu tempo. E de duas uma: - ou elas estarão usadas e divulgadas daqui a trinta anos, ou conservar-se-ão novas: no primeiro caso, pertencem-te de foro próprio, no segundo, podes ter a coquetice de as trazer, para mostrar que também és pintor. De outiva, com o tempo, irás sabendo que as leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia; porque o método de interrogar os próprios mestres e oficiais da ciência, nos seus livros, estudos e memórias, além de tedioso e cansativo, traz o perigo de inocular idéias novas, e é radicalmente falso¹⁵².

O pai do personagem acrescentava alguns elementos ausentes da doutrina de Pomada. Continuava ressaltando a falta de necessidade de estudar a fundo os conceitos e novas teorias

¹⁵² *Papéis avulsos*. P. 99.

para alcançar reconhecimento. Bastava saber usar as melhores palavras, posicionar-se diante do público, escolher o lugar, a hora e a platéia. A publicidade indicada não precisava ser aquela relacionada às “ações heróicas ou custosas”, mas a propaganda fácil de atitudes ordinárias, ornada por frases prontas, cheias de efeito e sem grandes significações reais. Agindo assim não teríamos apenas um cientista, mas também políticos responsáveis por criar leis e cuidar para que o exercício da cidadania fosse legítimo a todos. Conforme venho argumentando, por causa das proporções que medidas orientadas por doutrinas de bonzos e teorias de medalhões tomavam naquela passagem dos anos de 1870 para 1880, essa questão foi insistentemente trabalhada e eleita para o centro dessa coletânea. Bonzos e medalhões estavam presentes entre os pares de Machado de Assis, com literatos que usavam as argumentações de Darwin e Spencer, por exemplo, sem que para isso fosse feito estudo cuidadoso. Junto a isso ainda usavam seus supostos conhecimentos científicos para impedir que fossem contestados ou que outras idéias fossem lançadas. Enquanto nesses dois contos – “O segredo do Bonzo” e “Teoria do medalhão” – o que temos são os ensinamentos sobre como alcançar sucesso e reconhecimento, por meio da retórica, do gestual e da publicidade, em “O espelho”, Machado construiu personagem que tentava viver sob essas regras.

O conto tem início com Jacobina e alguns de seus companheiros, discutindo “questões de alta transcendência”. São descritos como amigos e “investigadores de cousas metafísicas”. Em seguida, no entanto, para que Jacobina também falasse, o personagem exigiu silêncio de sua platéia. Isso por ser contrário à discussão, definida pelo próprio como “forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna”¹⁵³. Logo de entrada, então, Machado mostrava a semelhança entre o personagem e seus contemporâneos. Jacobina usava os mesmos recursos do Dr. Bacamarte e do pai de Janjão e não permitia a entrada de outras vozes em sua fala, ou “demonstração acerca da matéria”. Na verdade, o que pretendia o personagem era explicar como havia perdido uma de suas almas. Tal fato aconteceu, quando tinha vinte e cinco anos e fora nomeado alferes da guarda nacional. Esse acontecimento foi motivo de alegria para toda sua família, tanto que ao visitar uma de suas tias, que morava “num sítio escuso e solitário”, levou a farda. Ao chegar

¹⁵³ *Papéis avulsos*. P. 242.

lá, transformou-se em visita ilustre, querido e observado por todos. Tudo o que havia de melhor no sítio destinava-se a ele. Assim como um rico espelho, herança que desde 1808 pertencia à família. Por causa de tantos mimos recebidos, “o alferes eliminou o homem”. Essa situação só foi notada por Jacobina, porque sua tia precisou viajar. O personagem ficou apenas com os escravos do sítio. Não demorou muito para que esses percebessem como a possibilidade de fugir havia se tornado mais realizável. Feito isso, Jacobina foi deixado sozinho, longe de todos aqueles que antes contribuía para sua existência, nos termos da doutrina do bonzo Pomada. Assim que ficou só, Jacobina não quis olhar-se no espelho. Quando fez isso, no entanto, não viu sua imagem inteira, mas “vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra”. Somente depois de vestir a farda, o espelho reproduziu a imagem inteira. A alma de Jacobina, “ausente com a dona do sítio, dispersa e fugidia com os escravos”, ficou presa dentro do espelho. A reconstrução da alma de Jacobina foi obtida a partir das bajulações da tia Marcolina.

A interpretação de John Gledson para esse conto – e também para toda a coletânea – sugere que a intenção de Machado de Assis seria a de abordar a identidade nacional, por meio da identidade pessoal¹⁵⁴. Sem descartar essa possibilidade, precisamos prestar atenção também ao fato de que em todos aqueles contos Machado tratou das conseqüências políticas do avanço de determinados discursos que usavam a ciência como justificativa. Nos *Papéis avulsos*, de modo geral, talvez houvesse maior empenho em tornar público a arbitrariedade tanto no uso de fórmulas ou doutrinas que tinham como princípio a divulgação de estudos que nada informavam à realidade social, como nos efeitos diretos da aplicação de suas medidas. De alguma forma, a relação entre os personagens criados para essa coletânea e seus contemporâneos foi percebida assim que o livro passou para as mãos de seus primeiros críticos. Assim apareceu na *Gazeta de Notícias*:

(...)

Qual o *sentido* do volume de Machado de Assis não é difícil descobrir, depois de lê-lo com atenção: é todo insistir no antagonismo entre o objetivo e o subjetivo, entre a realidade e a aparência.

¹⁵⁴ GLEDSON, J. “A História do Brasil em *Papéis Avulsos* de Machado de Assis”. In: CHALHOUB, S. & PEREIRA, L. A. de M. (orgs.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

Dado um fato qualquer, o autor nos mostra primeiro os fatores que parecem tê-lo motivado, e depois investiga os que realmente o motivaram.

Para chegar a tal resultado são necessárias muita perspicácia, muita observação e mesmo certa inexorabilidade. O autor possui estas qualidades, a que de novo realce o domínio que exerce sobre a forma plástica e sutil que traduz todas as cambiantes do pensamento e todas as cabriolas da fantasia.

É uma filosofia triste, devemos declará-lo. Apesar de nem todos os doze papéis inspirarem-se nela, a impressão geral é de aborrecimento e tédio, pois que julgamos-nos e julgamos os outros piores do que antes. Também com La Rochefoucauld sucede o mesmo; porém, por nossa parte, para estrangular-nos a corda rija e áspera do moralista francês à branca liga de seda com que nos acata a musa do poeta fluminense.

Sem dúvida é muito útil desfibrar medalhões e dar a receita do pomada, principalmente numa sociedade como a nossa, em que medalhões e pomadistas pululam, bracejam e dominam; mas a utilidade desta campanha é menor do que parece.

Suponhamos que com a *Teoria do medalhão* Machado de Assis conseguisse desmoralizar a raça. Quem seria então presidente do conselho de estado? Quem deliberaria no conselho de estado? Quem presidiria o Instituto Histórico? Quem comporia a direção dos bancos e das secretarias?

E o que seria o Brasil sem estes aparelhos essenciais?

Quanto à pomada, o nosso distinto colega não nos parece que tenha maior razão.

A pomada é o laço que prende o solitário às multidões; é o que por conseguinte estende e reforça a influencia do forte; é um mediador plástico, o primeiro móbil, o *fiat*, etc. Sem a pomada, onde estaria o mundo¹⁵⁵?

(...)

Os *Papéis avulsos* apareceram num momento que permitia essa leitura. A imprensa contemporânea à publicação daquela obra estava aberta para discussão das mesmas questões apontadas por nosso literato, que encontrou ali mesmo terra fértil para desenvolver algumas de suas principais idéias. Seu amplo interesse em tentar desvendar o processo histórico que consentia o avanço de medidas políticas justificadas pelo ideal cientificista fez com que aquelas narrativas não se situassem na observação superficial. Talvez o que Machado de Assis

¹⁵⁵ *Gazeta de Notícias*. 27 de outubro de 1882.

tivesse em vista não fosse apenas a substituição ou eliminação de medalhões e pomadistas, por exemplo, de setores administrativos, mas questionar de forma ampla e irrestrita as conseqüências da deturpação de algumas das principais teorias científicas propostas àquela época. Por outro lado, a crença de que os sentidos políticos atribuídos por Machado de Assis aos seus textos foram melhor compreendidos por seus críticos e leitores dos séculos XX e XXI do que por aqueles seus contemporâneos certamente carrega certa dose de exagero e até mesmo uma pitada de arrogância. Para que a mensagem de nosso literato surtisse qualquer efeito precisava obter a compreensão de, ao menos, alguns de seus leitores.

A imprensa pode ser considerada como uma das principais aliadas de Machado de Assis, quando se tratava de discutir a última votação na câmara ou qualquer outra decisão política que afetasse a condição de cidadãos de quem quer que fosse. Tanto as folhas que receberam sua assinatura, quanto boa parte daqueles jornais e revistas impressos na Corte estavam abertos para questionar e interferir no andamento político. Por isso, aos leitores desses periódicos talvez fosse mais fácil compreender a literatura produzida por Machado, que explorava cada uma daquelas colunas e discussões como matéria prima para suas obras. Agindo dessa maneira, nosso literato mostrava todo seu receio com as últimas notícias veiculadas por vários periódicos a respeito das guerras na Europa e das divisões territoriais, baseadas em critérios raciais. De modo idêntico, as facilidades criadas para a entrada de imigrantes no Brasil com o intuito de substituir o trabalho escravo e de “melhorar a raça”, também causavam certa desconfiança, em especial, quando teve início mais uma reforma eleitoral no país. Essas questões foram amplamente discutidas pela imprensa e estiveram presentes na organização dos *Papéis avulsos*. A visão construída por Machado nessa coletânea e em outros textos produzidos naquele mesmo momento sinaliza as incertezas de um período e sua profunda disposição de colocar em pauta a situação daqueles homens e mulheres.

Capítulo 5

Jornalismo político

5.1 – Uma questão de fronteiras

Enquanto a raça latina se divide e desagrega criando um sem número de dificuldades que lhe debilitam as forças e a colocam em grave perigo de dissolução, a germânica e eslávica unem-se e concentram-se como se preparassem para renovar nas planícies da velha Europa aqueles sangrentos combates de raça dos famosos tempos das invasões bárbaras¹⁵⁶.

Quando os contos dos *Papéis avulsos* começaram a ser publicados nos jornais fluminenses, aquelas folhas estavam impregnadas por notícias acerca da então conhecida “questão do oriente” e da expansão territorial empreendida por alguns países europeus. Uma das justificativas empregadas, por exemplo, pela França e pela Inglaterra para o domínio de outros povos referia-se a sua suposta superioridade racial. Essa idéia foi aceita e divulgada por vários periódicos, com objetivo de despertar os leitores, de modo geral, e os responsáveis pelo desenvolvimento do país para aquela nova realidade. O apelo à biologia parecia assim servir tanto quando se tratava de problemas corriqueiros enfrentados àquela época, como para discussão sobre a redistribuição de terras e a definição de dominantes e dominados¹⁵⁷. Mais uma vez, a imprensa aparecia exercendo seu papel informativo e formador de opinião. *O Globo*, o *Cruzeiro*, a *Ilustração Brasileira* e a *Gazeta de Notícias* – jornais que contaram com a colaboração de Machado de Assis – deram amplo destaque àquelas notícias em várias de suas colunas.

Os redatores daqueles noticiários foram unânimes em afirmar que as principais causas dos conflitos que assolavam o oriente eram a incapacidade dos governos das províncias turcas e as questões raciais e religiosas¹⁵⁸. Segundo *O Globo*, “a questão do oriente é sempre a que atrai a maior atenção pelo interesse que a ela ligam todas as nações, porque traz em seu seio a paz ou a guerra, em que se envolveram todos os povos europeus, com muito poucas

¹⁵⁶ *Gazeta de Notícias*. 17 de janeiro de 1876.

¹⁵⁷ Sobre as justificativas raciais para o Imperialismo ver, HOBBSAWM, E. *A era dos impérios – 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998 & SAID, E. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

¹⁵⁸ *O Globo*. “Retrospecto do ano de 1875”. 6 de janeiro de 1876.

exceções”¹⁵⁹. Aos poucos a imprensa brasileira assumia o posicionamento europeu e assinava em baixo de argumentações produzidas do outro lado do oceano, quando se tratava de justificar aquelas guerras. Nesse mesmo momento, Machado de Assis dava vida e graça ao seu narrador *Manasses*, da série de crônicas “História de quinze dias”. Para a realização desse empreendimento, nosso literato aproveitou-se dos noticiários da Corte e logo em sua primeira crônica informava sobre a morte de Abdul-Aziz¹⁶⁰. Um mês depois, ao retomar a “questão do oriente”, comentava o projeto de constituição turca, publicado pelo *Jornal do Commercio*:

Não sei se tal constituição chegará a reger a Turquia; mas foi proposta, e tanto basta para deixar-me de boca aberta.

O art. 1º desse documento diz que o império otomano como Estado não tem religião: reconhece todos os cultos, protege-os e subvenciona-os.

Eu palpo-me, esfrego os olhos, dou murros no peito e na cabeça, agito os braços, passeio de um lado para outro, a fim de certificar-me que não estou sonhando. O Alcorão subvencionando o Evangelho! O janízaro do crê ou morre reconhecendo todos os cultos e dando a cada um os meios de subsistência! Se isso não é o fim do mundo, é pelo menos o penúltimo capítulo. Que abismo entre Omar e Mourad V!

Alegre-se quem quiser; eu fico triste. A tolerância dos cultos tira-me a cor local da Turquia, desnatura a história, estabelece certas acomodações entre o Alcorão e o céu. Substitui-se a Sublime Porta por uma trapeira constitucional¹⁶¹.

Vale a pena ressaltar que tudo isso fazia parte da construção ficcional do narrador daquela série. Essas eram as opiniões de *Manasses*. Seu posicionamento vinculava-se a alguém avesso às idéias liberais e defensor da continuidade do sistema político daquela região, para manutenção de sua “cor local”. Para tanto, estabelecia diálogo direto com as colunas dedicadas às notícias internacionais divulgadas pelos jornais. Um mês depois de publicada a crônica acompanhada de tais comentários a respeito do projeto de constituição, o tema voltou a ser discutido com o alívio de ter sido esquecido, “por fortuna do alcorão”¹⁶². Um pouco antes disso, no entanto, havia acontecido o primeiro aparecimento desse narrador, na revista de

¹⁵⁹ *O Globo*. “Mala da Europa”. 31 de julho de 1876.

¹⁶⁰ *Ilustração Brasileira*. 1º de julho de 1876.

¹⁶¹ *Ilustração Brasileira*. 1º de agosto de 1876.

¹⁶² *Ilustração Brasileira*. 1º de setembro de 1876.

Joaquim Nabuco, conforme ficou dito páginas atrás. Se nesse segundo momento *Manasses* mostrava-se tão interessado pela “questão do oriente”, quando escreveu sua “Chinela turca” já demonstrava algum interesse por aquelas referências. Um dos objetivos desse conto foi o de fazer crítica ao modelo Romântico de escrita. Ao colocar isso em prática, desde o título do conto procurou fazer associações entre a situação fantástica vivida por seus personagens e alguns códigos relacionados ao oriente por seus contemporâneos. Desse modo, no corpo daquela narrativa, a chinela foi descrita com detalhes, procurando mostrar o quanto era valiosa, ornada de diamantes, turca não só pela forma, como também pela origem. Além da chinela, Machado ainda colocou em cena uma otomana, ameaçou seu protagonista por meio de droga do Levante e fez com que um falso padre pronunciasse “trecho de Neemias ou qualquer outro profeta menor”. Seguindo o próprio estilo do conto, o oriente apareceu ali de forma fantástica. Sinalizava a visão que o Ocidente havia construído, cheio de mulheres belíssimas usadas como iscas. Assim foi apresentada, no conto, aquela que deveria casar-se com o protagonista para roubá-lo.

Pouco tempo depois de publicada “A chinela turca” e da participação de *Manasses* na *Ilustração Brasileira*, Machado retomou o tema da “questão do oriente” e da definição de novas fronteiras territoriais, com outro narrador – *Eleazar* – no conto “Na arca – três capítulos inéditos do Gênesis”. Dessa vez, usava o texto bíblico e inseria seu escrito no capítulo VIII, do Gênesis, depois do versículo 17. O capítulo original da Bíblia deveria ser dividido em duas partes. A primeira seria o que de fato aparece no livro sagrado até o referido versículo, e a segunda os capítulos A, B e C escritos por nosso literato. O restante do capítulo VIII – aquilo que aparece depois do versículo 17 – constituiria capítulo separado. Antes de tudo, precisamos saber para que serve o capítulo bíblico. Gênesis, 8, mostra o momento no qual Deus lembra-se de Noé e de todos os que o acompanharam até a arca. Então faz cessar o dilúvio com o fim de resgatá-los. Depois de secar a terra, Deus exigiu de Noé, no versículo 17, que saísse com sua família e todos os outros seres vivos e povoassem a terra. A partir desse ponto deveria começar a narrativa de Machado. Ao começar a escrita de seu primeiro versículo, o literato mostrava justamente Noé pedindo que sua família e os animais saíssem da Arca. No começo, tudo parecia perfeito para todos. Afinal de contas, seriam os “únicos donos na terra, e toda a terra será nossa, e ninguém perturbará a paz de uma família, poupada do castigo que feriu a

todos os homens”¹⁶³. As desavenças, no entanto, não tardaram a aparecer. Começaram quando Sem, um dos filhos de Noé, teve a idéia de dividir as terras. O outro filho, Jafé, aprovou e ainda acrescentou que um rio iria separar suas terras das do seu irmão, “para se não confundir a propriedade”. Fora esse rio que serviu de estopim para a briga entre os irmãos, pois a quem pertenceria suas águas e corrente? Como nenhuma solução apresentada resolveria o problema, partiram para o embate corporal. Os recursos conciliatórios usados pelo terceiro irmão, Cam, foram desprezados. Restando a este procurar ajuda junto ao pai e às esposas. Ao longo da disputa, ora um parecia vencer, ora o outro. Quando Noé, Cam e as mulheres chegaram, encontraram os dois atacadados no chão. O pai fez com que os filhos se erguessem e explicassem o ocorrido. Jafé justificava a agressão, afirmando que suas terras haviam sido invadidas por Sem. Por sua vez, Sem explicava que havia feito concessões, para recompensar o outro. Como solução imediata, Noé exigiu que, antes de saírem da arca, não acertariam quais terras pertenceriam a quem. E refletiu:

25 – E alçando os olhos ao céu, porque a portinhola do teto estava levantada, bradou com tristeza:

26 – “Eles ainda não possuem a terra e já estão brigando por causa dos limites. O que será quando vierem a Turquia e a Rússia?”

27 – E nenhum dos filhos de Noé pode entender esta palavra de seu pai¹⁶⁴.

Esse conto pode ser interpretado como alegoria à “questão do oriente”. Entre os filhos de Noé – Sem, Cam e Jafé –, segundo a Bíblia, foram divididas as terras, depois do dilúvio. Portanto, a origem dos povos deve ser relacionada a esses três. Machado de Assis, aliás, ao preparar essa narrativa seguia, provavelmente, aqueles que acreditavam ser Sem o pai dos orientais; Cam dos africanos e Jafé dos europeus. Desse modo o literato mostrava as disputas entre o oriente e os europeus, por meio da guerra entre Turquia e Rússia. Machado ainda voltaria a tratar desse mesmo tema em outro conto de *Papéis avulsos*. Em “O empréstimo”, mais uma ponta dessa questão é puxada. Nessa narrativa, vemos Custódio, homem de quarenta anos, com qualidade singular: “um ar de pedinte e general”. Com idéia de abrir uma firma, foi

¹⁶³ *Papéis avulsos*. P. 128.

¹⁶⁴ *Idem*. P. 138.

atrás do tabelião Vaz Nunes para pedir empréstimo de cinco contos de réis. Enquanto a conversa prosseguia e com as desculpas oferecidas para não conceder o dinheiro, o personagem acabou aceitando quantia bastante inferior ao solicitado. Mesmo assim ainda sentiu-se satisfeito:

Custódio aceitou os cinco mil réis, não triste ou de má cara, mas risonho, palpitante, como se viesse de conquistar a Ásia Menor. Era o jantar certo. Estendeu a mão ao outro, agradeceu-lhe o obséquio, despediu-se até breve, - um *até breve* cheio de afirmações implícitas. Depois saiu; o pedinte esvaiu-se à porta do cartório; o general é que foi por ali abaixo, pisando rijo, encarando fraternalmente os ingleses do comércio que subiam a rua para se transportarem aos arrabaldes¹⁶⁵.

Machado parecia assim bastante interessado pelas colunas de política internacional veiculadas nos jornais dos quais participava. Nosso literato fazia leitura atenta de todas aquelas notícias e usava o espaço de publicação de seus contos para comentá-las, por meio de vários artifícios literários. A “questão do oriente”, o domínio de alguns povos e a exploração de novas terras apareciam na imprensa com as mesmas justificativas raciais usadas por medalhões e pomadistas, interessados no desenvolvimento político do Brasil do século XIX. Por isso o empenho de Machado de Assis em unir todos os contos de *Papéis avulsos*, mostrando o quanto àquela época, independente das particularidades de cada tema, muitas vezes o modo de apresentação sobrepunha-se ao próprio enunciado. Isso valia para a estrutura narrativa defendida por velhos dramaturgos do Romantismo, para as verdades anunciadas pela Bíblia e também para a linguagem entre homens de negócios. Forma literária e ciência pareciam andar juntas, facilitando a legitimação de discursos de exploração e domínio.

Para a produção dessa coletânea, Machado estava informado pela imprensa local e também por vários teóricos e escritores de literatura. Sentia-se à vontade para questionar a leitura que seus contemporâneos faziam de alguns autores importantes e associados ao desenvolvimento e entrada do cientificismo no Brasil. Constavam, em sua biblioteca, os cinco tomos da *Histoire du peuple d'Israel*, de Ernest Renan. Embora a publicação dessa obra tenha acontecido em um período um pouco posterior à escrita dos *Papéis avulsos* – 1887 –, o

¹⁶⁵ *Papéis avulsos*. P. 224.

interesse de Machado por esse autor é bastante significativo. Além dessa obra, ainda pertencem à sua biblioteca mais outros cinco títulos diferentes de autoria de Renan.¹⁶⁶ Não é possível saber ao certo como Machado de Assis leu esses livros, mas o conhecimento e a admiração que o literato brasileiro tinha pelo historiador francês é incontestável. Logo que Ernest Renan morreu, Machado rendeu-lhe vários elogios, recordando-se do efeito causado em 1863, quando o professor Renan proferiu sua primeira lição no *Collège de France*. Ainda qualificou sua obra como “vasta e luminosa”, com “adoráveis livros”, de “estilo incomparável, puro e sólido, feito de cristal e melodia”¹⁶⁷.

Alguns estudiosos têm analisado a obra de Renan e destacado como o seu trabalho oferecia cientificidade a preconceitos populares. Edward Said afirma que Renan aproveitou-se de sua voz de especialista para reafirmar a “desigualdade de raças e a dominação necessária da maioria por uma minoria como uma lei antidemocrática da natureza e da sociedade”¹⁶⁸. Por sua vez, Todorov ressalta que a obra de Renan reforçava o conceito de “raça”, porque “é com ele (e com alguns de seus contemporâneos) que ‘ariano’ e ‘semita’ deixam de ser termos que servem para designar famílias de línguas, para se aplicar às ‘raças’, quer dizer, aos seres humanos”¹⁶⁹. Como leitor e admirador da obra de Renan, Machado de Assis parecia caminhar em direção um pouco diferente, assim como outros seus contemporâneos, os quais admiravam o tratamento oferecido pelo teórico à religião, por exemplo¹⁷⁰. As relações entre Renan e o programa do Iluminismo chamavam mais sua atenção do que qualquer outra coisa. Além do mais, conforme pode ser percebido por meio do artigo “Henriqueta Renan”, publicado na

¹⁶⁶ Fazem parte da biblioteca de Machado de Assis, além dos cinco tomos da *Histoire du peuple d'Israel; Caliban, suite de la Tempête. Drame philosophique*; 3 livros da *Histoire des origines du Christianisme; L'Ecclésiaste traduit de l'hébreu avec une étude sur l'âge et le caractère du livre; Lettres intimes. 1842-1845. Précédées de: Ma soeur Henriette e Souvenirs d'enfance et de jeunesse*. Ver JOBIM, J. L. *A biblioteca de Machado de Assis*. Op. Cit. P. 84.

¹⁶⁷ Machado de Assis. *A semana. Crônicas (1892-1893)*. Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Editora Hucitec, 1996. Pp. 132-4. Para a composição de outra crônica dessa mesma série, John Gledson mostrou que Machado de Assis provavelmente deve ter consultado o terceiro volume das *Origines du Christianisme*, também de E. Renan. P. 226.

¹⁶⁸ SAID, E. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. P. 191.

¹⁶⁹ TODOROV, T. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1993. V. 1. P. 157.

¹⁷⁰ Além de Machado de Assis, as palavras de Renan conquistaram também Luiz Gama e Joaquim Nabuco. Todos interessados, em especial, no tratamento histórico oferecido pelo teórico ao cristianismo e à vida de Jesus. Ver, FERREIRA, L. F. “Luiz Gama: um abolicionista leitor de Renan”. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, 21 (60), 2007; e NABUCO, J. *Minha formação*. Porto Alegre: Editora Paraula.

Revista Brasileira, em outubro de 1896, e depois em *Páginas recolhidas*, a trajetória pessoal desse francês, bem como suas dúvidas diante da vida eclesiástica, pareciam despertar de modo contundente o interesse de Machado. O que deve ser frisado aqui é que, embora Machado de Assis em seus *Papéis avulsos*, apresentasse críticas importantes ao cientificismo e sua retórica, tanto no Brasil como em além-mar, nem tudo foi por ele desprezado. Machado possuía em sua biblioteca boa parte daqueles autores citados, por exemplo, pelos literatos da “nova geração” e parecia muito mais preocupado com a arbitrariedade de certos discursos e com o modo pelo qual algumas obras eram lidas, do que em jogar por terra toda e qualquer ciência produzida à sua época.

Além de teóricos, a biblioteca de Machado de Assis, naquilo que se refere ao Oriente, compunha-se também por algumas obras literárias interessantes, as quais ajudaram o ocidente a construir determinada imagem dos orientais. Uma delas é a conhecida obra de Shakespeare, intitulada *Otelo*¹⁷¹. A história dessa tragédia gira em torno da desconfiança, plantada por Iago, da traição de Desdêmona. No entanto, antes de chegarmos a esse ponto, somos informados sobre as origens do personagem que intitula a obra e como o pai de Desdêmona havia recebido a notícia da união de sua filha. Otelo era nobre mouro e general ao serviço de Veneza. Casara-se com Desdêmona sem o conhecimento do pai dela, que, quando soube do casamento da filha, acusou-o de ter usado a feitiçaria para realizar aquela conquista. Afinal de contas, segundo acreditava, apenas enfeitiçada sua filha iria consentir “refugiar-se no peito negro como a fuligem” de Otelo. De acordo com sua fala,

Uma menina que foi sempre tímida, de caráter pacífico, recolhida; que até mesmo corava, ao som da sua própria voz, cair, em oposição à natureza, idade, nação, fortuna, tudo, nos braços dum homem para quem ela tinha medo de olhar?! Bem depravado e imperfeito será de juízo aquele que declare poder a perfeição errar a tal ponto contra as leis naturais; perante um tal acontecimento, é-se obrigado a procurar a sua explicação nas práticas artificiosas do inferno. Afirmo sem dúvida nenhuma que lhe deram alguma mistura que lhe viciasse o sangue ou qualquer bebida enfeitiçada que lhe produzisse o mesmo efeito, para que este Mouro triunfasse dela¹⁷².

¹⁷¹ As influências exercidas por Shakespeare na obra de Machado foram analisadas por PASSOS, J. L. *Machado de Assis: O romance com pessoas*. São Paulo: Edusp, Nankin Editorial, 2007.

¹⁷² SHAKESPEARE. *Otelo*. Porto: Livraria Lello e irmãos – editores. Pp. 23-4.

A construção de Otelo é feita a partir de características opostas com relação aos outros personagens. Otelo é desqualificado por causa de sua cor e origem. Suas próprias referências tendem a diminuí-lo diante dos outros. Assim, acreditava que Iago, por exemplo, sabia “penetrar com clareza todas as paixões humanas!” Enquanto ele, Otelo, teria sido preterido, por “ser negro, por não ter esses dons adocicados das conversas que os alfenins possuem”¹⁷³. Para Said, em Shakespeare, “o oriente e o islã são sempre representados como estranhos que tem um papel especial a desempenhar *dentro* da Europa”¹⁷⁴. Além desse clássico, outra obra interessante que pertence à biblioteca de Machado e que o ajudou a construir impressões sobre o oriente é *Les Orientales*, de Victor Hugo¹⁷⁵. Sobre esse conjunto de poesias, o próprio Machado pode nos ajudar a entender sua importância. Vejamos por um instante um excerto de crônica da série *A semana*:

É desenganar. Gente que mamou leite romântico, pode meter o dente no rosbife naturalista; mas em lhe cheirando a teta gótica e oriental, deixa o melhor pedaço de carne para correr à bebida da infância. Oh! Meu doce leite romântico! Meu licor de granada! Como ao velho Goethe, aparecem novamente as figuras ásperas que outrora vi ante os meus olhos turvos.

Com efeito, enquanto vós outros cuidáveis da reforma financeira e tantos fatos da semana, enquanto percorríeis as salas da nossa bela exposição preparatória da de Chicago, eu punha os olhos em um telegrama de Constantinopla, publicado por uma das nossas folhas. Não são raros os telegramas de Constantinopla; temos sabido por eles como vai a questão de Dardanelos; mas desta vez alguma coisa me dizia que não se tratava de política. Tirei os óculos, limpei-os, fitei o telegrama. Que dizia o telegrama?

“Cinco odaliscas...” Parei; lidas essas primeiras palavras, senti-me necessitado de tomar fôlego. Cinco odaliscas! Murmura esse nome, leitor: faze escorrer da boca essas quatro sílabas de mel, e lambe depois os beiços, ladrão. Pela minha parte, achei-me, em espírito, diante de cinco lindas mulheres, com o véu transparente no rosto, as calças largas e os pés metidos nas chinelas de marroquim amarelo, *babuchas*, que é o próprio nome. Todas as *orientais* de Hugo vieram chover sobre mim as suas rimas de ouro e sândalo. Cinco odaliscas!

¹⁷³ Idem. P. 97.

¹⁷⁴ SAID, E. *Orientalismo*. Op. Cit. P. 112.

¹⁷⁵ JOBIM, J. L. *Biblioteca de Machado de Assis*. Op. Cit. P. 89.

Mas que fizeram essas cinco odaliscas? Não fizeram nada. Tinham sido mandadas de presente ao sultão. Pobres moças! Entraram no harém, lá estiveram não sei quanto tempo, até que foram agora assassinadas... Sim, leitor compassivo, assassinadas por mandado das outras mulheres que já estavam lá, e por ciúmes...

(...)¹⁷⁶

Para compor essa crônica, publicada na *Gazeta de Notícias*, no dia 25 de dezembro de 1892, portanto, uma década depois da edição dos *Papéis avulsos*, nosso literato contestava os usos de referências do Romantismo por escritores que pareciam não se recordar de suas primeiras leituras. As odaliscas, de Victor Hugo, pertenciam a uma literatura, com objetivos de chamar atenção, por meio da descrição de povo e natureza exuberantes e que precisavam do Ocidente para restaurar sua grandeza clássica. Machado de Assis frisava esse ponto e, com isso, restaurava os mesmos questionamentos propostos em sua coletânea de contos. Alguns contemporâneos de Machado empregavam indevidamente formas literárias e vocabulários, deixando claro o quanto poderia ser arbitrário a relação entre o enunciado e seu referencial. Isso aparecia em textos que não se tratavam de política – ao menos de modo direto – e também nas discussões sobre divisões e conquistas territoriais e nos debates que antecederam a reforma eleitoral de 1881 no Brasil, conforme veremos em seguida.

5.2 – A fábula de Penélope

No segundo semestre de 1880, a imprensa fluminense empenhava-se em tornar público os principais debates sobre a pretendida reforma eleitoral. Para isso todos os espaços dos jornais foram utilizados. Desde a primeira coluna até os rodapés. As assinaturas usadas por cada um daqueles articulistas variaram bastante. Apareceram pseudônimos, como “Um votante miúdo”, “Opinião pública”, “A nação” e “Civis”. A opção por essas identificações revela posicionamento bastante crítico de quem enviava seus artigos. Mostra também como a imprensa, cada vez mais, abria-se para discutir assuntos que interessavam e afetavam a vida de muita gente. A *Gazeta de Notícias* brigou inclusive pelo direito de publicar aquilo que

¹⁷⁶ Machado de Assis. *A Semana*. Op.Cit. Pp. 170-171.

classificava como de interesse geral dos seus leitores. No dia 17 de setembro de 1880, a primeira página do diário foi ocupada por publicação das emendas oferecidas pela comissão que cuidava do projeto da reforma¹⁷⁷. Oferecia ao leitor sugestão sobre a melhor forma de análise daquele material. Como já haviam sido divulgados a proposta do governo e o projeto substitutivo aprovado pela câmara, a leitura deveria ser feita de modo comparativo. A publicação disso não agradou ao barão de Cotegipe. Segundo a própria *Gazeta*, o senador imaginava que “o parecer era *matéria reservada*”, e sua publicação, sem prévio consentimento, constituía-se em delito passível de punição¹⁷⁸. Como não existia lei para isso, o jornal aproveitava para defender o direito de publicar o que bem entendesse. Em resposta aos senadores, lembrava que o máximo que poderia ser feito era o estabelecimento de penas para as folhas, e, ainda assim, o público seria informado sobre o que se passava, porque essas só seriam aplicadas depois da publicação. O único meio apontado para impedir o trabalho da imprensa seria:

(...) o senador nomear uma *comissão de censura*, ou encarregar o conservatório, de examinar os originais antes de serem publicados. Se entre esses originais estiver algum que não agrade ao Sr. de Cotegipe, ou a qualquer outro senador, a comissão requisitará força, prenderá os redatores e mandará apedrejar as tipografias¹⁷⁹. (itálico no original)

Se o papel daqueles tantos jornais e revistas que apareciam e desapareciam sem muita cerimônia ainda não estava definido, um ponto parecia certo. Seus redatores não queriam saber de censura, de imposição sobre o que deveria ou não constar em seus artigos. A discussão realizada nos jornais, em torno da reforma eleitoral de 1881, deixou indícios sobre formação de determinado espaço público, de debate e de participação política. Os resultados dessa reforma não foram vistos com louvor nem pela historiografia¹⁸⁰, nem por seus contemporâneos. Importa salientar, no entanto, que esse foi momento, no qual pessoas

¹⁷⁷ *Gazeta de Notícias*. “Reforma eleitoral”. 17 de setembro de 1880.

¹⁷⁸ *Gazeta de Notícias*. “Boletim parlamentar”. 19 de setembro de 1880.

¹⁷⁹ *Idem*.

¹⁸⁰ Sobre os resultados da Reforma Eleitoral de 1881, ver CARVALHO, J. M. de. *Teatro de sombras: a política imperial*. São Paulo: Vértice, 1998 e GRAHAM, R. *Clientelismo e política no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

diferentes buscaram os jornais para expressar idéias, dividir apreensões e sanar dúvidas. Lutavam por cidadania e usaram a imprensa para isso.

Ao longo do século XIX, a Legislação Eleitoral do Império brasileiro passou por várias alterações. Foram 17 decretos, acompanhados pela expectativa ora de aumentar a participação popular, ora de restringi-la. Por isso, as discussões em torno do artigo primeiro da reforma de 1881 já começaram de forma acalorada. Em sua redação final, ficou decidido que,

As nomeações dos Senadores e Deputados para a assembléia geral, membros das Assembléias Legislativas Provinciais, e quaisquer autoridades eletivas, serão feitas por **eleições diretas**, nas quais tomarão parte todos os cidadãos alistados eleitores de conformidade com esta lei¹⁸¹.
(negrito meu)

Até então as eleições no Brasil realizavam-se de forma indireta. Primeiro escolhiam-se os eleitores, e estes elegiam seus representantes. São conhecidas as argumentações de Francisco Belisário de Sousa e de José de Alencar, ambos políticos conservadores, que consideravam os populares como massa inerte, de fácil manipulação, mantidos sob guarda e vigilância da elite política à época. José de Alencar chegou a qualificar os votantes de “matéria bruta para eleição”. Parecia consenso a opinião de que era no momento de maior participação popular que estava também o mais alto índice de corrupção. A solução mais fácil apresentada foi redução do eleitorado. José Murilo de Carvalho ainda argumenta ser esse um dos interesses dos proprietários rurais, não apenas porque lutavam pela “qualidade do voto”, mas devido a interesses econômicos¹⁸². Oferecer proteção aos votantes representava despesas excessivas.

Pode parecer que, enquanto políticos e grandes proprietários decidiam o destino dos populares, os quais supostamente travavam o processo eleitoral, esses aguardavam os resultados sem interferência. A interpretação de Richard Graham, para o significado das eleições no Brasil daquele momento, ressalta questões importantes. Mesmo sem questionar a submissão popular, sua análise compara a realização das eleições a espetáculo teatral. O palco era montado nas igrejas paroquiais, e havia público considerável. Começavam aos domingos, quando todos apareciam vestidos para a ocasião, de acordo com a classe social de cada um.

¹⁸¹ Decreto nº 3.029, de 9 de janeiro de 1881. In: SOARES de SOUZA, F. B. *O sistema eleitoral no império*. Brasília: Senado Federal, 1979. P. 335.

¹⁸² CARVALHO, J. M. de. *Teatro de sombras*. Op. Cit. Pp. 141-143.

Além disso, mesmo os excluídos do processo, como as mulheres, tinham papel reservado. Muitas delas responsabilizavam-se pela costura dos trajes dos atores principais, propiciando certo envolvimento. Era acontecimento importante e com grande participação de todos. Sobre esse processo, *Eleazar*, em sua série do *Cruzeiro*, comentava a realização das eleições nas Igrejas. Mostrava que ali todos os credos ficavam debaixo do mesmo teto. Isso obrigava o encontro entre liberais, conservadores e republicanos. Por meio de anedota, coloca em cena discussão entre votantes. Enquanto não chegava a hora da votação, um farto banquete poderia ser deliciado. O ambiente mostrava-se tão harmonioso que proporcionou fato inusitado:

Cada votante, por uma delicada competência de generosidade, votava nos candidatos do partido adverso. Esta competência repetiu-se na apuração; os escrutinadores, por efeito da mais honesta perfídia, liam nas listas dos candidatos do seu credo os nomes dos credos opostos, donde resultou estabelecer-se a anterior proporção dos sufrágios. Acabada a apuração, todos os eleitos protestaram contra o resultado, declarando que, em consciência, os eleitos eram os outros. Não consentindo os outros, propôs um mesário anular o trabalho e votarem de novo em candidatos que não residissem na paróquia¹⁸³.

De acordo com o resultado final apresentado, o princípio de escolha havia sido o mesmo anteriormente usado, já que o empate prevaleceu. Barba-Roxa teve número idêntico de votos de João Sem Terra, Nostradamus ficou empatado com Gregório de Matos e Pausânias com Maragogipe. Essa votação tão “tranqüila” foi em Paquetá. Fato semelhante não acontecera nas outras paróquias, onde a força policial foi necessária. Por causa disso, *Eleazar* deixava conselho aos futuros legisladores, tendo em vista a proximidade de mais uma reforma eleitoral. Sugeria que retirasse das matrizes aquele evento, pois “na igreja reza-se, prega-se, medita-se, conversa a alma com o seu Criador; as paixões devem ficar à porta, com todo o seu cortejo de causas e fins, e os interesses também, por mais legítimos que sejam”¹⁸⁴. Questões em torno do processo eleitoral estiveram sempre presentes nos escritos de Machado de Assis. Mostram sua interlocução com os outros literatos e também com aquelas assinaturas não identificadas das seções de *a pedidos* dos jornais.

¹⁸³ ASSIS, M. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Op. Cit. Pp. 399-400.

¹⁸⁴ Idem. P. 401.

Temerosos pela exclusão que se aproximava, quando o artigo primeiro entrou em discussão, apareceu, no *Jornal do Commercio*, na seção de *a pedidos*, súplica a D. Pedro II:

Pelo caminho que leva a discussão, pode-se já julgar aprovada a reforma eleitoral que nos priva dos direitos políticos, de que gozamos há 60 anos, e nos reduz a baixa condição de *proletários*, ou de *colonos*, como antes da independência.

Até já há quem nos fale em mandar os *votantes* trabalhar *a força* nas fazendas juntos com os *cains* que aí vem, para suprir a falta de braços!

Nenhum outro recurso pois, nos resta, dentro da lei, senão pedir ao nosso Perpétuo Defensor que *defenda o povo* contra os seus inimigos internos que, piores do que os Paraguaiois, querem roubar os nossos direitos de cidadãos brasileiros¹⁸⁵. (itálicos no original)

Em primeiro lugar, havia confiança expressa no Imperador. Enquanto acordos entre senado e ministério eram feitos, para que a reforma se concretizasse, a imagem de D. Pedro II, diante da população, ainda permanecia inalterada. Aliado a isso, o excerto acima indica também que, embora o debate político acontecesse no senado, os jornais aceitavam opiniões as mais diversificadas. A fala desse “votante miúdo” é indício de que a população geral sabia o que acontecia, e dirigia-se à imprensa para questionar e brigar por seus direitos. O ambiente político propiciava a discussão, e os jornais pareciam cumprir esse papel. Por mais que com os resultados dessa reforma tenham-se transferido todos os problemas do processo eleitoral para os votantes, em sua maioria pobre e analfabeta, e que esses tenham sido privados de seus direitos, isso tudo não aconteceu sem muita discussão, e nem sem alguma participação deles próprios.

A proposta de inclusão de acatólicos, naturalizados e libertos do artigo oitavo foi, sem sombra de dúvidas, a que gerou mais debates. Isso porque estava em questão também o problema do trabalho no país. Antes mesmo de entrar em votação, já mostrava que não seria simples nem para abolicionistas e jornalistas, nem para o governo. Para alguns, aquele parecia ser o momento mais apropriado para se pensar na construção da nação. Havia também a possibilidade de, com esse projeto, tentar harmonizar as diferenças entre os formadores da

¹⁸⁵ Um votante miúdo. “A reforma eleitoral e os miúdos”. In: *Jornal do Commercio*, 4 de novembro de 1880.

população do Império¹⁸⁶. O que deixou tudo isso ainda mais apimentado foi a janela aberta aos abolicionistas para brigar em favor dos escravos. Ainda mais que coincidiu com votação para aumento do fundo de emancipação. O que fazia crer que a solução para o problema da escravidão no país não tardaria. Logo no primeiro dia da reforma, a contenda já foi colocada:

O orador, porém, deseja mais; deseja o sufrágio universal, com exclusão dos analfabetos. Deseja a inclusão de libertos e ingênuos como um corretivo da lei de 28 de setembro, que mantém os ingênuos em uma escravidão de fato até os 21 anos, e que, além das poucas esperanças aos escravos atuais, pela insuficiência do fundo de emancipação, nega aos libertos todos os direitos políticos, ao contrário do que sucedeu nos Estados Unidos depois da abolição¹⁸⁷.

Com essa inclusão, pretendia-se preparar o país para a crise prevista, após a libertação dos escravos. Mas nem todos concordavam com a participação dos libertos, acatólicos e naturalizados. Sobre os primeiros, chegou haver justificativa, de que “a escravidão imprime estigma; quem uma vez a sofreu nunca pode ser deputado ou senador”¹⁸⁸. Para aprovar o artigo, muitos foram os que se dedicaram a demonstrar a necessidade de inclusão de cada uma daquelas três classes. Em defesa dos libertos, e em resposta ao senador, que havia afirmado que ex-escravos não poderiam participar do processo eleitoral, por causa do estigma que carregavam, ficou a pergunta, se o problema estava no fato de se tratar de ex-escravos, ou se o problema girava em torno da questão racial. Quando trataram dos acatólicos, não foi menos complicado. Afinal “quantos deputados genuinamente católicos, apostólicos, romanos” possuía a câmara naquele momento?¹⁸⁹ Essas provocações dirigiam-se aos políticos envolvidos na querela. Mas podem ser vistas também como forma de lutar por aquilo que consideravam caminho para alcançar o progresso para o país, por meio de incentivo à imigração estrangeira.

As discussões sobre esse artigo tomaram boa parte dos jornais. No *Jornal do Commercio*, estava na seção de *a pedidos*, na primeira coluna e também no espaço de

¹⁸⁶ “Reforma eleitoral”. In: *Gazeta de Notícias*, 14 de outubro de 1880.

¹⁸⁷ “Boletim parlamentar”. In: *Gazeta de Notícias*, 15 de outubro de 1880.

¹⁸⁸ “Condições de elegibilidade”. In: *Jornal do Commercio*. 18 de novembro de 1880.

¹⁸⁹ Idem.

folhetim. Com certa dose de bom humor e ironia, semanalmente, o cronista do “Microcosmo” deixava seu recado,

Já se vê que para tornar efetiva a elegibilidade das três classes em questão preciso fora vencer ouros tantos monstros que, há seis mil anos, pelo menos, campeiam no coração humano – o ciúme nacional, o preconceito de raça e a intolerância religiosa¹⁹⁰.

A questão parecia posta em pratos limpos. A dificuldade daquela discussão justificava-se em “teorias baseadas em preconceitos”. Trazia à tona os destinos dos escravos e imigrantes, e, como conseqüência, o tratamento oferecido ao trabalho. Por meio dessas publicações, a imprensa agia de alguma forma sobre a aprovação ou não do artigo. A *Gazeta da Tarde*, jornal abolicionista, abraçou sua aprovação alimentada por aquilo que considerava a causa principal, ou seja, a defesa da libertação dos escravos. Toda a reforma foi muito criticada em suas colunas. Não acreditavam nem mesmo na possibilidade de esse artigo ser aprovado. Mas, logo que isso aconteceu, não deixou de registrar sua surpresa:

O senhor Saraiva marcou o dia de ontem uma nova era nos anais da história brasileira. Seu nome emancipou-se do olvido. Nós o congratulamos porque agora que mais resistências opor aos escravos, se eles, por seiscentos mil ou um conto de réis, podem, Deus ajudando, ir legislar, dentro do parlamento, em prol dos seus parceiros?¹⁹¹

Imaginavam que a participação nas eleições seria aumentada, multiplicada por três. O projeto de reforma eleitoral foi considerado, por algum tempo, como um dos passos dados em direção à emancipação servil. No entanto, passada essa euforia momentânea, o tom que voltou a preponderar foi o da lamentação. Em especial, por causa das restrições impostas devido às dificuldades para comprovação de renda. A participação de Arthur Azevedo nessa questão é sinal de que a reforma surtiu alguns efeitos não esperados, por literatos que lutavam por maior inclusão política da população. Nos anos de 1880, quando o teatro de revistas ganhava popularidade, esse literato ainda se desdobrava entre diários e revistas femininas. Na *Estação*,

¹⁹⁰ “Microcosmo”. In: *Jornal do Commercio*, 21 de novembro de 1880.

¹⁹¹ “O artigo oitavo”. In: *Gazeta da Tarde*. 29 de dezembro de 1880.

durante longo período, dividiu com Machado de Assis as obrigações do suplemento literário. Para aquelas páginas, além de contos e crônicas teatrais, escreveu também a série de crônicas intitulada “Croniqueta”. Exercendo essa função, preocupava-se bastante com o próprio público leitor. Questionava se cada um dos temas abordados seria ou não interessante às leitoras. Não acreditava que essas gostassem de assuntos ligados à política. Mesmo assim não abriu mão de tratar de questões relacionadas às eleições, em especial. O que parecia deixá-lo mais insatisfeito era a falta de envolvimento popular. Desse modo, lamentava,

O povo... Se o povo fosse eleitor, se tivesse o rendimento de 600 bagarotes e o diploma da lei Saraiva, estávamos a estas horas seriamente zangados um com o outro. Mas não! Não foi o povo que arredou das urnas dois homens que todos os dias se esfalfam em proveito da liberdade dele. O povo é uma cousa, o eleitorado é outra¹⁹².

A lei de 1881 passou a considerar eleitor, de acordo com o artigo segundo, todo “cidadão brasileiro (...) que tiver renda líquida anual não inferior a 200\$ por bens de raiz, indústria, comércio ou emprego”¹⁹³. Depois dessa medida, boa parte dos votantes foi colocada para fora do processo. Os representantes da nação, na verdade, deviam obrigações à parcela mínima de brasileiros. Apenas àqueles que conseguissem comprovar a renda exigida. Isso só ficou mais claro depois das eleições que sucederam à reforma. Foi apenas nesse momento posterior que Machado de Assis reformulou algumas de suas idéias expressas em crônicas e contos¹⁹⁴. Em “A sereníssima República (conferência do cônego Vargas)”, nosso literato, em consonância com os contos de *Papéis avulsos*, mostrou, por dentro de um suposto discurso científico, apresentado em forma de conferência, como aquele modo de pensar e estruturar idéias interferia nos direitos individuais de todos os cidadãos do império. Enquanto alguns jornais lutavam para criar espaços abertos de discussão e informação, medalhões recorriam a falsos conhecimentos lingüísticos, por exemplo, para justificar mudanças que definiam a participação política de toda uma sociedade. Mais uma vez, Machado mostrava como a ciência poderia ser usada com o intuito de fazer calar toda e qualquer divergência. Vejamos, passo a passo, como Machado fez isso.

¹⁹² “Croniqueta”. In: *A estação*. 31 de janeiro de 1886.

¹⁹³ “Decreto nº 3.029, de 9 de janeiro de 1881”. Op. Cit. P. 335.

¹⁹⁴ Ver os contos publicados no *Jornal das Famílias*: “A parasita azul” e “Um ambicioso”.

A primeira referência importante apareceu logo no título do conto. A origem da “sereníssima República” foi explicada no interior da narrativa, como a forma de governo que vigorou em Veneza. Outro dado importante é o fato de aquela história ter sido escrita sob o formato de conferência, proferida por um cônego, conforme indicava o subtítulo. Esse foi o recurso encontrado por Machado para conferir autoridade aquela fala, do mesmo modo que acontecia entre seus contemporâneos. Usar um cônego como personagem central remetia-se tanto àqueles que freqüentavam as tribunas, quanto ao poder mantido pela Igreja, durante a realização das eleições. Desse modo, com a sua “A sereníssima República”, Machado aproveitava-se para aprofundar suas críticas aos falsos estudiosos das ciências e ainda participava dos debates acerca das várias reformas pelas quais passou o processo eleitoral no Brasil do século XIX.

A ciência e a força de sua retórica apareceram nessa história de modo análogo aquele usado em todos os outros contos de *Papéis avulsos*. De acordo com o cônego Vargas, a sua platéia compunha-se de gente movida por simpatia pessoal, mas também por certa curiosidade científica. Por sua vez, o conferencista agia interessado em “ressalvar os direitos da ciência brasileira”, além, é claro, do mesmo motivo que orientava os estudos do Dr. Bacamarte, em “O alienista”: “o amor da ciência”. Ainda na introdução da narrativa, o cônego Vargas indicava qual aparato teórico ajudou-o na formulação de sua apresentação a respeito da importância das aranhas:

Desde Plínio até Darwin, os naturalistas do mundo inteiro formam um só coro de admiração em torno desse bichinho, cuja maravilhosa teia a vassoura inconsciente do vosso criado destrói em menos de um minuto. Eu repetiria agora esses juízos, se me sobrasse tempo; a matéria, porém, excede o prazo, sou constrangido a abreviá-la. Tenho-os aqui, não todos, mas quase todos; tenho, entre eles, esta excelente monografia de Buchner, que com tanta sutileza estudou a vida psíquica dos animais. Citando Darwin e Buchner, é claro que me restrinjo à homenagem cabida a dois sábios de primeira ordem, sem de nenhum modo absolver (e as minhas vestes o proclamam) as teorias gratuitas e errôneas do materialismo¹⁹⁵.

¹⁹⁵ *Papéis avulsos*. Pp. 227-8.

O estudo apresentado pelo cômego Vargas naquela conferência dizia respeito à organização social das aranhas. Tudo havia começado com o aparecimento de uma primeira aranha, no dia 15 de dezembro de 1876. O ápice de seus estudos aconteceu depois de descobrir o idioma araneida. Saber a língua desses insetos foi fator decisivo para que o cômego exercesse pleno domínio sobre aquele “povo”. Junto a isso, as características físicas do cômego e suas vestes causavam terror nas aranhas, que acreditavam ter diante delas o seu deus, disposto a registrar todos os seus pecados. Machado de Assis recorria, assim, a fatores conhecidos e de fácil associação ao domínio exercido pelos europeus a diferentes povos. E prosseguia, mostrando a necessidade de oferecer aquele “povo recente” um “governo idôneo”. Nesse ponto, começava, de fato, sua discussão acerca do processo eleitoral e suas várias reformas.

Depressa a sociedade de aranhas percebeu que “no ato eleitoral estava a base da vida pública”. Por isso trataram de exercê-lo com o maior cuidado possível. A confecção do “saco eleitoral” tinha a maior importância, porque dali dependia o bom andamento de todo o processo. Para sua composição, “foram aclamadas dez damas principais que receberam o título de mães da república”. Quando começaram a surgir as primeiras fraudes, os legisladores atacaram o formato do “saco eleitoral” e assim suas reformas passaram a ser sucessivas. Estava ali a tentativa de aperfeiçoar todo um processo que tanto interferia na vida das aranhas. No entanto, enquanto procuravam ajustar o bendito “saco eleitoral”, as eleições não pararam. As aranhas dividiam-se entre partidos e cada um deles tinha suas paixões. Como as aranhas são geômetras, de acordo com a explicação do cômego, os partidos dividiam-se em retilíneo e curvilíneo. A divergência entrava no modo específico de tecer a teia, se com fios retos ou curvos.

Do mesmo modo que o cômego Vargas defendia suas propostas por meio do discurso científico, as aranhas também recorriam aos sábios da sociedade delas, para ajudá-las a tomar as melhores decisões, acerca da confecção do saco e também quando surgia alguma dúvida mais localizada. Desse modo, quando Nebraska e Caneca candidataram-se a determinado cargo e a bola extraída foi a do primeiro, mas com o problema do nome dele ter sido gravado sem a última letra, contrataram um filólogo para esclarecer aquela situação. O dito estudioso parecia ser um grande filólogo, “talvez o primeiro da república, além de bom metafísico, e não vulgar matemático”. Sua missão foi a de demonstrar como Nebraska, na verdade, queria dizer

Caneca. Depois de um longo exercício para tentar provar suas afirmações, o filólogo encerrou do seguinte modo:

Resta a sílaba do meio, *bras*, cuja redução a esta outra sílaba *ca*, última do nome Caneca, é a cousa mais demonstrável do mundo. E, todavia, não a demonstrarei, visto faltar-vos o preparo necessário ao entendimento da significação espiritual ou filosófica da sílaba, suas origens e efeitos, fases, modificações, conseqüências lógicas e sintáticas, dedutivas ou indutivas, simbólicas e outras. Mas, suposta a demonstração, ai fica a última prova, evidente clara, da minha afirmação primeira pela anexação da sílaba *ca* às duas *Cane*, dando este nome Caneca¹⁹⁶.

Aquele grande filólogo e representante das ciências usava os seus títulos para impor sua opinião e, quando não encontrava mais nenhum argumento, apelava para a falta de preparo de seus ouvintes. O ponto de junção entre os contos de *Papéis avulsos* serviu para discussão de questões literárias e políticas. Afinal de contas, quando algum empreendimento daquela imprensa literária não dava certo, a culpa era do público que não estava preparado para receber aquela grande inovação. Exatamente a mesma desculpa buscada pelos homens de ciência para não colocar em debate seus estudos. Essa estratégia servia para autorizar novas práticas de domínio, por causa do arcabouço científico e supostamente neutro que reivindicavam medalhões, pomadistas, filólogos, cônegos e tantos outros. Restava ao literato apelar para a fábula de Penélope e, assim, deixar uma pontinha de esperança aos seus contemporâneos:

- Vós sois a Penélope da nossa república, disse ele ao terminar; tendes a mesma castidade, paciência e talentos. Refazei o saco, amigas minhas, refazei o saco, até que Ulisses, cansado de dar às pernas, venha tomar entre nós o lugar que lhe cabe. Ulisses é a sapiência¹⁹⁷.

¹⁹⁶ Idem. Pp. 237-238.

¹⁹⁷ Idem. P. 239.

Parte II
Histórias sem data

ADVERTÊNCIA

De todos os contos que aqui se acham há dois que efetivamente não levam data expressa; os outros a tem, de maneira que este título *Histórias sem data* parecerá a alguns ininteligível, ou vago. Supondo, porém, que o meu fim é definir estas páginas como tratando, em substância, de cousas que não são especialmente do dia, ou de um certo dia, penso que o título está explicado. E é o pior que lhe pode acontecer, pois o melhor dos títulos é ainda aquele que não precisa de explicação.

M. de A¹.

¹ *Histórias sem data*. S/P.

Capítulo 6

Passar o tempo e virar obras-primas

6.1 – Para ler na *Estação*

Quando Machado de Assis escreveu a “Advertência” das *Várias histórias*, quinta coletânea de contos, publicada em 1896, aproveitou para explicar a escolha das histórias reunidas naquele livro e não de outras quaisquer. Afirmava que o volume poderia ser acrescentado, caso não tivesse de restringi-lo às trezentas páginas exigidas, provavelmente, pelo editor. Para aqueles que achassem excessivos o número de contos, justificava-se, como de hábito, com as palavras de Diderot, dizendo ser um modo de passar o tempo. Em todo o caso, usava as antigas fórmulas de apresentação de livros aos leitores e críticos para demonstrar sua modéstia e se situar diante da produção de outros contistas. De acordo com suas palavras, seus contos não pretendiam sobreviver como os de Diderot, porque “não são feitos daquela matéria prima, nem daquele estilo que dão aos de Mérimée o caráter de obras-primas, e colocam os de Poe entre os primeiros escritos da América”. Cada coletânea de contos de Machado de Assis precisa ser estudada levando-se em consideração sua especificidade e os critérios de seleção de suas narrativas. Ao contrário das *Histórias sem data* que tiveram seus contos escritos e transpostos para o formato final num período curto de tempo, as *Várias histórias* foram escritas ao longo de mais de uma década. No entanto, essas palavras de Machado ajudam-nos a pensar sobre a formação de sua quarta coletânea, pois a escrita de seus contos parece ter sido alternada entre aqueles que alcançariam à edição em livro e ganhariam tratamento de obras-primas e outras que serviam apenas para passar o tempo, tanto do escritor como de seus leitores e leitoras.

Neste primeiro capítulo dedicado às *Histórias sem data*, o objetivo será discutir as nuances entre as duas séries produzidas por Machado de Assis entre o começo de 1883 e a publicação da coletânea. Ou seja, os contos que ganharam o formato de livro e aqueles que só puderam ser lidos pelos assinantes e leitores de empréstimo de alguns jornais e revistas da Corte. Esse foi um período no qual nosso literato precisou escolher entre publicar seus contos ora na *A Estação* ora na *Gazeta de Notícias*. Enquanto a redação daqueles estudados na Parte I

desta tese foi marcada pela discussão em torno do Realismo, à moda de Eça de Queirós, e também pela instabilidade de alguns periódicos os quais contaram com o nome de Machado em suas listas de colaboradores; agora a situação parecia bastante diferente. Machado especializava-se na escrita de contos e tinha a seu favor o fato de participar de empresas jornalísticas consolidadas e com propostas que atendiam às suas exigências como escritor de literatura e como cidadão interessado pelos desdobramentos políticos de seu tempo. Isso favoreceu sua escrita literária e a construção de contos diferentes para a *Estação* e para a *Gazeta de Notícias*. A maior parte daqueles publicados na revista de moda e literatura não foi escrito para compor o projeto das *Histórias sem data*, ao contrário, parecia muito mais relacionada à linha desenvolvida ainda quando participava do *Jornal das Famílias*. Com duas importantes exceções, todos os contos publicados na *Estação* nesse período não receberam o tratamento necessário para ganhar o suporte definitivo do livro². De modo diferente, toda a sua produção para a *Gazeta de Notícias* parece já ter sido preparada com a intenção prévia de formar um novo livro³. Temos então dois problemas: precisamos entender o porquê de os contos da *Estação* não terem sido reunidos em algum livro, nem nas *Histórias sem data*, nem em outro projeto diferente. Por outro lado, interessa-nos também compreender algo sobre as intenções de Machado ao continuar escrevendo contos para aquelas páginas, mesmo sem a idéia de publicá-los sob o formato de livro.

Depois do lançamento da coletânea *Papéis avulsos*, Machado pôde dedicar-se com mais atenção às exigências da *Estação*. Com um ritmo bastante intenso de publicação, talvez considerasse aquele trabalho como forma de passar o tempo. Portanto, não merecedor do seu esforço de revisão e preparação para a edição em livro. Nem por isso, no entanto, Machado deixou de conferir sentidos a essas histórias, marcando a sua posição naquelas páginas. Muitas dentre aquelas narrativas retratam problemas domésticos, em torno das escolhas de maridos por parte das mulheres e traição feminina e masculina, por exemplo. Vejamos as estratégias e entraves encontrados por nosso literato para compor essas histórias.

² Conforme pode ser conferido na tabela constante do Anexo 1 desta tese, dos contos publicados na *Estação* entre 1883 e 1884, apenas “Cantiga de Esponsais” e “Capítulo dos chapéus” apareceram em alguma coletânea, organizada por Machado de Assis.

³ Dos contos publicados na *Gazeta de Notícias* também entre 1883 e 1884, apenas “Papéis velhos” não entrou para as *Histórias sem data*. No entanto, apareceu em *Páginas recolhidas*, coletânea de 1899.

Da mesma forma que havia dado vida e voz a um par de botas, quando ainda estava envolvido na polêmica sobre o livro de Eça de Queirós, na *Estação*, Machado fez com que um alfinete contasse sua trajetória. No entanto, ao invés de filosofar, aquele novo personagem contaria uma “História comum”, como aparecia no próprio título do conto. Mesmo porque nada mais corriqueiro do que encontrar alfinetes naquelas páginas e também entre os guardados femininos. A questão fundamental é que esse objeto não pertencia a nenhuma senhora distinta, mas a uma “triste mucama”, de nome contraditório – Felicidade. Para completar, o seu grande sonho – como deveria ser o de muitas leitoras daquelas páginas – era freqüentar os bailes, igual àqueles outros alfinetes retirados da boca da mucama para prender os detalhes das roupas das moças da casa. Finalmente chegou o seu dia, quando uma das meninas, filha da senhora de Felicidade, precisou, às pressas, prender uma rosa:

Lá me vou no peito de uma linda moça, prendendo uma bela rosa, com destino ao baile de um desembargador. Façam-me o favor de dizer se Bonaparte teve mais rápida ascensão. Não há dois minutos toda a minha prosperidade era o lenço pobre de uma pobre mucama. Agora, peito de moça bonita, vestido de seda, carro, baile, lacaio que abre a portinhola, cavalheiro que dá o braço à moça, que a leva escada acima; uma escada suada de tapetes, lavada de luzes, aromada de flores... Ah! Enfim! Eis-me no meu lugar⁴.

Com a mesma rapidez que subiu, aquele ambicioso alfinete caiu, pois foi jogado fora de modo indiferente pela menina rica. Nessa história curtinha, Machado usava recursos estilísticos já trabalhados por ele e deixava uma dura lição àquelas suas possíveis leitoras desejosas de ascender socialmente. Ao mesmo tempo, no entanto, retratava a situação, as esperanças e as aflições de uma pobre mucama e seu alfinete. Numa revista ao alcance de leitoras abastadas, inverter o lugar dos personagens, focalizando sua história na trajetória do alfinete e deixar as moças bonitas em segundo plano, era bastante significativo. Em especial porque não foi uma exceção naquelas páginas. No mesmo ano de 1883, Machado escreveu sua confusa “Cantiga velha”. Esta narrativa mostra suas dificuldades, quando dividia o tempo entre duas folhas importantes, e como, às vezes, até um escritor experiente poderia se perder ao longo da história e cometer erros primários. Nesse conto, a irmã da protagonista casou-se

⁴ “História comum”. *A Estação*. 15 de abril de 1883.

duas vezes, sem que fosse registrada qualquer informação sobre separação ou viuvez. Mesmo contendo esses problemas, descrevia situação de família composta por apenas três mulheres. Para ajudar nas despesas daquele lar, a mãe das duas moças recebia um rapaz em casa – que, aliás, era o próprio narrador –, como pensionista, a despeito de qualquer boato maldoso provocado por aquela situação. No decorrer da trama, o narrador conta como havia se apaixonado por Henriqueta, uma das filhas da dona da casa, mas que a moça o rejeitava. Embora aquele fosse um casamento vantajoso financeiramente para a personagem feminina, ela preferia manter acesa a esperança de um relacionamento com outro rapaz em situação nada convencional por aqueles tempos. Henriqueta estava enamorada por homem que, segundo o narrador e personagem rejeitado, mantinha uma “família improvisada”, porque tinha amante e dois filhos. Mesmo depois de perder a mãe, aquela mocinha não se rendeu ao casamento e terminou como costureira, levando vida honesta e laboriosa.

O tom que prevaleceu naquelas páginas não foi aquele do mundo das mucamas e seus alfinetes, mas o das festas e casamentos. A felicidade de tais uniões é que talvez tenha sido trabalhada de forma tão contraditória quanto o nome da mucama do primeiro conto. Em “Questões de maridos”, as primas Luisa e Marcelina trocavam correspondências com os tios e narravam suas vidas e a situação do casamento de cada uma delas. Enquanto as cartas de Luisa revelavam uma felicidade plena, as da outra moça resumiam-se a lamentações a respeito da vida e do marido. Comparando a situação das duas moças, o tio, no entanto, chegou à conclusão inusitada:

(...) Comparados os dois maridos, o melhor, o mais terno, o mais fiel, era justamente o de Marcelina; o de Luisa era apenas um bandoleiro agradável, às vezes seco. Mas, um e outro, ao passarem pelo espírito das mulheres, mudavam de todo. Luisa, pouco exigente, achava o Candinho um arcanjo; Marcelina, coração insaciável, não achava no marido a soma de ternura adequada à sua natureza... O subjetivo... o subjetivo...

As histórias escritas por Machado de Assis entre os anos de 1883 e 1884 serviram para análises de situações cotidianas que não tinham explicação matemática, mesmo quando contadas ou analisadas por homens experientes. As cartas das duas sobrinhas passaram pelo julgamento do tio e a decisão de Henriqueta de se manter solteira foi contada anos depois pelo

rapaz rejeitado, quando já era homem vivo e casado. Mesmo a partir dessa visão enviesada, as personagens femininas são quase sempre as eleitas como protagonistas não apenas por causa do perfil da revista que as receberam, mas também devido às expectativas criadas em torno das mulheres naquela época. A decisão final sobre seus casamentos – momento tão importante para a ciência, porque definiria a reprodução dos futuros cidadãos do império – cabia a elas e a suas famílias. Mais abastadas ou mais humildes, no entanto, cada uma tentava encaminhar suas vidas, seguindo princípios que fugiam a qualquer lógica aparente e estabelecida pelos mesmos doutores que assinavam colunas naquelas páginas.

Esses contos aproximam-se bastante daqueles escritos para o *Jornal das Famílias*, por causa da estrutura narrativa e da temática desenvolvida. Ao longo de sua carreira como escritor de literatura, Machado de Assis muitas vezes retomou suas histórias e as reescreveu, conferindo novos e diferentes sentidos. A motivação para isso talvez esteja relacionada ao perfil de público idêntico em diferentes fases de sua vida, à necessidade de repensar e melhorar a sua própria escrita e à tentativa de transformar obras produzidas para passar o tempo em contos que poderiam virar obras-primas, ou, pelo menos, ganhar o formato de um livro. Machado construiu, então, nesse período, narrativas curtas que seguiam duas linhas diferentes: aquelas para a coletânea, preferencialmente publicadas na *Gazeta de Notícias*, e outras, com a pena mais livre, para as moças leitoras da *Estação*.

6.2 – Pela educação das “classes feminis”

Uma das intenções de Machado de Assis ao manter a escrita regular de contos para a *Estação*, mesmo com as condições da revista e a exigência de uma história sua em quase todos os números, deve relacionar-se também à percepção de que a imprensa poderia servir para a formação e educação de seus leitores e leitoras. Claro que, além disso, nosso literato ainda deveria considerar o prestígio proporcionado pela participação naquele empreendimento e mesmo os rendimentos financeiros. De qualquer modo, no entanto, naquele período havia uma enorme preocupação de vários setores da sociedade em instruir o sexo feminino. Para isso seguiam diferentes linhas de pensamentos e formulavam estratégias ora similares, ora opostas. Precisamos observar, assim, qual foi o lugar assumido pela *Estação* diante de suas leitoras,

bem como de Machado de Assis. Procurarei frisar, em que medida as idéias de Machado aproximavam-se das sugestões de outros redatores da revista, e mesmo de outros periódicos, como aqueles redigidos por algumas senhoras suas contemporâneas. Completando a argumentação desse item e no sentido de compreender o ambiente de publicação das *Histórias sem data*, será fundamental observar como a *Gazeta de Notícias* também abria suas colunas e apoiava iniciativas voltadas para a inclusão feminina e o aperfeiçoamento da educação delas.

Na segunda metade do século XIX, a imprensa mostrou todo o seu empenho em promover a educação feminina, bem como em criar lugares para as mulheres dentro da sociedade. Nessa empreitada foi ajudada pelos recursos científicos, por meio de médicos que assinavam colunas em diferentes jornais, com orientações sobre a melhor forma de manter seus corpos saudáveis para a reprodução e também mostrando a elas como cuidar de seus próprios filhos, ou seja, dos futuros cidadãos do império, conforme acreditavam. O suplemento literário da *Estação* não se mostrava muito diferente disso, pois, além de ser dirigido por um médico, veiculava seções sobre a divulgação de práticas higiênicas e de vários outros cuidados pensados e escritos para as leitoras. Como precisamos levar em consideração o crescimento e profissionalização da imprensa, podemos inferir que as identidades tanto de médicos escritores, quanto de mulheres leitoras constituíram-se de modos interdependentes.

Na *Estação*, a assinatura de Machado de Assis apareceu então junto àquelas precedidas pelo distintivo “Dr.” e também de alguns literatos e de mulheres que se arriscavam no mundo das letras. Independente de quem fosse o autor de determinado artigo, a intenção de escrever para as mulheres aparecia registrada. Machado adotava recursos desenvolvidos, quando ainda colaborava para o *Jornal das Famílias*, e algumas daquelas escritoras como, por exemplo, Júlia Lopes de Almeida, recorriam à idéia de aconselhar as que pertenciam ao seu mesmo sexo. Por sua vez, os doutores levavam às mães, por meio de linguagem associada aos próprios médicos, algumas novidades e ensinamentos sobre como cuidar de seus corpos e da saúde das crianças. Como vimos na Parte I desta tese, ao lado de Machado de Assis, outro literato com espaço garantido na *Estação* foi Arthur Azevedo. Este se dedicava à escrita de séries de crônicas sobre os teatros e a uma longa série, intitulada “Croniqueta” e assinada pelo pseudônimo *Eloy*, o *HERÓE*. Tal narrador tentava, na medida do possível, discutir temas os quais, de acordo com as crenças deles, interessavam às mulheres. Por isso destacava o movimento dos clubes e bailes, a moda, as representações teatrais e musicais. No entanto,

muitas vezes foi “obrigado” a tratar de questões mais ásperas, como a municipalidade e as eleições. Quando isso acontecia, dirigia-se do seguinte modo a elas:

A Estação, porém, é periódico mais de senhoras que de homens, e, na nossa terra, o belo sexo em geral pouco se importa com o movimento político, atendendo a que sob todos os regimes Sua Majestade a Moda sempre reinou absolutamente. Às minhas leitoras bem pouco se lhes dá de que sejamos governados por Bruto ou César, pelo Napoleão de 1848 ou pelo Napoleão de 1852⁵.

Ao mesmo tempo em que havia certa dose de provocação nos escritos desse narrador, existia tentativa de informar e despertar as leitoras também para os acontecimentos políticos importantes naquele momento. Interessante observar como, mesmo se tratando de um periódico pensado para o público feminino, cada coluna parecia ter destinatário específico. Quando escritas para as leitoras, vários recursos pautados pelas diferenças de gênero eram acionados. Havia certa tentativa, da parte dos colaboradores, de influenciar as escolhas de seu público feminino. Alguns colaboradores daqueles periódicos de moda e literatura vislumbravam a possibilidade de incutir suas preferências naquelas mulheres e, por conseguinte, na próxima geração. Esses homens de letras e doutores adotaram o papel de formadores de opinião. Isso deveria ser feito, no entanto, por meio dos espaços permitidos pelas próprias leitoras.

Da mesma forma que os outros colaboradores tentaram interferir na formação de suas leitoras, Machado de Assis também usou sua participação de modo bem determinado. Suas estratégias, no entanto, foram um pouco diferentes. Primeiro porque participar naquelas páginas parece ter sido fundamental para a elaboração do projeto de seu quarto livro de contos, por causa da proximidade mantida com alguns debates voltados para o público feminino, e também devido à manutenção de um espaço de publicação de narrativas que em outra revista não obteriam a mesma recepção. Somado a isso, em artigo intitulado “Cherchez la femme”, escrito quando o Liceu de Artes e Ofícios abriu suas portas para qualquer aluno, independente do sexo, outras razões ainda foram acrescentadas e que nos ajudam a pensar o quanto importava para Machado escrever para o público feminino. Assim afirmava nosso literato:

⁵ “Croniqueta”. *A Estação*. 15 de dezembro de 1885.

Duas são as nossas classes feminis, - uma crosta elegante, fina, superficial, dada ao gosto das sociedades artificiais e cultas; depois a grande massa ignorante, inerte e virtuosa, mas sem impulsos, e em caso de desamparo, sem iniciativa nem experiência. Esta tem jus a que lhe dêem os meios necessários para a luta da vida social; e tal é a obra que ora empreende uma instituição antiga nesta cidade, que não nomeio porque está na boca de todos, e aliás vai indicada noutra parte desta publicação⁶.

O Liceu de Artes e Ofícios foi instituído em 23 de novembro de 1856 e inaugurado em 9 de janeiro de 1858, por Bittencourt da Silva⁷. Instituição dirigida ao ensino público, deveria ter sido mantida pela iniciativa privada, mas contou também com o subsídio do governo imperial. Seu regimento afirmava que poderiam ser alunos “todos os indivíduos sem exceção, sem atenção a nacionalidade, cor, estado e ocupação, contando que sejam maiores de 12 anos, morigerados”. Dando preferência de matrícula aos sócios e seus filhos⁸. O investimento dirigia-se à classe trabalhadora, com o intuito de propagar o trabalho livre e assalariado. Não pretendia levar apenas o conhecimento artístico e sua aplicação aos ofícios, mas também a educação moral. E neste quesito parece ter sido mais bem sucedido⁹. Os esforços para abrir suas portas para as mulheres iniciaram-se em 1881. Os jornais da Corte foram fundamentais, nesse sentido. A *Gazeta de Notícias* e suas colunas ora intituladas “Liceu para mulheres”, ora “Aulas para mulheres” incentivava e noticiava as doações feitas em prol das reformas necessárias no prédio que abrigava o Liceu. Eram publicados os nomes dos doadores junto aos valores concedidos, o que deve ter despertado o princípio de caridade em parte da população com recursos financeiros. Afinal de contas, por quase todo o segundo semestre daquele ano essas colunas foram constantes. Outros jornais e revistas, como o *Jornal do Commercio*, a *Revista Illustrada*, *O Globo* e a *Gazeta da Tarde* também noticiaram entusiasmados os acontecimentos sobre a inauguração das aulas para o sexo feminino. Relatavam as doações e a pompa do dia da inauguração. A festa parece ter sido bastante concorrida, com a presença de Suas Majestades Imperiais, a inauguração solene de bustos de beneméritos e homenageados, e

⁶ “Cherchez la femme”. *A Estação*. 15 de agosto de 1881.

⁷ Sobre essa instituição, ver MURASSE, C. M. *A educação para a ordem e o progresso do Brasil: o Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro (1856-1888)*. Tese de Doutorado em Educação: Unicamp, 2001.

⁸ Idem. Pp. 103-4.

⁹ Idem. P. 116.

do retrato a óleo da princesa imperial. Todos eram concordes em afirmar que aquela data marcava não só a emancipação da mulher, como da sociedade.

De fato, portanto, a instituição parecia estar “na boca de todos”, conforme afirmava Machado de Assis. Seu “Cherchez la femme” em meio a esse movimento funcionava tanto para despertar as leitoras mais abastadas e que podiam fazer doações para o Liceu, quanto as que deveriam se matricular e assistir as aulas. Esse literato acreditava na educação feminina, por isso falava para as leitoras da *Estação*, naquele mesmo artigo:

Assim, amável leitora, quando alguém vier dizer-vos que a educação da mulher é uma grande necessidade social não acrediteis que é a voz da adulação, mas da verdade. O assunto é decerto prestadio à declamação; mas a idéia é justa. Não vos queremos para reformadoras sociais, e evangelizadoras de teorias abstrusas, que mal entendeis, que em todo o caso desdizem do vosso papel; mas entre isso e a ignorância e a frivolidade, há um abismo; enchamos esse abismo¹⁰.

Por meio desse artigo, ao mesmo tempo em que Machado de Assis aproximava-se das bandeiras levantadas por algumas pioneiras que lutaram pela defesa dos direitos das mulheres, criticava aquelas que se colocavam numa posição extremamente radical. Enquanto Machado preparava contos para revistas de moda e literatura crescia o número de periódicos escritos e editados por senhoras, hoje quase desconhecidas¹¹. De modo geral, esses periódicos reafirmavam a importância da educação oferecida às mulheres, que não deveria se restringir às primeiras letras e à formação doméstica para o casamento. Nesses termos, D. Francisca S. da M. Diniz apresentava uma de suas revistas às suas leitoras:

Em vez de pais de família mandarem ensinar suas filhas a coser, engomar, lavar, cozinhar, varrer a casa etc., etc., mandem-lhes ensinar a ler, escrever, contar, gramática da língua nacional *perfeitamente*, e depois, *economia e medicina doméstica*, a *puericultura*, a *literatura* (ao menos a nacional e portuguesa), a *filosofia*, a *história*, a *geografia*, a *física*, a

¹⁰ “Cherchez la femme”. *A Estação*. 15 de agosto de 1881.

¹¹ Sobre esses periódicos, ver HAHNER, J. E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003.

química, a história natural, para coroar esses estudos a instrução moral e religiosa; que estas meninas assim educadas não dirão quando moças estas tristes palavras:

‘Si meu pai, minha mãe, meu irmão, meu marido morrerem o que será de mim!’¹²

(itálicos no original)

Não é possível saber qual foi o contato que Machado de Assis teve com os periódicos organizados por essas senhoras. No entanto, é provável que ao menos *O sexo feminino* tenha passado por suas mãos. Essa revista começou a ser publicada na cidade mineira de Campanha da Princesa e um ano depois foi transferida para a Corte. No Rio de Janeiro, era impressa por Lambaerts e Filho que cuidava também da distribuição de *La Saison*, que mais tarde passou a ser *A Estação*, conforme já vimos¹³. O certo é que idéias em torno da educação feminina estavam no cerne da participação de Machado de Assis em revistas de moda e literatura, bem como nos periódicos emancipacionistas e também no discurso médico, divulgado, por exemplo, pelas Conferências Populares. Nesse sentido, em uma das três conferências, pronunciadas por José Liberato Barroso, na tribuna da Glória, a intenção de boa parte daqueles profissionais foi resumida no seguinte parágrafo:

Para que o Brasil seja o teatro das futuras grandezas da civilização, e cumpram-se os seus altos destinos, é necessário educar a infância; e para educar a infância é preciso educar a mulher, formar a mãe de família¹⁴.

A precariedade do ensino formal era do conhecimento de todos, mas ficou ainda mais clara para muitos doutores, e outros profissionais que trabalhavam na imprensa depois da divulgação, em 1876, dos números do recenseamento de 1872¹⁵. Vários foram os segmentos

¹² *O sexo feminino – semanário dedicado aos interesses da mulher*. 7 de setembro de 1873.

¹³ No número de 14 de novembro de 1875, o *Sexo feminino* trazia a seguinte propaganda: “As pessoas que assinarem o SEXO FEMININO e a SAISON, jornal de modas propriedade dos Srs. Lombaerts e Filho, obterão esta dupla assinatura por 20\$000 anuais”.

¹⁴ *Conferências Populares*. P. 100. “A educação em geral, e com especialidade em relação à mulher” foram pronunciadas em três sessões, nos dias 18 de janeiro, 15 de fevereiro e 22 de março de 1874. Talvez por causa do sucesso e da repercussão alcançada, foram publicadas na íntegra, nos números 5, do mês de maio, e no número 6, do mês de junho de 1876.

¹⁵ Logo que os números desse primeiro recenseamento geral foram divulgados, jornais, como *O Globo* e a *Gazeta de Notícias*, divulgaram seu espanto e admiração. A coluna “Assuntos do dia”, de 06 de agosto de 1876, da *Gazeta de Notícias*, terminava com a seguinte afirmativa: “A estatística que hoje se publicou, veio afirmar-nos

sociais que passaram a investir no aprimoramento do ensino e em meios alternativos para suprir suas deficiências. No entanto, enquanto Machado de Assis, por meio da escrita de seus contos, e as redatoras dos periódicos interessados na emancipação de seu sexo, defendiam a educação e o ensino feminino como instrumentos para que as mulheres conquistassem alguma independência com relação aos homens – ou aos seus senhores, conforme veremos mais adiante – os doutores cientistas pretendiam formá-las com vistas apenas nos futuros cidadãos do Império.

Assim como *A Estação* e outros periódicos voltados para os interesses femininos defendiam a educação feminina, a *Gazeta de Notícias*, embora fosse um jornal que mantivesse um público de interesses mais amplos, também não deixou de se posicionar e de criar espaços específicos em suas páginas para as leitoras. Uma das principais características dessa folha ressaltada por seus estudiosos tem sido sua abertura para colunas literárias. O espaço de folhetim parecia assim ser lugar bastante concorrido. Conforme mostrei na primeira parte desta tese, a maioria dos contos de *Papéis avulsos* foi publicada no folhetim dos domingos da própria *Gazeta*. No entanto, quando Machado começou a publicar aqueles que seriam reunidos e formariam as *Histórias sem data*, outro espaço havia sido reservado para seus contos. Isso porque, em novembro de 1882, algumas modificações foram feitas na organização do jornal, como a criação de novos espaços para algumas séries, anteriormente publicadas em seu rodapé. As séries de crônicas semanais passaram para as primeiras colunas da página de abertura, enquanto as outras séries foram transferidas para suas últimas colunas, algumas vezes alcançando até a segunda página. Ao rodapé cabiam, a partir daquele momento, apenas os romances e a fórmula do “continua”. Tal reformulação permitia ainda mais a aglutinação entre literatura e jornalismo, já que se criavam, dentro do próprio corpo do jornal, espaços reservados a temas e à linguagem literária.

As mesmas estratégias utilizadas por Machado de Assis, quando publicava no folhetim, continuaram servindo após sua migração para o corpo do jornal. Como já afirmado, o período de publicação dos contos das *Histórias sem data* foi aquele que Machado mais alternou sua colaboração entre esse mesmo jornal e *A Estação*. Além disso, nosso literato ainda passou a

mais na idéia que da imprensa do Brasil só deve presentemente partir um grito: ESCOLAS! ESCOLAS! ESCOLAS!”

integrar o grupo de cronistas da série “Balas de Estalo”¹⁶. Esses eram espaços com características próprias, mas que muitas vezes serviram para tratar de assuntos idênticos. Uma das principais diferenças entre eles talvez estivesse relacionada ao perfil de leitores que cada uma daquelas séries e periódicos pretendia atingir de modo mais eficaz.

Enquanto *A Estação* privilegiava os interesses femininos e das famílias, a *Gazeta de Notícias* não demarcava de modo claro seu público leitor. Embora o folhetim seja constantemente associado, por seus estudiosos, aos interesses femininos, não podemos afirmar que as crônicas e contos que pertenceram aquele espaço e mais tarde ganharam o corpo do jornal foram escritas para as possíveis leitoras daquela folha¹⁷. O que de alguma forma acontecia era a adaptação, auxiliada por recursos literários, de temas tratados em outras seções do jornal. Com isso, questões políticas e relacionadas ao mundo dos homens de ciência, por exemplo, tornavam-se mais acessíveis para um maior número de leitores. Além disso, é razoável considerar, a partir das questões tratadas por seus colaboradores, que a *Gazeta de Notícias* interessava-se em propor discussões que afetavam às mulheres e, em especial, a formação delas, tanto para auxiliá-las no domínio de seus lares, como para além do mundo doméstico. Nesse sentido, às vezes, seus jornalistas usavam o recurso de dirigir-se a elas, enquanto, em outros momentos, apenas discutiam temas e medidas que as atingiam, e assim acabavam deixando pistas sobre a função social que atribuíam às suas contemporâneas.

Quando Machado de Assis estava mais envolvido na escrita dos contos das *Histórias sem data*, a *Gazeta de Notícias* noticiou que a companhia Telefônica passaria a admitir mulheres entre seus funcionários. Uma das crônicas da série “Notas à margem”, de Valentim Magalhães, foi toda dedicada a esse fato. Nela o escritor denunciava as dificuldades encontradas pelas brasileiras para conseguir se sustentar e mostrava que os cargos abertos às mulheres eram normalmente como costureiras, professoras, engomadeiras e quitandeiras. A construção da crônica indica que havia sido escrita, em especial, para os leitores, com objetivo de lhes mostrar que os principais entraves encontrados pelas mulheres eram de responsabilidade masculina. Aquelas das classes menos abastadas sofriam por causa de preconceitos, maridos ciumentos e exploradores e com a idéia corrente de que “mulher

¹⁶ Sobre essa série de crônicas ver, RAMOS, A. F. C. *Política e humor nos últimos anos da monarquia: a série “Balas de estalo” (1883-1884)*. Unicamp: Dissertação de Mestrado em História, 2005.

¹⁷ Ver, em especial, o trabalho de MEYER, M. *Folhetim: Uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 2ª edição.

sozinha” quer dizer “mulher sem dono”. De certa forma, havia tentativa de mostrar aos seus próprios leitores a parcela de culpa que carregavam. Por outro lado, o cronista não deixava de concluir seu artigo, indicando a existência de alguns trabalhos mais associados à “natureza” feminina:

O emprego da mulher em todos aqueles lugares e cargos para que são naturalmente aptas por natureza ou educação, virá produzir benefícios profundos, incalculáveis.

Ele virá firmar e garantir um dos direitos mais respeitáveis e mais nobres da mulher: - o de ganhar o pão para si e para seus filhos, para seus pais decrepitos ou inválidos...¹⁸

No dia seguinte, a “Crônica da Semana”, da mesma *Gazeta*, retomava o assunto a partir da conclusão de Valentim Magalhães e mostrava opinião muito mais cética diante do dito grande acontecimento da semana:

Pode a crônica, entretanto, ocupar-se da notícia de sensação, espalhada aos quatro ventos da semana, de ter a companhia telefônica proposto o serviço dos seus escritórios, em ligações de diversas linhas, às senhoras que queiram entregar-se a esse trabalho.

O acontecimento foi saudado enfaticamente por todos os jornais, e alguns chegaram mesmo a emitir idéias de tal alcance, que surpreendem.

Assim, um disse que o serviço de ligação sendo simples está na medida das forças das damas (!); outro, o *Jornal*, afirmou que já a prática de muitos países tem *demonstrado que a mulher é particularmente apta*, ENTRE OUTROS, *para o serviço telegráfico*; e todos afinaram pela mesma corda, louvando a inovação.

Não custará, pois, à *Crônica* lembrar que em todos os serviços onde seja exigido um segredo e satisfeita uma curiosidade – telégrafo, correio e telefone – deve ter lugar a mulher para proveito seu em geral e para proveito... das sogras em particular¹⁹. (itálicos no original)

Analisando as duas crônicas em conjunto, observamos como os redatores da *Gazeta* reagiram de maneiras diversas diante do mesmo tema. Enquanto Valentim Magalhães louvava a atitude da companhia Telefônica, o outro cronista acreditava que aquela era uma notícia de

¹⁸ “Notas à margem”. *Gazeta de Notícias*. 8 de dezembro de 1883.

¹⁹ “Crônica da Semana”. *Gazeta de Notícias*. 9 de dezembro de 1883.

sensação. Além disso, na “Crônica da Semana” ainda havia crítica aqueles seus colegas que exploravam a novidade sem qualquer malícia. Por outro lado, ambas as crônicas estavam eivadas de preconceitos em torno daquilo que a ciência e a concepção popular haviam formulado sobre as habilidades femininas. Mesmo assim, esses redatores deixaram entrever a importância que ganhava a discussão a respeito da inserção das mulheres no mundo do trabalho e, assim, indicavam que as aspirações femininas e o desejo de alguns jornalistas com relação às mulheres não se restringiam aos trabalhos domésticos e à maternidade. Mesmo porque boa parte delas precisava trabalhar para garantir o sustento de suas casas. Com esse ponto, aliás, os cronistas da *Gazeta de Notícias*, compartilhavam idéias idênticas àquelas defendidas pelas senhoras redatoras do *Sexo feminino*.

Na coluna em que apareceram os contos das *Histórias sem data*, algumas narrativas também foram escritas reservando atenção especial aos interesses femininos. Na folha de 9 de novembro de 1883, apareceu, assinada com as iniciais H. G., história intitulada “A mulher em casa”. Não é possível afirmar se essas letras escondiam algum escritor ou escritora, no entanto, aquela pessoa dirigia-se às leitoras, como se fosse também uma mulher. Sua pequena história contava sobre as expectativas de um casal logo depois do casamento. O marido imaginava o seguinte:

Agora vou ter a casa arranjadinha, as camisas sempre bem engomadas, a roupa branca com um cheirinho muito agradável... nem mesmo me será necessário ir buscá-la às gavetas da cômoda... previsor a mão a porá ao meu alcance... é só vesti-la. As comidas serão muito cuidadas e prontas à hora exata; um petiscozinho é o meu pecado venial... a esposa guiará a cozinheira, e assim o meu estômago há de dar-se muito melhor...

Por sua vez, assim que a esposa tomou conhecimento do modo como a casa e os objetos de seu marido eram arrumados, tratou de colocar tudo do seu jeito. Mudou as camisas de lugar, substituiu as gravatas velhas por novas, queimou uma caixinha muito estimada por ele, fatos que o irritaram muito. Fizeram inclusive com que a repreendesse. Diante dessa situação, o seguinte conselho foi deixado às suas leitoras:

Não será mais sensato limitar o domínio da nossa autoridade ao espaço concedido pelo companheiro da nossa vida? E tornar ao mesmo tempo o terreno tão fértil e tão agradável, que por si próprio ele se mostre disposto a aumentá-lo? O que ele assim nos cede de boa vontade nem mesmo concessão se pode chamar, porque não há nisto esforço nem sacrifício, há só o reconhecimento de pronunciada superioridade.

Aquela “redatora” mostrava às suas leitoras como deveriam tomar conta de suas casas, deixando os maridos imaginarem que mantinham controle de tudo. Suas dicas assemelhavam-se às encontradas nos periódicos de moda e literatura publicados naquele mesmo período. Devemos levar em consideração, portanto, que a *Gazeta de Notícias* contava também com o mesmo público feminino da *Estação*, por exemplo. Por isso oferecia aos seus colaboradores espaço para discutir o lugar social das mulheres e, ao mesmo tempo, permitia que se falassem a elas, algumas vezes de forma afrontosa ou desafiadora e outras usando mais simpatia. Esse foi o modo encontrado por alguns de seus colaboradores para atuarem na polêmica sobre quais papéis caberiam às mulheres. Machado de Assis representou mais uma voz naquele ambiente, por meio da publicação de contos com personagens femininas ímpares, que serão analisadas ao longo desta parte da tese. O que importa salientar, então, é que independente do perfil de leitores de cada periódico, Machado ajudava a construir um espaço que servia também para despertar seus leitores diante de temas fundamentais àquela época. Seja escrevendo contos para passar o tempo ou outros mais burilados para formar alguma coletânea, nosso literato, ao seu modo, esforçava-se também no sentido de aperfeiçoar a educação de suas leitoras.

Não podemos considerar a ascensão dos vários discursos, em torno das mulheres, veiculados por aquela imprensa, como forma absoluta de anular a participação feminina dentro ou fora de suas casas. Na maioria das vezes, aqueles redatores acentuavam o caráter infantil e dependente das suas leitoras ou daquelas que supostamente precisavam de ajuda para conquistar novos espaços de atuação profissional. Ao estudar o caso da “venda de esposas”, na Inglaterra entre os séculos XVIII e XIX, E. P. Thompson observa como ali “as relações de gênero eram estruturadas em modos de dominação/subordinação”²⁰. Embora o ritual trabalhado por esse pesquisador tratasse de dominação masculina, sua pesquisa mostrou como

²⁰ THOMPSON, E. P. “A venda de esposas”. In: *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P. 345.

cada passo dado por aqueles casais e pelos compradores de esposas permitia também a afirmação pessoal feminina. Cabe notar, portanto, que, mesmo vivendo numa situação de subordinação, aquelas mulheres não eram passivas. O estudo desse historiador inglês ajuda a pensar em como, apesar de a imprensa brasileira tentar impor os projetos de seus redatores, na maioria das vezes pautados por normas médicas, que colocavam no mesmo patamar mulheres, crianças e escravos, as “consumidoras” daquelas folhas possuíam parte do controle sobre aquilo que leriam.

Capítulo 7

Contos sem data

7.1 – Dos *Papéis avulsos* às *Histórias sem data*

A primeira publicação na imprensa das narrativas pertencentes às *Histórias sem data* começou com o conto “A igreja do diabo – história sem data”, na *Gazeta de Notícias*. Entre a publicação do último conto da coletânea anterior e esse decorreram seis meses. Tempo gasto entre a escrita de duas histórias para *A Estação*, que não chegaram a entrar em nenhum livro organizado por Machado, e com a tradução de “O corvo”, de Edgar Allan Poe²¹. Talvez por causa da proximidade entre o término de uma e o início da redação dos contos da outra, ambas apresentam vários pontos em comum. O primeiro deles é temático: *Papéis avulsos* e *Histórias sem data* questionam, a partir de prismas diferentes, as mesmas dificuldades enfrentadas por seus contemporâneos por causa da assimilação e divulgação de algumas questões em torno do cientificismo. No entanto, a segunda orientou-se mais a partir das interferências promovidas por aqueles doutos nas relações cotidianas entre homens e mulheres.

As duas personagens femininas de maior destaque encontradas na coletânea de 1882 foram D. Evarista, de “O alienista”, e D. Benedita, que emprestou nome ao conto publicado primeiro na *Estação*. A última tomava conta sozinha da casa e de dois filhos – uma filha na idade de se casar, pelos critérios científicos da época, e um menino menor. O marido dela havia sido nomeado desembargador, pelo ministério Zacarias, fazia dois anos e meio. Esse fato obrigou-o a se mudar para o Pará, mas a esposa preferiu ficar na Corte, presa por alguns negócios de família. Talvez motivado por essa separação forçada, o marido de D. Benedita passou a se relacionar com uma viúva, fato conhecido por sua esposa. No entanto, essa personagem feminina continuava comportando-se como se de nada soubesse, correspondendo-se com o marido, informando-o sobre o andamento das tarefas domésticas e de criação dos

²¹ A tradução feita por Machado de Assis de “O corvo” apareceu pela primeira vez nas páginas de *A Estação*, no dia 28 de fevereiro de 1883. Depois foi publicada também no *Almanaque do Vassourense*, em 1888; na *Gazeta de Notícias*, em 16 de agosto de 1888 e 7 de fevereiro de 1892 e em *Ocidentais (Poesias completas)*, em 1901. SOUSA, J. G. de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1955. P. 537.

filhos e, mesmo depois dele morto, cumpriu todos os rituais da viuvez. A vida de D. Benedita foi fundamentada na aparência de casamento bem sucedido, talvez, por causa de teorias criadas para as mulheres de sua classe, que afirmavam a necessidade de proteção do sexo masculino. No conto em questão, esse papel era exercido pela imagem do marido ausente e pelo pároco local, alguém poderoso o suficiente para intervir nas decisões mais íntimas daquela casa. Por sua vez, a filha de D. Benedita, Eulália, tinha pretensões um pouco diferentes daquelas de sua mãe. Essa personagem recusou a primeira proposta de união, mesmo depois da interferência do padre, e provocou a aproximação entre a família dela e a do homem com o qual desejava se casar. Mostrava-se muito mais firme e decidida do que a mãe, além de sinalizar para outro posicionamento buscado pelas mulheres de sua época.

As personagens femininas criadas para a coletânea *Histórias sem data* foram formuladas tendo em vista a independência de Eulália e a inconstância de D. Benedita. Com grande destaque em seu novo livro, Machado de Assis colocou suas novas personagens femininas em contato direto com aquele mesmo cientificismo discutido pela outra coletânea. Para tanto, houve certa continuidade entre as idéias apresentadas em um e outro livro. O ponto fundamental, no entanto, deixou de ser o de mostrar como o discurso científico tinha a intenção de fazer calar outras vozes; e passou para a criação de personagens capazes de caminhar por dentro das leis e regras pensadas para esse sexo. A forma de organizar algumas falas justificadas pelas inovações, em especial aquelas de médicos higienistas preocupados com a geração de futuros cidadãos para o império, continuou sendo fundamental nessa coletânea. Mas havia a especificidade de mostrar como algumas personagens femininas conseguiam conversar com seus senhores e ter as necessidades delas atendidas. Os diálogos das *Histórias sem data* ganharam interlocutores calados ou anulados nos *Papéis avulsos*.

Alguns críticos literários e historiadores já perceberam a relevância das personagens femininas para compreender a obra de Machado e alguns aspectos relacionados à segunda metade do século XIX²². Apesar disso, ainda são muito escassos aqueles dedicados à reflexão sobre o que levou Machado a dar vida e graça a essas personagens tanto em romances, quanto

²² Cabe lembrar o trabalho de CALDWELL, H. *O Otelô Brasileiro de Machado de Assis: um estudo de Dom Casmurro*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008, 2ª edição (primeira edição em inglês de 1960), que ajudou a inovar os estudos sobre Machado de Assis, por causa da atenção voltada para a personagem Capitu.

em contos²³. A realização desse exercício exige certo conhecimento sobre como se orientavam as construções literárias e científicas com relação ao papel das mulheres naquela sociedade. Boa parte dessas formulações apareceu na própria imprensa ao lado dos contos das *Histórias sem data*.

Enquanto Machado de Assis ocupava-se com a preparação dessa coletânea, Sylvio Romero publicava o livro de poesias *Últimos Harpejos* e Aluísio Azevedo o romance *Casa de Pensão*. Como já havia se tornado rotina na imprensa, as poesias de Romero serviram para uma longa polêmica em torno da qualidade da obra²⁴. Por sua vez, o romance naturalista alcançou recepção calorosa, ao menos da parte do grupinho do “Elogio mútuo”²⁵. Ao tratar dessa obra, em sua série “Notas à margem”, na *Gazeta de Notícias*, Valentim Magalhães reafirmava a importância do desenvolvimento da literatura brasileira para a construção do próprio país. Depois destacava a escassez de novos romances nacionais, fato não justificado nem pela falta de escritores, nem de leitores. Sua afirmativa baseava-se na abundância de romances em pequenas fatias, publicados em grande escala nos periódicos e com sucesso garantido. No entanto, esses não passavam de “romances de fancaria”, de qualidade duvidosa, segundo a qualificação da crítica coeva. O gênero romance padecia da necessidade de escritores dispostos a escrever e publicar suas obras, além de editores. Passando por cima de todas essas dificuldades, Aluísio Azevedo havia oferecido ao público uma obra em pé de igualdade com o *Primo Basílio*, de Eça de Queirós. Valentim Magalhães ainda aproveitava a oportunidade para posicionar-se ao lado daqueles que defendiam o autor português, embora esse debate parecesse mais distante. A *Casa de Pensão* poderia ser considerada, de acordo com as palavras do

²³ As personagens femininas dos romances de Machado ganharam as análises de STEIN, I. *Figuras femininas em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984 e XAVIER, T. M. *A personagem feminina no romance de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Presença, 1986. Ambos os trabalhos apresentam-se divididos em duas partes: a primeira dedicada à situação da mulher no Brasil do século XIX e a segunda para estudar as personagens mais propriamente. É importante enfatizar que, ao eleger essa estratégia narrativa e de análise, essas autoras acabam enfatizando, em especial, como a obra de Machado serve de “reflexo” para o século XIX. Outros trabalhos importantes são os de LISBOA, M. M. *The feminism of Machado de Assis: reading the heart of the companion*. Lampeter: Edwin Mellen Press, 1997, e RIBEIRO, L. F. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, 2ª edição, que também trata das personagens femininas dos romances e o de PEREIRA, C. M. *Jogos e cenas do casamento: construção e elaboração das personagens e do narrador machadianos em Contos Fluminenses e Histórias da Meia Noite*. Unicamp: Tese de doutorado em Teoria Literária, 2008.

²⁴ Valentim Magalhães. “Notas à margem”. *Gazeta de Notícias*. 22, 23 e 24 de dezembro de 1883 e 13 e 18 de janeiro de 1884.

²⁵ Valentim Magalhães. “Notas à margem”. *Gazeta de Notícias*. 30 de junho e 2, 3, 5, 12 e 13 de julho de 1884.

resenhista, como um marco fundamental na delimitação de duas fases da literatura produzida no Brasil.

Poucos meses depois, Valentim Magalhães noticiava, naquela mesma coluna, o aparecimento da nova coletânea de contos de Machado de Assis²⁶. Segundo sua resenha, as *Memórias póstumas de Brás Cubas* tiveram continuação nos *Papéis avulsos*, e as *Histórias sem data* aparecia como o terceiro livro dessa mesma série. A coletânea ainda foi recomendada por outros críticos e por Alzira C., na *Estação*²⁷. Quem se escondia por detrás desse pseudônimo pretendia convencer suas leitoras sobre a qualidade da coletânea recomendada, recorrendo à escrita sob formato de carta e apelando para determinada identidade de gênero. Demonstrava grande erudição, por meio de citações de Alfred Musset, e conhecimento do conjunto da obra de Machado de Assis. Desse modo, enfatizava:

E, todavia, sou forçada a pôr aqui um reparo: há algum tempo, ou, falando bibliograficamente, há alguns volumes, o autor da *Parasita azul* encontra no fundo de todas as taças uma especiaria, demasiado forte ou demasiado amarga, não sei, que o obriga a esboçar uma careta. Tédio, imaginação ou ciência última da vida? Seja o que for, parece-me que, quanto ao nosso sexo, se ele não lhe chama *exécrable et charmant*, como já fez um poeta ilustre, é apenas para não repetir a palavra de um poeta, embora ilustre.

Nisto que eu digo há mera suposição; e há talvez mais: há uns certos *olhos de basilisco* que não sei se são atributos de um individuo ou cabem a toda a espécie feminina. Embora! Se ele afirmasse positivamente este horror, se se atrevesse a dizer, como um doido célebre, que temos cabelos compridos e idéias curtas, eu tomaria quatro palavras que vejo aplicadas nesse livro aos sábios, e lhe responderia com uma grande serenidade e profundo tom de convicção:

- Nós somos o arroz da ciência e a luminária do Universo!²⁸

Enquanto alguns autores aperfeiçoavam sua escrita, seguindo o modelo de Eça de Queirós, a crítica contemporânea a Machado de Assis classificava-o como filósofo, o qual demarcava seu lugar na literatura universal, sob os moldes de Sterne, Poe, Hoffman, Schopenhauer, entre outros. A polêmica iniciada depois do lançamento no Brasil de *O Primo*

²⁶ Valentim Magalhães. “Notas à margem”. *Gazeta de Notícias*. 2 de setembro de 1884.

²⁷ Alzira C. *A Estação*. 15 de setembro de 1884.

²⁸ Idem.

Basílio dividia os literatos brasileiros em grupos diferentes e por vezes opostos. Machado de Assis e Aluísio Azevedo escreviam suas obras ao mesmo tempo e usavam o espaço dos jornais para uma primeira versão. Entretanto talvez devido a suas concepções distintas com relação à literatura e aos seus papéis como literatos, caracterizavam suas personagens, em especial as femininas, seguindo linhas quase opostas²⁹. Vejamos, portanto, como o autor da *Casa de Pensão* construiu algumas falas das personagens femininas desse seu livro. As personagens femininas principais da trama de Aluísio Azevedo são Ângela, mãe do protagonista Amâncio; Hortênsia, esposa daquele que o recebeu na Corte; Mme. Brizard, Amélia e Lúcia, moradoras da casa de pensão. Na construção dessas personagens, seu autor destacava a unicidade do sentimento materno, e para isso afirmava:

A mãe, enquanto esteve ao lado dele, foi sempre um coração aberto para lhe receber as lágrimas e os queixumes.

Também, só elas, só as mães, podem servir a tão delicado mister. O que se lança ao peito da amante desde logo arde e se evapora, porque aí o fogo é por demais intenso; o que se atira ao de um estranho gela-se de pronto na indiferença e na aridez; mas, tudo aquilo que um filho semeia no coração materno – brota, floreja e produz consolações. Neste não há chama que devore, nem frio que engele, mas um doce amornecer, suave e fecundo, como a tepidez de um seio intumescido e ressumbrante de leite³⁰.

Para contrastar com essa imagem, a disputa do coração e da bolsa de Amâncio foi marcada por diálogos bastante interessantes. Mesmo porque importava a Aluísio Azevedo mostrar a trama esquematizada de um lado por Coqueiro, Mme. Brizard e Amélia, e do outro por Lúcia. Nesse sentido, a conversa entre Amélia e Mme. Brizard pode nos ajudar:

- Como te enganas! Respondeu a velha – já compreendi bem esse sujeito: a sua corda sensível são as mulheres! Gosta que lhe falem nisso! Tu, do que precisas, é opor-lhe

²⁹ Para elaborar sua *Casa de Pensão*, Aluísio Azevedo partiu de um crime muito noticiado pela imprensa, a respeito do assassinato de um estudante por seu amigo, conforme foi depois ficcionalizado pelo literato. De acordo com a tese de Ana Gomes Porto, esse artifício era bastante empregado por outros autores naquele mesmo contexto de produção. Ver, PORTO, A. G. *Novelas sangrentas: Literatura de crime no Brasil (1870-1920)*. Unicamp: Tese de doutorado em História, 2009.

³⁰ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora Ática, 2006. P. 38

dificuldades, sem que o desenganes por uma vez; nega, mas promete, que obterás a vitória. Quando ele te pedir um beijo, dá-lhe um sorriso; e, quando quiser muito mais, dá-lhe então o beijo, contanto que te mostres logo arrependida, envergonhada, chorosa, inconsolável, disposta a não lhe ceder mais nada, e disposta a nunca lhe pertenceses, a nunca lhe perdoares aquele atrevimento. E, se ele insistir, repele-o, insulta-o, jura que o desprezas e fá-lo acreditar que amas a outro. – É dessa forma que o hás de agarrar, percebes? Lá quanto às minhas chalaças de ainda há pouco, descansa que por aí não irá o gato às filhoses³¹.

O repertório acionado por Aluísio Azevedo opõe dois tipos bem distintos de mulheres, recorrentes em obras literárias e científicas: a mãe protetora e símbolo de amor incondicional de um lado e a mulher lasciva e interesseira de outro. O desenvolvimento do projeto das *Histórias sem data* questionava essas separações muito extremas. Para isso, Machado de Assis utilizou diálogos sinuosos e narradores criados a partir das últimas idéias lançadas entre cientistas e literatos, e deu continuidade ao projeto dos *Papéis avulsos*, conforme ainda veremos. Nessa coletânea, os narradores, de modo geral, cumpriram a função de reproduzir a voz e uma determinada opinião masculina, diante de temas como o adultério, sendo essa uma das situações mais usadas naquelas páginas. As idéias femininas, por sua vez, ganharam nos diálogos espaços garantidos, inclusive, para mostrar as diferenças entre mulheres de situação social distinta. A construção de personagens femininas e masculinas, as ações e as reações de ambos os lados, além das caracterizações carregadas com grande dose de humor pertenciam ao centro do projeto dessa coletânea. Uma das intenções de Machado talvez fosse a de levar os mesmos problemas discutidos nos *Papéis avulsos* para as relações entre personagens de sexos opostos, conforme veremos ao longo desta tese.

7.2 – A primeira história sem data e a organização da coletânea

A organização e o projeto das *Histórias sem data* podem ser entendidos, quando tomamos como ponto de partida a publicação, ainda na *Gazeta de Notícias*, de “A igreja do Diabo”. Este conto serviu para iniciar a escrita, na imprensa, daqueles reunidos em sua quarta

³¹ Idem. P. 99.

coletânea. Foi publicado nas três últimas colunas da primeira página daquele jornal, num sábado, 17 de fevereiro de 1883, com o subtítulo “História sem data”. Nessa narrativa podemos encontrar alguns dos princípios que orientaram nosso literato na elaboração das outras histórias, bem como no sentido atribuído ao novo livro que teve começo ali. Mesmo porque seu subtítulo, retirado da publicação sob formato de livro, serviu de título para a coletânea depois de pronta. “A igreja do Diabo” foi narrada com base em informações encontradas num “velho manuscrito beneditino”. Segundo este, motivado por certo sentimento de humilhação, devido a sua falta de organização, regras, cânones e ritual, o Diabo teve a idéia de fundar uma igreja. Assim poderia combater e destruir as outras religiões. Usaria as mesmas armas de seus inimigos, com a vantagem de ser única, sem nenhum dissidente, como Maomé ou Lutero, por exemplo. Quando foi comunicar essa decisão para Deus, o Diabo deparou-se com o recolhimento de mais um velho, que, depois de um naufrágio, havia cedido sua taboa de salvação em prol de um jovem casal. Segundo a esperança do demo, aquele seria um dos últimos a ser levado para o céu. Quando questionado por Deus sobre a demora para tomar tal atitude, o Diabo justificou-se da seguinte forma:

- Só agora concluí uma observação, começada desde alguns séculos, e é que as virtudes, filhas do céu, são em grande número comparáveis a rainhas, cujo manto de veludo rematassem em franjas de algodão. Ora, eu proponho-me a puxá-las por essa franja, e trazê-las todas para minha igreja; traz delas virão as de seda pura...³²

Usava da melhor forma retórica como foi percebido por Deus. Quando o Diabo tentou explicar suas palavras, foi obstado de seguir adiante, pois apenas repetia as palavras e expressões usadas pelos moralistas havia muito tempo. Restava-lhe colocar em prática suas idéias e puxar as ditas franjas de algodão. Começou sua obra fazendo mil promessas e desmentindo a imagem criada pelas beatas a seu respeito. Depois passou à definição de sua doutrina, interessada na defesa dos sete pecados capitais. Mostrava como a prática de cada um deles viria seguida de alguma recompensa. Os seus seguidores juntaram aos montes e, com tamanho sucesso, o Diabo sentia-se triunfante. Seu único erro foi não ter se lembrado da “eterna contradição humana”. Pois logo começou a perceber como seus fiéis continuavam

³² *Histórias sem data*. P. 4.

praticando antigas virtudes, só que agora às escondidas. Ao longo das *Histórias sem data*, Machado colocará em evidência a inconstância de alguns grupos sociais específicos, conforme percebido pelo Diabo depois da criação de sua igreja. Atitudes contrárias às esperadas por narradores, personagens, e, quiçá, leitores orientam os diálogos e posicionamentos apresentados naqueles contos. Foi central, para o autor desse livro, a construção de personagens que não tinham nem virtudes completamente vinculadas ao divino, nem eram pura maldade. Também nesse sentido, a escolha de personagens femininas como protagonistas não foi por acaso. Afinal de contas, tanto a literatura quanto os discursos científicos direcionados às mulheres recorriam a imagens, na maior parte das vezes, independentes do espaço e do tempo – histórias sem datas – e, com isso, acabavam esquecendo-se da “eterna contradição humana”. Machado parecia querer marcar um lugar para tais personagens que não se orientavam somente por princípios divinos, nem pelas reformulações e interpretações feitas pelo Diabo.

Esse conto oferece-nos pistas valiosas na compreensão do título escolhido para o seu novo livro e também para a construção de suas personagens femininas. Outros indícios foram deixados na “Advertência”, texto de abertura da coletânea. Machado retornou ao título e o justificou, afirmando seu objetivo de tratar de “cousas que não são especialmente do dia, ou de um certo dia”. Apesar disso, recordava o fato de apenas dois daqueles contos não apresentarem datação precisa. Mais uma vez, tal qual havia acontecido por meio da escolha do título de seus *Papéis avulsos*, Machado parecia ter a intenção de confundir a cabeça de seus leitores. Das histórias, por ele mesmo reconhecidas como sem data, estão “A igreja do Diabo”, cujo enredo já repassamos; e “Academias de Sião”, usada para fechar o livro. Ao contrário dessas duas, os outros contos apareceram, em sua grande maioria, datados não apenas de modo vago, mas com uma precisão incrível. O detalhe mais interessante quanto a esse ponto é o fato de os anos preferidos para ambientar as *Histórias sem data* serem aqueles contidos nas décadas de 1860 e 1870. O motivo dessa restrição foi explicado pelo próprio Machado, em outro conto da mesma coletânea, intitulado “A segunda vida”. Neste conto, nosso literato recorria ao modelo das histórias fantásticas e propunha interpretação para a História recente do país, seguindo assim a abertura oferecida pelo próprio periódico, no qual foi publicado pela primeira vez. Essa narrativa começava com o Monsenhor Caldas, pedindo ao “preto velho que o servia”, para que fosse chamar a polícia, a fim de ajudá-lo a se livrar de um doido. Em seguida, o religioso retornava e continuava ouvindo a história de José Maria. Este contava que havia morrido no

dia 20 de março de 1860, às cinco horas e quarenta e três minutos da manhã, com 68 anos de idade. Como sua alma foi a milésima a chegar ao “planeta dos virtuosos da terra”, recebeu o privilégio de retornar à vida. Não tinha como recusar, poderia apenas escolher entre “nascer príncipe ou condutor de ônibus”. Diante disso e da recordação de sua primeira vida, marcada pela inexperiência, chegou à conclusão de que pouco resolvia a condição social ocupada, o mais importante deveria ser “nascer experiente”. Ou seja, o personagem desejava levar para a sua nova vida a experiência adquirida entre os anos de 1792 a 1860, período que cobre parte das histórias com datas das *Histórias sem data*. Além disso, esse foi o momento no qual, segundo Ilmar Mattos, houve a formação e consolidação da classe senhorial e do Estado Imperial³³. É importante então frisar a datação escolhida para cada um daqueles contos: a narrativa de “O lapso” transcorre no Rio de Janeiro, em 1768; a personagem feminina de “Singular ocorrência” viveu seu período áureo em 1860; “Uma senhora” é de 186...; “Manuscrito de um sacristão”, de 185..., e “A senhora do Galvão”, de 1853. Conforme veremos ao longo desta segunda parte da tese, esses contos trabalham com o poder senhorial e as estratégias de personagens femininas para driblar as regras impostas por seus senhores.

José Maria nasceu pela segunda vez em 5 de janeiro de 1861. Desde pequeno, no entanto, o personagem sofria por causa da experiência trazida da outra vida e, devido a isso, sua infância foi resumida num “tempo de aborrecimento”. Isso tudo aconteceu devido ao medo motivado pelas recordações das “cabeças quebradas” na primeira vida. Em 1880, aos 19 anos, “a lembrança de três indigestões apanhadas quarenta anos antes” continuava a fazê-lo desistir de tudo. José Maria não conseguia acreditar em nenhuma mulher e nem manter um relacionamento com alguma delas, sem desconfianças. Por isso, havia decidido comprar um revólver, e, passou a contar, para o Monsenhor Caldas, o “caso do sangue”, provocado por um sonho tido com o Diabo. Este levava de presente para José Maria os lírios do campo, símbolo dos vinte anos do personagem. No entanto, quando os chegou ao nariz, saiu de dentro um “réptil fedorento e torpe”. Depois desse sonho, José Maria acordou e viu ao seu lado uma mulher aflita e desgrenhada, mas de olhos doces. Observou, então, que “olhos doces também fazem mal” e, sem concluir, partiu para cima do padre. Essa “história fantástica” termina sem conclusão, mas, se o seu narrador desse prosseguimento, levando-se em consideração os outros

³³ MATTOS, I. R. *O tempo saquarema: a formação do estado imperial*. São Paulo: Editora HUCITEC, 2004. 5ª edição.

contos escritos no mesmo estilo por Machado de Assis, o Monsenhor Caldas acordaria e perceberia como tudo não havia passado de um sonho, provocado pelo cochilo posterior ao almoço.

Esse conto teve sua primeira versão escrita para a *Gazeta Litteraria*, revista bastante interessada pela História Nacional, que contava com a publicação de documentos históricos e outras seções, objetivando contribuir para a construção da nação e de sua identidade. Pensá-lo como parte da interpretação feita por Machado de Assis à História do Brasil é bastante plausível. Sendo assim, os anos de 1870 e 1880, são analisados por Machado como um período no qual o Brasil não conseguia avançar, por medo da lembrança de sua infância, ou do período pós-independência. Por causa disso, havia datado “Último capítulo”, conto no qual o narrador escreve suas memórias, do dia 3 de março de 1871; “Galeria póstuma”, de junho de 1879; “Capítulo dos chapéus”, de abril de 1879 – esse ano pode ser entendido também como uma “brincadeira” com a Revolução Francesa –; “Anedota pecuniária”, de 1870; Fulano, de 1884 e “Ex-cátedra”, de 1874. Como se vê, tudo datado com muita precisão. Essas datas e o exercício minucioso de Machado na hora de escolher cada uma delas são indícios de como a escrita desses contos foi mediada por reflexões acerca da construção do país. Ao lado disso ainda havia a necessidade de considerar como algumas novidades científicas encantavam seus contemporâneos, de modo inadvertido e independente do tempo e do espaço.

A falha do Diabo, de alguns cientistas da época e de homens de letras serviu como pano de fundo para os 18 contos formadores das *Histórias sem data*, e distribuídos em 279 páginas da coletânea. Na capa do livro, aparecia o nome do autor, títulos da obra e dos contos, além do editor (B. L. Garnier), seu endereço (Rua do Ouvidor, 71) e ano de publicação (1884). Como de costume, as obras do autor vinham listadas em página à parte. Em seguida, apareciam informações sobre a responsabilidade da tipografia e litografia a vapor, encadernação e livraria Lombaerts & C, o índice dos contos e uma errata, listando alguns erros “tipográficos fáceis de emendar”. A disposição dos contos no livro não seguiu a mesma ordem de publicação nos periódicos, embora tenha mantido “A igreja do Diabo” como conto de abertura. Os contos foram organizados no livro na seguinte ordem: “A igreja do Diabo”, “O lapso”, “Último capítulo”, “Cantiga de sponsais”, “Singular ocorrência”, “Galeria póstuma”, “Capítulo dos chapéus”, “Conto alexandrino”, “Primas de Sapucaia!”, “Uma senhora”, “Anedota pecuniária”,

“Fulano”, “A segunda vida”, “Noite de almirante”, “Manuscrito de um sacristão”, “Ex-cátetra”, “A senhora do Galvão” e “Academias de Sião”³⁴.

Dentre as alterações e correções feitas, da versão original para a final, algumas foram de extrema importância para o próprio sentido do conto. A primeira delas é encontrada em “O lapso”. Ambas as versões são abertas com epígrafe retirada da Bíblia (Jeremias, XLII, 1, 2), no entanto, na *Gazeta de Notícias*, o primeiro parágrafo foi composto da seguinte maneira:

Não me perguntem pela família do Dr. Jeremias Halma, ou Jeremias Palm, não sei bem o que seja; o nome não passou da tradição oral. Também não sei o que é que ele veio fazer ao Rio de Janeiro, naquele ano de 1768, governando o Conde de Azambuja, que a princípio se disse o mandara buscar; esta versão durou pouco. Veio, ficou e morreu com o século. Posso afirmar que era médico e holandês. Viajara muito os mares do norte, a costa de Malabar, conhecia a Pérsia, o Egito, a Escandinávia, o Peru, sabia toda a clínica do tempo, e mais alguma; falava corretamente cinco ou seis línguas vivas e duas mortas³⁵. (...)

No jornal, o narrador não tinha certeza sobre o nome do personagem principal da história contada e mostrava de modo preciso por quais lugares aquele médico havia viajado, antes de chegar ao Rio de Janeiro. Depois da revisão feita por Machado de Assis, foi retirada a dúvida a respeito do sobrenome. Mesmo porque a definição por Jeremias Halma não parece ter sido escolha neutra, ajudando-o na caracterização de seu personagem. Segundo o livro bíblico, de onde Machado de Assis retirou a epígrafe e o nome do personagem, Jeremias era um profeta que havia viajado bastante e terminado seus dias fugindo para o Egito, por causa de uma represália. Desse modo, o parágrafo foi reescrito e ganhou o formato abaixo:

Não me perguntem pela família do Dr. Jeremias Halma, nem o que é que ele veio fazer ao Rio de Janeiro, naquele ano de 1768, governando o Conde de Azambuja, que a princípio se disse o

³⁴ Nos periódicos fluminenses, Machado de Assis publicou esses contos na seguinte ordem: “A Igreja do Diabo” (GN – 17/02/1883), “O lapso” (GN – 17/04/1883), “Conto alexandrino” (13/05/1883), “Cantiga de esponsais” (AE – 15/05/1883), “Singular ocorrência” (GN – 30/05/1883), “Último capítulo” (GN- 20/06/1883), “Galeria póstuma” (GN – 02/08/1883), “Capítulo dos chapéus” (AE – 15/08 a 15/09/1883), “Anedota pecuniária” (GN – 06/10/1883), “Primas de Sapucaia!” (GN – 24/10/1883), “Uma senhora” (GN – 27/11/1883), “A segunda vida” (GL – 15/01/1884), “Fulano” (GN – 04/01/1884), “Noite de almirante” (GN – 10/02/1884), “Manuscrito de um sacristão” (GN – 17/02/1884), “Ex-cátetra” (GN – 08/04/1884), “A senhora do Galvão” (GN – 14/05/1884) e “Academias de Sião” (GN – 06/06/1884).

³⁵ *Gazeta de Notícias*. 17 de abril de 1883.

mandara buscar; esta versão durou pouco. Veio, ficou e morreu com o século. Posso afirmar que era médico e holandês. Viajara muito, sabia toda a clínica do tempo, e mais alguma; falava corretamente cinco ou seis línguas vivas e duas mortas³⁶. (...)

Nesse conto, Machado ainda fez algumas outras pequenas modificações, sem alterar seu sentido final. O mais importante parece ter sido mesmo a definição do sobrenome de Jeremias. Aliás, a atribuição de nomes e seus respectivos significados parece ter sido uma de suas preocupações nessa coletânea. No conto, “Capítulo dos chapéus” nenhum dos personagens recebeu nome sem alguma segunda intenção. A protagonista chama-se Mariana, para recordar a alegoria feminina à liberdade, surgida durante a Revolução Francesa. Sua amiga, Sofia, deu várias lições (às leitoras e à Mariana) sobre como manipular o sexo oposto, mostrando como não havia recebido um nome que significa sabedoria por acaso. O primeiro namorado de Mariana fora nomeado de Viçoso, numa possível alusão às suas qualidades físicas. Por fim, na primeira versão desse conto, na revista de moda e literatura *A Estação*, o marido de Mariana chamava-se Henrique Seabra, enquanto no livro apareceu como Conrado Seabra. O sobrenome desse personagem servia para Machado reforçar a caracterização profissional dele, já que Seabra pode servir como referência a ilustres magistrados portugueses³⁷. Por sua vez, a mudança de Henrique para Conrado, deve ter ajudado na definição do sentido da própria narrativa. Afinal de contas, a alteração mais significativa dentre aquelas realizadas não só nesse conto, como na coletânea, relaciona-se a esse personagem. Isso aconteceu na conclusão da história. Vejamos o parágrafo, publicado pela revista:

Enfim, parou um *bond*; apeou-se o marido; rangeu a porta de ferro do jardim. Mariana foi à vidraça, e espiou. Henrique entrava lentamente, olhando para a direita e a esquerda, com o ar do costume, e o chapéu na cabeça, o famoso chapéu da manhã, que nunca dos nuncas pareceu à mulher tão natural. Realmente, que mania a dela exigir que ele deixasse um chapéu que lhe ficava tão bem? Mariana reconheceu que qualquer outro era desarmônico. Tão gracioso! Tão próprio! E ainda que não fosse mais próprio, era o de longos anos, era o que quadrava à fisionomia do marido... Em todo caso, outro qualquer dar-lhe-ia a impressão do vaso do jardim trocado, - ou a de uma lauda de Voltaire entre as folhas da *Moreninha* ou de

³⁶ *Histórias sem data*. P. 17.

³⁷ http://www.arqnet.pt/dicionario/seabra_familia.html consultado em 15 de dezembro de 2008.

Ivanhoé... Henrique entrou por uma porta lateral, e não teve tempo de tirar o chapéu; Mariana recebeu-o nos braços.

- Então, passou? Perguntou ele, enfim, cingindo-lhe a cintura.

- Não, não compres outro³⁸.

Depois de reformulado, o parágrafo apareceu da seguinte forma, no livro:

Enfim, parou um *bond*; apeou o marido; rangeu a porta de ferro do jardim. Mariana foi à vidraça, e espiou. Conrado entrava lentamente, olhando para a direita e a esquerda, com o chapéu na cabeça, não o famoso chapéu do costume, porém outro, o que a mulher lhe tinha pedido de manhã. O espírito de Mariana recebeu um choque violento, igual ao que lhe dera o vaso do jardim trocado, - ou ao que lhe daria uma lauda de Voltaire entre as folhas da *Moreninha* ou de *Ivanhoé*... era a nota desigual no meio da harmoniosa sonata da vida. Não, não podia ser esse chapéu. Realmente, que mania a dela exigir que lhe deixasse o outro que lhe ficava tão bem? E que não fosse o mais próprio, era o de longos anos; era o que quadrava a fisionomia do marido... Conrado entrou por uma porta lateral. Mariana recebeu-o nos braços.

- Então, passou? Perguntou ele, enfim, cingindo-lhe a cintura.

- Escuta uma cousa, respondeu ela com uma carícia divina, bota fora esse; antes o outro³⁹.

Conforme ainda veremos mais detalhadamente, o pedido feito por Mariana ao seu marido para que ele usasse outro chapéu causara um desentendimento entre o casal. Enquanto na primeira escrita, Machado mantém o comportamento do marido, do começo ao fim, sem ceder às vontades da esposa; ao reescrever a mesma história criou personagem masculina, tentando agradar à mulher, ao menos no último parágrafo. Qual o significado dessa mudança de atitude para o conto e também para a coletânea? Ou o que teria motivado uma modificação tão expressiva? Quando a personagem masculina insiste na sua posição, o literato mostrava a construção da imagem do homem firme, trabalhador, conhecedor das últimas novidades do mundo das ciências e substituto do pai de sua esposa, na medida em que, o modelo do casamento científico cobrava essas atitudes. Interessante observar o fato de essa caracterização

³⁸ *A Estação*. 15 de setembro de 1883.

³⁹ *Histórias sem data*. Pp. 110-111.

coincidir com a mesma imagem e função atribuída aos homens nas páginas da revista na qual o conto fora publicado. É pouco provável que a autoridade de Henrique sobre Mariana tenha causado, entre as leitoras da *Estação*, algum sentimento de indignação ou revolta e que essa recepção teria motivado as modificações realizadas pelo literato. Aquelas páginas e suas seções recomendavam esse comportamento. Para o livro, no entanto, Machado fez com que o seu Conrado se adaptasse às outras personagens masculinas, a cada novo conto mais dispostos ou obrigados a negociar seus espaços com as personagens femininas. Talvez, isso tenha contribuído para a mudança de nomes, e tenha feito Machado avaliar sua primeira escolha. No entanto, saber ao certo porque Conrado servia melhor à coletânea e não Henrique deve ter sido mais fácil para os contemporâneos de nosso literato.

Outra narrativa modificada de modo interessante foi “Conto alexandrino”. Para a versão acabada, Machado aumentou o sofrimento dos ratos submetidos às experiências científicas. Na *Gazeta de Notícias*, quando os cientistas/filósofos queriam descobrir a cor da retina do rato agonizante, “fizeram sucessivamente três experiências sem resultado definitivo”. Na coletânea, foram dezenove os ratos submetidos ao escalpelo. Nesse mesmo sentido, no jornal, apareceram quatro ratos escalpelados, depois mais cinco e a prova final veio nos últimos quatro; e, no livro, esses números foram substituídos respectivamente por vinte, vinte e cinco e vinte e quatro. Assim como o sofrimento dos ratos foi aumentado do jornal para o livro, o mesmo aconteceu com os dois filósofos do conto, depois de terem sido apanhados. No penúltimo parágrafo da versão final, os filósofos receberam a seguinte descrição, ausente no jornal:

Os infelizes berravam, choravam, suplicavam; mas Herófilo dizia-lhes pacificamente que a obrigação do filósofo era servir a filosofia, e que para os fins da ciência, eles valiam ainda mais que os ratos, pois era melhor concluir do homem para o homem, e não do rato para o homem. E continuou a rasgá-los fibra por fibra, durante oito dias. No terceiro dia arrancaram-lhes os olhos, para desmentir praticamente uma teoria sobre a conformação do órgão⁴⁰.

Finalmente em “Anedota pecuniária”, de uma versão para a outra, Machado de Assis trabalhou com a construção de seu narrador. Sendo assim, na publicação da *Gazeta de Notícias*, tínhamos o intróito reproduzido abaixo:

⁴⁰ *História sem data*. P. 128.

Há muitos anos, andando eu às voltas com os padres da nossa língua, achei num deles uma alusão ao caso de um fidalgo lisboeta do século XVII, tão amigo de jogar, que acabou jogando a própria mulher. Ora, eu sei de outro caso, não idêntico, mas análogo, que me parece merecer a atenção do século XIX. Vou contá-lo em poucos minutos⁴¹.

Para o livro, Machado cortou essa fala e outras relacionadas aos estudos do seu narrador. Quase todo o exercício de reescrita para a composição das *Histórias sem data* teve efeito direto no sentido final atribuído a cada história. Embora o literato tenha concentrado sua atenção em poucos contos, evidenciando que a publicação na imprensa já havia aparecido de acordo com o que desejava para o livro, quando foi necessário fazer alguma intervenção, esta não foi apenas de estilo e correção tipográfica ou de redação. Dava continuidade, assim, a mesma estratégia outrora iniciada com os contos dos *Papéis avulsos*. Ou seja, publicar sua literatura na imprensa, assegurando maior circulação de suas idéias, e depois organizar tais narrativas sob o formato de livro. Essa parecia ser a garantia mais viável de que essas histórias não se perderiam em velhas folhas e ainda ganhariam sentidos independentes do jornal ou revista, aos quais haviam pertencido.

Retomando a questão dos sentidos atribuídos por Machado de Assis ao escolher os nomes de suas personagens, além daqueles já analisados e encontrados em “O lapso” e “Capítulo dos chapéus”, ainda precisamos prestar atenção em outros contos dessa mesma coletânea, pois isso pode nos ajudar a entender mais sobre o seu projeto⁴². Na terceira história daquele livro, “Último capítulo”, a esposa do personagem principal e narrador, chamava-se Rufina e teve seu adultério descoberto pelo marido, enquanto esse vasculhava uma caixinha de guardados dela. Rufina já havia falecido e deixado as cartas trocadas com o amante no mesmo lugar onde guardava uma oração de São Cipriano. Rufina acreditava nesse santo, cuja trajetória representa o elo entre Deus e o Diabo, considerado como símbolo da dualidade da fé humana.

⁴¹ *Gazeta de Notícias*. 6 de outubro de 1883.

⁴² Helen Caldwell fez um levantamento de vários significados possíveis para os nomes de alguns personagens de contos e romances de Machado de Assis. Embora essa autora não faça referência aqueles das *Histórias sem data*, é importante prestar atenção na importância que esse literato oferecia para essa questão aparentemente menor. Ver CALDWELL, H. “O que há num nome”. *O Otelô Brasileiro de Machado de Assis*. Op. Cit. Além dessa autora, entender a escolha dos nomes dos personagens machadianos foi preocupação apresentada em GLEDSON, J. *Machado de Assis: impostura e realismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Na vida do santo, existiu uma mulher que tinha o mesmo nome da personagem do conto de Machado e que foi a responsável por cuidar dos restos mortais dele⁴³. A relação entre o conto e “A igreja do Diabo” parece ter sido, então, preparada por Machado nos mínimos detalhes, quando escolheu o nome da sua personagem e o santo de sua devoção.

Ainda no campo dos santos e santas, a personagem principal de “Noite de Almirante” chamava-se Genoveva, assim como a padroeira da França. Interessante observar, no entanto, como, embora a menina construída por Machado demonstrasse alguma crença religiosa, jurando “por Deus que está no céu; a luz me falta na hora da morte”, que esperaria o retorno de seu namorado, a ausência dele e o aparecimento de outro homem foram mais fortes do que aquelas palavras. Em “Singular ocorrência”, a personagem Marocas, na verdade, chamava-se Maria de Tal. Era simplesmente Maria (e não Maria Madalena) como a mãe de Jesus, e possuía um sobrenome que indicava sua ausência de paternidade, ou a facilidade de encontrar mulheres como aquela. Estratégia semelhante foi utilizada no conto “Fulano”, no qual o personagem principal chamava-se Fulano Beltrão, caracterizado como alguém que, antes de adentrar no mundo da imprensa, permanecia desconhecido de todos. Não passava de um fulano ou de uma pessoa qualquer. Ao escolher esses nomes, Machado pretendia deixar claro como os seus personagens, apesar de alguns nomes sagrados, possuíam características de “pessoas” comuns.

Maria de Tal e Fulano Beltrão serviram de contraste para Maria Olímpia e Falcão. Essa outra Maria apareceu em “A senhora do Galvão” e foi descrita como mulher que tinha certo “gosto de olhar de cima para baixo, fitar a multidão das mulheres ajoelhadas ou sentadas”, como se vivesse no Olimpo. Por sua vez, Falcão, personagem de “Anedota pecuniária”, pode ser identificado à ave distinguida por causa de seu vôo e pela facilidade em caçar em espaços abertos. Enquanto a ave caça para se alimentar, o Falcão desse conto caçava sobrinhas e maridos ricos para quem as vendiam.

Assim como a atribuição de nomes aos personagens das *Histórias sem data* e a reescrita de alguns de seus parágrafos serviram para o desenvolvimento do projeto dessa coletânea, a caracterização dos narradores e a construção de cada diálogo dos seus contos também foram fundamentais. Por meio dos narradores e dos diálogos entre os personagens desses contos, Machado oferecia vozes diferentes a personagens que passavam por experiências parecidas.

⁴³ <http://www.spectrumgothic.com.br/ocultismo/personagens/cipriano.htm>. Consultado em 9 de outubro de 2008.

Questões relacionadas ao adultério serviram assim como fio condutor e de junção para a maioria daqueles contos, quando a proposta centrava-se na discussão e no avanço de idéias científicas sobre a organização familiar. A estratégia de Machado girava em torno da construção de personagens e narradores, marcados por opiniões diferentes sobre um único tema. Ao mesmo tempo em que criava histórias independentes, havia uma maneira de uni-las e formar um livro coeso. Seguindo essa linha de raciocínio, o primeiro personagem a aparecer foi o Diabo, de “A igreja do Diabo”, defendendo o amor às “damas alheias” como a única hipótese na qual se permitia “amar ao próximo” e ainda explicava:

(...) porque essa espécie de amor tinha a particularidade de não ser outra coisa mais do que o amor do indivíduo a si mesmo. E como alguns discípulos achassem que uma tal explicação, por metafísica, escapava à compreensão das turbas, o Diabo recorreu a um apólogo: - cem pessoas tomam ações de um banco, para as operações comuns; mas cada acionista não cuida realmente se não nos seus dividendos: é o que acontece aos adúlteros. Este apólogo foi incluído no livro da sabedoria⁴⁴.

O Diabo mantinha suas explicações retóricas e adentrava num espaço dominado em grande medida por princípios cristãos, mas que começava também a ganhar atenção científica, em especial, devido ao crescimento de teorias formuladas por médicos higienistas a respeito do papel da mulher dentro do casamento. O médico holandês de “O lapso”, aliás, definia o comportamento adúltero de uma “senhora da Catalunha” como doença, que deveria ser tratada, porque tinha cura⁴⁵. Os discursos religiosos e científicos abriam a coletânea e, em seguida, vinham diferentes personagens, cada qual com seu entendimento diante dessa mesma situação.

O primeiro conto que, de fato, apresentou um triângulo amoroso foi “Último capítulo”. Este apareceu em seguida a “O lapso”, e foi narrado sob o formato de autobiografia. Mathias Deodato de Castro e Mello contava sua trajetória marcada por episódios engraçados e por muito azar, segundo sua percepção. Depois de ter quebrado o nariz mesmo tendo caído de costas, perdido todos os seus protetores os quais custeavam sua formação, não ter conseguido

⁴⁴ *História sem data*. P 12.

⁴⁵ A situação descrita no conto é de uma senhora que, segundo o médico, primeiro confundia seu marido (“grosso e baixo”) com um licenciado Mathias (“alto e fino”); depois com um capitão, D. Hermógenes, e, quando começou a ser tratada, com um clérigo. Ver *História sem data*. P 26.

fazer casamento vantajoso financeiramente e ver seu filho nascer morto; ainda ficou sabendo que sua falecida esposa andava de amores com o melhor amigo dele. Mathias é o responsável pela construção de seu próprio perfil, e daqueles que o rodeiam (inclusive do amigo e da esposa). Como, para o personagem/narrador, todas as suas desventuras foram causadas por uma imensa falta de sorte, a traição da esposa e do melhor amigo não poderia ganhar de sua parte explicação diversa.

“Singular ocorrência” foi construído a partir do diálogo entre dois homens. O mais velho havia participado ativamente de uma das histórias de amor vivida por Marocas – uma prostituta “quase” regenerada, nos idos de 1860 – e era também o responsável pela narrativa. O mais jovem aparecia como seu ouvinte e questionador. Vejamos, portanto, qual a posição assumida pelo homem mais jovem diante do fato narrado pelo outro e como esse narrador qualificava as personagens de sua história. O narrador, embora fosse amigo do amante de Marocas, não apresentava uma imagem compreensiva a respeito dos atos de seu companheiro. Andrade é apresentado por ele como homem de vinte e seis anos, “meio advogado, meio político, nascido nas Alagoas, e casado na Bahia”. Tinha como esposa uma mulher bonita, afetuosa, meiga, resignada e mãe de uma filhinha de dois anos. Sua descrição evidencia um casal perfeito para a reprodução e criação de filhos saudáveis. Mas, apesar disso, conforme a definição daquele narrador, Marocas “dominou-o”. Marocas ou Maria de Tal morava na rua do Sacramento, lugar conhecido, pelos seus contemporâneos, por causa da alta concentração de prostíbulos. Além dessa informação, o narrador ainda acrescentava:

Não era costureira, nem proprietária, nem mestra de meninas; vá excluindo as profissões e lá chegará. Morava na rua do Sacramento. Já então era esbelta, e, seguramente, mais linda do que hoje; modos sérios, linguagem limpa. Na rua, com o vestido afogado, escorrido, sem espanto, arrastava a muitos, ainda assim⁴⁶.

Apesar dos modos sedutores da amante de Andrade, as descrições das duas mulheres serviram para ressaltar seus comportamentos afetuosos e, àquela época, relacionados à feminilidade. Por sua vez, Andrade não conseguia ser nada por inteiro, nem no campo profissional, nem como marido, nem como amante. Temos, assim, um triângulo amoroso

⁴⁶ *Histórias sem data*. P. 58.

formado por Andrade, sua esposa e Marocas. O andamento dessa situação confortável, ao menos para Andrade, é perturbado quando Marocas leva Leandro, “um sujeito reles e vadio”, para a casa dela. A visão do narrador não deixa brecha para o ouvinte de sua história concluir que, com aquele ato, a ex-prostituta pudesse sentir “nostalgia da lama”. Ao contrário, defendia-a:

(...) nunca a Marocas desceu até os Leandros.

(...) [Leandro] era um homem que ela supunha separado, por um abismo, de todas as suas relações pessoais; daí a confiança. Mas o acaso, que é um deus e um diabo ao mesmo tempo... Enfim, cousas!⁴⁷

Ivo Barbieri, ao analisar esse conto, chama atenção para o fato de o diálogo entre as duas personagens a respeito de Marocas servir para que o narrador cumprisse seu papel de “testemunha que depõe em favor do amigo”⁴⁸. Considero necessário observar como a visão desse narrador parecia muito mais condescendente e compreensiva, inclusive com as necessidades sexuais femininas, além de mostrar certa birra com Andrade. Suas palavras serviam de contraste àquelas adotadas por seu ouvinte o qual tendia a acreditar que Marocas jamais perderia os vícios característicos da profissão outrora exercida. A imagem mais forte em sua memória não guardava nenhum julgamento às personagens femininas nem associações a idéias religiosas ou científicas. Desse modo, mostrava-se contrário às opiniões de seu interlocutor e quiçá de seus leitores.

Outro narrador importante apareceu em “Primas de Sapucaia!”. Esta história foi contada por um homem que imaginava viver romance com uma mulher casada. O primeiro matrimônio de Adriana havia acontecido por imposição da família dela. Ela não amava o marido e dividia seu tempo entre sua própria casa e outra alugada fora da cidade para os encontros extraconjugais. De acordo com os delírios desse narrador, sua Adriana não dissimulava seus sentimentos e vivia ao seu lado um amor sem precedentes. No entanto, aquela não passava de uma situação ilusória. Porque, na realidade, a Adriana de seus sonhos, de fato, já havia se casado, mas deixara a casa dela para morar com Oliveira, um amigo do narrador,

⁴⁷ Idem. P. 70

⁴⁸ BARBIERI, I. “O enigma Marocas”. In: *Machado de Assis: cinco contos comentados*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. P. 122.

em Petrópolis. A convivência entre os amantes não parecia nada tranqüila, já que a mulher mostrava-se bastante diferente das primeiras divagações e imaginações do narrador. Segundo ele mesmo pôde constatar, aquela mulher era “ferrenha, manhosa, injusta, muita vez grosseira”.

As visões apresentadas pelos personagens narradores de “Último capítulo”, “Singular ocorrência” e “Primas de Sapucaia!” são evidências de como, em mais de um momento, Machado de Assis recorreu às imagens apresentadas e divulgadas pela literatura e pela ciência, quando esses campos se dispuseram a tratar de questões relacionadas ao adultério. Obras literárias citadas com frequência em contos escritos por Machado têm como personagens femininas mulheres casadas por imposição familiar e que mantinham relacionamentos extraconjugais. Essas personagens não abandonavam seus maridos, porque se sentiam obrigadas por certos pré-requisitos sociais⁴⁹. Por sua vez, um dos pressupostos divulgados pela ciência enfatizava uma suposta fraqueza e dependência do sexo feminino, além de afirmar que as mulheres seriam dominadas por seus instintos sexuais. O periódico científico *A mãe de família*, publicado enquanto os contos dessa coletânea foram escritos, ajudava na transmissão dessa idéia, reafirmando os seguintes papéis para homens e mulheres:

A mulher exerce na família um papel predominante por sua dedicação, por sua ternura e viva sensibilidade; ela representa a afeição, a simpatia, a confiança, a coragem, a consolação, a vigilância, a ordem, a economia e a moralidade. É ela quem instrui, educa e forma o caráter da criança, deixando ao homem as ambições da consideração, da autoridade, e da fortuna, que ele procura para os entes que lhe são mais caros e nos quais coloca suas esperanças e felicidade⁵⁰.

As visões divulgadas tanto pela literatura, quanto pela ciência foram questionadas por meio da construção dos narradores masculinos dos contos das *Histórias sem data*. As histórias apresentadas por esses homens não reproduzem nem a imagem de donas de casa inertes e desprovidas de sexualidade, nem a mãe redentora e simples propagadora da espécie. Mesmo

⁴⁹ Essa situação foi abordada por Machado de Assis no seu conto “Confissões de uma viúva moça”, publicado no *Jornal das Famílias*, em 1865, e também na sua primeira coletânea de contos, *Contos Fluminenses*. Nessa narrativa, a protagonista afirma ao seu cortejador não poder fugir com ele, porque tal ato significaria sua desonra. Essa idéia estava presente também num livro intitulado *Fanny*, de autoria de Ernesto Feydeau, bastante lido pelas personagens construídas por Machado para os contos desse mesmo periódico. Ver SILVEIRA, D. M. da. *Contos de Machado de Assis: leituras e leitores do Jornal das Famílias*. Dissertação de Mestrado em História: Unicamp, 2005.

⁵⁰ *A mãe de família*. Julho de 1879.

quando a idéia foi discutir a prostituição, Machado de Assis não deu voz a alguém que ressaltasse apenas a lascívia desenfreada ou recorreu à visão romântica da prostituta regenerada, por causa de um grande amor. Para a construção dessas narrativas, fez com que seus narradores usassem esses estereótipos a fim de colocá-los em discussão e não de reproduzi-los. Esse foi um dos caminhos encontrados por Machado para mostrar como aquela sociedade era marcada por relações de dominação, construídas também a partir de diferenças sexuais. Assim clarificava tanto as estratégias femininas, quanto as masculinas, para conquistar seus espaços, diante das pretensões científicas e literárias.

Se ao construir esses narradores a voz masculina acentuava-se, os diálogos apresentados em vários dentre os contos das *Histórias sem data* serviram para fazer com que também as personagens femininas pudessem apresentar suas idéias e dar forma ao projeto do livro⁵¹. As conversas entre Mariana e Sofia, em “Capítulo dos chapéus”, são indícios importantes sobre como suas falas foram orientadas por diferenças de gênero. No passeio feito por ambas pela Rua do Ouvidor, Sofia explicou a Mariana como deveria se comportar com o marido, e aproveitou a história de uma amiga em comum como exemplo:

(...) Sofia riu dela, sacudiu os ombros; disse-lhe que a culpa não era do marido.

- Bem sei, é minha, concorda Mariana.

- Não seja tola Iaiá! Você tem sido muito mole com ele. Mas seja forte uma vez; não faça caso; não lhe fale tão cedo; e se ele vier fazer as pazes, diga-lhe que mude primeiro o chapéu.

- Veja você, uma cousa de nada...

- No fim de contas, ele tem muita razão: tanta como outros. Olhe a pamonha da Beatriz; não foi agora para roça, só porque o marido implicou com um inglês que costumava passar a cavalo de tarde? Coitado do inglês! Naturalmente nem deu pela falta. A gente pode viver bem com seu marido, respeitando-se, não indo contra os desejos um do outro, sem pirraças, nem despotismo. Olhe; eu cá vivo muito bem com o meu Ricardo; temos muita harmonia. Não lhe peça uma cousa que ele não me faça logo; mesmo quando não tem vontade nenhuma, basta que

⁵¹ A única narradora de Machado de Assis apareceu em seu “Confissões de uma viúva moça”. Ver PEREIRA, C. M. *Jogos e cenas do casamento: construção e elaboração das personagens e do narrador machadiano em Contos fluminenses e Histórias da meia noite*. Tese de doutorado em Teoria Literária: Unicamp. 2008.

eu feche a cara, obedece logo. Não era ele que teimaria assim por causa de um chapéu! Tinha que ver! Pois não! Onde iria ele parar! Mudava de chapéu, quer quisesse, quer não!⁵²

Essa história fez crescer em Mariana um “ódio contra a raça masculina”. A narrativa em terceira pessoa e a elaboração dos diálogos funcionaram como recursos para que os sexos masculino e feminino fossem colocados em oposição. O diálogo foi uma das estratégias encontradas por Machado de Assis para suas personagens femininas expressarem suas opiniões sem intermediação de algum narrador com interesses imediatos sobre elas. Ainda aproveitava-se para enfatizar as diferenças existentes mesmo entre as duas personagens femininas. Enquanto Mariana tomava seu primeiro contato com histórias “mais graves do que uma simples briga de casados” e poderia enxergar naquilo uma possibilidade de retratação, Sofia mostrava toda sua desenvoltura no domínio do sexo oposto. Aliás, segundo suas lições, os maridos de suas amigas só agiam daquela forma por permissão delas.

Outra história contada em terceira pessoa e rica em diálogos foi “Noite de Almirante”. Este conto tinha Genoveva como protagonista, ou seja, uma “caboclinha de vinte anos, esperta, olho negro e atrevido”, e Deolindo, “a fina flor dos marujos”. Machado construía personagens marcadas por origens humildes, forçados a viver separados e que juravam fidelidade um ao outro. Quando Deolindo foi para o mar, Genoveva ficou morando com uma velha chamada Inácia. Foi essa mulher quem informou ao marujo, em primeira mão, o fato de sua namoradinha haver partido com um mascate. Inácia contou o seguinte a Deolindo a respeito de Genoveva:

- Está com um mascate, José Diogo. Conheceu José Diogo, mascate de fazendas? Está com ele. Não imagina a paixão que eles têm um pelo outro. Ela então anda maluca. Foi o motivo da nossa briga. José Diogo não me saía da porta; eram conversas e mais conversas, até que eu um dia disse que não queria a minha casa difamada. Ah! Meu pai do céu! Foi um dia de juízo. Genoveva investiu para mim com uns olhos deste tamanho, dizendo que nunca difamou ninguém e não precisava de esmolos. Que esmolos, Genoveva? O que digo é que não quero

⁵² *Histórias sem data*. P. 94.

esses cochichos à porta, desde as ave-marias... dois dias depois estava mudada e brigada comigo⁵³.

Este relato foi construído por uma mulher mais velha, que recebia Genoveva em sua casa. Inácia parecia cuidadosa daquilo que os outros pensariam, quando soubessem dos encontros de sua “hóspede” com mais de um homem. Afinal de contas poderia ser acusada de acobertar os relacionamentos dela e até mesmo facilitar e promover a atividade de prostituição. Por sua vez, Genoveva ofereceu a seguinte explicação para os últimos acontecimentos anteriores ao retorno de Deolindo:

(...) Contou-lhe então tudo, as saudades que curtira, as propostas do mascate, as suas recusas, até que um dia, sem saber como, amanhecera gostando dele.

- Pode crer que pensei muito e muito em você. Sinhá Inácia que lhe diga se não chorei muito... Mas o coração mudou... Mudou... Conto-lhe tudo isto, como se estivesse diante do padre, concluiu sorrindo⁵⁴.

As duas mulheres apresentam versões um pouco diferentes. Enquanto em sua fala Inácia tenta se isentar de qualquer culpa ou comprometimento, Genoveva ressalta sua tentativa de resistência e afirma que acabou se apaixonando pelo outro homem, mesmo sem querer. As falas das personagens femininas desse conto e de “Capítulo dos chapéus” mostram como aquelas mulheres formavam suas opiniões levando em consideração algumas regras de conduta vigentes àquela época, mas, ao mesmo tempo, tentavam burlar tais convenções sociais.

Finalmente, o último triângulo amoroso das *Histórias sem data* apareceu em “A senhora do Galvão”. Neste conto, ao invés de termos um homem traído, encontramos a esposa de Galvão sendo obrigada a suportar a situação de ter uma rival entre as próprias convivas de seu lar. Maria Olímpia soube dos amores entre seu marido e uma de suas amigas por meio de um bilhete anônimo. De acordo com Maria Olímpia, a outra mulher tinha “os ombros estreitinhos, a cabeça grande, e o andar feio”. Ainda era alta e contava trinta e cinco anos de idade. Essa caracterização foi, no entanto, corrigida pelo narrador, por meio de afirmativas a

⁵³ *Histórias sem data*. P. 208.

⁵⁴ *Idem*. P. 210.

respeito da beleza da mulher por quem Galvão se encantara. Acrescentando informações sobre os “ombros proporcionais e bonitos dela”, e que, “não contava trinta e cinco, mas trinta e um” anos. O objetivo do narrador voltava-se para mostrar como as opiniões de uma mulher com relação à outra haviam sido formadas com base na rivalidade. É esse o tom que irá orientar toda a narrativa. Primeiro porque o bilhete anônimo revelador do início dos amores entre Galvão e a viúva, segundo a imaginação de Maria Olímpia, fora escrito por outra mulher que tentava disfarçar a letra. Somado a isso ainda preferia acreditar que aquilo tudo não passava de “invenção de inimigas, ou para afligi-las, ou para fazê-las brigar”. Depois disso, Maria Olímpia tentou conduzir a situação, sem a interferência de seu marido. Quando teve certeza sobre a traição de Galvão, as duas rivais interrompem a amizade e travaram o seguinte diálogo:

- Hoje quase não tenho tido tempo de estar com você, disse ela a Maria Olímpia, perto da meia noite.

- Naturalmente, disse a outra abrindo e fechando o leque; e, depois de umedecer os lábios, como para chamar a eles todo o veneno que tinha no coração:

- Ipiranga, você está hoje uma viúva deliciosa... vem seduzir mais algum marido?⁵⁵

Enquanto para desenvolver o projeto dos *Papéis avulsos*, Machado de Assis usou os diálogos para mostrar como o cientificismo pretendia anular algumas vozes, em sua quarta coletânea o mesmo recurso literário foi buscado, mas com objetivos bem diferentes. Isso porque aquele parecia ser o momento perfeito para fazer suas personagens femininas mostrarem suas opiniões e tensões cotidianas. Essas personagens não apareceram como narradoras de suas histórias, mas nem por isso foram impedidas de relatar o que pensavam sobre seus próprios casamentos e o das suas amigas, por exemplo. Desse modo, a organização das *Histórias sem data* buscou os conflitos vividos por homens e mulheres, acentuando as diferenças entre esses dois sexos, e por vezes, dentro de cada um desses lados. O literato tinha em mãos um fio condutor para seu novo livro, ao mesmo tempo em que oferecia continuidade à coletânea anterior, conforme veremos com a análise pormenorizada de alguns desses contos.

⁵⁵ Idem. Pp. 263-264.

Capítulo 8

As senhoras do lar das *Histórias sem data*

8.1 – “Capítulo dos chapéus”

O conto “Capítulo dos chapéus” é o mais longo das *Histórias sem data*. Teve uma primeira versão publicada na *Estação*, sendo que provavelmente seu escritor já imaginasse o passo seguinte em direção à coletânea. Como ligação direta com as outras histórias desse livro e, em especial, com “A igreja do Diabo”, Machado construiu uma personagem entre Deus e o Diabo, a virtude e o pecado, a obediência ao marido e o adultério. Uma senhora do lar subjugada ao seu marido/senhor e diante da possibilidade de virar o jogo. Dentre as narrativas escritas para essa coletânea, “Capítulo dos chapéus” vem recebendo atenção especial da crítica. Nesse sentido, a comparação entre a situação das mulheres no Brasil do século XIX aos escravos foi um exercício que produziu resultados interessantes⁵⁶. Essa leitura foi amparada por várias pistas deixadas ao longo da narrativa, por meio de uma personagem que estava “cansada de viver cativa”, não queria mais agradar “aquele senhor” e ouvia a experiência de sua amiga Sofia, que invertera a ordem de dominação em seu próprio lar. Além das referências menos diretas, e que nos levam aos discursos políticos em torno da necessidade premente da emancipação lenta e gradual do trabalho escravo, por meio da votação de novas leis e do fundo de emancipação.

A escrita dessa narrativa cheia de minúcias foi concretizada por meio de todo um aparato literário, formado pelas próprias leituras de Machado, que recorreu a vários autores diferentes tanto para a organização de seu texto, como para fortalecer o efeito de sua mensagem. Já foram analisadas a origem do título do conto, retirado de uma farsa de Molière⁵⁷, e também as leituras da protagonista Mariana e de seu marido Conrado⁵⁸. Com o

⁵⁶ Ver, por exemplo, RONCARI, L. “Machado de Assis: o aprendizado do escritor e o esclarecimento de Mariana”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 25, nº 50, pp. 241-258, 2005; e CAVALLINI, M. C. “Sob os chapéus”. In: *Letras políticas: a crítica social do segundo reinado na ficção de Machado de Assis*. Tese de Doutorado em História, Unicamp: Campinas, SP. 2005.

⁵⁷ RONCARI, L. Op. Cit. P. 250.

⁵⁸ GLEDSON, J. “‘O Mot de l’énigme, de Madame Craven, onze vezes’: leituras femininas (e não-leituras masculinas) em ‘Capítulo dos chapéus’, de Machado de Assis”. In: *Por um novo Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

auxílio desses últimos estudos realizados pela historiografia e pela crítica literária, precisamos ter em vista qual o lugar de “Capítulo dos chapéus” dentro do projeto das *Histórias sem data* e das principais preocupações que orientavam a produção de Machado de Assis no período de sua realização. O objetivo deste capítulo é apresentar uma leitura de alguns contos dessa coletânea, partindo da situação de Mariana, por causa da nítida divisão entre sexos proposta pelo literato em tal história. Para isso, serão de grande valia algumas das estratégias utilizadas pelos estudos de gênero, quando levam em consideração outras categorias, como raça e classe, em especial, para avaliar em que medida certos códigos de ética e moral foram redefinidos, de acordo com a posição ocupada por cada personagem desses contos⁵⁹.

“Capítulo dos chapéus” conta história iniciada numa manhã de abril de 1879. Mariana era uma dona de casa obediente ao marido, avessa a qualquer tipo de mudança, dedicada aos afazeres domésticos e casada com o advogado Conrado Seabra havia mais ou menos cinco anos. O sossego daquele lar foi ameaçado devido a um pedido feito por ela, que havia sido incitada por seu pai, para que o genro usasse outro chapéu, mais alto e vistoso e não aquele baixo e deselegante, feito para situações cotidianas. Conrado que, a princípio, afirmava ser capaz de atender a dez, vinte ou mais sacrifícios pela esposa, não gostou muito daquela idéia. No entanto, ao invés de simplesmente dizer que não concordava com aquilo, porque preferia o estilo de seu chapéu habitual, por exemplo, buscou em conceitos e bibliografia científica recursos que serviram para humilhá-la. Antes de começar a dissertar sobre as razões filosóficas que o prendiam ao chapéu baixo, Conrado já havia obrigado, por meio de gestos e olhares, à sua esposa a ficar sentada, e nem mesmo permitia os movimentos dela com uma faca. Depois partiu para as explicações de que a escolha do chapéu não era um ato de liberdade, relacionado apenas à composição do visual, conforme as mulheres como a sua esposa poderiam imaginar. Ao contrário, explicava que o chapéu poderia ser considerado “a integração do homem, um prolongamento da cabeça”. Completava ainda seu raciocínio, fazendo referências a leituras as

⁵⁹ Sobre os estudos de gênero que foram importantes para a realização desta tese, conferir CUNHA, M. C. P. “De historiadoras, brasileiras e escandinavas: loucuras, folias e relações de gênero no Brasil (séculos XIX e início do XX)”. *Tempo*, Rio de Janeiro. v. 3, nº 5, 1998; SCHETTINI, C. *Que tenhas teu corpo: uma história da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006; SANTIAGO, S. *Tal Conceição, Conceição de Tal: classe, gênero e cotidiano de mulheres pobre no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas*. Dissertação de mestrado em História, Unicamp, 2006; GARZONI, L. de C. *Vagabundas e conhecidas – novos olhares sobre a polícia republicana (Rio de Janeiro, início século XX)*. Dissertação de Mestrado em História: Unicamp, 2007.

quais tinha consciência de que sua esposa não conhecia. Vejamos a combinação de livros e argumentos, conforme apareceu na narrativa do conto:

Os sábios têm estudado tudo desde o astro até o verme, ou, para exemplificar bibliograficamente, desde Laplace... Você nunca leu Laplace? Desde Laplace e a *Mecânica Celeste* até Darwin e o seu curioso livro das *Minhocas*, e, entretanto, não se lembraram ainda de parar diante do chapéu e estudá-lo por todos os lados. Ninguém advertiu que há uma metafísica do chapéu. Talvez eu escreva uma memória a este respeito. São nove horas e três quartos; não tenho tempo de dizer mais nada: mas você reflita consigo, e verá... Quem sabe? Pode ser até que nem mesmo o chapéu seja complemento do homem, mas o homem do chapéu...⁶⁰

Machado de Assis retomava a mesma estrutura dos diálogos dos *Papéis avulsos*. A apresentação das idéias de Conrado não produziria qualquer discordância da parte de sua ouvinte Mariana. Afinal de contas aquele personagem sabia de antemão que sua esposa nunca lera qualquer página de Laplace ou Darwin. Não só porque aquilo não fazia parte das leituras habituais dela, como também porque aqueles livros ainda não tinham sido publicados⁶¹. Quando aplicada aos relacionamentos conjugais, a ciência poderia servir para mostrar a suposta superioridade intelectual masculina e o quanto aquele mundo pertencia muito mais aos interesses dos homens. As mulheres deveriam se prender a repetidas leituras de a *Moreninha*, de Macedo, *Ivanhoe* e o *Pirata*, de Walter Scott, e *Mot de l'enigme*, de Madame Craven, como Mariana havia feito até aquele momento. Por outro lado, Machado enfatizava o quanto a argumentação de Conrado fundamentava-se em princípios duvidosos e passíveis de manipulação, de acordo com os interesses dele. A ciência desse personagem prestava apenas para mostrar sua autoridade e submeter a sua esposa a um lugar de inferioridade. Isso foi percebido por Mariana que sentiu todo o sarcasmo embutido naquelas palavras.

A humilhação desencadeada por essa passagem serviu também para que Mariana vislumbrasse a possibilidade de retratação. Ela sempre fora a mais dócil e, portanto, não se sentia merecedora de tamanho desprezo. Ao mesmo tempo em que sentia ódio pelo marido, refletia se a culpa não seria dela e do tratamento oferecido a ele. Mas como romper com a

⁶⁰ *Histórias sem data*. Pp. 91-92.

⁶¹ GLEDSON, J. “O *Mot de l'enigme*, de Madame Craven, onze vezes’: leituras femininas (e não-leituras masculinas) em ‘Capítulo dos chapéus’, de Machado de Assis”. In: *Por um novo Machado de Assis*. Op. Cit.

autoridade de Conrado e inverter os papéis, conforme outras mulheres haviam conseguido fazer? Para a personagem dar esse passo, Machado colocou em cena o avesso de Mariana: Sofia. A partir desse ponto, toda a argumentação científica – cheia de fórmulas e protocolos – que ajudava a caracterizar Conrado cedeu espaço para as lições de Sofia à Mariana e às leitoras de Machado. Ambas as amigas concordavam que Conrado e outros maridos de mesmo naipe só agiam daquela forma por permissão das próprias mulheres. Por isso, Sofia ensinava à sua amiga como fazer para colocar o marido dela no seu devido lugar. Seus métodos resumiam-se nisso:

Não convinha ir logo de um salto, mas devagar, com segurança, de maneira que ele desse por si quando ela lhe pusesse o pé no pescoço. Obra de algumas semanas, três a quatro, não mais. Ela, Sofia, estava pronta a ajudá-la. E repetia-lhe que não fosse mole, que não era escrava de ninguém, etc. Mariana ia cantando dentro do coração a *marselhesa* do matrimônio⁶².

Para compor esse conto, Machado de Assis demarcava o sexo feminino e o masculino como dois campos opostos, sem deixar de mostrar as diferenças comportamentais no interior do lado feminino. Em seu exercício de escrita, o literato compara a situação de sua Mariana àquela vivida pelos escravos e aos franceses no período da Revolução de 1789. As lições de Sofia tinham em vista as mesmas estratégias usadas por escravos e franceses. Afinal de contas, não raras vezes lógicas idênticas de domínio senhorial transpunham-se para as relações conjugais. Muitas mulheres contemporâneas à Mariana e à Sofia tentavam oferecer ferramentas para que aquelas de mesmo sexo se livrassem de matrimônios e homens como Conrado. Por isso a construção das falas das personagens desse conto deve ter sofrido alguma interferência do ideário divulgado pelos periódicos pautados pela emancipação do sexo feminino. Conforme já vimos, aquelas senhoras mostravam-se bastante preocupadas com a educação oferecida às mulheres e ressaltavam que a idéia de “sexo frágil” havia sido criada pela “onipotência dos homens”⁶³. A diferença básica entre as propostas de Sofia para Mariana e as dessas “senhoras redatoras” para as suas leitoras consiste na aparente maior facilidade e rapidez de execução das idéias da personagem de Machado, que investia na galhofa para a construção de sua narrativa.

⁶² *Histórias sem data*. P. 98.

⁶³ *Sexo feminino*. “A minhas patrícias”. 14 de setembro de 1873.

Enquanto Sofia afirmava que, se Mariana seguisse os conselhos dela, conseguiria dominar Conrado em poucas semanas, aquelas outras senhoras indicavam o caminho da formação intelectual muito mais lento. Apesar disso, tanto Sofia quanto as colaboradoras desses jornais lutavam pela mesma causa, e se posicionavam contra o “despotismo do homem”. Junto a isso ainda concordavam na relação entre a situação das senhoras do lar e a dos escravos. Nesse sentido, *O sexo feminino* apresentava as seguintes exigências:

Queremos a nossa emancipação – a regeneração dos costumes;

Queremos reaver nossos direitos perdidos;

Queremos a *educação* verdadeira que não se nos tem dado a fim de que possamos educar também nossos filhos;

Queremos a *instrução* para conhecermos nossos direitos, e deles usarmos em ocasião oportuna;

Queremos conhecer os negócios de nosso casal, para bem administrarmos-los quando a isso formos obrigadas;

Queremos enfim *saber* o que fazemos, o *porquê* e *pelo quê* das cousas;

Queremos ser companheiras de nossos maridos, e não escravas;

Queremos saber o como se fazem os negócios fora de casa;

Só o que não queremos é continuar a viver *enganadas*⁶⁴. (itálicos no original)

Muitas daquelas senhoras envolveram-se também em movimentos pela emancipação dos escravos e, talvez por causa disso, ressaltaram os pontos coincidentes entre as instituições do casamento e da escravidão no Brasil do século XIX. A historiografia dedicada à escravidão já demonstrou quais as possibilidades encontradas pelos escravos para lidar com o domínio senhorial⁶⁵. Para as mulheres dominadas por seus senhores, as escritoras de periódicos emancipacionistas indicavam o caminho da educação e a sugestão de Sofia colocava sua amiga diante da possibilidade de retratação por meio do adultério. Sidney Chalhoub ao trabalhar com os diálogos entre Capitu e Bentinho, mostrou como a menina movimentava-se por dentro da ideologia senhorial e, assim, ensinava seu namoradinho o melhor caminho para conseguir se

⁶⁴ *O sexo feminino*. 25 de outubro de 1873.

⁶⁵ CHALHOUB, S. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990 e SLENES, R. *Na senzala uma flor: Esperanças e recordações na formação da família escrava – Brasil Sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

livrar da promessa feita por D. Glória de mandá-lo para o seminário⁶⁶. Ainda de acordo com essa análise, o adultério de Capitu poderia ser justificado pelo fato de que os dependentes, quando tomam as rédeas de sua própria história, traem os seus senhores. É justamente essa a indicação de Sofia à Mariana, no passeio feito pelas duas à Rua do Ouvidor e pela Câmara dos Deputados. Afinal de contas, enquanto Sofia ensinava a sua amiga como subverter a ordem de dominação em seu lar, também contava “uma porção de histórias de chapéus masculinos e femininos, cousa mais grave do que uma simples briga de casados”. Para completar, Mariana ainda reencontrou-se com Viçoso, seu primeiro namorado. Um homem que ganhou, da parte de Machado de Assis, características que o deixaram muito mais interessante do que aquelas oferecidas ao Senhor Conrado. Viçoso falava com sua ex-namorada, acentuando um “certo olhar triste e profundo”, havia viajado pela Europa, freqüentava o teatro Lírico, o Cassino, as corridas do Jockey-Club, tinha, enfim, um dia a dia bastante movimentado. A própria vida levada por Sofia e que poderia servir de modelo a Mariana era indício de que uma das maneiras de dominar o marido seria por meio do adultério. Na Câmara, Sofia encontrou-se com um secretário que a fez reagir da seguinte maneira:

Sofia sorriu, agitou o leque e recebeu em cheio o olhar de um dos secretários. Muitos eram os olhos que a fitavam quando ela ia à câmara, mas os do tal secretário tinham uma expressão mais especial, cálida e súplice. Entende-se, pois, que ela não o recebeu de supetão; pode-se mesmo entender-se que o procurou curiosa. Enquanto acolhia esse olhar legislativo ia respondendo à amiga, com brandura, que a culpa era dela, e que a sua intenção era boa, era restituir-lhe a posse de si mesma⁶⁷.

Do mesmo modo que alguns senhores transpunham para seus lares a lógica de domínio senhorial, Mariana viu-se diante de algumas estratégias buscadas pelos escravos para superar a força de seu marido Conrado. Apenas por meio do adultério, ou ao menos pela suspeita de traição, para fazer aquela personagem readquirir a posse de si mesma. Conforme venho tentando mostrar, quando Machado de Assis escolheu as relações entre homens e mulheres como centro e ponto de convergência entre as histórias daquela coletânea, encontrou no

⁶⁶ CHALHOUB, S. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Pp. 83-91.

⁶⁷ *Histórias sem data*. Pp. 106-7.

adultério um modo de questionar o casamento como instituição científica. Enquanto nos *Papéis avulsos* Machado empenhou-se em mostrar as arbitrariedades e o modo pelo qual a retórica científica tinha o poder de anular algumas diferenças; nas *Histórias sem data*, o literato preparou reflexão sobre as possibilidades de reação encontradas por muitos daqueles e daquelas que poderiam ter suas vozes caladas. Com a continuidade dessa mesma temática, virava a mesa e incutia algumas soluções, ao menos em quem conseguisse pensar como Capitu e Sofia. A atitude contrária a dessas duas personagens significava, de acordo com o “Capítulo dos chapéus”, sentir medo da desordem da rua e preferir a rotina do mesmo chapéu baixo de Conrado.

8.2 – As senhoras e seus senhores

José de Alencar dedicou três de seus romances a perfis de mulheres. Iniciou com *Diva*, que teve sua primeira edição publicada em 1864, o segundo – *Lucíola* – é do ano seguinte, e o último – *Senhora* – saiu em 1875⁶⁸. José de Alencar e Machado de Assis tiveram carreiras marcadas por pontos em comum, como por exemplo, a publicação nos rodapés dos jornais, o interesse em elaborar cuidadosamente suas personagens femininas, além do empenho em promover a literatura brasileira. Por outro lado, a escrita desses dois foi também marcada por diferenças importantes, em especial, por causa do modo como cada um deles concebia a própria produção literária⁶⁹. A *Senhóra*, de Alencar, grafada com acento agudo, conta a história de Aurélia e Fernando Seixas, e pode nos ajudar a pensar em algumas das senhoras das *Histórias sem data*. Para a escrita de sua narrativa, José de Alencar também usou o recurso de nomear suas personagens, de modo que a principal característica começasse a ser delineada ali mesmo. Além disso, a maneira diferenciada de escrever e pronunciar o pronome feminino, explicada na parte conclusiva do romance, mostra um pouco de suas intenções. Assim apareceu em um dos diálogos do livro:

⁶⁸ ALENCAR, J. de. *Perfis de mulheres – Diva, Lucíola, Senhora*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2005.

⁶⁹ Para uma análise em perspectiva dos romances desses dois autores, conferir RIBEIRO, L. F. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 2ª edição.

Aurélia tomou o braço do marido, e afastou-se lentamente ao longo da alameda:

- Por que me chama senhóra? Perguntou ela fazendo soar o *ó* com a voz da cheia.

- Defeito de pronúncia!

- Mas às outras diz senhôra. Tenho notado; ainda esta noite.

- Essa é, creio eu, a verdadeira pronúncia da palavra; mas nós, os brasileiros, para distinguir da fórmula cortês, a relação de império e domínio, usamos da variante que soa mais forte, e com certa vibração metálica. O súdito diz à soberana, como o servo à sua dona, senhóra. Eu talvez não reflita e confunda.

- Quer isso dizer que o senhor considera-se meu escravo? Perguntou Aurélia fitando Seixas.

- Creio que lho declarei positivamente, desde o primeiro dia, ou antes desde a noite de que data a nossa comum existência: e minha presença aqui, a minha permanência em sua casa sob outra condição, fora acrescentar à primeira humilhação uma indignidade sem nome⁷⁰.

Nesse romance, José de Alencar coloca em discussão os chamados casamentos de conveniência, também tratados por Machado de Assis ao longo das décadas de 1860 e 1870. Aurélia havia comprado Seixas, depois de ter sido abandonada por ele devido ao dote de outra moça. Por isso, o rapaz sentia-se humilhado e comparava o matrimônio dele à mesma relação vivida entre uma senhora e seu escravo. Interessante observar que, se a situação fosse inversa – com Seixas ocupando o lugar de senhor – o problema deixaria de existir, como aconteceu no epílogo da obra. Precisamos observar, portanto, o fato de Machado estruturar as narrativas das *Histórias sem data* levando em consideração a tradição literária da qual fazia parte e o próprio percurso desenvolvido por ele ao longo dos últimos anos. As personagens femininas de “Capítulo dos chapéus” e as outras senhoras e senhores que logo aparecerão nesta tese serviram, dentro do projeto de sua coletânea, para mostrar as dificuldades enfrentadas por homens e mulheres na hora de driblar certas regras de conduta e demarcar espaços de atuação dentro da aparente harmonia de seus lares. Para isso, nosso literato recorreu aos escritos de outros literatos, como José de Alencar, e também aos seus próprios contos. Em alguns momentos sua voz apresentava-se de forma contestadora e, em outros, apenas reparadora daquilo que ele mesmo havia escrito, conforme veremos em seguida.

⁷⁰ ALENCAR, J. *Senhora*. In: *Perfis de mulheres*. Op cit. P. 340.

Desde as primeiras participações de Machado de Assis na revista de moda e literatura *Jornal das Famílias*, as senhoras – mulheres casadas ou viúvas – já apareciam em seus contos. O desenvolvimento e desfecho daquelas histórias dependiam do perfil de leitoras do periódico, bem como dos principais temas ali abordados e do posicionamento dos outros colaboradores. As narrativas estavam abertas a leituras diferentes, de acordo com a experiência de vida de cada leitor/leitora, estratégia facilitada por causa da publicação seriada, em vários números seguidos, com a fórmula do “continua”. Os contos das suas duas coletâneas iniciais tiveram primeiras versões publicadas naquelas páginas, exceto “Miss Dólar”, escrita apenas para a abertura dos *Contos Fluminenses*. Segundo Cilene M. Pereira, embora boa parte da crítica a respeito dessas primeiras produções de Machado de Assis insista em vinculá-lo, de forma depreciativa, ao Romantismo, muitos dentre aqueles contos problematizam diversas situações vividas por diferentes mulheres e, em especial, o papel delas dentro do casamento⁷¹. Foi esse o objetivo de Machado ao publicar “O segredo de Augusta”, entre julho e agosto de 1868, no *Jornal das Famílias*, e depois recolhê-lo para a composição de *Contos Fluminenses*. Essa trama toma o casamento e a maternidade como dois problemas para as mulheres, num momento em que essas funções eram vistas como primordiais para a construção científica do dito sexo frágil. Logo na entrada da narrativa somos apresentados à D. Augusta Vasconcelos, mãe de Adelaide e esposa de Vasconcelos. Quando Adelaide ainda era pequena, havia sido enviada por seus pais para a roça. Com tal atitude, Augusta rejeitava todo o receituário médico, divulgado pela própria imprensa feminina, conforme viemos acompanhando, de que cabia às mães preparar a formação física e moral de seus filhos. Para completar, o casamento dela mal resistira aos anos iniciais, seu marido passava as noites fora, dormia durante o dia, não trabalhava – a não ser com o objetivo de destruir sua fortuna – e muito menos participava da educação da filha. A “harmonia” dessa família foi quebrada por causa do empobrecimento de Vasconcelos e da sua idéia de casar Adelaide com um amigo dele. A menina, ao contrário do esperado de uma filha obediente, contrariou a imposição paterna, e Augusta, mesmo depois de ouvir as objeções do marido, também se mostrou resoluta: não queria a realização daquela união, porque acreditava que sua filha ainda era muito novinha para isso. O ápice dessa história vincula-se ao descobrimento do segredo de Augusta. Por que aquela personagem, mesmo

⁷¹ PEREIRA, C. M. *Jogos e cenas do casamento: construção e elaboração das personagens e do narrador machadianos em Contos fluminenses e Histórias da meia noite*. Op. Cit.

vendo-se à beira da falência, resistia a concordar com uma união que todos acreditavam vantajosa financeiramente? A revelação desse mistério apareceu no final da trama, no seguinte diálogo:

Vasconcelos desceu.

A sua intenção era comunicar a Augusta o resultado da conversa com o pretendente. Uma cousa, porém, o embaraçava: era a insistência de Augusta em não consentir no casamento de Adelaide, sem dar nenhuma razão da recusa.

Ia pensando nisso, quando, ao atravessar a sala de espera, ouviu vozes na sala de visitas.

Era a Augusta que conversava com Carlota.

Ia entrar quando estas palavras lhe chegaram ao ouvido:

- Mas Adelaide é muito criança.

Era a voz de Augusta.

- Criança! Disse Carlota.

- Sim; não está em idade de casar.

- Mas eu no teu caso não punha embargos ao casamento, ainda que fosse daqui a alguns meses, porque o Gomes não me parece mau rapaz...

- Não é; mas enfim eu não quero que Adelaide se case.

Vasconcelos colou o ouvido à fechadura, e temia perder uma só palavra do diálogo.

- O que eu não compreendo, disse Carlota, é a tua insistência. Mais tarde ou mais cedo Adelaide há de vir a casar-se.

- Oh! O mais tarde possível, disse Augusta.

Houve um silêncio.

Vasconcelos estava impaciente.

- Ah! Continuou Augusta, se soubesses o terror que me dá a idéia do casamento de Adelaide...

- Por que, meu Deus?

- Por que, Carlota? Tu pensas em tudo, menos numa cousa. Eu tenho medo por causa dos filhos dela que serão meus netos! A idéia de ser avó é horrível, Carlota.

A composição dessa narrativa seguia os princípios básicos que orientaram a participação de Machado de Assis, no *Jornal das Famílias*. A apresentação de uma questão desenvolvida aos poucos e solucionada apenas na última página. Um dos principais temas ali

discutidos vinculava-se à vaidade feminina e suas conseqüências. Desse modo, o mote central dessas histórias tinha como objetivo oferecer “lições” às leitoras vaidosas, por meio de situações vividas por suas personagens. Ao mesmo tempo em que o principal colaborador daquelas páginas questionava o papel atribuído por vários dentre seus contemporâneos às mulheres, deixava a possibilidade de olhar para a trama e enxergar apenas os caprichos de uma mulher volúvel e como isso havia prejudicado sua família. Diante disso é impossível afirmar que o jovem Machado não tenha escrito histórias inteligentes, adaptadas ao seu suporte de publicação e com diferentes entradas para dialogar com o múltiplo público de leitores e leitoras.

O projeto das *Histórias sem data* serviu para Machado de Assis retomar a temática de vários contos de sua juventude e os remodelar. A nova roupagem oferecida a essas narrativas foi usada pela crítica, desmerecendo estilística e tematicamente sua produção inicial, e justificando a divisão de sua obra em duas fases, de modo que a última teria rompido com a primeira. Boa parte desses estudiosos, portanto, esqueceu-se ou não se permitiu verificar a qualidade e as intenções de Machado com a produção para o *Jornal das Famílias*. Na verdade, o que precisamos saber é muito menos qual conto é melhor ou pior, mas por que nosso literato voltou àquelas histórias e temática e o que foi feito de diferente. Para responder a essa questão, “O segredo de Augusta” e “Uma senhora” serão de grande valia. Isso porque a personagem do primeiro conto, com suas mesmas apreensões, ganhou o nome de Camila, em “Uma senhora”, das *Histórias sem data*. Já sabemos o conteúdo do segredo de Augusta, precisamos agora entender um pouco sobre essa outra senhora e a forma usada por Machado para apresentar os problemas dela para os seus leitores.

Em “O segredo de Augusta”, Machado começou mostrando as diferenças entre mãe e filha e a superioridade da beleza física de Augusta. Para isso oferecia cores vibrantes à vaidade da personagem e, se não a repreendia, também não justificava o comportamento dela. No outro conto, no parágrafo de abertura, o narrador fazia a seguinte advertência:

- A senhora, D. Camila, amou tanto a mocidade e a beleza, que atrasou o seu relógio, a fim de ver se podia fixar esses dois minutos de cristal. Não se desconsola, D. Camila. No dia de

lagartixa, a senhora será Hebe, deusa da juventude; a senhora nos dará a beber o néctar da perenidade com suas mãos eternamente moças⁷².

A escrita do conto seguia permeada por comentários acerca da idade de D. Camila e a insistência dela em disfarçar os efeitos do tempo a qualquer custo, mesmo que para isso fosse preciso impedir o próprio crescimento da filha. Enquanto detalhava a composição de mais essa senhora vaidosa, e de constatar seu único defeito como o de tentar desmentir os anos, o narrador antecipava-se aos seus leitores/leitoras com a seguinte observação:

Dir-me-á o leitor que a beleza vive de si mesma, e que a preocupação do calendário mostra que esta senhora vivia principalmente com os olhos na opinião. É verdade; mas como quer que vivam as mulheres do nosso tempo?⁷³

No primeiro conto, Machado de Assis aparecia como escritor cauteloso e com estratégia que exigia escrita mais dúbia e cheia de nuances. Ao retomar a mesma temática, a apresentação e desenvolvimento de sua argumentação deixa de lado qualquer sombra de lições às leitoras e justifica a conduta de sua personagem – e das mulheres de seu tempo – a partir das próprias regras produzidas por aquela sociedade. Isso resulta num completo deslocamento de seu alvo de crítica, que deixa de ser as mulheres vaidosas, como queriam muitos de seus contemporâneos, e passa a ser instituições orientadas por preceitos científicos, como já vinha ensaiando. Com essa tomada de posição, ainda passa a questionar, de modo muito mais efetivo, quem exigia dessas mulheres que fossem jovens e belas e, ao mesmo tempo, mães preparadas para orientar seus filhos. Esses novos objetivos tornaram-se realizáveis a partir da construção de narradores com interferências mais objetivas e de maior qualidade. Desse modo, Augusta e D. Camila são idênticas. Ambas pretendiam adiar o máximo possível os efeitos do tempo e as duas acreditavam que, quando fossem avós, seria impossível driblar a opinião alheia. Por isso, enquanto Augusta negava à filha o direito de casar-se, D. Camila, quando não conseguiu mais encontrar defeitos nos seus pretendentes a genro, e tornou-se avó, fingia ser a própria mãe do recém-nascido. A apresentação dessas senhoras, em momentos diferentes de sua carreira,

⁷² *Histórias sem data*. P. 147.

⁷³ *Idem*. P. 150.

ajudou Machado de Assis no desenvolvimento de sua escrita e no próprio modo de conceber a literatura produzida em seu tempo.

As *Histórias sem data* ainda reservaram espaço para mais uma senhora, em “A senhora do Galvão”. Maria Olímpia era casada com um advogado que começava a conquistar seu espaço profissional e precisava da esposa para isso, mesmo que fosse com a contenção de gastos desnecessários. Por meio de cartas anônimas, essa outra senhora foi informada sobre o relacionamento de seu esposo com uma das amigas dela. Entre acreditar e imaginar que tudo não passava de intrigas sem fundamento, Maria Olímpia preferiu fingir que de nada sabia, e manter tanto seu casamento quanto sua amizade. No entanto, as denúncias continuaram até Galvão ficar sabendo que sua esposa recebia misteriosas cartas. A primeira idéia do advogado foi repassar todos os possíveis admiradores da sua mulher até que certo dia acabou surpreendendo-a com uma carta nas mãos. Maria Olímpia tentou escondê-la, mas, como foi obrigada pelo marido a lhe mostrar, percebeu que estava ali a melhor ocasião “para ler no rosto dele a expressão da verdade”:

- Não queria mostrar esta, disse-lhe ela primeiro, como não mostrei outras que tenho recebido e botado fora; são tolices, intrigas, que andam fazendo para... Leia, leia a carta.

Galvão abriu a carta e deitou-lhe os olhos ávidos. Ela enterrou a cabeça na cintura, para ver de perto a franja do vestido. Não o viu empalidecer. Quando ele, depois de alguns minutos, proferiu duas ou três palavras, tinha já a fisionomia composta e um esboço de sorriso. Mas a mulher, que o não adivinhou, respondeu ainda de cabeça baixa; só a levantou daí a três ou quatro minutos, e não para fitá-lo de uma vez, mas aos pedaços como se temesse descobrir-lhe nos olhos a confirmação do anônimo. Vendo-lhe, ao contrário, um sorriso, achou que era o da inocência, e falou de outra cousa⁷⁴.

Maria Olímpia preferia continuar sem saber ou ter certeza sobre o que realmente estava acontecendo, talvez porque tivesse medo de ser obrigada a romper com o marido⁷⁵. Nesse

⁷⁴ Idem. Pp. 261-262.

⁷⁵ Cena idêntica a essa havia aparecido em “O relógio de ouro”, conto escrito para o *Jornal das Famílias*, publicado entre abril e maio de 1873, e alocado nas *Histórias da meia-noite*. Nessa história, Clarinha havia recebido, por engano, um presente da amante de seu marido. Este, imaginando que sua esposa escondia alguma traição, obrigou-a a contar de quem era o presente por ele encontrado. Sob ameaça, Clarinha acabou cedendo e

conto, Machado de Assis criou uma personagem feminina com controle do lar e certo poder sobre seu marido, mas que por outro lado, precisava criar estratégias para permanecer sob proteção masculina. As histórias dessas senhoras do lar não puderam ser contadas por nosso literato sem que ficasse clara a relação de dependência entre elas e seus senhores, ou seja, homens experientes, geralmente advogados, e com posturas que reproduziam o cenário escravista do Brasil do século XIX⁷⁶. Os problemas enfrentados pelas mulheres, enquanto Machado compunha sua coletânea, serviram também para questionar uma estrutura presente em outros setores para além da vida doméstica e em família. Esse foi, portanto, um dos objetivos centrais do projeto das *Histórias sem data*, ao tomar as relações entre homens e mulheres.

Quando Machado de Assis construía uma personagem como uma dessas senhoras, trabalhava também com as expectativas de muitos homens, já que boa parte das exigências recaídas sobre as mulheres dependia do desempenho deles. Conforme viemos acompanhando, a elaboração desses senhores ganhou um traço em comum relacionado à profissão: Conrado, esposo de Mariana, era advogado, assim como Galvão, esposo de Maria Olímpia. Esses dois alcançaram sucesso e dinheiro. Podiam governar suas casas, mantendo os gastos pessoais de suas esposas e cuidando da educação dos filhos, se fosse o caso. Era isso que o receituário científico indicava a eles. Galvão foi ainda mais ousado e acrescentou outro item a essa fórmula, conquistando uma das amigas de Maria Olímpia. Diante do desenvolvimento desses contos, pode parecer que, para esses senhores, o cumprimento desse papel fosse além de simples, bastante agradável. De fato, para quem havia nascido com condições de freqüentar o curso de direito ou em São Paulo ou no Recife, talvez não tenha sido nada complicado⁷⁷. Mas,

mostrando o bilhete com a seguinte declaração: “Meu nhonhô. Sei que amanhã fazes anos; mando-te esta lembrança. Tua Iaiá”. Depois dessa revelação, a narrativa terminou.

⁷⁶ Ver o trabalho de Sandra Graham que mostra como duas mulheres – uma escrava e uma rica senhora – possuíam seus espaços de atuação, mas tinham que se submeter às relações de dependência com homens experientes e importantes. Ver, GRAHAM, S. L. *Caetana diz não: histórias de mulheres na sociedade escravista brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

⁷⁷ A organização da advocacia no Brasil, depois da independência, seguia o modelo português. O bacharel em Direito era formado pelas escolas de São Paulo e do Recife, sendo que bastava o diploma para exercer a profissão. Existiam também os advogados provisionados, que não tinham graus acadêmicos, mas haviam passado por exames teóricos e práticos; além dos solicitadores submetidos apenas a exames sobre a prática do processo. Ver, COELHO, E. C. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro. 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record, 1999. Sobre a importância dos bacharéis em Direito na formação da elite imperial, ver CARVALHO, J. M. de. *A construção da ordem: a elite política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

para os dependentes da ajuda e boa vontade de parentes ou outras pessoas, formar e depois sustentar uma família poderia ser uma missão cheia de contratempos. Machado de Assis mostrava, em suas *Histórias sem data*, que do mesmo modo que as senhoras estavam presas aos seus maridos bem-sucedidos, muitos homens também dependiam de outros senhores para conseguir sobreviver.

Das narrativas que relatam mais de perto a situação de dependência de personagens masculinos, em “Último capítulo”, a autobiografia de Mathias Deodato de Castro e Mello é bastante interessante⁷⁸. Apesar do nome pomposo, a família desse personagem não possuía muitos recursos financeiros. A solução seria, então, encontrar alguém para custear seus estudos. Com muita dificuldade, o autor da biografia conseguiu estudar Direito, e, depois de ter seus planos de união com uma viúva abastada frustrados, acabou se casando com D. Rufina, filha de um de seus clientes. Enquanto o pai da menina pensava em conseguir um genro “doutor”, Rufina apenas seguia a orientação paterna e das outras mulheres de seu tempo: “Usavam-se maridos; ela queria usar também o seu”⁷⁹. Segundo a descrição de Mathias, sua esposa era modesta, possuía várias lacunas comportamentais, por ser apática a praticamente todas as coisas, mas, ainda assim, era boa dona de casa. Logo no começo de sua biografia, Mathias afirma aos seus leitores que a vida dele havia sido marcada por eventos justificados por sua falta de sorte. Por isso, perdera todos os seus protetores, casara-se com mulher pobre e sem graça e o único filho que poderia ter tido nasceu morto. Para completar uma vida tão cheia de reveses, Rufina morreu de uma febre perniciosa e, quando esse homem vasculhava os guardados da sua falecida esposa, descobriu cartas de amor trocadas entre ela e o melhor amigo dele. Esse doutor, advogado e senhor, teve sua trajetória de vida marcada por acontecimentos bem diferentes daqueles outros seus companheiros de profissão, de “Capítulo dos chapéus” e “A senhora do Galvão”, por exemplo. O detalhamento da vida desse personagem masculino serviu para Machado de Assis mostrar que, assim como existiam diferenças fundamentais entre suas personagens femininas, não era possível generalizar o comportamento e situação ocupada pelos senhores. Na conclusão de sua história, Mathias ainda observava um homem cheio de

⁷⁸ Outro conto que compõe as *Histórias sem data* e que tematiza as relações senhoriais é “Galeria póstuma”. Neste Machado de Assis encontra, na estrutura de um caderno de anotações, que apareceu depois da morte do senhor Joaquim Fidelis, entrada para mostrar como aquele personagem reunia em torno de si vários dependentes de ambos os sexos, e como cada um fazia para agradá-lo.

⁷⁹ *Histórias sem data*. P. 42.

dívidas, mas que ao contemplar seu próprio sapato, seguia seu destino feliz. Essa cena servia para o narrador/personagem daquela história questionar, se a felicidade poderia ser resumida a um simples par de botas. Provavelmente os leitores e as leitoras desse conto conseguiram relacionar o uso de sapatos à liberdade, assim como tinham em mente a necessidade de deixar bem distante a possibilidade de escravização. Nosso literato deixava sua mensagem e construía nexos de união entre todos os contos de sua quarta coletânea.

O centro das *Histórias sem data* estava aberto à criação de senhoras que tinham suas vidas entrelaçadas a de senhores bem-sucedidos e à descrição de homens que também estavam debaixo do domínio senhorial. A opção de Machado de Assis por trabalhar mais detidamente com situações que envolviam mulheres não o impediu de pensar em como alguns homens pobres também tiveram suas vidas marcadas por relações de dependência. No entanto, os problemas enfrentados pelas mulheres de seu tempo ganharam mais espaço, talvez porque, independente do lugar social ocupado, elas viam-se obrigadas a criar estratégias para driblar as várias amarras que poderiam impedir suas atuações. O maior esforço de Machado, ao retratar alguns conflitos cotidianos, caros também a outros literatos de seu tempo, consistia em ultrapassar as paredes dos lares de cada um daqueles personagens e colocar em discussão algumas instituições, como a própria escravidão e outras políticas orientadas pelo cientificismo e por tantas regras de comportamento.

A historiografia dedicada às exigências médicas a respeito das famílias e à entrada desses doutores nos lares do Brasil imperial enfatizou as modificações existentes com relação à orientação matrimonial ocorridas ao longo do século XIX⁸⁰. Enquanto no período colonial os casamentos definiam-se partindo do valor dos dotes das moças, e, por isso, permitiam a união entre mulheres muito jovens a homens idosos; a nova ordem formulada por médicos higienistas indicava a necessidade da procriação e a valorização de corpos preparados com vistas à saúde das crianças. Por isso, a seleção do parceiro parecia definidora, bem como a fixação da sexualidade dentro das paredes do lar. Ao lado disso, esses mesmos médicos defendiam a superioridade física e racional masculina, caracterizando as mulheres por meio da fragilidade emocional e corpórea. Novos estudos vêm procurando relativizar essas teses, por um lado

⁸⁰ COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004. 5ª edição e NAZZARI, M. *O desaparecimento do dote: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

mostrando a heterogeneidade de pensamento e técnicas dentro da própria medicina, e por outro questionando o fato de a “maternidade científica” ter servido apenas como fórmula de dominação de gênero⁸¹.

A confecção das coletâneas de contos publicadas em 1882 e 1884 abriu espaço para Machado de Assis destacar as idéias de alguns médicos sobre reprodução e as colocar em dúvida, por meio da criação da personagem D. Evarista, de “O alienista”, conforme vimos na primeira parte desta tese. Quando continuou esse exercício, em sua nova reunião de contos, nosso literato escolheu enfatizar as relações entre as senhoras e seus senhores. Ao fazer isso, mostrou a adesão da parte de alguns homens ao projeto científico para as famílias, mas também fez com que seus personagens elaborassem, de modos bem particulares, estratégias de autodefesa. Enquanto alguns doutores e cientistas criavam falas e acreditavam que precisavam de respaldo apenas entre seus pares, as senhoras dos lares, como Sofia, D. Camila e Maria Olímpia, ofereciam releituras aos mesmos argumentos médicos e tentavam inverter a ordem de dominação. Desse modo, Machado não discutia apenas a situação das mulheres suas contemporâneas, mas também o encaminhamento de políticas respaldadas cientificamente.

Para que o projeto das *Histórias sem data* conseguisse abranger de forma mais completa as políticas higienistas para as famílias e as relações entre homens e mulheres, no entanto, Machado de Assis não poderia criar apenas senhoras estabelecidas e casadas com homens bem sucedidos. Por isso, abriu espaço naquelas páginas também para as senhoras sem lares, ou seja, aquelas que não tinham nenhuma intenção de adequar suas vidas às imposições científicas ou qualquer outra regra de comportamento. Os contos que abrigaram essas personagens serão analisados no próximo capítulo.

⁸¹ SAMPAIO, G. dos R. *Nas trincheiras da cura*. Op. Cit. e FREIRE, M. M. de L. “‘Ser mãe é uma ciência’: mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920”. In: *História, ciência, saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro. V. 15, suplemento, pp. 153-171, junho de 2008.

Capítulo 9

As senhoras sem lar das *Histórias sem data*

9.1 – “Singular ocorrência”

Logo na primeira página do conto “Singular ocorrência”, o leitor ou a leitora das *Histórias sem data*, que estivesse acompanhando a ordem de publicação sugerida por Machado de Assis, encontraria a segunda senhora do livro. A primeira havia sido a Rufina, de “Último capítulo”, e as outras damas da alta sociedade ou de classes em ascensão, como as analisadas no capítulo anterior desta tese, ainda não haviam aparecido. D. Maria de Tal, ou Marocas, entrou em cena, quando chegava à igreja da Cruz e oferecia esmolas. Vestia preto e parecia ser mais jovem do que realmente era. Vista de longe não trazia nada que pudesse distingui-la das outras mulheres da Corte e também da coletânea. No entanto, como sua história foi contada por um antigo conhecido dela que tinha outro homem como interlocutor, logo somos informados de que aquela não era uma senhora como as outras. Para começar, seu estado civil correspondia a um enigma: não era nem viúva, nem casada, nem solteira. A definição de sua profissão, do mesmo modo, partira de negativas: “não era costureira, nem proprietária, nem mestra de meninas”, ocupações pensadas para o sexo feminino. Sobrava apenas o ofício da prostituição, o qual fora concluído pelo outro homem e, possivelmente, pelos leitores também. De acordo com a análise feita por João Roberto Faria, para que nosso literato construísse essa personagem feminina, o conhecimento dele a respeito do movimento teatral de sua época foi fundamental⁸². Afinal de contas, ao longo dessa narrativa, apareceram referências a três peças de teatro que faziam parte da cultura letrada do século XIX, embora passados mais de cem anos, já não possuam reconhecimento tranqüilo. São elas: *A dama das Camélias*, *Janto com minha mãe* e *O casamento de Olímpia*. As três protagonistas dessas peças foram construídas de modo a colocar o espectador ora diante de uma cortesã regenerada por causa de um grande amor, ora para afirmar a impossibilidade de arrependimento ou de que essas mulheres pudessem constituir uma família.

⁸² FARIA, J. R. “Singular ocorrência teatral”. In: *Revista USP*. São Paulo, 1991. Nº 10. Pp. 161-166.

O conto de Machado de Assis apropria-se dessa produção tanto para caracterizar a sua personagem, como para questionar os princípios estanques ali divulgados. Ao contrário de suas ancestrais, Marocas talvez esteja muito mais perto dos fiéis convertidos pelo Diabo, do conto de abertura dessa coletânea. Não poderia ter suas características resumida nem por meio dos traços de uma moça apaixonada e arrependida de sua antiga profissão, nem como uma eterna pecadora. A confecção das *Histórias sem data* parece ter sido em sua maior parte permeada pela idéia de mostrar as falhas de algumas fórmulas acabadas e assinadas por cientistas e também por homens de letras. A posição de Machado de Assis, como receptor e crítico da produção literária e teatral de seu tempo, foi fundamental na busca de inspiração e referências em vários lugares diferentes. Desse modo, quando o romance apresentado em “Singular ocorrência” e protagonizado por Marocas e Andrade começou a dar os seus primeiros passos, a moça havia acabado de assistir *A dama das Camélias*. A trajetória de Margarida Gautier serviu para que a personagem de Machado chorasse como uma criança, por causa da identificação entre uma e outra. No entanto, ao contrário de Marocas, Margarida Gautier foi construída como uma cortesã sofisticada, de acordo com o romantismo europeu. Além disso, a personagem de Dumas Filho ainda era leitora de *Manon Lescaut*, obra de autoria do Abade Prévost, escrita em 1731. Ambas as histórias – *A dama das Camélias* e *Manon Lescaut* – compunham o conhecimento literário de Machado de Assis e ajudaram-no a compor algumas de suas personagens e diálogos. Em uma das travessuras de Helena, no romance que leva o nome dela, a menina certa vez afirmou já ter lido algumas páginas do livro do Abade Prévost. Isso aconteceu em um dos diálogos entre ela e o seu suposto irmão, quando a personagem contou que havia reservado sua tarde para as leituras. Enquanto Estácio imaginava que sua irmã havia ocupado o tempo com a leitura de *Paulo e Virgínia*, ela afirma ter lido *Manon Lescaut* e ainda acrescentava que aquele não era um romance nem para moças solteiras, nem para as casadas⁸³. O que havia naquelas páginas que poderia assustar tanto aqueles dois personagens, mas, por sua vez, agradava sobremaneira à Margarida Gautier?

A *História do Cavaleiro Des Grioux e de Manon Lescaut* conta a trajetória de um casal de amantes, ambos muito jovens e bonitos⁸⁴. O rapaz, antes de conhecer Manon, parecia ter um futuro bastante promissor. No entanto, assim que Des Grioux começou a se relacionar com

⁸³ ASSIS, M. *Helena*. In: *Obra completa*. P. 293.

⁸⁴ PRÉVOST. *A história do cavaleiro Des Grioux e de Manon Lescaut*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967.

aquela mulher, esqueceu-se de sua família e de todos os códigos de moral que havia aprendido até ali. Des Grieux vivia em função de Manon, ajudando-a a colocar em prática os planos dela para tirar dinheiro de algum homem que pretendia tê-la como amante. Como a maior parte de seus planos não deu certo, o livro mantém uma estrutura folhetinesca, com vários recomeços. O amor incondicional do rapaz pela moça, sempre perdoada e sua necessidade de manter uma vida luxuosa compreendida, deve ter sido o que mais chamou a atenção de Margarida Gautier. *Manon Lescaut* em suas mãos servia de estimulante e a fazia acreditar na possibilidade de receber de Armand o mesmo amor que o cavaleiro Des Grieux oferecia a sua Manon. Por sua vez, ao colocar esse mesmo romance diante de Helena e de Estácio, Machado fez seus dois personagens ressaltarem o tom amoral daquelas páginas, protagonizadas por uma mulher ardilosa e lasciva que envolvera seu amante, levando-o a cometer assassinatos, roubos e outros crimes.

Embora o romance do Abade Prévost tenha passado pelas mãos dos personagens de Dumas e de Machado de Assis, e de ter conquistado admiradores franceses, em especial, depois do advento do Romantismo, foi *A dama das Camélias* que ganhou o maior número de leitores e de leitoras, não caindo no esquecimento, mesmo muito anos após sua publicação em livro. O interesse pela história de Margarida Gautier deve ter sido motivado devido à crescente atenção que muitos dentre seus contemporâneos ofereciam para histórias cravejadas por sofrimento, arrependimento e lições. Ao contrário de Manon que apenas nas últimas páginas do livro parece ter perdido sua obsessão pelo luxo, Margarida é uma mocinha que, durante grande parte do romance, mostra as agruras do seu ofício, bem como o pesar por ter tomado aquele caminho. Desse modo, Alexandre Dumas Filho constrói as falas de sua heroína oferecendo uma imagem depreciativa do ofício praticado por ela. Assim expressava-se Margarida diante de outra mulher que a servia:

(...) Se as que ingressam em nosso vergonhoso ofício soubessem como ele é, preferiam ser camareiras. Mas não; a vaidade de ter vestidos, carros, diamantes nos arrasta; acreditamos no que ouvimos, pois a prostituição tem a sua fé, e gastamos, pouco a pouco, o coração, o corpo, a beleza; somos temidas como uma fera selvagem, desprezadas como um pária, cercadas somente

de pessoas que nos tomam mais do que nos dão e, um belo dia, morremos como um cachorro, depois de perdermos os outros e de nos perdermos a nós mesmas⁸⁵.

Esse é o mesmo tom oferecido por José de Alencar, ao seu segundo perfil de mulher, quando construiu Lúcia⁸⁶. Esta era leitora de *A dama das Camélias*, porém, parecia não acreditar na realidade de um amor como o daquela outra cortesã. Em um dos diálogos entre essa personagem e seu amante Paulo, a moça tenta lhe mostrar exatamente isso:

- Esse livro é uma mentira!

- Uma poética exageração, mas uma mentira, não! Julgas impossível que uma mulher como Margarida ame?

- Dando-lhe o mesmo corpo que tantos outros tiveram! Que diferença haveria então entre o amor e o vício? Essa moça não sentia, quando se lançava nos braços de seu amante, que eram os sobejos da corrupção que lhe oferecia? Não temia que seus lábios naquele momento latejassem ainda com os beijos vendidos?

- O amor purifica e dá sempre um novo encanto ao prazer. Há mulheres que amam toda a vida; e o seu coração, em vez de guardar-se e envelhecer, remoça como a natureza quando volta a primavera.

- Se elas uma só vez tivessem a desgraça de se desprezar a si próprias no momento em que um homem as possuía; se tivessem sentido estancarem-se as fontes da vida com o prazer que lhes arrancavam à força da carne convulsa, nunca mais amariam assim! O amor é inexaurível e remoça, como a primavera; mas não ressuscita o que já morreu⁸⁷.

As produções de Alexandre Dumas Filho e de José de Alencar, e suas páginas abertas para narrar as trajetórias de duas prostitutas, tiveram como um de seus objetivos centrais mostrar como o amor poderia regenerar suas personagens. Ambas as mulheres sofrem muito e são donas de beleza incrível, mesmo no momento de suas mortes. Aliás, a tuberculose em uma e as complicações por causa de um aborto na outra serviram para deixá-las ainda mais belas. Como leitor dessa literatura, Machado de Assis marcava seu lugar diante de outros literatos sobre essa temática, e também encontrava entrada para mostrar suas divergências com relação

⁸⁵ DUMAS. *A dama das Camélias*. São Paulo: Nova Alexandria, 2008. P. 90.

⁸⁶ ALENCAR, J. *Lúcia*. In: *Perfis de mulheres*. Op. Cit.

⁸⁷ Idem. P. 151.

àquilo que era dito por setores diferentes daquela sociedade. Para isso, esforçou-se no sentido de oferecer características em comum entre a sua personagem e essas outras, mas sem deixar de dar a ela detalhes ímpares. Todas aquelas mulheres – Manon, Margarida, Lúcia e Marocas (depois que Andrade apresentou-lhe as primeiras letras) – apreciavam a prática da leitura, possuíam belezas admiradas por todos e pareciam amar seus amantes, fato que as fizeram abandonar outros relacionamentos com homens mais ricos. Ao contrário de suas companheiras de profissão, a narrativa da vida de Marocas não foi motivada por sua morte. Mesmo porque Machado de Assis não matou a sua personagem, pelo contrário, mostrou-a entrando em idade madura e ainda possuidora de admiradores e vários predicados. O detalhe que garante à história de nosso literato a sua originalidade é a discussão em torno daquilo que teria servido de estímulo para sua Marocas buscar outro homem na rua, enquanto vivia o auge de sua paixão por Andrade. Agindo dessa forma, Marocas, assim como as outras senhoras construídas para as *Histórias sem data*, é colocada entre Deus – metáfora do amor capaz de regenerar qualquer vício – e o Diabo – a eterna prostituta que não conseguia livrar-se da lama de sua profissão. Machado de Assis conferia-lhe certa dose de humanidade, calçada por uma pitada de sexualidade quase sempre vista de forma negativa por aquela literatura e pelos homens de letras de seu tempo. Afinal de contas, o que Marocas fez foi procurar outro homem para passar o seu feriado, enquanto o amante dela preferia ficar com a família.

Desde os primeiros passos de Machado de Assis em sua carreira de escritor, um dos problemas por ele enfrentados referia-se à possibilidade de algum livro cair nas mãos de mocinhas despreparadas para sua recepção. Primeiro, a polêmica em torno das “Confissões de uma viúva moça”, conto publicado no *Jornal das Famílias*, girava em torno da impossibilidade de uma história com aquele teor ser publicada em um jornal para as leitoras⁸⁸. Uma década mais tarde, quando foi lançado no Brasil *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, alguns críticos também afirmaram que aquele romance poderia ter livre circulação apenas nas casas de jovens celibatários⁸⁹. Finalmente, sua Helena, conforme acabamos de ver, acreditava que um livro como *Manon Lescaut* não poderia ser lido por nenhuma mulher, independente do seu estado

⁸⁸ Logo que as “Confissões de uma viúva moça” começaram a aparecer, no *Jornal das Famílias*, teve início, nos jornais da corte, uma discussão acerca desse conto e da sua imoralidade. Essa polêmica pode ser lida em MASSA, Jean-Michel. *Dispersos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: INL, 1965. Pp. 210-217 e 520-521.

⁸⁹ Ver, por exemplo, o folhetim “Sem Malícia”, de Carlos de Laet, escrito para o rodapé do *Jornal do Commercio*. NASCIMENTO, J. L. do. *O primo Basílio na imprensa brasileira do século XIX: estética e história*. Op. Cit. P. 178.

civil, embora tenha deixado entender que ela própria havia se aventurado ao menos em algumas daquelas páginas. Precisamos compreender, então, qual o diferencial das histórias de Machado de Assis, quando tratavam daqueles mesmos temas e ainda assim mantinham as leitoras como primeiras receptoras. Não podemos nos esquecer de que Machado foi um dos principais críticos de Eça de Queirós, devido ao tratamento oferecido pelo autor português ao tema do adultério, quando ele mesmo passava a escrever contos não apenas com triângulos amorosos, mas também com uma personagem de atitude inexplicável aos olhos masculinos, como Marocas. Desatar esse nó talvez seja essencial para compreendermos os contos e a organização das duas coletâneas abordadas nesta tese.

Para prosseguir, antes de tudo, voltaremos os olhos mais uma vez para a questão da prostituição e para como alguns contemporâneos de Machado de Assis refletiam sobre essa questão tão delicada. Haja vista que, se existiam mulheres envolvidas com esse ofício, era porque não lhes faltavam clientes do sexo oposto e até mesmo alguma dose de consentimento da parte daqueles preocupados com a repressão. A historiografia brasileira, em especial aquela produzida a partir dos anos de 1980, dedicou atenção na tentativa de compreender os discursos científicos, que começaram a ganhar fôlego a partir da segunda metade do século XIX. Boa parte dessa produção historiográfica ressalta a influência do pensamento médico, considerando-o de forma unívoca. Além disso, ainda chama a atenção para o fato de muitos médicos terem se esforçado por identificar no ofício de Marocas características que pudessem defini-lo como sintomas de uma doença. Aliás, foi isso mesmo o que fez o médico holandês, de “O lapso”, ao afirmar que o adultério deveria ser tratado de modo científico⁹⁰. Esses médicos recorreram, então, a métodos arbitrários para provar suas teses sobre uma suposta inferioridade feminina e justificar medidas de exclusão de gênero. Conforme Machado de Assis tratou nos contos de seus *Papéis avulsos*, essa parecia ser uma atitude cada vez mais corrente, que tomava conta do exercício diário de muitos daqueles cientistas. Quando alguns dentre aqueles doutores abordaram a construção de uma determinada feminilidade, na verdade, ajudavam na divulgação de que ao homem caberia o mundo do trabalho, enquanto às mulheres restaria o

⁹⁰ COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 2004. 5ª edição; SOARES, L. C. *Rameiras, ilhoas e polacas: a prostituição no Rio de Janeiro do século XIX*. São Paulo: Ática, 1992; ENGEL, M. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 2004; RAGO, M. *Os prazeres da noite: prostituição e código da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. 2ª edição.

espaço doméstico e o respaldo às atividades masculinas. De acordo com esse pensamento, as mulheres, de qualquer classe social, deveriam abrir mão da profissionalização e ter suas necessidades satisfeitas dentro do lar.

Se a medicina científica, no entanto, não pode ser considerada como um conjunto de formulações homogêneas, devemos relativizar também as idéias em torno da influência desse suposto pensamento médico sobre as mulheres. Precisamos ressaltar o fato de que, ao mesmo tempo em que se discutiam essas novidades, apareciam nos jornais da corte aplausos a medidas destinadas a criar novos espaços profissionais para as mulheres. Junto a isso, aquelas senhoras redatoras de periódicos, como o *Sexo feminino*, ainda lutavam pela emancipação feminina, apropriando-se desse discurso médico. Essas senhoras usavam a indicação de que as mães precisavam receber educação para cuidar de seus filhos, mas, por outro lado, lutavam por uma maior participação feminina tanto dentro de seus lares, como fora deles, para se livrar da possibilidade de ter que, em algum momento, submeter-se a pressões senhoriais. A obra de Machado de Assis, por sua vez, encontrava-se no meio desse turbilhão e compunha parte dessas discussões. Machado assistia ao crescimento de medidas políticas baseadas nesse cientificismo, que tendiam a anular, de modo geral, a cidadania feminina; além do crescimento da repressão às prostitutas na região central do Rio de Janeiro, por causa dos danos que essas mulheres supostamente causavam à organização familiar pretendida por muitos dentre seus contemporâneos.

Essa produção científica de meados do século XIX alcançou seu maior sucesso nas primeiras décadas do século seguinte, por meio das políticas eugenistas e de reorganização da capital federal⁹¹. Sem deixar de imprimir suas marcas, no entanto, enquanto nosso literato publicava seus contos. Por isso, a criação de senhoras que precisavam driblar os efeitos do tempo em seus corpos e outras personagens femininas e também masculinas que, muitas vezes, buscavam as mesmas estratégias usadas nas relações senhor/escravo. Vale a pena destacar que, como receptor das inovações científicas, o posicionamento de Machado era de literato disposto a questionar as novas versões matrimoniais, bem como a maternidade, como única função da mulher. Para realizar esse exercício opunha-se e colocava-se como crítico da literatura realista, à moda de Eça de Queirós. Mais uma vez, precisamos voltar à organização dos *Papéis avulsos*.

⁹¹ STEPAN, N. L. *“A hora da eugenia”*: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005 e SCHETINI, C. *Que tenhas teu corpo*. Op. Cit.

Como ficou dito na Parte I desta tese, na coletânea de 1882, Machado avaliava o papel da literatura como reprodutora da forma científica, analisando a fala de médicos e outros investigadores de cousas da mais alta transcendência. Um de seus questionamentos atingia, então, aqueles que praticavam a transposição ou colagem do mesmo protocolo unilateral, produzido por falas científicas, em textos de literatura. Ciência, forma e literatura andavam juntas em seu argumento. O desdobramento dessa crítica originou a escrita e organização das *Histórias sem data*, com personagens femininas preparadas para mostrar tanto a possibilidade de caminhar por dentro daquele discurso, e inverter os seus resultados, como para oferecer aos seus colegas de profissão um método narrativo diverso. Um dos seus passos nessa empreitada foi criar senhoras orientadas pelas imposições de conduta de sua época, duvidando assim daqueles que produziam e reproduziam regras comportamentais voltadas para elas.

No primeiro artigo assinado por Eleazar para avaliar *O Primo Basílio*, a construção da personagem Luísa e sua motivação para que traísse seu marido e, em seguida, sofresse com as chantagens de Juliana, foram analisadas:

Para que Luísa me atraia e me prenda, é preciso que as tribulações que a afligem venham dela mesma; seja uma rebelde ou uma arrependida; tenha remorsos ou imprecações; mas, por Deus!, dê-me sua pessoa moral. Gastar o aço da paciência a fazer tapar a boca de uma cobiça subalterna, a substituí-la nos míseros ínfimos, a defendê-la dos ralhos do marido, é cortar todo o vínculo moral entre ela e nós. Já nenhum há, quando Luísa adoece e morre. Por quê? Porque sabemos que a catástrofe é o resultado de uma circunstância fortuita, e nada mais; e consequentemente por esta razão capital: Luísa não tem remorsos, tem medo⁹².

O trabalho de Paulo Franchetti sobre o livro de Eça de Queirós e a crítica machadiana avalia como os artigos assinados por Eleazar reprovavam tanto o realismo de Zola, quanto os “defeitos de concepção e de realização” presentes na obra portuguesa. Pode ser que essa crítica ainda tenha ganhado continuidade no desenvolvimento dos projetos das duas coletâneas tratadas nesta tese⁹³. Em especial, por meio da eleição e do tratamento diferenciado de temas

⁹² Eleazar (Machado de Assis). *O Cruzeiro*. “Literatura realista”.

⁹³ FRANCHETTI, P. “O Primo Basílio”. In: *Estudos de literatura Brasileira e portuguesa*. Op. Cit. Pp. 142-152. Já foi levantada a hipótese de que a crítica de Machado de Assis ao livro de Eça de Queirós baseava-se também numa estratégia para que o autor brasileiro não tivesse seu público ameaçado, já que suas *Memórias póstumas de*

como a prostituição, por exemplo, e ainda nas alusões mais diretas à transposição da narrativa científica e de seus protocolos para a literatura. Sendo assim, quando os contos das *Histórias sem data* foram preparados, um dos objetivos de seu autor foi oferecer aos seus contemporâneos uma outra abordagem para a mesma questão tratada em *O primo Basílio*. Um dos incômodos de Machado girava em torno da falta de motivação de Luísa para trair seu marido. Ao construir as personagens femininas de sua quarta coletânea, então, havia também o desenvolvimento de protagonistas que compunham triângulos amorosos, como a Marocas, que foi levada a procurar outros homens na rua para encontrar calor humano, e, de forma mais ampla, para questionar a produção científica e literária sobre a prostituição. Além dessa, Machado ainda construiu Rufina, em “Último capítulo”, e Genoveva, em “Noite de Almirante”, conforme logo veremos, tendo em mente o mesmo objetivo de produzir situações de adultério, com motivações que não encontravam compreensão fácil, em especial por parte de personagens do sexo masculino. Mas que, por sua vez, serviram para questionar tanto o aplaudido estilo literário usado por Eça de Queirós em seu romance, quanto para debater a situação de algumas mulheres. Machado de Assis oferecia assim às leitoras de sua literatura abertura e confiança para fazer parte de um debate literário e político, a partir da leitura de seus contos.

9.2 – Senhoras sem senhores

Para alcançar o *status* de senhora no Brasil do século XIX, as mulheres, de modo geral, precisavam conquistar esse distintivo. Logo no capítulo II de *Lucíola*, quando Paulo quis saber quem era Lúcia, um amigo dele ofereceu-lhe uma resposta bastante significativa, registro daquilo que se esperava do comportamento feminino:

Quem é esta senhora? Perguntei a Sá.

Brás Cubas estavam a caminho. Ver, LAJOLO, M. “Eça de Queirós e suas leitoras mal comportadas”. In: *150 anos com Eça de Queirós*. São Paulo: Centro de estudos portugueses, 1997. Pp. 438-445.

A resposta foi o sorriso inexprimível, mistura de sarcasmo, de bonomia e fatuidade, que desperta nos elegantes da corte a ignorância de um amigo, profano na difícil ciência das banalidades sociais.

- Não é uma senhora, Paulo! É uma mulher bonita. Queres conhecê-la!...

Compreendi e corei de minha simplicidade provinciana, que confundira a máscara hipócrita do vício com o modesto recato da inocência. Só então notei que aquela moça estava só, e que a ausência de um pai, de um marido ou de um irmão, devia-me ter feito suspeitar a verdade⁹⁴.

Segundo essa passagem de José de Alencar, as senhoras precisavam de seus senhores para que não fossem confundidas com alguma cortesã, por exemplo. No projeto de suas *Histórias sem data*, Machado de Assis quando retratou suas senhoras colocou-as sob domínio masculino. Rufina, de “Último capítulo”, adquiriu o seu senhor para seguir a mesma tendência indicada por aquelas de seu tempo; Mariana e Sofia, de “Capítulo dos chapéus”, mesmo quando tentavam subverter a ordem de dominação em seus lares, ainda continuavam com seus maridos; D. Camila, de “Uma senhora”, e Maria Olímpia, de “A senhora do Galvão”, eram senhoras respeitadas e também mantinham seus senhores, ainda quando fosse necessário passar por cima dos boatos de alguma traição. Para não ficar sem proteção, as sobrinhas de Falcão, de “Anedota pecuniária”, quando perderam suas mães, também foram forçadas a se submeter às ordens e aos desejos do tio. O senhor desse conto fez a opção de não se casar, porque tinha medo dos gastos proporcionados por uma união matrimonial. Apesar disso, parecia inconformado pelo fato de não ter tido filhos. Essa ausência foi suprimida, primeiro, depois da morte de um irmão dele seguida pela de sua cunhada, que deixou sob a responsabilidade desse parente uma menina de onze anos. Jacinta foi morar com o tio Falcão, logo conquistou o governo da casa e, de acordo com o narrador daquela história, “não abusou do domínio; era naturalmente modesta, frugal, poupada”⁹⁵. Como boa dona de casa, ajudava o tio a receber suas visitas. Dentre os freqüentadores daquela casa, havia certo Chico Mendes, adversário de Falcão nas partidas e parceiro no comércio de ações. Assim que a moça completou dezoito anos e começou a enfeitar-se, o namoro entre os dois deu seus primeiros passos. Embora

⁹⁴ ALENCAR, J. *Luciola* In: *Perfis de mulheres*. Op. Cit. Pp. 90-91.

⁹⁵ *Histórias sem data*. P 165.

Falcão e Chico Mendes fossem amigos, o tio de Jacinta não concedeu a mão de sua sobrinha. O casal soube esperar o melhor momento, surgido quando as ações compradas pelos dois amigos “subiram até converter o esperado lucro de quarenta contos numa perda de vinte”. A idéia de Chico Mendes foi custear todo o déficit em troca da concessão ao casamento entre ele e Jacinta. Falcão acabou cedendo, vendendo sua sobrinha e retomando sua vida solitária. No entanto, aquele senhor parecia ter muita sorte e mais uma vez, depois da morte de uma irmã viúva, viu-se diante da possibilidade de ganhar uma nova sobrinha. Virgínia já chegara a casa dele com dezoito anos, por isso e por causa da experiência outrora adquirida, Falcão mandou fechar as janelas e só recebia parceiros de mais de cinqüenta anos ou casados. A menina parecia não se aborrecer com aquelas precauções e não cuidava de mais nada além do próprio tio e da casa. Mesmo porque, quando ali chegou, seu pretendente estava em Nova Iorque. Esse outro casal, como já conhecia o caminho para alcançar a permissão de Falcão, foi direto ao ponto: Reginaldo trocou uma coleção de moedas de ouro pela união com Virgínia.

As páginas das *Histórias sem data* serviram de suporte para um número considerável de personagens femininas que precisavam de algum protetor do sexo masculino. No entanto, as senhoras preparadas para essa coletânea sabiam manejar as adversidades e contratemplos corriqueiros e compartilhados com aquelas que ocupavam posição semelhante. Em “Anedota pecuniária”, ao mesmo tempo em que vemos um senhor colocar seus rendimentos financeiros na frente de seus supostos sentimentos paternais, mostrando como suas dependentes poderiam sofrer com suas arbitrariedades, Machado de Assis criava duas personagens femininas que auxiliavam seus pretendentes a caminhar por dentro da lógica de seu tio e faziam valer também suas vontades. Desse modo, quando nosso literato escolheu focalizar as relações entre as senhoras e seus senhores, fez isso com a intenção de problematizar os papéis atribuídos a cada um desses dois lados. Ainda pretendia oferecer voz e movimento a personagens excluídas de relações estabelecidas, seguindo a lógica dos diálogos criados para os *Papéis avulsos*. Como, para a realização dessa obra, as personagens femininas ocuparam lugar de destaque, havia necessidade de enfatizar as diversidades existentes no interior da caracterização de suas senhoras. Dentro de um mesmo conto, como em “Capítulo dos chapéus”, havia a Mariana e a Sofia, responsáveis por falas que mostravam como as duas encaminhavam seus matrimônios de modos opostos. Abrindo o foco de análise para todo o livro, encontramos ao lado das senhoras respeitadas – como queria o personagem Paulo, de José de Alencar – outras personagens

femininas que conseguiam viver sem nenhum senhor, e, por isso, precisavam de outras redes de solidariedade. Essa situação apareceu nas *Histórias sem data* não apenas quando Marocas, de “Singular ocorrência”, entrou em cena, mas também quando Machado abriu espaço para a sua caboclinha Genoveva, em “Noite de Almirante”. No entanto, enquanto a primeira parecia bastante envolvida com algumas regras sociais, as falas da segunda remetem o narrador ao estado de natureza.

Deolindo Venta-Grande namorava Genoveva. Os dois conheceram-se e ficaram tão enamorados que quase deixaram tudo para trás: “ele deixaria o serviço e ela o acompanharia para a vila mais recôndita do interior”⁹⁶. O rapaz não era nenhum capitalista ou herdeiro de uma grande fortuna, pelo contrário, não passava de um marujo de baixo escalão. Genoveva, por sua vez, também não possuía alguma renda que merecesse ser lembrada e nem a proteção de parentes ricos. Esse casal, no quesito financeiro, distanciava-se bastante dos outros que compuseram as *Histórias sem data*. Além disso, Genoveva ainda estava longe de ser reconhecida como uma senhora, assim como Deolindo também não tinha a fortuna nem o poder necessário aos senhores. Os dois precisavam trabalhar muito para sobreviver, mas ainda assim conseguiam ter alguns momentos livres, usados para matar as saudades, por exemplo. Esse foi o objetivo de Deolindo em sua noite de folga: encontraria sua namoradinha que receberia dele, como prova de seu amor e lembrança, um par de brincos. Enquanto a distância e as belas mulheres encontradas em outras terras não fizeram aquele marujo esquecer-se de Genoveva, esta não conseguiu resistir da mesma forma. Segundo as palavras da menina, bem que ela havia tentado, mas os encantos do mascate José Diogo foram mais fortes. Ao saber disso e como, apesar das juras de amor, Genoveva havia se deixado levar por outro, mil coisas passaram pela cabeça de Deolindo. No entanto, depois de ficar algumas horas com sua ex-namorada, o rapaz apenas voltou para o trabalho e não confessou aos seus companheiros qual havia sido o desfecho de sua “noite de almirante”.

Genoveva não possuía senhor e essa ausência parece ter sido fundamental para que ela movimentasse sua vida pessoal com maior liberdade. A inserção desse conto, bem como de “Singular ocorrência”, conforme vimos páginas atrás, ajudou Machado de Assis a mostrar como algumas personagens femininas poderiam usar toda sua habilidade, redefinindo algumas

⁹⁶ *Histórias sem data*. P. 206.

idéias criadas pelo discurso científico e que influenciavam a organização dos relacionamentos familiares. Quando a traição de Marocas foi descoberta, a personagem escondeu-se em uma hospedaria, até ser encontrada por seu amante. Logo os dois reconciliaram-se e não exigiram mais qualquer explicação sobre o ocorrido. Ficaram juntos até a transferência de Andrade para o norte, quando os ardores daquela paixão já haviam esfriado. O andamento da relação entre esse casal não seguia o modelo dramático da cortesã do Romantismo, de Dumas e Alencar. Do mesmo modo, Marocas também não foi caracterizada como uma agente transmissora de doenças, conforme alguns médicos higienistas e seus seguidores dentro do mundo das letras afirmavam. Para completar, mesmo depois de separados, assim que Marocas soube do falecimento de seu antigo amante, colocou luto e durante alguns anos mandou celebrar uma missa em nome dele. Com tal atitude, lembrava a reação de personagens, como a D. Benedita, de *Papéis avulsos*, que orientavam seus casamentos a partir das regras criadas para senhoras de sua classe social. A mesma prostituta causadora de confusão quanto às razões que serviram de motivação para levar um homem qualquer para sua casa buscava rituais idênticos àqueles propostos a uma senhora distinta. Enquanto para alguns doutores o período correspondente ao luto poderia servir como impedimento para que as viúvas recentes não abusassem das vantagens daquela nova posição, para Marocas aquilo era um modo de demonstrar o seu afeto por um homem com quem havia compartilhado tantos momentos.

A namoradinha de Deolindo também tinha um modo bem particular de compreender as orientações oferecidas às mulheres a respeito da escolha matrimonial. Primeiro, queria viver intensamente seu namoro com o marujo, e nem se lembrava ou sabia da responsabilidade de seu papel de esposa e mãe. Depois, embora tenha jurado fidelidade, parecia não acreditar nas palavras do rapaz. Namorar para ela talvez representasse simplesmente ter alguém ao seu lado, com quem pudesse dividir as despesas da casa e alguns momentos de satisfação. No entanto, é interessante observar como Deolindo e Genoveva conduzem as expectativas alheias a respeito de suas vidas. Enquanto a menina sentia orgulho por ter tido aquele namorado e contava satisfeita à sua amiga “a anedota dos seus amores marítimos”, o rapaz também precisava prestar contas aos seus amigos sobre sua “noite de almirante” e, ao retornar ao trabalho, sentia vergonha da realidade e preferia mentir, levando “um sorriso de pessoa que viveu uma grande noite”.

Ao escolher compor um livro de contos colocando em discussão o cientificismo e suas interferências nas relações entre homens e mulheres, oferecendo tamanha abertura para as personagens femininas, Machado de Assis fez com que sua discussão abrangesse questões de classe, gênero e raça. Genoveva não passava de uma “caboclinha de vinte anos” que reconhecia a importância de não ficar sozinha, mas que providenciava seus namorados redefinindo certas regras e convenções. Outras personagens femininas, no entanto, abriram mão de ter esse “outro” ao lado delas, e conseguiram ser senhoras mesmo sem seus senhores. Essa situação foi vivida por Eulália, em “Manuscrito de um sacristão”. A personagem, diante das recomendações de sua mãe, insistia em procurar alguém que coubesse perfeitamente dentro de seus sonhos. Assim protelava a união conjugal, enquanto a mãe a alertava:

(...) Um dia, voltando de um casamento, perguntou à filha, no carro em que vinham, se não se lembrava que tinha de ficar só.

- Ficar só?

- Sim, um dia hei de morrer. Por ora tudo são flores; cá estou para governar a casa; e você é só ler, cismar, tocar e brincar; mas eu tenho de morrer, Eulália, e você Eulália tem de ficar só...⁹⁷

A preocupação da mãe de Eulália parecia idêntica àquela demonstrada pelas senhoras redatoras de periódicos para o sexo feminino. Tanto uma como as outras sentiam algum receio sobre o futuro sem alguém para oferecer proteção. Afinal de contas, havia o perigo de ficar como as sobrinhas de Falcão, as quais foram obrigadas a criar estratégias para driblar as vontades de um senhor. Por isso, a educação e/ou o casamento mostravam-se tão importantes. Em “Manuscrito de um sacristão”, Machado de Assis caracteriza a sua personagem seguindo o modelo romântico e desenhando uma mulher que idealiza o seu par, sendo bastante suscetível à leitura de romances. A sua Eulália acaba encontrando em um primo o companheiro ideal. No entanto, os dois não poderiam casar-se, porque o escolhido era um padre. A partir da construção dessas senhoras sem senhores, nosso literato não se colocava contrário às uniões matrimoniais. Seu objetivo parecia ser mais o de questionar o casamento segundo o modelo científico, forjado por meio de orientação biológica, com o único objetivo de gerar cidadãos

⁹⁷ *Histórias sem data*. P. 224.

para o império. É interessante observar como essa questão perpassa boa parte das histórias organizadas nesse livro, mas, em especial, como Machado de Assis fazia com que suas personagens não tivessem um comportamento passivo. A maioria delas parecia bastante criativa e desvendava as diferenças existentes entre as próprias mulheres de classes e etnias distintas. Enquanto alguns médicos higienistas e outros cientistas criavam suas teorias que pareciam englobar toda e qualquer mulher, Machado procurava definir muito bem as diferenças entre as suas personagens.

As Histórias sem data foram assim escritas para contestar algumas instituições que atingiam os relacionamentos entre homens e mulheres, e que eram orientadas pelas novidades científicas. Embora Machado de Assis tenha se aproveitado da mesma discussão da sua coletânea anterior, a execução de seu novo projeto serviu para que aquelas que mais sofreriam com pomadistas e medalhões pudessem rebater os discursos unilaterais deles.

10.1 – O amor em lições

Os *Papéis avulsos* e as *Histórias sem data* serviram para que Machado de Assis questionasse a leitura que muitos de seus contemporâneos fizeram de autores como Darwin, Spencer e tantos outros homens de ciência de seu tempo. Enquanto no primeiro livro buscou mostrar como a forma de organizar e transmitir aquele ideário parecia se sobrepor à própria realidade vivida; no outro, quando escolheu tratar das relações familiares, Machado fez com que suas personagens femininas construíssem recursos que permitiam a movimentação delas por dentro daquela ideologia científica. Na coletânea de 1882, o profissional mais freqüente em suas páginas foi o médico. Os cientistas com teorias respaldadas por seus pares e supostamente aceitas pela população. Dois anos depois, os que estiveram debaixo de sua pena, com mais regularidade, foram os advogados, caracterizados como senhores responsáveis por esposas e outros agregados. Assim como a linguagem científica havia garantido que uma cidade inteira aprovasse a substituição de narizes inchados por narizes metafísicos, ou que um alienista internasse todos os seus concidadãos num sanatório, serviu também para orientar a escolha conjugal e a criação de filhos. Foi isso o que tentou fazer o tio Fulgêncio, ou Fulgêncius, como gostaria de ser chamado o personagem do conto “Ex-cátedra”, um advogado, responsável por uma afilhada e por um sobrinho. Logo no começo daquela narrativa e com a caracterização de seus personagens, Machado, como já havia feito nos *Papéis avulsos*, adverte que, se a sua história continuasse naquele ritmo, os leitores estariam diante de uma trama romanesca, com “um velho lunático, uma mocinha solitária e suspirosa” e um sobrinho que chegara de repente. Vez ou outra, a estrutura narrativa ditada pelo Romantismo ganhava algumas alfinetadas de nosso literato. No entanto, seu alvo nesse conto era o modo pelo qual o cientificismo pretendia reestruturar as relações familiares. Fulgêncio não demorou a perceber que, com a chegada de seu sobrinho, poderia colocar em prática tudo aquilo que lera em vasta bibliografia científica. Assim,

A idéia de os casar pegou por um lado com uma de suas opiniões recentes. Era esta que as calamidades ou os simples dissabores nas relações do coração provinham de que o amor era praticado de um modo empírico; faltava-lhe a base científica. Um homem e uma mulher, desde que conhecessem as razões físicas e metafísicas desse sentimento, estariam mais aptos a recebê-lo e a nutri-lo com eficácia, do que outro homem e outra mulher que nada soubessem do fenômeno⁹⁸.

Tio Fulgêncio criava a ciência do amor, e pretendia colocá-la em prática, encaminhando o relacionamento de seus dois agregados. Afinal de contas, acreditava na chegada do dia em que as pessoas dariam os seus primeiros passos amorosos da mesma forma que aprendiam a ler. Seu “programa de ensino” foi construído depois de folhear livros de astronomia, geologia, fisiologia, anatomia, jurisprudência, política e lingüística. Tudo isso para aperfeiçoar o sentimento que havia feito com que Deolindo e Genoveva, de “Noite de Almirante”, pensassem em abandonar tudo e todos e, em seguida, serviu de motivação e desculpa para a menina trocar seu marujo por um mascate. Desse modo, para colocar em exercício essa nova missão, Fulgêncio criou sua obra composta de:

(...) vinte capítulos, nos quais entravam as noções gerais do universo, uma definição da vida, demonstração da existência do homem e da mulher, organização das sociedades, definição e análise das paixões, definição e análise do amor, suas causas, necessidades e efeitos. Em verdade, as matérias eram crespas; ele entendeu torná-las dóceis, tratando-as em frase corriqueira e chã, dando-lhes um tom puramente familiar, como a astronomia de Fontenelle. E dizia com ênfase que o essencial da fruta era o miolo, não a casca⁹⁹.

Mais uma vez, Machado chamava atenção sobre a organização das idéias científicas e, com aquele conto, aproximava-se bastante de seus leitores, ao escolher uma porta de entrada interessante para a maioria deles. Quando a medicina higienista oferecia embasamento às políticas públicas, em torno das famílias e das relações entre homens e mulheres, partia de complicadas e abrangentes teses. Isso serviu de inspiração para que Machado de Assis, nas suas *Histórias sem data*, criasse mais um cientista – que havia enlouquecido, depois de tanto

⁹⁸ *Histórias sem data*. P. 240.

⁹⁹ *Idem*. Pp. 240-241.

ler e estudar, assim como o Dr. Bacamarte, de “O alienista” – disposto a formar uma união entre seus dependentes que, desde o começo, seria orientada por conceitos científicos.

Em suas primeiras lições, tio Fulgêncio começou questionando seus sobrinhos sobre o conhecimento das estrelas, depois descreveu o universo, e, bem devagar, despertou o interesse dos dois por aqueles assuntos tão ásperos. A proximidade entre a moça e o rapaz foi questão resolvida em poucos dias. Logo cavalgavam e faziam tudo o mais juntos. A chegada do sobrinho de Fulgêncio fez a Caetaninha começar a usar rosas nos cabelos, e não aparecer mais despenteada para almoçar. Por sua vez, Raimundo também não deixou de caprichar no visual, esforçando-se para transformar um pequeno buço num bigode vistoso. Nada disso, no entanto, era percebido por aquele cientista e senhor que estava muito mais interessado em seus livros e na formulação de novas lições de amor. Com o andamento das aulas, vieram aquelas sobre a existência do homem, para as quais o tio reservou todo o seu cartesianismo. Os dois já não conseguiam mais prestar a mesma atenção de outrora. Qualquer outro fato parecia mais interessante, como um casal de borboletas e outro de andorinhas. Segundo o narrador do conto, enquanto as borboletas voavam sem direção – “visto que nunca as borboletas voaram em linha reta, como simples militares” –, as andorinhas saltitavam e piavam – “dizendo cousas uma à outra” – talvez que “era bem bom não haver filosofia nos muros das chácaras”. Essas lições da natureza parecem ter sido bem mais eficientes do que aquelas arduamente trabalhadas por Fulgêncio. O certo é que, enquanto o tio pensava em avançar e logo chegar à classificação das paixões e, enfim, no amor, toda a fauna da chácara, onde moravam aqueles três, discutia os beijos escutados e protagonizados por Caetaninha e Raimundo.

O amor pode ser considerado como a principal matéria prima de inúmeras obras literárias. Por isso, na biblioteca de Machado de Assis, encontramos vários autores dispostos a narrar histórias de casais apaixonados. Um deles, no entanto, chama a atenção não só devido à sua forma e ao desenvolvimento narrativo, como por causa de um dos prefácios escritos por seu autor. Machado possuía alguns exemplares de livros assinados por Stendhal e entre eles estava aquele intitulado *Do amor*¹⁰⁰. No prefácio de 1826, desse livro, havia a seguinte revelação:

¹⁰⁰ Machado de Assis possuía a edição de *De l'amour*, de 1876. Ver, JOBIM, J. L. *A biblioteca de Machado de Assis*. Op. Cit. P. 262.

Embora trate do amor, este livrinho não é um romance, e sobretudo não é divertido como um romance. É simplesmente uma descrição exata e científica de uma espécie de loucura raríssima na França. O império das conveniências, que cresce a cada dia, ainda mais em razão do medo do ridículo que, por causa da pureza dos nossos costumes, fez da palavra que serve de título a essa obra uma palavra que evitamos pronunciar sozinha e que até pode parecer chocante. Fui forçado a usá-la, mas a austeridade científica da linguagem protege-me, creio, de qualquer censura a este respeito¹⁰¹.

Em “O alienista”, o Dr. Bacamarte já havia estudado cientificamente “os loucos por amor” e o narrador ainda destacava dois casos que chamavam mais sua atenção. Um deles era o Falcão que se supunha estrela d’alva e o outro procurava o fim do mundo, com o objetivo de encontrar sua mulher e o amante dela, os quais já havia matado “com os maiores requintes de crueldade”. A ciência com sua linguagem e métodos característicos avançava inclusive no terreno das paixões e suas conseqüências. Afinal de contas, parecia cada vez mais necessário, de acordo com o ideário seguido por muitos contemporâneos de Machado, controlar aquilo que servia de justificativa para a destruição de lares científicos e motivação para crimes passionais. Nessa empreitada, os homens de letras carregaram um papel muito importante, na medida em que transferiram para as suas narrativas não só as próprias teorias científicas como sua forma de narrar, que ajudava a esconder a dimensão das palavras escritas, conforme apareceu no prefácio de Stendhal.

Precisamos considerar ainda como Machado de Assis, ao abordar as lições de tio Fulgêncio, utilizava recursos para provocar o riso em seus leitores. Esse artifício servia de entrada para fazer com que os agregados daquele senhor, supostamente debaixo de seu domínio em todos os sentidos de suas vidas, também rissem, de algum modo, daquela metodologia absurda. Enquanto o tio imaginava ter toda a situação sob controle, os bichinhos de seu sítio sentiam-se aliviados por não haver filosofia nos muros por eles freqüentados e inspiravam os beijos transgressores do jovem casal de namorados. Natureza e ciência são colocadas lado a lado e, no conto de Machado, a primeira saía vencedora, em especial por causa das lições insanas daquele cientista que, segundo o narrador do conto, havia começado a ter suas primeiras alucinações antes mesmo da chegada do sobrinho.

¹⁰¹ STENDHAL. *Do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. P. LI.

Em “Ex-cátedra”, a tentativa de tornar as relações conjugais cientificamente orientadas é levada ao seu limite. O que produz uma sensação de que, depois de quase dois anos dedicados aquele projeto, Machado de Assis encontrava-se mais seguro sobre a necessidade de questionar as políticas justificadas por teorias científicas formuladas ora por médicos, ora por advogados estudiosos do “doutrinal, do abstrato, dos princípios e das fórmulas”. Alguns deles muito bem intencionados, mas que não conseguiam mais distinguir e aproveitar suas próprias leituras. Essa mesma idéia foi levada para a composição do último conto das *Histórias sem data*, “As Academias de Sião”. Um e outro foram publicados na *Gazeta de Notícias* com a diferença de pouco menos de dois meses, intercalados apenas por “A senhora do Galvão”. Além disso, a primeira nota na imprensa a respeito da publicação do livro aconteceu ainda em agosto de 1884, apenas dois meses depois que as “As Academias de Sião” terem sido lidas pelos leitores do jornal¹⁰². Machado concluía seu livro, deixando clara a sua proposta de debater a disseminação científica em políticas voltadas para a organização familiar, bem como outras discussões vinculadas a esse tema central, conforme veremos a seguir.

O conto “As Academias de Sião” começa levando os leitores para o mundo das suposições, já que as tais academias nunca existiram. Imaginar a história que iria começar a contar, no entanto, não pode ser considerada como a tarefa mais difícil proposta por Machado de Assis aos seus leitores, levando-se em consideração tudo aquilo que aparecia publicado nos jornais da época e também no próprio livro em questão. Eram quatro as academias de Sião e tinham em suas mãos a incumbência de resolver o porquê da existência de “homens femininos e mulheres másculas”. Tudo porque o rei de Sião, Kalaphangko, possuía características associadas à feminilidade, como “os olhos doces, a voz argentina, atitudes moles e obedientes e um cordial horror às armas”. Essa questão era sinônima de desavenças entre as quatro academias existentes em Sião e representava abertura para discutir aquela que foi uma das obsessões médicas ao longo do século XIX e que adentrou o século seguinte: a demarcação dos

¹⁰² A primeira nota acerca das *Histórias sem data* foi publicada na seção “Livros a ler”, assinada por Alter, da *Revista Illustrada*. Apareceu o seguinte:

Agora mesmo acaba de ser editado pela casa B. L. Garnier mais um belo volume, *Histórias sem data*, de inspiração do Sr. Machado de Assis.

Contadas como ele as sabe contar, no seu estilo correto e leve, as suas histórias, mesmo sem data, são todas cheias de interesse, alegres, perfumadas de humor e muito agradáveis de ler-se.

Recomendar esta ou aquela seria injustiça às outras: todo o livro é digno de leitura. *Revista Illustrada*. 31 de agosto de 1884.

limites daquilo que pertencia ao feminino e ao masculino. Se a natureza havia feito a sua parte, imprimindo nos corpos de um e outro lado algumas diferenças, que se tornavam mais visíveis na puberdade, havia necessidade, segundo o pensamento de alguns doutos daquele período, de aprimorá-las, por exemplo, por meio de uma educação “correta”¹⁰³. Desse modo, vários cientistas ajudavam na criação da diferenciação sexual, na qual a feminilidade poderia ser resumida às características oferecidas por Machado para o rei de Sião. Essa definição servia, em grande medida, para administrar algumas das reivindicações levantadas por certas mulheres, que lutavam por um maior espaço dentro de suas casas e mesmo no mundo do trabalho. Além disso, ainda ajudava a justificar ou condenar alguns tratamentos, como a ovariectomia, em debate no Brasil, Estados Unidos e Europa¹⁰⁴.

O problema explorado por Machado de Assis em “As Academias de Sião” não se resumia apenas às discussões médicas sobre masculinidade e feminilidade, englobava também o encaminhamento do próprio debate entre as quatro academias. Afinal de contas, com a proposição do problema, uma delas afirmou ter encontrado a solução, ou seja, “umas almas são masculinas, outras femininas” e tudo não passava de uma “questão de corpos errados”. As outras três, por sua vez, defendiam a idéia de que “a alma é neutra; nada tem com o contraste exterior”. A discordância entre as academias não ficou restrita às discussões e debates orais; não demorou muito e logo partiram para o embate físico:

Não foi preciso mais para que as velas e águas de Bangkok se tingissem de sangue acadêmico. Veio primeiramente a controvérsia, depois a descompostura, e finalmente a pancada. No princípio da descompostura tudo andou menos mal; nenhuma das rivais arremessou um impropério que não fosse escrupulosamente derivado do sânscrito, que era a língua acadêmica, o latim de Sião. Mas dali em diante perderam a vergonha. A rivalidade

¹⁰³ ROHDEN, F. “A construção da diferença sexual na medicina”. In: *Caderno de saúde pública*. Rio de Janeiro, v. 19, suplemento 2, 2003, pp. s201-s212.

¹⁰⁴ Os ovários começavam a ser vistos, por muitos médicos, como o órgão que contribuía para a formação de várias características consideradas como pertencentes às mulheres. A sua extração poderia provocar, então, a aquisição de características masculinas. Outros médicos, no entanto, defendiam a extração do órgão, porque faziam uma relação entre doenças cerebrais e sexualidade. Ver, ROHDEN, F. “O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos”. In: *História, ciência, saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 15, suplemento, junho de 2008, pp. 133-152.

desgrenhou-se, pôs as mãos na cintura, baixou à lama, à pedrada, ao murro, ao gesto vil, até que a academia sexual, exasperada, resolveu dar cabo das outras, e organizou um plano sinistro...¹⁰⁵

Para conquistar a vitória definitiva, a academia sexual atacou, matou e cortou as orelhas dos seus rivais, com o objetivo de confeccionar colares e braceletes para uso do presidente vencedor. Na comemoração, os vencedores ainda cantaram um hino, com a seguinte frase: “Glória a nós, que somos o arroz da ciência e a luminária do universo”¹⁰⁶. Mais uma vez, Machado fazia com que doutores e cientistas interferissem, de modo incisivo e até mesmo com uma boa dose de violência, nos meandros que envolviam a formação de famílias, com a fixação de papéis correspondentes a ambos os lados dos casais. Por sua vez, ainda acrescentava mais um elemento. Porque, se o rei de Sião possuía características femininas, a concubina preferida dele – a bela Kinnara – era a “mulher máscula” e ambos disputavam o direito de governar Sião¹⁰⁷. Enquanto a cidade vivia e questionava o terror provocado pela guerra entre as academias, Kinnara tentava convencer Kalaphangko a aderir à causa da academia sexual. Para isso, ela alternava características consideradas masculinas às mesmas estratégias usadas pelas personagens femininas de Machado de Assis, e, assim, questionava, de modo indireto, as construções em torno das diferenças sexuais propostas pela medicina. Kinnara era “o búfalo com penas de cisne”, mas que, quando interessava a ela, deixava o cisne tomar conta de seu corpo e a ajudar a dobrar o rei. Foi “entre duas carícias” que ela conseguiu com que o rei reafirmasse a doutrina da alma sexual e desconsiderasse a outra tese.

Na verdade, o que Kinnara desejava era destrocá-los e assumir a administração do reino. Por isso, havia apoiado a teoria da alma sexual e trocava carícias e beijos com Kalaphangko. A troca seria efetivada por meio do método Mukunda, uma “velha lenda passada aos turcos, persas e cristãos”, numa clara mistura entre cientificismo e crenças populares. A condição do rei para fazer aquela operação era de que tudo duraria apenas um semestre, passado esse tempo, retomariam seus corpos originais. A bela concubina parecia bem esperta, mas não havia conseguido dobrar o jovem rei por completo. Realizada a troca, o corpo de

¹⁰⁵ *Histórias sem data*. P. 267.

¹⁰⁶ *Idem*. P. 268.

¹⁰⁷ O artigo de Eugênio V. de Moraes levanta a hipótese de que Machado de Assis trabalhou em “As academias de Sião” com referências de Maquiavel, construindo uma fábula sobre a natureza do poder. Ver MORAES, E. V. “Que reino é esse?” In: *Teresa – revista de literatura brasileira*. São Paulo: Editora 34, Imprensa Oficial, 2006. Nº 6/7. Pp. 251-267.

Kalaphangko com a alma de Kinnara começou o seu governo, com ações relacionadas ao suposto mundo masculino, aperfeiçoado pelos cientistas. A academia sexual recebeu várias honrarias e conquistou o direito de usar o título de “Clareza do Mundo”, “a justiça e a legislação tiveram grandes melhoras”, a religião ganhou impulso, copiando “as antigas artes espanholas” de queimar missionários contrários ao seu credo, e declarou guerra a outro reino. Quando o rei retornou do campo de batalha e como se aproximava o tempo de fazer a destroca das almas, calculava algum método de matar a concubina.

Por meio da idéia de Kalaphangko matar Kinnara, Machado de Assis retomava suas discussões acerca da constituição dos membros da academia sexual e, por conseguinte, da formação de academias de cientistas de modo geral. Isso porque, com a morte de Kinnara, morreria também a alma de Kalaphangko, e a explicação para o resultado disso só poderia ser oferecida pela “douta academia”. O rei mandou chamar os membros da academia, sendo que todos lhe atenderam, exceto o presidente U-Tong, que estava doente. Os presentes não perderam a oportunidade de declarar de modo unânime que U-Tong “era um dos mais singulares estúpidos do reino, espírito raso, sem valor, nada sabendo e incapaz de aprender nada”¹⁰⁸. Chocado por causa daquela revelação, o rei de Sião não fez a consulta que desejava e, assim que soube do restabelecimento do presidente da academia, mandou chamá-lo. Esse ao referir-se aos seus companheiros revelou que não passavam de “treze camelos, com a diferença que os camelos são modestos, e eles não; comparam-se ao sol e à lua. Mas, na verdade, nunca a lua nem o sol cobriram mais singulares pulhas do que esses treze”¹⁰⁹. Kalaphangko encontrou-se então num beco sem saída. Em separado, todos os membros da academia sexual faziam a mesma observação de seu presidente. Diante dessas revelações, o rei percebeu que deveria solucionar aquele problema sozinho; no entanto, acabou abrindo mão dos planos de matar Kinnara, quando essa lhe revelou que estava grávida. Este novo fato salvou o corpo de Kinnara e a alma de Kalaphangko da morte. Assim que chegou o dia de fazer a destroca, o narrador do conto não deixou de acentuar que, ao tomar seu corpo novamente, Kinnara teve a “comoção materna” assim como tivera a paterna.

Nesse conto, Machado de Assis trabalhava em mais de uma frente: questionava a formação de academias de cientistas, problematizava a teoria das diferenças sexuais e ainda

¹⁰⁸ *Histórias sem data*. P. 275.

¹⁰⁹ *Idem*. P. 276.

mostrava a disputa de poder entre homens e mulheres. Mais uma vez desenvolvia a idéia da violência e arbitrariedade nos atos de cientistas e como esses não passavam de grandes “pulhas”, em especial quando agiam sozinhos. Isso porque a estrutura permitida com o agrupamento daqueles homens em academias oferecia-lhes certa aura de sabedoria, capaz de seduzir e convencer os outros a respeito da eficácia das teorias por eles reproduzidas. Para completar, é interessante observar como algumas teses médicas contemporâneas a Machado, assim como as academias de Sião, estavam bastante interessadas em discutir a feminilidade e em conhecer o corpo das mulheres e suas reações¹¹⁰. Talvez isso tenha chamado a sua atenção e feito com que aquele conto encerrasse o seu quarto livro de contos. Desse modo, nas *Histórias sem data*, a crítica ao cientificismo aparecia tanto sob o formato de questionamento a respeito da formação da família científica, sob o molde de senhoras orientadas por seus senhores, quanto com a apresentação direta de questões em torno do amor científico e da diferenciação sexual. Para isso, no entanto, nosso literato esforçou-se ao máximo, com a construção de suas personagens femininas e diálogos, para deixar claro como, embora a estrutura do discurso científico parecesse muito bem organizada, algumas mulheres de seu tempo poderiam contestar ou simplesmente buscar interesses próprios por dentro daquele ideário. Se a participação de Machado em periódicos e a publicação de seus livros tinham como um dos seus significados contribuir para a formação de suas leitoras, isso foi feito de modo bem diverso daquele proposto por homens de ciência e tantos outros seus contemporâneos.

10.2 – Ciência e literatura no “calor da hora”

Para a construção dos *Papéis avulsos* e das *Histórias sem data*, como venho repetindo ao longo de toda esta tese, Machado de Assis preparou dois projetos, nos quais havia bastante destaque para a discussão de questões acerca das idéias científicas que aportaram no Brasil do

¹¹⁰ Enquanto, ao longo do século XIX, cresciam os trabalhos de médicos e criavam-se especialidades voltadas para as doenças femininas, não havia o mesmo empenho em estudar o corpo dos homens. Ver ROHDEN, F. “Ginecologia, gênero e sexualidade na ciência do século XIX”. In: *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, nº 17, junho de 2002, pp. 101 a 125. Aqueles médicos preocupavam-se em entender o funcionamento do corpo masculino para tentar entender a sífilis. Ver CARRARA, S. *Tributo à Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

século XIX. Com relação à primeira dessas coletâneas, seu próprio autor afirmou a existência de certa unidade entre cada um de seus escritos, embora, com exceção de “A sereníssima República”, todos os outros tivessem mais de um sentido. A tentativa de entender qual seria o ponto de coesão de tal coletânea motivou John Gledson a oferecer uma resposta viável. De acordo com um de seus artigos, o assunto de Machado em seus *Papéis avulsos* seria a questão da identidade nacional, “abordada através de uma identidade *pessoal* que é, mais do que uma vez, o tema ostensivo dos contos”¹¹¹ (itálico no original). No entanto, sua análise abrange apenas “O espelho” e “Verba testamentária”. Sobre esses contos, seu trabalho é bastante convincente, embora não possamos nos esquecer de que o livro é formado por mais dez histórias além dessas duas, sendo que apenas uma delas Machado afirmou não ter escrito para compô-lo¹¹². Os contos dessa coletânea começaram a ser escritos a partir das inquietações provocadas pelo Romantismo, que incomodavam seu autor. Ganhou novo fôlego com o debate acerca do romance de Eça de Queirós. A partir desse ponto, dava continuidade às discussões sobre forma literária, mas com o objetivo mais amplo de questionar também a leitura que seus contemporâneos faziam de alguns autores então na moda e a transposição daquele formato para suas obras. É provável que, enquanto escrevia para o espaço de folhetim do *Cruzeiro*, Machado tenha começado a burilar a composição de uma nova coletânea de contos, a partir da reescrita de uma das histórias do *Jornal das Famílias*, rearranjada para a *Gazeta de Notícias*, daquela que não havia sido previamente pensada para o livro (“A chinela turca”) e de outras publicadas em seguida. A realização desse exercício não o impediu de pensar e colocar debaixo de sua pena diversas questões, como aquelas sobre identidade nacional, conforme mostrou John Gledson, e outras discutidas nesta tese. No entanto, o ponto que servia de união para todos aqueles contos era o questionamento de algumas políticas públicas, orientadas pela falsa neutralidade de discursos de cientistas correntes em sua época, bem como a adesão de outros homens de letras a essa forma, em suas obras literárias.

O exercício de Machado de Assis teve continuidade, quando começou a compor as *Histórias sem data*, conforme venho mostrando, com relação às personagens femininas e suas

¹¹¹ GLEDSON, J. “A história do Brasil em *Papéis avulsos*, de Machado de Assis”. In: *Por um novo Machado de Assis*. Op. Cit. P. 73.

¹¹² Em trabalho mais recente e, ao lado da pesquisadora Lúcia Granja, os autores da introdução da série de crônicas *Notas semanais* afirmou que a unidade dos contos de *Papéis avulsos*, embora seja uma realidade, é frágil. GLEDSON, J. & GRANJA, L. “Introdução”. In: ASSIS, M. *Notas semanais*. Op. Cit. P. 18.

estratégias para driblar certas regras de conduta e comportamento prescritas por seus senhores. As aproximações entre essas duas coletâneas atingiram outros níveis, a partir do mesmo ponto de referência: as discussões científicas. Sergio Paulo Rouanet, em artigo sobre “O alienista”, levantou a hipótese de que a sátira mais ampla a respeito da ciência presente nesse conto tenha tomado forma mais concreta em outros de datação aproximada, como em “O lapso” e em “Conto alexandrino”¹¹³. Esses dois contos fazem parte da quarta coletânea de Machado. “O lapso” abre as discussões científicas desse livro, com um médico que apresentava vários pontos em comum com seus predecessores presentes nos *Papéis avulsos*. Jeremias Halma havia sido buscado na Holanda, exatamente a mesma nacionalidade do médico de “Verba testamentária”. Sua sapiência não perdia para aquela do Dr. Bacamarte, e era ainda acrescida de grande modéstia. Vejamos, no entanto, qual o caso clínico que o médico das *Histórias sem data* tinha em mãos, quando chegou ao Rio de Janeiro, no ano de 1768, e foi morar perto de Thomé Gonçalves. Embora esse seu vizinho fosse bastante rico, poderia ser considerado como um dos maiores caloteiros do lugar. Ou por descuido, ou por velhacaria, as dívidas dele acumulavam-se, e ninguém conseguia explicar o porquê daquele homem tão honrado não pagar seus credores. O narrador do conto pretendia contar esse curioso fenômeno, cuja causa fora descoberta por Jeremias.

Thomé Gonçalves havia acumulado dívidas com um cabeleireiro e também com um alfaiate, de modo que ambos decidiram encontrar algum modo de obter seus pagamentos. Enquanto aqueles credores tramavam, no entanto, foram obstados pelo Dr. Jeremias, com seu sotaque de estrangeiro, que demonstrava alguma indignação, pois, falavam de um homem doente. Doença bastante singular já que o devedor, ao invés de estar em casa acamado, acompanhava uma procissão na rua. O diálogo produzido por Machado para esses três personagens é bastante revelador e retoma, de modo claro, as preocupações dele apresentadas na coletânea de 1882:

(...) Voltaram-se, e dando com o Dr. Jeremias, desbarretaram-se os dois credores, tomados de profunda veneração; em seguida disseram que tanto não era doente o devedor, que lá ia andando na procissão, muito teso, pegando uma das varas do palio.

¹¹³ ROUANET, S. P. “Machado de Assis e o mundo às avessas”. In: *Machado de Assis: cinco contos comentados*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. Pp. 78-81.

- Que tem isso? Interrompeu o médico; ninguém lhes disse que está doente dos braços, nem das pernas...

- Do coração? Do estômago?

- Nem coração, nem estômago, respondeu o Dr. Jeremias. E continuou, com muita doçura, que se tratava de negócios altamente especulativos, que não podia dizer ali, na rua, nem sabia mesmo se eles chegariam a entendê-lo. Se eu tiver de pentear uma cabeleira ou talhar um calção – acrescentou para os não afligir -, é provável que não alcance as regras dos seus ofícios tão úteis, tão necessários ao Estado... Eh! Eh! Eh!¹¹⁴

A estrutura do diálogo reproduzido e as razões apresentadas pelo Dr. Jeremias para não explicar o seu diagnóstico eram idênticas àquelas usadas pelos homens de ciência, preparados para os *Papéis avulsos* e discutidos na primeira parte desta tese, como os leitores ainda devem recordar-se. Esse trecho, depois de termos passado pelas estratégias usadas pelas personagens femininas para driblar as amarras reproduzidas por seus senhores, a partir da argumentação científica, evidencia certa coesão entre as justificativas usadas por alguns cientistas para omitir explicações e também como médicos e “mulheres astutas” ocupavam o mesmo espaço. Além disso, ainda mostra como a argumentação preparada para os *Papéis avulsos* continuou a ser desenvolvida na outra coletânea e em mais de uma direção. Na conclusão da fala de Jeremias, vemos que o personagem ria “amigavelmente”, depois cortejava e saía. Certamente o médico não estava rindo com os outros personagens, ao contrário, ria deles e daqueles que aceitavam as normas científicas, o que tornava a mensagem de Machado ainda mais forte.

Depois de muito discutirem qual seria a melhor decisão a tomar, os credores de Thomé Gonçalves resolveram dar um voto de confiança ao médico. Antes disso, no entanto, o narrador do conto comentava sobre o “conciliábulo”, termo escolhido para reforçar o caráter dogmático daquilo que os credores iriam discutir. Para explicar o evento e as caras dos participantes, Machado referiu-se à teoria de Charles Lamb, embora recordasse o fato de o conciliábulo anteceder à publicação do livro desse autor¹¹⁵. No final, venceu a defesa do

¹¹⁴ *Histórias sem data*. Pp. 20-21.

¹¹⁵ Citação do livro de Charles Lamb havia aparecido, no prefácio da primeira edição, das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, no entanto, Machado retirou aquela referência, quando a segunda edição foi publicada. De acordo com o trabalho de Rouanet, isso provavelmente aconteceu, porque, quando Machado escreveu o primeiro prefácio daquela obra, estava sobre a impressão da leitura recente do livro de Lamb, que deve ter chamado a sua atenção, por causa do humor do escritor inglês. Enquanto o desaparecimento da citação nas outras edições talvez

Mata-sapateiro que pedia aos seus companheiros para se lembrarem da nacionalidade do doutor. Isso porque pensavam que “nas terras estrangeiras sabem cousas que nunca lembraram ao diabo”. Depois de comemorarem a decisão, os nomeados (o alfaiate, o cabeleireiro e o sapateiro) foram ao encontro do doutor, que trabalhava em mais uma experiência, mas não deixou de recebê-los, porque acreditava que a humanidade antecedia à ciência. Machado fazia questão de inserir, nesse conto, tal qual havia feito em “O alienista” frases de efeito, quando se tratava de definir a ciência. O Dr. Jeremias lhes explicou, então, que Thomé Gonçalves possuía um lapso de memória, o qual provocava o esquecimento do significado da palavra “pagar” e de suas correlatas. Para alegria dos credores, o médico informava a todos ser possuidor da droga curativa e que, inclusive, já havia tratado de outros casos parecidos. Com o início do tratamento, Jeremias passou a freqüentar de forma mais assídua a casa de seu paciente; em seguida, incutiu a idéia de que Thomé estava abatido e por isso precisava usar certa droga, e, para finalizar, acompanhou-o para assistir a compra e venda de mercadorias e o ato de pagar. O médico repetiu essa mesma ação com cada um daqueles a quem Thomé devia algum dinheiro. O resultado foi surpreendente, os credores louvavam o nome do médico e as mulheres imaginavam que tudo não passava de feitiçaria. O único que ficou sem receber seus honorários foi o próprio médico, porque não tinha coragem de aplicar o método outrora usado, quando ele mesmo era o credor. Por causa disso, o grande homem morreu na miséria.

Simão Bacamarte e Jeremias Halma possuíam assim vários pontos coincidentes. Primeiro os dois personagens são caracterizados de modos parecidos. Machado ainda mostra, em ambos os contos (“O alienista” e “O lapso”), o papel da ciência e das idéias estrangeiras no Brasil. Finalmente, um e outro servem para evidenciar a estrutura e organização de diagnósticos absurdos e a transposição para o campo literário. Nosso literato investia em

se devesse ao reconhecimento do próprio Machado de que “não bastava o humor para enquadrar um autor na forma shandiana”. Conferir a esse respeito, ROUANET, S. P. *Riso e melancolia: a forma shandiana em Sterne, Diderot, Xavier de Maistre, Almeida Garret e Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Pp. 31-32. O uso do livro de Charles Lamb em duas obras escritas num período tão aproximado talvez seja indício também do quanto aquele autor havia interessado Machado de Assis, em especial, naquele momento de escrita tão intensa e dedicação ao tema do cientificismo, misturado a certa dose de ironia e humor. No conto, aparece o seguinte: “Com efeito, o ar abatido ou aflito daqueles homens, o desespero de alguns, a preocupação de todos, estavam de antemão provando que a teoria do fino ensaísta é verdadeira, e que das duas grandes raças humanas, - a dos homens que emprestam, e a dos que pedem emprestado, - a primeira contrasta pela tristeza do gesto com as maneiras rasgadas e francas da segunda (...)”. Machado possuía a edição de 1880, dos *Essais choisis de (...)*. Traduits de l’anglais précédée d’une étude sur l’humour et d’une notice littéraire sur Charles Lamb par Louis Depret. Paris, Charpentier, 1880. (Garnier). JOBIN, J. L. *A biblioteca de Machado de Assis*. Op. Cit. P. 65.

personagens cientistas com uma plasticidade aguçada e que aproveitavam para, do alto de sua sabedoria, rir daqueles que imaginavam não ter conhecimentos suficientes para acompanhar o desenvolvimento de suas idéias.

Esse mesmo raciocínio, além de aparecer nos dois contos até aqui analisados, foi levado também para “Conto alexandrino”, em que, conforme mostrou Rouanet, Machado aproveitava-se da mesma divisão em capítulos proposta para “O alienista”¹¹⁶. A experiência dos dois cientistas desse outro conto das *Histórias sem data*, Stroibus e Pythias, tinha o objetivo de “reconstituir os homens e os Estados, distribuindo os talentos e as virtudes”. Desse modo, independente do grau de arbitrariedade embutido nas idéias desses personagens, havia o destaque para o fato de que todos eles pensavam indistintamente em contribuir para o aprimoramento do Estado. No primeiro capítulo de “Conto alexandrino”, Pythias, logo de cara, afirma para Stroibus a possibilidade de transformar um homem num ladrão, desde que o desse de beber o sangue de um rato escalpelado. Pythias explicava, então, que a constituição do ratoneiro está no sangue do rato, da paciência no do boi, do arrojo no da águia e da sabedoria no da aranha. Esse filósofo retomava e justificava “cientificamente” o porquê de Machado ter escolhido a aranha para desenvolver “A sereníssima República”. Esse bichinho mais uma vez aparecia como portador dos “rudimentos da geometria e o sentimento musical”. Vejamos como esses dois novos personagens cientistas foram descritos. Ambos eram “amigos, viúvos e quinquagenários”. Conheciam física, química, medicina, música, Stroibus fora excelente anatomista, mas a preferência deles era mesmo a metafísica, a mesma matéria aconselhada a Janjão por seu pai, em “Teoria do Medalhão”, afirmando ser essa “mais fácil e mais atraente”¹¹⁷. Eram de Chipre, mas pretendiam divulgar o conhecimento deles em Alexandria, porque “ninguém é profeta em sua terra”. Isso nos ajuda a entender o motivo que levou outros “cientistas” dos contos dessas duas coletâneas a desenvolver suas experiências no Brasil.

Assim que os moradores daquela nova terra souberam da chegada dos dois filósofos mandaram presentes, que foram recusados, por causa da mesma modéstia e apego à ciência sem considerar qualquer retorno, encontrada em seus pares. Os filósofos locais por sua vez esperavam e preferiam continuar incrédulos diante da possibilidade do lançamento de alguma

¹¹⁶ ROUANET, S. P. “Machado de Assis e o mundo às avessas”. Op. Cit. Pp. 80-81.

¹¹⁷ *Papéis avulsos*. P. 104.

idéia que poderia superar todas as outras, mas, em especial, a deles. Depois de instalados, Pythias e Stroibus acordaram em comprovar a nova doutrina para desespero dos ratos egípcios. O narrador de Machado de Assis deu início, a partir desse momento, à descrição pormenorizada dos sofrimentos aos quais os ratos foram submetidos em prol da ciência. Quando os sofrimentos passados pelos ratos começaram a comover a população, Stroibus respondeu com a entonação necessária para convencê-los de que “a verdade valia todos os ratos do universo”. Além disso, ainda faziam um bem à limpeza da cidade, porque ajudavam a conter um “animal tão daninho”. Mal sabiam aqueles dois que essa mesma justificativa mais tarde seria usada contra eles próprios.

A comprovação da doutrina demorou, mas acabou acontecendo e de forma considerada pelo narrador como a mais científica possível. Pythias começou afirmando que algumas idéias de Stroibus eram suas e vice-versa. Aliás, essa prática parecia ser corrente em outras partes, como por exemplo, no ambiente preparado para o diálogo de “O anel de Polícrates”. Depois das idéias, passaram para os objetos e acabaram furtando algumas obras da biblioteca de Ptolomeu. Por isso planejaram retornar para Chipre. No entanto, acabaram sendo presos e foram parar nas mãos de Herophilo, inventor da anatomia, segundo o conto. A partir desse momento, tem início o último capítulo da narrativa, intitulado “Plus Ultra”, o mesmo usado para encerrar “O alienista”¹¹⁸. Em “Conto alexandrino”, Herophilo aproveitou-se das idéias lançadas por Pythias e Stroibus, quando os dois justificaram o escalpelo dos ratos, e relançou-as direcionadas aos humanos. Desse modo, no momento em que Ptolomeu tentou impedi-lo, ouviu o seguinte:

Vou demonstrar que não só é possível, mas até legítimo e necessário. As prisões egípcias estão cheias de criminosos, e os criminosos ocupam, na escala humana, um grau muito inferior. Já não são cidadãos, nem mesmo se pode dizer homens, porque a razão e a virtude, que são os dois principais característicos humanos, eles os perderam, infringindo a lei e a moral. Além disso, uma vez que têm de expiar com a morte os seus crimes, não é justo que prestem algum

¹¹⁸ Segundo Rouanet, no “Conto alexandrino” a expressão é utilizada para mostrar como a obsessão de estripar seres vivos é lavada até as últimas conseqüências, com a experiência realizada em homens (nos próprios filósofos). Por sua vez, em “O alienista”, a segunda teoria de Simão Bacamarte também foi levada ao seu limite, com a internação do próprio alienista. ROUANET, P. S. “Machado de Assis e o mundo às avessas”. Op. Cit. P. 81.

serviço à verdade e à ciência? A verdade é imortal; ela vale não só todos os ratos, como todos os delinqüentes do universo¹¹⁹.

Machado de Assis usava os mesmos recursos empregados nos *Papéis avulsos* para construir os personagens cientistas das *Histórias sem data*. Os pontos coincidentes entre os dois projetos de escrita dessas coletâneas podem então ser percebidos por meio de várias entradas. Essa insistência talvez esteja vinculada ao receio de Machado, provocado pelo avanço das idéias científicas ainda no seu século. Em especial quando se tratava de classificar pessoas em escalas de desenvolvimento e, com a falsa constatação, tal qual apareceu em “Conto alexandrino”, de que existiam algumas que estavam num “grau muito inferior”, e que isso justificava a eliminação delas.

¹¹⁹ *Histórias sem data*. P. 125.

Fontes

1 – Periódicos:

Besouro, O. Folha illustrada, humorística e satyrica (1878-1879)

Conferências Populares (1876)

Correio Mercantil (1859)

Cruzeiro, O (1878)

Epocha, A. (1875)

Espelho, O. (1859)

Estação, A. Jornal illustrado para a família (1879-1904)

Gazeta Litteraria (1883-1884)

Gazeta da Tarde (1880)

Gazeta de Notícias (1875-1884)

Globo, O. (1874-1883)

Illustração Brasileira (1876-1878)

Jornal das Famílias (1863-1878)

Jornal do Commercio (1875-1884)

Mãe de Família, A. Jornal scientifico, litterário e illustrado. (1879-1884)

Revista Brasileira (1879-1881)

Revista Illustrada (1879)

Sexo feminino, O. Semanário dedicado aos interesses das mulheres (1873)

2 – Obras literárias:

2.1 – Machado de Assis

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Tipografia e litografia a vapor.

Encadernação e livraria Lombaerts & C., 1882.

_____. *Histórias sem data*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier – Livreiro-Editor, 1884.

- ASSIS, Machado de & NABUCO, Joaquim. *Machado de Assis e Joaquim Nabuco – correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. V. 3.
- _____. *Contos completos de Machado de Assis*. Organização e notas de Djalma Cavalcanti. Juiz de Fora, MG: Editora da UFJF, 2003. V. 1, 2 tomos.
- _____. *Páginas recolhidas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.
- _____. *A Semana – Crônicas (1892-1893)*. Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Editora HUCITEC, 1996.
- _____. *Comentários da Semana*. Organização, introdução e notas de Lúcia Granja e Jefferson Cano. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.
- _____. *Bons dias!* Introdução e notas de John Gledson. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.
- _____. *Notas semanais*. Organização, introdução e notas de John Gledson e Lúcia Granja. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.
- Exposição Machado de Assis. Centenário do nascimento de Machado de Assis – 1839-1939. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde.

2.2 – Outros autores

- ALENCAR, José de. *Perfis de mulheres – Diva, Luciola, Senhora*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2005.
- _____. *O sistema representativo*. Brasília: Senado Federal, 1996.
- ALENCAR, José de & NABUCO, Joaquim. *A polêmica Alencar-Nabuco*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965.
- AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- BALZAC, Honoré. *Ilusões Perdidas*. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.
- BARRETO, Lima. *Toda a crônica*. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- DIDEROT, Denis. “Suplemento a viagem de Bougainville”. In: GUINSBURG, J. (org.) *Obras II – Estética, poética e contos*. Editora São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

- DUMAS FILHO, Alexandre. *A dama das Camélias*. São Paulo: Nova Alexandria, 2008.
- NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- _____. *Cartas a amigos*. In: *Obras completas de Joaquim Nabuco*. XIII. Coligidas e anotadas por Carolina Nabuco. São Paulo: Instituto Progresso Editorial S. A. V. 1.
- FEYDEAU, Ernesto. *Fanny*. Lisboa: Livraria Editora: parceira Antônio Maria Pereira, 1929.
- PRÉVOST. *A história do cavaleiro Des Grieux e de Manon Lescaut*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967.
- SAINT-PIERRE, Bernardin. *Paulo e Virgínia*. São Paulo: Ícone, 1986.
- SHAKESPEARE. *Otelo*. Porto: Livraria Lello e irmãos – editores.
- SOARES de SOUZA, Francisco Belizário. *O sistema eleitoral no império*. Brasília: Senado Federal, 1979.
- STENDHAL. *Do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

3 – Biografias, dicionários e enciclopédias

- COUTINHO, Afrânio. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação da Biblioteca Nacional: Academia Brasileira de Letras, 2001. 2 V.
- JOBIM, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo de. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 4 v.
- MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis (1839-1870). Ensaio de biografia intelectual*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. São Paulo: Ed. Saraiva, 1969.
- SILVA, Antônio de Moraes. *Diccionario da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Fluminense, 1922 (edição em fac-símile), 1813 (edição original).
- SOUSA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1955.

4 – Sites consultados

<http://www.arqnet.pt/dicionario/seabrafamilia.html> consultado em 15 de dezembro de 2008.

<http://www.spectrumgothic.com.br/ocultimo/personagens/cipriano.html> Consultado em 9 de outubro de 2008.

<http://www.bibliaonline.com.br/> Consultado em 10 de março de 2009.

Bibliografia

- ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.
- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. “Da comédia humana ou no teatro de Itaguaí”. In: *Machado de Assis: uma revisão*. Rio de Janeiro: In-fólio, 1998.
- ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- _____. *Joaquim Nabuco: Os salões e as ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- AZEVEDO, Silvia Maria. *A trajetória de Machado de Assis: do Jornal das Famílias aos contos e histórias em livros*. Tese de Doutorado em Teoria Literária: USP, 1990.
- BARBIERI, Ivo. “O enigma Marocas”. In: *Cinco contos comentados de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.
- BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio: imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.
- BERRINI, Beatriz & AZEVEDO, Sílvia Maria. “A polêmica da Recepção de Eça de Queiroz no Brasil – Considerações em Torno da Acolhida feita por Machado de Assis e Outros”. In: MARIANO, Ana Salles. & OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte de. *Recortes machadianos*. São Paulo, Edusp, 2008. 2ª edição.
- BESSONE, Tânia Maria. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.
- BIGNOTTO, Newton. *Maquiavel*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 4ª edição.
- CALDWELL, Helen. *O Otelo Brasileiro de Machado de Assis: um estudo de Dom Casmurro*. Cotia, SP: Ateliê editorial, 2008. 2ª edição.
- CALVINO, Ítalo. “Introdução”. In: *Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano*. Organização de Ítalo Calvino. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CAMARGO, Katia Aily Franco de. *A revue des deux mondes: intermediária entre dois mundos*. Natal, RN: Editora da EDUFRRN, 2007.

- CANO, Jefferson. “Justiniano José da Rocha, cronista do desengano”. In: CHALHOUB et all. (org.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.
- CARRARA, Sérgio. “A geopolítica simbólica da sífilis: um ensaio de antropologia história”. In: *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro. V. 3, pp. 391-408, nov. 1996-fev. 1997.
- _____. *Tributo à Venus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.
- CARULA, Karoline. *As Conferências Populares da Glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880)*. Dissertação de Mestrado em História: Unicamp, 2007.
- CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 3ª edição.
- _____. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CARVALHO, José Murilo de. (org.). *Nação e cidadania no império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2007.
- CASASANTA, Mario. *Machado de Assis e o tédio à controvérsia*. Os amigos do livro: Belo Horizonte, 1934.
- CATZ, Rebecca. *A sátira social de Fernão Mendes Pinto*. Lisboa, Portugal: Prelo, 1978.
- CAVALLINI, Marco Cícero. *O Diário de Machado: a política do Segundo Reinado sob a pena de um jovem cronista liberal*. Dissertação de mestrado em História: Unicamp, 1999.
- _____. *Letras políticas: a crítica do segundo reinado na ficção de Machado de Assis*. Tese de doutorado em História: Unicamp, 2005.
- CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. “A arte de alinhar histórias: a série ‘A + B’ de Machado de Assis”. In: CHALHOUB et all. (org.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

- CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo (org.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- COELHO, Edmundo Campos. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro. 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- COLLICHIO, Terezinha Alves Ferreira. *Miranda Azevedo e o darwinismo no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- COSTA, Jurandi Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 2004. 5ª edição.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. “De historiadoras, brasileiras e escandinavas: loucuras, folias e relações de gênero no Brasil (séculos XIX e início do XX)”. In: *Tempo*. Rio de Janeiro. V. 3. Nº 5. 1998.
- DANTES, Maria Amélia M. “Os positivistas brasileiros e as ciências no final do século XIX”. In: HAMBURGER, Amélia Império, Et al. (orgs.). *A ciência nas relações Brasil-França. (1850-1950)*. São Paulo: Edusp, 1996.
- DARNTON, Robert. “História da leitura”. In: BURKER, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.
- DIXON, Paul. *Os contos de Machado de Assis: mais do que sonha a filosofia*. Porto Alegre, RS: Movimento, 1992.
- DOMINGUES, H. M. B & SÁ, M. R. “Controvérsias evolucionistas no Brasil do século XIX”. In: DOMINGUES, H. M. B. (org.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.
- ENGEL, Magali Golveia. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.
- _____. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 2004.
- _____. “A loucura, o hospício e a psiquiatria em Lima Barreto: críticas e cumplicidades”. In: CHALHOUB, Sidney et al. *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- FARIA, João Roberto. “Singular ocorrência teatral”. In: *Revista USP*. São Paulo, 1991. Nº 10. pp. 161-166.

- FERREIRA, Ligia Fonseca. “Luiz Gama: um abolicionista leitor de Renan”. In: *Estudos Avançados*. São Paulo, 21 (60), 2007.
- FRANCHETTI, Paulo. *Estudos de literatura brasileira e portuguesa*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.
- FREIRE, Maria Martha de Luna. “‘Ser mãe é uma ciência’: mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920”. In: *História, Ciência, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro*. V. 15, suplemento, pp. 153-171, junho de 2008.
- GARZONI, Lericce de Castro. *Vagabundas e conhecidas – novos olhares sobre a polícia republicana (Rio de Janeiro, início século XX)*. Dissertação de Mestrado em História: Unicamp, 2007.
- GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis – ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. “1872: ‘A parasita azul’ – ficção, nacionalismo e parodia”. In: *Cadernos de Literatura Brasileira*. Instituto Moreira Salles. Números 23 e 24 – julho de 2008.
- _____. “Introdução”. In: *A Semana*. São Paulo: Hucitec, 1990.
- _____. *Machado de Assis: impostura e realismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- GLEDSON, John & GRANJA, Lúcia. “Introdução”. In: ASSIS, Machado de. *Notas semanais*. Organização, introdução e notas de John Gledson e Lúcia Granja. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.
- GRAHAM, Richard. *Clientelismo e política no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Caetana diz não: Histórias de mulheres da sociedade escravista brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. “Romero, Araripe, Veríssimo e a recepção crítica do romance machadiano”. In: *Estudos Avançados*. 18 (51), 2004.
- _____. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Edusp, 2004.
- HAHNER, June Edith. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003.
- HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios – 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

- LAJOLO, Marisa. “Eça de Queirós e suas leitoras mal comportadas”. In: *150 anos com Eça de Queirós*. São Paulo: Centro de estudos portugueses, 1997.
- LIMA, Ivana Stolze. *Cores, marcas e falas: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.
- LISBOA, Maria Manuel. *Machado de Assis and feminism: re-reading the heart of the companion*. Lampeter: Edwin Mellen Press, 1997.
- LUSTOSA, Isabel. *Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na independência – 1821-1823*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo de. “Introdução”. In: *Contos fantásticos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Bloch, 1973.
- MARETTI, Maria Lídia. “Isto Acaba! (uma leitura do conto ‘D. Benedita’, de Machado de Assis)”. *Remate de Males*. Campinas (14): 111-128, 1994.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino: a medicina da mulher no século XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.
- MARTINS, Milena Ribeiro. *Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos*. Tese de doutorado em Teoria Literária: Unicamp, 2003.
- MATTOS, Ilmar. *O tempo saquarema: a formação do estado imperial*. São Paulo: Hucitec, 1990.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MURASSE, Celina Midori. *A educação para a ordem e o progresso do Brasil: o Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro (1856-1888)*. Tese de Doutorado em Educação: Unicamp, 2001.
- MURICY, Kátia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- NASCIMENTO, José Leonardo do. *O Primo Basílio na Imprensa Brasileira do século XIX: Estética e História*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.
- NAZZARI, Muriel. *O desaparecimento do dote: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PASSOS, José Luiz. *Machado de Assis: O romance com pessoas*. São Paulo: Edusp, Nankin Editorial, 2007.

- PEREIRA, Cilene Margarete. *Jogos e cenas do casamento: construção e elaboração das personagens e do narrador machadianos em Contos Fluminenses e Histórias da Meia Noite*. Tese de doutorado em Teoria Literária: Unicamp, 2008.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2004.
- PINHEIRO, Alexandra Santos. *Para além da amenidade: O Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção*. Tese de Doutorado em Teoria Literária: Unicamp, 2007.
- POPINIGIS, Fabiane. *Trabalhadores e patuscos: os caixeiros e o movimento pelo fechamento das portas no Rio de Janeiro (1850-1912)*. Dissertação de Mestrado em História: Unicamp, 1998.
- PORTO, Ana Gomes. *Novelas sangrentas: Literatura de crime no Brasil (1870-1920)*. Tese de doutorado em História: Unicamp, 2009.
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e código da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. 2ª edição.
- RAMOS, Ana Flávia Cernic. *Política e Humor nos últimos anos da monarquia: a série “Balas de Estalo” (1883-1884)*. Dissertação de Mestrado em História: Unicamp, 2005.
- RIBEIRO, Luis Filipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 2ª edição.
- ROHDEN, Fabíola. “O império dos hormônios e a construção das diferenças entre os sexos”. In: *História, Ciência, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro*. V. 15, suplemento, pp. 133-152, junho de 2008.
- _____. “A construção da diferença sexual na medicina”. In: *Cadernos de saúde pública*. Rio de Janeiro, v. 19, nº 2, 2003. Pp. 201-212.
- _____. “Ginecologia, gênero e sexualidade na ciência do século XIX”. In: *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, ano 8, n. 17, pp. 101-125, junho de 2002.
- ROUANET, Sergio Paulo. *Riso e melancolia: a forma shandiana em Sterne, Diderot, Xavier de Maistre, Almeida Garret e Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. “Machado de Assis e o mundo às avessas”. In: *Cinco contos comentados de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- _____. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SALES, Germana Maria Araújo. *Palavra e sedução – uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881)*. Tese de Doutorado em Teoria Literária: Unicamp, 2003.
- SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.
- SANTIAGO, Silvana. *Tal Conceição, Conceição de Tal: Classe, gênero e cotidiano de mulheres pobres no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas*. Dissertação de Mestrado em História: Unicamp, 2006.
- SCHETTINI, Cristiana. *Que tenhas teu corpo: Uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. *As barbas do imperador – D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. “Introdução”. In: ROQUETE, J. I. *Código do bom-tom*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo – Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- SILVA, Ana Cláudia Suriani da. *Linha reta e linha curva: Edição crítica e genética de um conto de Machado de Assis*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- _____. *Quincas Borba: Folhetim e livro*. Tese de doutorado: Universidade de Oxford, 2007.
- SILVA, Sílvia Cristina Martins de Souza e. *Idéias encenadas: uma interpretação de “O demônio familiar”, de José de Alencar*. Dissertação de Mestrado em História: Unicamp, 1996.
- SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Contos de Machado de Assis: leituras e leitores do Jornal das Famílias*. Dissertação de Mestrado em História: Unicamp, 2005.
- SLENES, Robert. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava – Brasil Sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

- SOARES, Luiz Carlos. *Rameiras, ilhoas e polacas: a prostituição no Rio de Janeiro do século XIX*. São Paulo: Ática, 1992.
- SOUZA, Sílvia Cristina Martins de. *As noites do Ginásio: teatro e tensões culturais na corte (1832-1868)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.
- STEIN, Ingrid. *Figuras femininas em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- STEPAN, Nancy Leys. *“A hora da eugenia”: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.
- TEIXEIRA, Ivan. “Irônica invenção do mundo: uma leitura de ‘O alienista’”. In: GUINDIN, Márcia Lígia; GRANJA, Lúcia & RICIÉRI, Francine Weiss. *Machado de Assis: ensaios da crítica contemporânea*. São Paulo: Editora da Unesp, 2008.
- THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. V. 1.
- VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: História cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- XAVIER, Therezinha Mucci. *A personagem feminina no romance de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

Anexo 1

Contos publicados por Machado de Assis entre 1875 e 1884

Título do conto na coletânea	Título do conto no periódico	Periódico	Data de publicação	Dia da semana	Página e seção de publicação	Assinatura no periódico	Coletânea
	Miloca	Jornal das Famílias	11/1874 a 02/1875		Romances e novelas	J.J.	
	Valério	Jornal das Famílias	12/1874 a 03/1875		Romances e novelas	Job	
	Quem boa cama faz	Jornal das Famílias	04 a 06/1875		Romances e novelas	O.O.	
	Brincar com fogo	Jornal das Famílias	07 e 08/1875		Romances e novelas	Lara	
	Antes que cases	Jornal das Famílias	07 a 09/1875		Romances e novelas	B.B.	
	A mágoa do infeliz Cosme	Jornal das Famílias	08 e 09/1875		Romances e novelas	Job	
	A última receita	Jornal das Famílias	09/1875		Romances e novelas	J.J.	
	Um esqueleto	Jornal das Famílias	10 e 11/1875		Romances e novelas	Victor de Paula	
	Onze anos depois	Jornal das Famílias	10 e 11/1875		Romances e novelas	Machado de Assis	
A chinela turca	A chinela turca	A Epocha	14/11/1875 n°1, ano 1	domingo	Pp. 3-6	Manasses	<i>Papéis avulsos</i>
	O sainete	A Epocha	01/12/1875 n° 3, ano 1	quarta-feira	Pp. 3-6	Manasses	
	Casa, não casa	Jornal das Famílias	12/1875 e 01/1876		Romances e novelas	Machado de Assis	

	História de uma fita azul	Jornal das Famílias	12/1875 a 02/1876		Romances e novelas	Machado de Assis	
	To be or not to be	Jornal das Famílias	02 e 03/1876		Romances e novelas	Machado de Assis	
	Longe dos olhos	Jornal das Famílias	03 a 05/1876		Romances e novelas	Machado de Assis	
	Encher tempo	Jornal das Famílias	04 a 07/1876		Romances e novelas	Machado de Assis	
	O passado, passado	Jornal das Famílias	06 a 08/1876		Romances e novelas	Lara	
	D. Mônica	Jornal das Famílias	08 a 10/1876		Romances e novelas	Lara	
Uma visita de Alcibiades	Uma visita de Alcibiades	Jornal das Famílias	10/1876		Romances e novelas	Victor de Paula	<i>Papéis avulsos</i>
	O astrólogo	Jornal das Famílias	11 e 12/1876 a 01/1877		Romances e novelas	Machado de Assis	
	Sem olhos	Jornal das Famílias	12/1876 a 02/1877		Romances e novelas	Machado de Assis	
	Um almoço	Jornal das Famílias	03 a 05/1877		Romances e novelas	Machado de Assis	
	Silvestre	Jornal das Famílias	06 a 08/1877		Romances e novelas	Victor de Paula	
	A melhor das noivas	Jornal das Famílias	09 e 10/1877		Romances e novelas	Victor de Paula	
	Um ambicioso	Jornal das Famílias	11 e 12/1877 a 01/1877		Romances e novelas	Machado de Assis	
	O machete	Jornal das Famílias	02 e 03/1878		Romances e novelas	Lara	
	O bote de rapé	O cruzeiro	26/03/1878		Folhetim do Cruzeiro	Machado de Assis	
	A sonâmbula	O cruzeiro	26/03/1878	terça-feira	Folhetim do Cruzeiro	Machado de Assis	

	Um cão de lata ao rabo	O cruzeiro	02/04/1878	terça-feira	Folhetim do Cruzeiro	Machado de Assis	
	O califa de platina	O cruzeiro	09/04/1878	terça-feira	Folhetim do Cruzeiro	Machado de Assis	
	A herança	Jornal das Famílias	04 e 05/1878		Romances e novelas	Machado de Assis	
	Filosofia de um par de botas	O cruzeiro	23/04/1878	terça-feira	Folhetim do Cruzeiro	Eleazar	
	Antes da missa – conversa de duas damas	O cruzeiro	07/05/1878	terça-feira	Folhetim do Cruzeiro	Eleazar	
Na arca – três capítulos inéditos do gênesis	Na arca – três capítulos (inéditos) do gênesis	O cruzeiro	14/05/1878	terça-feira	Folhetim do Cruzeiro	Eleazar	<i>Papéis avulsos</i>
	O caso Ferrari	O cruzeiro	21/05/1878	terça-feira	Folhetim do Cruzeiro	Eleazar	
	Elogio da vaidade	O cruzeiro	28/05/1878	terça-feira	Folhetim do Cruzeiro	Eleazar	
	Conversão de um avaro	Jornal das Famílias	06 a 08/1878		Romances e novelas	Machado de Assis	
	Folha rota	Jornal das Famílias	10/1878		Romances e novelas	Machado de Assis	
	Dívida extinta	Jornal das Famílias	11 e 12/1878		Romances e novelas	Machado de Assis	
	Um para o outro	<i>A Estação</i>	30/07/1879 a 15/10/1879		Literatura	Machado de Assis	
	A chave	<i>A Estação</i>	1/18/1879 a 15/02/1880		Literatura	Machado de Assis	
	O caso da viúva	<i>A Estação</i>	15/01/1881 a 15/03/1881		Literatura	Machado de Assis	
	A mulher pálida	<i>A Estação</i>	15/08/1881 a		Literatura	Machado de Assis	

			30/09/1881				
O alienista	O alienista	<i>A Estação</i>	15/10/1881 a 15/03/1881		Literatura	Machado de Assis	<i>Papéis avulsos</i>
Teoria do Medalhão	Teoria do Medalhão	<i>Gazeta de Notícias</i>	18/12/1881	domingo	p. 1 - Folhetim	Machado de Assis	<i>Papéis avulsos</i>
Uma visita de Alcibiades	Uma visita de Alcibiades	<i>Gazeta de Notícias</i>	01/01/1882	domingo	p. 1 - Folhetim	Machado de Assis	<i>Papéis avulsos</i>
O segredo de Bonzo	Um capítulo Inédito de Fernão Mendes Pinto	<i>Gazeta de Notícias</i>	30/04/1882	domingo	p. 1 - Folhetim	Machado de Assis	<i>Papéis avulsos</i>
D. Benedita – um retrato	D. Benedita – um retrato	<i>A Estação</i>	15/04/1882 a 15/06/1882		Literatura	Machado de Assis	<i>Papéis avulsos</i>
O anel de Polícrates	O anel de Polícrates	<i>Gazeta de Notícias</i>	02/07/1882	domingo	p. 1 – Folhetim	Machado de Assis	<i>Papéis avulsos</i>
	O imortal	<i>A Estação</i>	15/07/1882 a 15/09/1882		Literatura	Machado de Assis	
O empréstimo	O empréstimo – anedota filosófica	<i>Gazeta de Notícias</i>	30/07/1882	domingo	p.1 - Folhetim	Machado de Assis	<i>Papéis avulsos</i>
A sereníssima República	A sereníssima república – conferência do cônego Vargas	<i>Gazeta de Notícias</i>	20/08/1882	domingo	p. 1 - Folhetim	Machado de Assis	<i>Papéis avulsos</i>
O espelho	O espelho – esboço de uma nova teoria da alma humana	<i>Gazeta de Notícias</i>	08/09/1882	sexta-feira	p. 1 - Folhetim	Machado de Assis	<i>Papéis avulsos</i>
Verba testamentária	Verba testamentária – caso patológico dedicado à	<i>Gazeta de Notícias</i>	08/10/1882	domingo	p. 1 - Folhetim	Machado de Assis	<i>Papéis avulsos</i>

	escola de medicina						
	Letra vencida	<i>A Estação</i>	31/10/1882 a 30/11/1882		Literatura	Machado de Assis	
	O programa	<i>A Estação</i>	31/12/1882 a 15/03/1883		Literatura	Machado de Assis	
A igreja do diabo	A igreja do diabo – história sem data	<i>Gazeta de Notícias</i>	17/02/1883	sábado	p. 1 – col. 6, 7, 8	Machado de Assis	<i>Histórias sem data</i>
Papéis velhos	Papéis velhos	<i>Gazeta de Notícias</i>	14/03/1883	quarta-feira	p. 1 – col. 6, 7, 8	Machado de Assis	<i>Páginas recolhidas</i>
	A idéia do Ezequiel Maia	<i>Gazeta de Notícias</i>	30/03/1883	sexta-feira	p. 1 – col. 7, 8 – p. 2 – col. 1, 2	Machado de Assis	
	História comum	<i>A Estação</i>	15/04/1883		Literatura	Machado de Assis	
O lapso	O lapso	<i>Gazeta de Notícias</i>	17/04/1883	terça-feira	p. 1 – col. 7, 8 – p. 2 – col. 1, 2	Machado de Assis	<i>Histórias sem data</i>
	O destinado	<i>A Estação</i>	30/04/1883		Literatura	Machado de Assis	
Conto alexandrino	Conto alexandrino	<i>Gazeta de Notícias</i>	13/05/1883	domingo	p. 1 – col. 7, 8 – p. 2 – col. 1, 2	Machado de Assis	<i>Histórias sem data</i>
Cantiga de esponsais	Cantiga de esponsais	<i>A Estação</i>	15/05/1883		Literatura	Machado de Assis	<i>Histórias sem data</i>
Singular Ocorrência	Singular ocorrência	<i>Gazeta de Notícias</i>	30/05/1883	quarta-feira	p. 1 – col. 7, 8 – p. 2 – col. 1, 2	Machado de Assis	<i>Histórias sem data</i>
	Troca de datas	<i>A Estação</i>	31/05/1883 a 30/06/1883		Literatura	Machado de Assis	
Último capítulo	Último capítulo	<i>Gazeta de Notícias</i>	20/06/1883	quarta-feira	p. 1 – col. 7, 8 – p. 2 – col. 1, 2	Machado de Assis	<i>Histórias sem data</i>
	Questões de maridos	<i>A Estação</i>	15/07/1883		Literatura	Machado de Assis	
	Três conseqüências	<i>A Estação</i>	31/07/1883		Literatura	Machado de Assis	
Galeria póstuma	Galeria póstuma	<i>Gazeta de</i>	02/08/1883	quinta-feira	p. 1 – col. 7, 8 –	Machado de Assis	<i>Histórias sem data</i>

		<i>Notícias</i>			p. 2 – col. 1 , 2		
Capítulo dos chapéus	Capítulo dos chapéus	<i>A Estação</i>	15/08/1883 a 15/09/1883		Literatura	Machado de Assis	<i>Histórias sem data</i>
	Vidros quebrados	<i>Gazeta Literária</i>	01/10/1883		Nº 1 Pp. 31-33	Machado de Assis	
Anedota pecuniária	Anedota pecuniária	<i>Gazeta de Notícias</i>	06/10/1883	sábado	p. 1 – col. 7, 8 – p. 2 – col. 1 , 2	Machado de Assis	<i>Histórias sem data</i>
Primas de Sapucaia!	Primas de Sapucaia!	<i>Gazeta de Notícias</i>	24/10/1883	quarta-feira	p. 1 – col. 7, 8 – p. 2 – col. 1 , 2	Machado de Assis	<i>Histórias sem data</i>
	Médico é remédio	<i>A Estação</i>	31/10/1883 a 15/11/1883		Literatura	Machado de Assis	
Uma senhora	Uma senhora	<i>Gazeta de Notícias</i>	27/11/1883	terça-feira	p. 1 – col. 7, 8 – p. 2 – col. 1 , 2	Machado de Assis	<i>Histórias sem data</i>
	Cantiga velha	<i>A Estação</i>	30/11/1883 a 31/12/1883		Literatura	Machado de Assis	
	Metafísica das rosas	<i>Gazeta Literária</i>	01/12/1883		Nº 5 Pp. 97-98	Machado de Assis	
A segunda vida	A segunda vida	<i>Gazeta Literária</i>	15/01/1884		Nº 7 Pp. 146-149	Machado de Assis	<i>História sem data</i>
Fulano	Fulano	<i>Gazeta de Notícias</i>	04/01/1884	sexta-feira	p. 1 – col. 7, 8 – p. 2 – col. 1	Machado de Assis	<i>Histórias sem data</i>
	Trina e una	<i>A Estação</i>	15/01/1884 a 15/02/1884		Literatura	Machado de Assis	
Noite de almirante	Noite de almirante	<i>Gazeta de Notícias</i>	10/02/1884	domingo	p. 1 – col. 7, 8 – p. 2 – col. 1	Machado de Assis	<i>Histórias sem data</i>
Manuscrito de um sacristão	Manuscrito de um sacristão	<i>Gazeta de Notícias</i>	17/02/1884	domingo	p. 1 – col. 7, 8 – p. 2 – col. 1, 2	Machado de Assis	<i>Histórias sem data</i>
	O contrato	<i>A Estação</i>	29/02/1884		Literatura	Machado de Assis	
	A carteira	<i>A Estação</i>	15/03/1884			Machado de Assis	
Ex-cátedra	Ex-cátedra	<i>Gazeta de Notícias</i>	08/04/1884	terça-feira	p. 1 – col. 7, 8 – p. 2 – col. 1	Machado de Assis	<i>Histórias sem data</i>
	O melhor	<i>A Estação</i>	30/03/1884		Literatura	Machado de Assis	

	remédio						
	A viúva Sobral	<i>A Estação</i>	15/04/1884 a 15/05/1884		Literatura	Machado de Assis	
A senhora do Galvão	A senhora do Galvão	<i>Gazeta de Notícias</i>	14/05/1884	quarta-feira	p. 1 – col. 7, 8 – p. 2 – col. 1	Machado de Assis	<i>Histórias sem data</i>
	Entre duas datas	<i>A Estação</i>	31/05/1884 a 30/06/1884		Literatura	Machado de Assis	
As academias de Sião	As academias de Sião	<i>Gazeta de Notícias</i>	06/06/1884	sexta-feira	p. 1 – col. 7, 8 – p. 2 – col. 1	Machado de Assis	<i>Histórias sem data</i>
Evolução	Evolução	<i>Gazeta de Notícias</i>	24/06/1884	terça-feira	p. 1 – col. 7, 8 – p. 2 – col. 1	Machado de Assis	<i>Relíquias de casa velha</i>
O enfermeiro	Cousas íntimas	<i>Gazeta de Notícias</i>	13/07/1884	domingo	p. 1 – col. 7, 8 – p. 2 – col. 1	Machado de Assis	<i>Várias histórias</i>
	Vinte anos! Vinte anos!	<i>A Estação</i>	15/07/1884		Literatura	Machado de Assis	
Conto de escola	Conto de escola	<i>Gazeta de Notícias</i>	08/09/1884	segunda-feira	p. 1 – col. 7, 8 – p. 2 – col. 1	Machado de Assis	<i>Várias histórias</i>
	O caso do Romualdo	<i>A Estação</i>	15/09/1884 a 30/11/1884		Literatura	Machado de Assis	
D. Paula	D. Paula	<i>Gazeta de Notícias</i>	12/10/1884	domingo	p. 1 – col. 7, 8 – p. 2 – col. 1, 2	Machado de Assis	<i>Várias histórias</i>
O diplomático	O diplomático	<i>Gazeta de Notícias</i>	29/10/1884	quarta-feira	p. 1 – col. 7, 8 – p. 2 – col. 1, 2, 3	Machado de Assis	<i>Várias histórias</i>
A cartomante	A cartomante	<i>Gazeta de Notícias</i>	28/11/1884	sexta-feira	p. 1 – col. 7, 8 – p. 2 – col. 1, 2	Machado de Assis	<i>Várias histórias</i>
	Uma carta	<i>A Estação</i>	15/12/1884		Literatura	Machado de Assis	

Anexo 2

Lista de imagens

Pág. 236 – Folha de rosto da primeira edição dos *Papéis avulsos* (1882)

Pág. 237 – Folha de rosto da primeira edição das *Histórias sem data* (1884)

Pág. 238 – Página da revista *A Epocha* (14/11/1875)

Pág. 239 – Página da revista *Jornal das Famílias* (10/1876)

Pág. 240 – Página da revista *A Estação* (15/05/1883)

Pág. 241 – Página do jornal *Gazeta de Notícias* (18/12/1881).

Pág. 242 – Página do jornal *Gazeta de Notícias* (17/02/1883).

MACHADO DE ASSIS

PAPEIS AVULSOS

O ALIENISTA — THEORIA DO MEDALHÃO
A CHINELA TURCA
NA ARCA — D. BENEDICTA — O SEGREDO DO BONZO
O ANEL DE POLYCRATES
O EMPRESTIMO — A SERENISSIMA REPUBLICA
O ESPELHO
UMA VISITA DE ALCIBIADES — VERBA TESTAMENTARIA

RIO DE JANEIRO

Typographia e Lithographia a vapor, Encadernação e Livraria

LOMBAERTS & C.

7 — *Rua dos Ourives* — 7

1882

MACHADO DE ASSIS

HISTORIAS SEM DATA

A EGREJA DO DIABO — O LAPSO — ULTIMO CAPITULO
CANTIGA DE ESPONSAES — UMA SENHORA
SINGULAR OCCURRENCIA — FULANO — CAPITULO DOS CHAPÉOS
GALERIA POSTHUMA
CONTO ALEXANDRINO — PRIMAS DE SAPUCAIA
ANECDOTA PECUNIARIA — A SEGUNDA VIDA — EX-CATHEDRA
MANUSCRITO DE UM SACRISTÃO
AS ACADEMIAS DE SIÃO
NOITE DE ALMIRANTE — A SENHORA DO GALVAO

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER. — LIVREIRO-EDITOR
71 — Rua do Ouvidor — 71

1884.

A EPOCHA

Rio, 14 de Novembro de 1875.

O nosso programma é não tel-o.

Se as nossas esperanças forem realizadas, sendo bem acolhida a presente tentativa, a *Epocha* poderá talvez um dia preencher uma lacuna sensível de nossa imprensa, a de uma publicação destinada á apresentar, sob uma forma ligeira, uma opinião reflectida sobre as diversas questões artisticas, litterarias e politicas, que mais interessam ao nosso tempo, e a servir de órgão áquella parte de nossa população, que se chama em um sentido restricto—a sociedade brasileira.

As pessoas que, comprehendendo o nosso ponto de vista, quizerem auxiliar-nos, terão francas as nossas columnas.

Os diversos collaboradores desta folha têm, nas secções que redigem, a mais completa liberdade de pensamento, e cada um responde exclusivamente pelos artigos, que assigna com o seu pseudonymo.

A CHINELLA TURCA

Acabava o bacharel Duarte de compor o mais teso, correcto e imperturbavel laço de gravata, que appareceu naquella anno de 1850, quando o creudo lhe annunciou a visita do major Lopo Alves. O bacharel estremeceu, e tinha duas razões para isso. A primeira era ser o major, em qualquer occasião, um dos mais enfadonhos sujeitos do tempo. A segunda é que o bacharel preparava-se justamente para ir ver, em uma *soirée*, os mais finos cabellos louros e os mais pensativos olhos azues, que este nosso clima, tão avaro delles, produzira. Datava de uma semana aquelle namoro. Seu coração, deixando-se prender entre duas valsas, confiou aos olhos, que eram castanhos, uma declaração em regra, que elles punctualmente transmitiram á moça dez minutos antes da ceia, recebendo favoravel resposta logo depois do chocolate. Tres dias depois, estava a caminho a primeira carta, e pelo jeito que levavam as cousas não era de admirar que antes do fim do anno estivessem ambos no caminho da igreja.

Nestas circumstancias, a chegada de Lopo Alves era uma verdadeira calamidade. Antigo amigo da familia, companheiro de seu finado pae nas campanhas do Rio da Prata, tinha jus o major á todos os seus respeitois. Impossivel despedil-o ou tratál-o com frieza. Havia felizmente uma circumstancia attenuante; o major era aparentado com Cecilia, a moça dos olhos azues; em caso de necessidade, era um voto seguro.

Duarte enfiou um chapimbro e dirigiu-se para a sala, onde Lopo Alves, com um rolo debaixo do braço e, os olhos fitos no ar, parecia totalmento alheio á chegada do bacharel.

— Que bom vento o trouxe á Catumby á semelhante hora? perguntou Duarte, dando á voz uma expressão

de prazer, aconselhada não menos pelo interesse que pelo bom tom.

— Não sei se o vento que me trouxe é bom ou mau, respondeu o major sorrindo por baixo do espesso bigode grisalho; sei que foi um vento rijo. Vai sahir?

— Vou ao Rio Comprido.

— Já sei; váe á *soirée* da viúva Menezes. Minha mulher e as pequenas já lá devem estar: eu irei mais tarde, se puder. Creio que é cedo, não?

Lopo Alves tirou o relógio e viu que eram nove horas e meia. Passou a mão pelo bigode, levantou-se deu alguns passos na sala, tornou a sentar-se e disse:

— Dou-lhe uma noticia, que certamente não espera. Sabe que fiz... fiz um drama.

— Um drama! exclamou o bacharel.

— Que quer? Desde creança padeci destes ataques litterarios. O serviço militar não foi remedio que me curasse, foi um paliativo. A doença regressou com a força dos primeiros tempos. Já agora não ha remedio se não deixal-a, e ir simplesmente ajudando a natureza.

Duarte recordou-se de que effectivamente o major fallava n'outro tempo de alguns discursos inaugurales, duas ou tres nenas e boa somma de artigos que escrevera acerca das campanhas relatadas em Tito Livio.

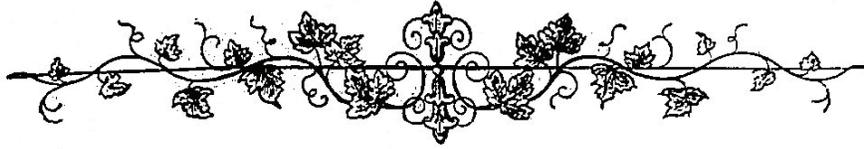
Havia porém muitos annos que Lopo Alves deixára em paz os generaes romanos e os defuntos: nada fazia suppôr que a molestia volvesse, sobre tudo caracterizada por um drama. Esta ultima circumstancia explical-a-hia o bacharel, se soubesse que Lopo Alves, algumas semanas antes, assistira á representação de uma peça do genero ultra-romantico, obra que lhe agradou muito e lhe suggeriu a idéa de affrontar as luzes da rampa.

Não entrou o major nestas innocuosidades necessarias, e o bacharel ficou sem conhecer o motivo da explosão dramatica do militar. Nem o soube, nem curou disso. Encareceu muito as faculdades mentaes do major, manifestou calorosamente a ambição que nutria de o ver sahir triumphante naquella estréa, prometteu que o recommendaria a alguns amigos que tinha no *Correio Mercantil*, e só estacou e empallideceu quando viu o major, tremulo de bemaventurança, abrir o rolo que trazia consigo.

— Agradeço-lhe as suas boas intenções, disse Lopo Alves, e aceito o obsequio que me promette; antes delle, porém, desejo outro. Sei que é intelligente e lido; ha de me dizer francamente o que pensa deste trabalhinho. Não lhe peço elogios, oxijo franqueza o franqueza rude. Se achar que não é bom, diga-o sem reboço.

Duarte procurou desviar aquelle cálix de amargura; mas era difficil pedil-o, e impossivel alcançal-o. Consultou melancolicamente o relógio, que marcava nove horas e cincoenta e cinco minutos, enquanto o major folheava paternalmente as cento e oitenta folhas do manuscrito.

— Isto vai depressa, disse Lopo Alves; eu sei o que são rapazes e o que são bailes. Descansa que ainda hoje dansará duas ou tres valsas com ella, se a



UMA VISITA DE ALCIBIADES.

O desembargador Alvares bebeu a ultima gota de genuino café, limpou os bigodes ao guardanapo e dispoz-se a obedecer ás moças que lhe pediam uma anecdota. Era noite de Natal; e o commendador costumava a reunir alguns amigos. O desembargador era figura obrigada de taes festas. Conversado, galhofeiro, palrador, trazendo sempre no alforge da memoria boa copia de anecdotas que distribuia ás meninas e rapazes curiosos, não era possivel passar sem elle n'aquellas noites de festa annual. A unica alteração que havia era uma chicara de café que o desembargador não dispensava nunca, allegando que o chá ia levando a humanidade para a total extincção.

— Carlos Magno não bebia chá e podia com a sua celebre espada, dizia elle; se bebesse café não sei o que teria deixado de fazer.

Mas uma chicara de café era fraco preço para tão amavel conviva. Por isso, a dona da casa mandára vir da fazenda de um tio um excellente sacco de café de que bebia, a qualquer hora o desembargador, quando alli ia, e ia sempre. Nas noites de festas fartava-se o commendador d'aquella bebida favorita.

Afiaram todos o ouvido, e o desembargador começou :

« — Não contarei uma anecdota mentirosa, d'essas que os redactores de folhinhas augmentam ou remendam para regalo dos freguezes. Vou referir o que me aconteceu sabbado passado.

« Sabbado passado, logo depois do jantar, estirei-me no divan e abri uma pagina de Plutarcho. Estas meninas talvez não saibam que Plutarcho é um autor grego. Pois fiquem sabendo. É autor profano e pagão. Sem embargo d'isso, tem muitos merecimentos.

« Lia Plutarcho, acontecendo-me o que sempre me acontece quando

OPINIÃO

Revista de Paz e Guerra
PAGAMENTO AVANÇADO
Tipografia - Rua da Lapa N. 73
Rio de Janeiro

Numero avulso 40 rs.

Numero avulso 40 rs.

As assignaturas comecam em qualquer dia e terminam sempre em fim de março, junho

ou setembro, por decreto

17000 exemplares

As assignaturas comecam em qualquer dia e terminam sempre em fim de março, junho ou setembro, por decreto

As assignaturas comecam em qualquer dia e terminam sempre em fim de março, junho ou setembro, por decreto

As assignaturas comecam em qualquer dia e terminam sempre em fim de março, junho ou setembro, por decreto

As assignaturas comecam em qualquer dia e terminam sempre em fim de março, junho ou setembro, por decreto

As assignaturas comecam em qualquer dia e terminam sempre em fim de março, junho ou setembro, por decreto

As assignaturas comecam em qualquer dia e terminam sempre em fim de março, junho ou setembro, por decreto

As assignaturas comecam em qualquer dia e terminam sempre em fim de março, junho ou setembro, por decreto

As assignaturas comecam em qualquer dia e terminam sempre em fim de março, junho ou setembro, por decreto

OPINIÃO
A respeito da... (text continues)

NUMERO AVULSO 40 RS.

As assignaturas começam em qualquer dia e terminam sempre em fins de março, junho, setembro de dezembro

Os artigos enviados á redação não serão restituídos a não se forem publicados

Tringem 24.000 exemp.
MUNICIPIO PUBLICO
Rua de São Carlos n. 70
RIO DE JANEIRO

TELEGRAMMAS
Servico da Havana
Parece que hoje a noite, não só o foguete de São Carlos, mas também o foguete de São Carlos, mas também o foguete de São Carlos...

AGREDA DO DIA
HISTORIA SEM DIA
CAPITULO I
COM A VIDA MORTAL

agreda do dia
historia sem dia
capitulo i
com a vida mortal

Polhem
SEGREGO DO JESUITA
EUGENE MORET

Novas notícias
A respeito da situação da cidade...

Novas notícias
A respeito da situação da cidade...

Novas notícias
A respeito da situação da cidade...

Polhem
SEGREGO DO JESUITA
EUGENE MORET

Novas notícias
A respeito da situação da cidade...

Novas notícias
A respeito da situação da cidade...

Novas notícias
A respeito da situação da cidade...